



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO**

UFRJ

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

VIVIANE GRACE COSTA

***Afetos, Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa
Comum” para formação de Professoras?***

RIO DE JANEIRO

2022

VIVIANE GRACE COSTA

Afetos, Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa Comum” para formação de Professoras?

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro

RIO DE JANEIRO

2022

CIP - Catalogação na Publicação

G729a Grace Costa , Viviane
Afetos, Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA
UFRJ (2011-2014): Uma "Casa Comum" para formação de
Professoras? / Viviane Grace Costa . -- Rio de
Janeiro, 2022.
208 f.

Orientadora: Ana Maria Ferreira da Costa
Monteiro .

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, 2022.

1. Ensino de História. 2. Pesquisa
Autobiográfica. 3. Afeto. 4. Memória. 5. PIBID de
História UFRJ. I. Monteiro , Ana Maria Ferreira da
Costa , orient. II. Título.



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

MESTRE EM EDUCAÇÃO

Aos 18 dias do mês de novembro de 2021, às 14 horas, com base na Resolução CEPG nº 01/2020, reuniu-se em sessão remota e que foi gravada, a Banca Examinadora da Dissertação intitulada **Afetos, Memórias e Narrativas do PIBID História UFRJ (2011-2014): uma casa Comum para a formação de professores?**, de autoria da mestrandia Viviane Grace Costa (participação por videoconferência), candidato ao título de **Mestre em Educação**, turma **2018** do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A Banca Examinadora, constituída pelo(a) Professora orientadora Profa. Dra. Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro (PPGE/UFRJ - participação por videoconferência), Profa. Dra. Ana Angelita da Rocha (PPGE/UFRJ - participação por videoconferência) e Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Junior (PPGHIS/UEPB - participação por videoconferência), considerou o trabalho:

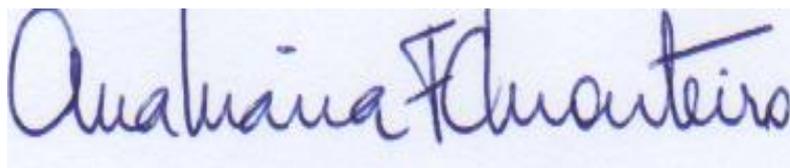
Aprovado(a)
 Reprovado(a)

Aprovado(a) com recomendações de reformulação

Eu, Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro, Presidente da Banca, lavrei a presente Ata que segue por mim assinada no verso, representando todos os membros da Banca Examinadora e o candidato(a).

A banca destaca a originalidade metodológica da pesquisa, o engajamento e a paixão no processo de produção de diferentes textualidades e linguagens que resultaram na dissertação.

Continuação da Ata de Defesa de Dissertação do(a) mestrando(a) Viviane Grace Costa, realizada em 18 de novembro de 2021.

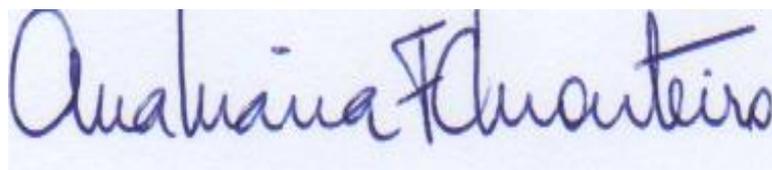
A handwritten signature in blue ink, reading "Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro".

Prof(a). Dr(a). Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro (PPGE/UFRJ)

Prof(a). Dr(a). Ana Angelita Rocha (PPGE/UFRJ)

Prof(a). Dr. Durval Muniz de Albuquerque Junior (PPGHIS/UERN)

Viviane Grace Costa – candidato

A handwritten signature in blue ink, reading "Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro".

Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro (UFRJ)

Presidente da Banca

AGRADECIMENTO

Muito Prazer Professores e Estudantes!! Meu nome é Viviane Grace Costa.

Se não fossem esses tempos de COVID 19, seguiria a apresentação com um aperto de mão e logo em seguida quebraria o protocolo e daria um abraço em vocês os professores Titulares que escolhemos para entrar no campo e me ajudarem a ganhar esse jogo, com a força “das Palavras e das coisas”, colocarem a bola no meu pé para eu chutar para o gol. Meus Técnicos, eu quero vencer o ódio que se espalhou pelo mundo atual, onde “*Um rei mal coroado não queria o amor em seu reinado, pois sabia não ia ser amado*” (AZEVEDO, GERALDO, 1968). Os recalcados estão no poder negando a História e a ciência em nome de uma falsa moral dessa teocracia armada.

Ao escrever esse “pré-texto” Durval Muniz de Albuquerque Junior me desafiou a desnaturalizar esse presente onde discursos de ódio aos diferentes promovem uma necropolítica de corpos negros, indígenas, de pobres, de mulheres, de moradores de rua, da comunidade LGBTQIA+, dos loucos, dos deficientes. Convocou-me ao compromisso com aqueles que tombaram. O Museu Nacional da UFRJ, que pegou fogo, por falta de investimento e sucateamento das universidades públicas, era dos trabalhadores, onde a periferia frequentava, assim como as crianças de escolas públicas entravam em contado direto com as Ciências Naturais, Arqueologia e a História. Chamou-me para cumprir o “dever de memória de história” com meu ofício de Professora de História e especialista em Ensino de História CESPEB/UFRJ, e Pesquisadora da Educação PPGE/UFRJ.

Assim que ingressei no mestrado, meu sonho de consumo era que a Professora Ana Angelita entrasse para o PPGE/UFRJ e no segundo semestre 2018.2 minha profecia se realizou quando ministrou a disciplina Sujeito e Poder, em conjunto com Márcia Serra, e André Bocchetti. Minha Professora *Gênia* e *Sensível*, minha *Inspiração* para essa escrita, em toda aula que trazia uma arte, para iniciarmos as atividades, e toda sexta-feira, tinha um lanche e café coletivo e ao final da aula, caminhávamos até o monumento busto de Stuart Angel, colocávamos flores, algumas vezes cantávamos pra ele. Dentre tantas *Ressonâncias* e textos complexos e profundos, tínhamos a *Leveza*, *Encanto* e *Genialidade* que desencadeava toda a minha *Criatividade*.

Cinthia Araújo, tive o privilégio de acompanhá-la no ano de 2017, como coordenadora do PIBID de História UFRJ, e me descolonizou em minhas entranhas, com seus estudos e principalmente com sua prática e respeito com os Professores de História do Ensino Médio das Escolas Estaduais do Rio de Janeiro, e licenciandos de História da UFRJ. Sua *Escuta Sensível*,

seu *Diálogo* e a construção coletiva, me faz respirar, diferenças e pluralidade cultural, concretizando e materializando a interculturalidade no cotidiano acadêmico e escolar. *Gratidão* por me dar *Coragem*, com sua apologia a diferença de desenvolver a minha própria forma de escrever, em um momento que estava travada na escrita. Cinthia Araújo falou continue escrevendo do seu jeito, e assim consegui ir em frente me libertando da colonialidade cartesiana da escrita acadêmica. Deu-me *Coragem* para *Ousar e Descolonizar* minha pesquisa assim como seus olhos conseguem falar, sua boca consegue ouvir, e seus ouvidos conseguem ver a cultura no plural.

Nessa *Pedagogia do Afeto* eu quero do Durval Muniz a *Empatia*, que me desafie e me convoque à *Alteridade* com os vencidos e os corpos tombados na arte da *Invenção* do passado. Da Ana Angelita com *Encanto, Leveza e Genialidade* pela *Inspiração* na arte da *Criação*, eu quero *Clareza* dentro da complexidade que é esse encontro de corpos e almas na Formação de Professores. Eu quero todo o *Complexo* de Formação de Professores- CFP da UFRJ da Carmen Gabriel. Da Cinthia eu quero a *Escuta Sensível*, o *Diálogo com professores e licenciandos*, do trabalho em equipe e a *Coragem* para seguir seu exemplo e *Ousar Descolonizar* meu corpo e alma, concretizar o trabalho e multiplicar o conhecimento.

A Professora Carmen Teresa Gabriel eu ofereço todo o Capítulo III para que faça “Usos e Abusos do conceito de Transposição Didática” como a Professora formadora provocadora que é. Nos ensina nessa “Composição Pedagógica” a agir como professora e nessa “Recomposição Investigativa” a conhecer como professora.

A Professora Ana Maria Monteiro e a Professora Warley da Costa com Afeto eu dedico todas as “palavras e as coisas”, as performances, o *Canal do You Tube Autobio Prof. Vivi* e a dissertação *Afetos Memórias e Narrativas PIBID DE HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma Casa Comum para Formação de Professoras?* Dedico também meu título de Mestre em Educação para essas duas mulheres professoras, fontes de inspiração que me deram asas para voar, criar, inventar, pintar e bordar e exercitam a Educação como Prática da Liberdade.

RESUMO

GRACE COSTA, VIVIANE. **Afetos, Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa Comum” para formação de Professoras?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2022.

Essa dissertação tem como foco teórico-metodológico principal a pesquisa autobiográfica envolvendo minha experiência como Professora Supervisora do PIBID HISTÓRIA (2011-2014) e as trajetórias da equipe e estudantes que participaram neste período. Opero com a concepção de “Corpo-Território como argumento curricular de resistência” (ROCHA, 2019), o que demanda outras expressões linguísticas, além da escrita. Considero o PIBID História UFRJ uma experiência que podemos associar à proposta de Nóvoa (2009, 2017), que entende a formação inicial e continuada de Professores do século XXI como a “Casa Comum”, onde o autor apresenta um “desenho curricular” para a formação de professores”, com cinco eixos estruturantes: *disposição pessoal, interposição profissional, composição pedagógica, recomposição investigativa e exposição pública*. A proposta aqui apresentada busca relacionar as “narrativas de si” (Delory-Momberger, 2012; Amorim e Monteiro, 2015) de ex-estudantes do ensino médio além de ex-licenciandos e professores de História em seus processos de formação inicial e continuada e o Ensino de História no tempo presente. Pensar a inscrição da história de vida dos atores envolvidos em uma dinâmica de biografização, explorando as subjetividades, afetos/afecções que são mobilizados e que criam vínculo ético e político com coletivo. Além do quadro teórico-metodológico acima relacionado, opero com os seguintes autores e ferramentas teóricas: para o conceito de Afeto, recorro a Mariana Amorim (2019), e Amorim e Monteiro (2015); Memória e História Certeau (2013), Albuquerque Junior (2018, 2019), Nora (1993); Foucault (1999, 2013), com a ideia de “episteme”, sujeito e poder; Butler com o conceito de linguagem e Performatividade e a Força da não Violência (2013,2021) ; orientam concepções de Currículo, de Docência e de Ensino de História Macedo (2006), Monteiro (1999, 2001, 2002, 2005, 2007, 2013, 2015,2018, 2019) e Gabriel (2006, 2008, 2012, 2015, 2016, 2018), Tardif (2013), com a questão dos “saberes docentes”, Educação como Prática da Liberdade Freire (1999) bell hooks (2013).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História, Pesquisa Autobiográfica, Afeto, Memória, PIBID de História UFRJ.

ABSTRACT

GRACE COSTA, VIVIANE. Affections, Memories and Narratives of PIBID HISTORY UFRJ (2011-2014): A “Common House” for teacher training? Dissertation (Master in Education) - Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2021.

This dissertation has as main theoretical-methodological focus the autobiographical research involving my experience as a Supervising Professor of PIBID HISTÓRIA (2011-2014) and the trajectories of the team and students who participated in the project this period. I operate with the concept of “Body-Territory as a curricular argument for resistance” (ROCHA, 2019), which demands other linguistic expressions besides writing. I consider PIBID História UFRJ an experience that can be associated with Nóvoa's proposal (2009, 2017), which understands the initial and continuing training of 21st century teachers as the “Common House”, where the author presents a “curriculum design for training of teachers”, with five structuring axes: personal disposition, professional interposition, pedagogical composition, investigative recomposition and public exposure. The proposal presented in this study seeks to relate the “narratives of the self” (Delory-Momberger, 2012; Amorim and Monteiro, 2015) of former high school students, besides former graduates and history teachers in their initial and continuing education processes and the teaching of history in the present time. Thinking about the life history of the actors involved in a biographical dynamic, exploring the subjectivities, affections that are mobilized and that create an ethical and political bond with the collective. In addition to the theoretical-methodological framework listed above, I also operate with the following authors and theoretical tools: the concept of Affection by Mariana Amorim (2019), and Amorim and Monteiro (2015); Memory and History Certeau (2013) Albuquerque Junior (2018, 2019), Nora (1993); Foucault (1999, 2013), the idea of “episteme”, subject and power; Butler's concept of language and Performativity and the Strength of Non-Violence (2013,2021); guide concepts of Curriculum, Teaching and History Teaching Macedo (2006), Monteiro (1999, 2001, 2002, 2005, 2007, 2013, 2015) and Gabriel (2006, 2008, 2012, 2015, 2016, 2018), Tardif (2013), and the issue of “teaching knowledge”, Education as the Practice of Freedom Freire (1999) bell hooks (2013).

KEY WORDS: History Teaching, Autobiographical Research, Affection, Memory, PIBID of History UFRJ.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1: Minha rede de sociabilidade da pesquisa PIBID História UFRJ uma Casa Comum?.....	45
Figura 2: Invertendo a Pirâmide Acadêmica.....	88
Figura 3: Ciranda Sem fim ... PIBID História UFRJ	195

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Foto Juramento do acervo pessoal de Fernanda Terra Moura.....	113
Fotografia 2: PIBID no MUSEU Acervo Pessoal Professora Viviane Grace.....	162
Fotografia 3: Oficina Grécia Acervo Pessoal Viviane Grace 2013.....	163
Fotografia 4: Imperador/Placa da Marielle Acervo Pessoal Professora Viviane Grace.....	165

CAPTURAS DE TELA

Captura de Tela 1: WhatsApp Individual Prof Vivi.....	43
Captura de Tela 2: GRUPO do WhatsApp: AFETOS PIBID HIS UFRJ 	43
Captura de Tela 3: PLATAFORMA DO ZOOM Ateliê Biográfico de Afeto 	44
Captura de Tela 4: https://www.facebook.com/alexasantos96	51
Captura de Tela 5: https://alexasantosasa96.wixsite.com/asasantosport/blog	52
Captura de Tela 6: https://www.facebook.com/taina.fl	52
Captura de Tela 7: https://www.facebook.com/gabriela0912	53
Captura de Tela 8: https://www.facebook.com/luisa.tavares.50	54
Captura de Tela 9: https://www.facebook.com/daniel.freitas.8798	55
Captura de Tela 10: https://www.facebook.com/marlon.rocha.104	55
Captura de Tela 11: https://www.facebook.com/fernanda.terramoura	56
Captura de Tela 12: https://www.facebook.com/ferterra.mourisco	57
Captura de Tela 13: https://www.facebook.com/marcella.albaine	57
Captura de Tela 14: https://www.facebook.com/vitaoagc	58
Captura de Tela 15: https://www.facebook.com/romulo.machado.12	59
Captura de Tela 16: https://www.facebook.com/jorge.lima.710	59
Captura de Tela 17: https://www.facebook.com/perpetua.domingues	60
Captura de Tela 18: https://www.facebook.com/vivianegrace.costa/	61
Captura de Tela 19: https://www.facebook.com/profile.php?id=100010438664627	62
Captura de Tela 20: https://www.facebook.com/anamaria.monteiro.129	63
Captura de Tela 21: #SUPER SAPA 	85
Captura de Tela 22: MARIELLE PRESENTE!!.....	192
Captura de Tela 23: AMARILDO PRESENTE!!.....	192
Captura de Tela 24: GLEICE PRESENTE!!.....	193
Captura de Tela 25: MATHEUS PRESENTE !!.....	194

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- #ficapibid** – Movimento nas redes contra a extinção do PIBID
- AHEX** - Arquivo Histórico do Exército
- BNCC** – Base Nacional Comum Curricular
- CAP/UFRJ** – Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEFET** - Centro Federal de Educação Tecnológica
- CEP** – Comitê de Ética Profissional
- CFCH** – Centro de Filosofia e Ciências Humanas
- CNPQ** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- ENEM** – Exame Nacional do Ensino Médio
- FE/UFRJ** - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- ForPIBID** - Fórum Nacional de Coordenadores Institucionais do PIBID –
- GECCEH** - Grupo de Estudos Cultura, Currículo e Ensino de História
- GEH PROF** - Grupo de Estudos em Ensino de História e Formação de professores
- IDH** – Índice De Desenvolvimento Humano
- IH/UFRJ** – Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- LAPEHIS** – Laboratório de Prática de Ensino em História.
- LEPEH** - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História
- LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- NEC**- Núcleo de Estudos de Currículo
- PEC** - Proposta de Emenda à Constituição
- PIBIC** - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
- PIBID** - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
- SEDUC/RJ**. Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro –
- TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UERJ** – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
- UFF** – Universidade Federal Fluminense
- UFVJM** - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.
- UNESPAR** - Universidade Estadual do Paraná
- UNIRIO** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
- UPP** – Unidade de Polícia Pacificadora

ÍNDICE CANAL DO YOUTUBE – *Autobio Prof. Vivi*

- LUTAR E VENCER (TRIBALISTA – 2017)** no canal do *Youtube* - *Autobio Prof. Vivi*. Assista ao vídeo Introdução ao canal! disponível em: <https://youtu.be/HyUFCU-oq4Q>.....24
- MINHA ALMA (A PAZ QUE EU NÃO QUERO) – (O RAPPÁ -1999)** no canal do *Youtube* - *Autobio Prof. Vivi* e assista ao vídeo Objetivo: PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) disponível em: <https://youtu.be/ZV7hnee1rYE>.....29
- LÍNGUA – (Caetano & Elza Soares 1984)** no canal do *Youtube* - *Autobio Prof. Vivi* e assista ao vídeo Justificativa: PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) disponível em <https://youtu.be/VeAma-htjYE>.....34
- ENQUANTO HOVER SOL – (TITÃS- 2003)** no canal do *Youtube* - *Autobio Prof. Vivi* e assista ao vídeo Metodologia: PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) disponível em: <https://youtu.be/ZHbwgDvyBlS>.....39
- DIA BRANCO – (Geraldo Azevedo – 1981)** no canal do *Youtube* - *Autobio Prof. Vivi*. Contrato Biográfico disponível em: <https://youtu.be/RDPDBSif5zc>.....48
- 100 ANOS DE LIBERDADE, REALIDADE OU ILUSÃO? – (1988 -MANGUEIRA)** no canal do *Youtube* - *Autobio Prof. Vivi* e assista ao vídeo disponível em: <https://youtu.be/m6jogyUg4nQ>.....83
- AmarElo - (EMICIDA 2019 - Sample: Belchior Sujeito de Sorte)** no canal do *Youtube* - *Autobio Prof. Vivi* e assista ao vídeo Introdução: AmarElo - PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) disponível em: <https://youtu.be/qL3NeQyHu-4>.....100
- O QUE SWINGNIFICA ISSO? (Arnaldo Antunes - 1996)** no canal do *Youtube* - *Autobio Prof. Vivi* e assista ao vídeo Teoria: PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) disponível em: <https://youtu.be/s7YCBJ3lq7Q>.....117
- 3º TEMPO 2020 – O TEMPO NÃO PARA... (Cazuza 1989)** no canal do *Youtube* - *Autobio Prof. Vivi* e assista o vídeo <https://youtu.be/gcz40vTgSrc>.....143
- 2º TEMPO 2018 – MULHER DO FIM DO MUNDO ...(Elza Soares 2015)** no canal do *Youtube* - *Autobio Prof. Vivi* e assista <https://youtu.be/GDA5uwHoA3I>.....160
- 1º TEMPO 2013 – O GUARANI... (Carlos Gomes 1870)** no canal do *Youtube* - *Autobio Prof. Vivi* e assista o vídeo https://youtu.be/1pJWE_OqiyM.....175
- ASA – ALEX SANTOS - - TÁ FÊTE (Stromae – 2013)** no canal do *Youtube* - *Autobio Prof. Vivi* e assista ao vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=k5_ihWiA-A0.191

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. PEDAGOGIA DO AFETO: MEU CORPO, MEU TERRITÓRIO DE PROFESSORA DE HISTÓRIA	25
1.1.PAZ SEM VOZ, NÃO É PAZ É MEDO.....	26
1.2.LÍNGUA (...) E DEIXA QUE DIGAM, QUE PENSEM, QUE FALEM!!!.....	33
1.3.É CAMINHANDO QUE SE FAZ O CAMINHO	39
1.4.LATTES, E OUTRAS NARRATIVAS DE SI PUBLICADAS	48
1.4.1. “EUS” NO CURRÍCULO LATTES, PORTIFÓLIO, FACEBOOK	51
2.A DISPOSIÇÃO PESSOAL DE TORNAR-SE PROFESSOR/A DE HISTÓRIA	67
2.1. EU AGRADEÇO!! MUITO OBRIGADA!!	70
2.2. ATELIÊ BIOGRÁFICO DE AFETOS – DISPOSIÇÃO PESSOAL	83
2.3. VIDEO CANAL DO YOU TUBE – AUTOBIO PROF VIVI :AmarElo.....	95
2.4 O QUE SWINGNIFICA ISSO? PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011 A 2014)	116
3. SEGUINDO OS RASTROS DO TEMPO NA GRÉCIA ANTIGA EM 3 TEMPOS	129
3.1. O TEMPO NÃO PARA: 3º TEMPO 2020	142
3.1.1 EXPOSIÇÃO PÚBLICA: Como Aprender a Intervir Como Professora?.....	155
3.2. MULHER DO FIM DO MUNDO: 2º TEMPO 2018.....	160
3.2.1 INTERPOSIÇÃO PROFISSIONAL Como Aprender a Sentir Como Professor?	165
3.3 O GUARANI: 1º TEMPO 2013	175
3.3.1. COMPOSIÇÃO PEDAGÓGICA – Como Aprender a Agir Como Professora?.....	181
3.3.2 RECOMPOSIÇÃO INVESTIGATIVA Como Aprender a Conhecer como Professora?	184
4. CIRANDA SEM FIM DA LIA DE ITAMARACÁ.....	189
REFERÊNCIAS	196
ANEXO I.....	204
ANEXO 2	206
ANEXO 3	208

INTRODUÇÃO

AmarElo

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro, Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro... Permite que eu fale, não as minhas cicatrizes. Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência. É roubar o pouco de bom que vivi” (OLIVEIRA, 2019).¹

Esse single AmarElo do Emicida que inicia com o Belchior cantando a música Sujeito de Sorte lançada em 1976 e a parte que a Pablllo Vittar entra com um agudo na quadra de uma favela, cantando “permite que eu fale, não as minhas cicatrizes, elas são sobre vivências” já em 2019, me afetava e mexia comigo de uma forma profunda, foi a minha sobrinha Ana Clara de 19 anos que me mostrou pela primeira vez. O que esse single “AmarElo” tem a ver com a minha pesquisa? O que tem a ver com a profissão professora? O que tem a ver com pesquisa autobiográfica? O que tem a ver com “Casa Comum”? O que a performance da Pablllo Vittar tem a ver?

“Presentemente eu posso me considerar *uma mulher* de sorte... Deus é brasileiro e anda do meu lado, e assim já não posso sofrer no ano passado...” No presente eu já não posso sofrer pelo passado. E o futuro qual o horizonte de expectativa? “Por fim, permite que eu fale, não às minhas cicatrizes”. Permite que eu, Perpétua, Ana Maria Monteiro e Carmem Gabriel professoras de História e Ensino de História falem. Permite que falem Alex, Tainá e Gabriela, ex-estudantes do Ensino Médio de Escolas Estaduais. Permite que falem Luisa, Daniel, Marlon, Marcella, Fernanda, Vitor, Rômulo e Jorge, ex-licenciandos de História da UFRJ. “Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir.” Nós, sobre vivência, nós sobrevivemos, nós resistimos, nós insistimos, nós transgredimos. Nós somos a Educação, nós somos a Escola, nós somos a Universidade, nós somos a Rocinha, nós somos o Museu Nacional. O PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) é a “Casa Comum” (NÓVOA, 2017)?

A presente pesquisa dialoga a partir de “narrativa de si”, autobiografia, com Delory-Momberger (2008, 2012a, 2012b) a partir de trajetórias, práticas e saberes da experiências da equipe do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011 a 2014), relacionada a proposta de Antônio Nóvoa (2017) onde sugere uma “Casa Comum” apresentando um “Desenho Curricular”, para formação inicial e continuada de professores do século XXI, objetivando “Firmar Posição” profissional, através de cinco eixos: Disposição Pessoal; Composição Pedagógica; Interposição Profissional; Recomposição Investigativa; Exposição Pública.

¹ Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablllo Vittar <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>

Fundamentada nas Leituras de Nóvoa (2009, 2017), Albuquerque Junior (2019a, 2019b, 2018), Gabriel (2011, 2014, 2016), Monteiro (2007, 2011, 2014, 2017) Amorim (2019), Macedo (2006), Rocha (2019), Freire (1999), bell hooks (2013), Delory-Momberger (2006; 208;2012), Foucault (2016,2010), Butler (2016,2021), \ (1993), Certeau (2002), Hartog (2006), Hall (2011), proponho construir uma teia discursiva no diálogo com os sujeitos da pesquisa, estudantes, professores, formadores, que fizeram parte dessa rede de sociabilidade no Ensino de História do PIBID HISTÓRIA UFRJ, no período de 2011 a 2014.

As Professoras formadoras inseridas nesta pesquisa através de “Ateliê Biográfico de Afeto” e “narrativas de Si” são: Professora Ana Maria Monteiro e Professora Carmen Teresa Gabriel FE/UFRJ, Professora Perpétua Domingues e Professora Viviane Grace Costa, ambas professoras de História da Educação Básica da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC). Compondo a equipe do CIEP BRIZOLÃO - 303 AYRTON SENNA participam ex-licenciandos de História da UFRJ, Luisa Tavares, Daniel Sideris, Marlon Rocha, e ex-estudantes do ensino médio: Alex Santos, Tainá Ferreira. A Equipe do C.E. Antônio Prado Junior com a disposição pessoal para atuar foi de 100% dos ex-licenciandos; Fernanda Terra Moura, Marcella Albaine, Vítor Correia, Rômulo Machado, Jorge Lima e como ex-aluna do Ensino Médio soma à pesquisa Gabriela da Silveira.

O projeto foi submetido e aprovado Comitê de Ética do CFCH/UFRJ, representando uma importante fase da pesquisa visto que as propostas eram inovadoras e não convencionais. A experiência envolvia pessoas e continha alguns diferenciais dentre eles, a identificação pessoal dos sujeitos, aspecto de grande relevância para a pesquisa autobiográfica. Além disso, tanto eu como a minha Orientadora Ana Maria Monteiro, estávamos inseridas nessa experiência, principalmente através dos dois encontros do Ateliê Biográfico de Afetos, associado também ao fato de utilizar ferramentas de comunicação e trocas de experiências, plataformas digitais como canal de YouTube; WhatsApp, Zoom, Facebook, mecanismos fortalecidos pelo “Novo Normal” devido à pandemia de COVID 2019. As indagações e questionamentos do Comitê de Ética principalmente aqueles referentes ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (ANEXO 1) serviram para fortalecer e legitimar a metodologia. Tive a confiança de seguir em frente e operar com Ateliê Biográfico de Afetos criando uma dinâmica que não oferecia riscos relacionados à execução da pesquisa. Caso houvesse algum desconforto ao longo do processo da pesquisa nos “Ateliês Biográficos” (Delory-Momberger, 2012), o participante poderia modificar e reescrever suas falas, ou não autorizar publicação de parte de narrativas escritas, imagens, vídeos ou áudios em conformidade com o referencial ético, teórico e metodológico da pesquisa (auto)biográfica (Souza, 2016).

Nesta concepção de pesquisa é garantido que a qualquer momento o participante possa desistir da pesquisa, sem necessidade de justificativa prévia. Caso houvesse algum desconforto emocional ao longo do processo da pesquisa nos “Ateliês Biográficos de Afetos”, os participantes poderiam optar por: partilhar e obter acolhimento em particular com a pesquisadora; modificar e reescrever suas falas; não autorizar publicação de parte de narrativas escritas, imagens vídeos ou áudios; em último caso desistir da participação na pesquisa.

Como a pesquisa contempla um estudo da construção de saber no interior de uma comunidade disciplinar, o campo do Ensino de História, a partir de uma análise que privilegia os sujeitos do campo, compreendo que suas trajetórias formativas e que suas identificações pessoais foram de grande relevância para a pesquisa. Essa identificação foi feita através da linguagem escrita, imagens ou áudios, sempre com a concordância dos sujeitos da pesquisa que no processo autorizaram escreveram e reescreveram seu projeto (sempre em movimento), definindo o que pode ser publicado na pesquisa, para que não trouxesse desconforto pessoal em consonância com os princípios éticos e ontológicos da pesquisa autobiográfica.

Quanto aos canais de comunicação da pesquisa utilizo: o WhatsApp tanto o individual quanto o coletivo; o grupo do WhatsApp: AFETOS PIBID HIS UFRJ    ; o canal do YouTube *Autobio Prof. Vivi*; A Plataforma do Zoom para os encontros dos Ateliês Biográficos de Afeto. Utilizo também o Facebook e o Instagram para acompanhar suas trajetórias pessoais, profissionais, performances e performatividade. Essas redes são, importantes para a pesquisa, pois se configuram como uma forma de trazer a dimensão de corpo/território, para o diálogo. Com o advento da Pandemia COVID 19, o uso desses canais de comunicação passou a ser mais recorrente em aulas, palestras e cursos. Esses meios foram facilitadores para pesquisa visto que vários participantes se encontravam naquele momento localizados pelo Brasil e pelo mundo; caso os Ateliês acontecessem de forma presencial, como estava previsto inicialmente, os encontros se tornariam inviáveis.

Este estudo está organizado em três eixos de problematização. No primeiro, capítulo 1, foram realizadas reflexões autobiográficas de minha experiência como professora de história da Educação Básica, bem como mestranda pesquisadora do PPGE/UFRJ, levando em conta além dos estudos que esse Programa oferece, as emoções que demandam angústia, ansiedade, frustração, tristeza, dor, luto, felicidades, saudades, paixões, prazer, desejos, vontades, esperança, força, fragilidades.

Todos os diálogos travados com autores nos textos escritos assim como aulas e palestras de professores do PPGE/UFRJ, a quem são referências para essa pesquisa eu *incorporo* e *vivencio* pensando o “texto como espaço-tempo de experimentação. As informações que estou

passando tanto como professora quanto pesquisadora se passam pelas ideias e pelo meu corpo, com a racionalidade e com toda a subjetividade, desejo, vontade, angústias, realizações e frustrações. A ideia é desconstruir a visão de que o conhecimento e os fatos informados são neutros e objetivos, como se não dissessem respeito àquele que professa; retirando a subjetividade de cada professor, a maneira própria de ser professor. Busca romper com a objetificação de professor e estudantes na academia. O “Swingnificado”² desse texto vem de encontro de como esses autores, esses professores do PPGE, participantes da pesquisa, implementadores das políticas públicas de Educação, me afetaram, me mobilizaram, me deslocaram. Operei com o predomínio do “afeto” em detrimento da “ideia” desses pensadores e dessas pessoas.

Pensando o “Eu”, o meu processo de me formação como professora, fluida e híbrida, mergulhando na “heterobiografização” (DELORY-MOMBERGER, 2012), escrevendo minha biografização no “privado”, da pele para dentro, criando laços e dialogando com todos esses autores, realizando performance nesse processo, para reescrever para o “público” da pele pra fora, a dissertação. Começando por mim esse mergulho profundo, para além da razão, utilizando diversos sentidos, todas as moléculas do meu corpo, da minha pele, dos ouvidos, olhos, boca e nariz, mãos, pernas e útero, palavras e coisas humanas e não humanas. A partir de então, tenho a pretensão e a ousadia de trabalhar as subjetividades no encontro, no afeto e na escuta com a equipe PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014). “Colocando em jogo as subjetividades, se desenvolve numa relação de alteridade produtora a partir dos quais se constrói um corpo comum de pesquisadores, um corpo de trabalho que se pretende formativo ao instaurar um espaço/tempo comum” (GONÇALVES, 2019).

No segundo eixo, Capítulo 2, relaciono performances realizadas por mim no processo de escrita da pesquisa com “narrativas de si” (Delory-Momberger, 2012; Amorim e Monteiro, 2015; Grace Costa, Monteiro e Amorim, 2017) de ex-licenciandos e professores de História, seus processos de formação inicial e continuada e o ensino de História no tempo presente, com o que Antônio Nóvoa (2017) denomina de “*Disposição Pessoal- Como aprender a ser Professor?*”. O objetivo da metodologia com ferramentas do “Ateliê Biográfico” foi pensar a inscrição da história de vida dos atores envolvidos em uma dinâmica de biografização, explorando as subjetividades, afetos e afecções que são mobilizados e que criam vínculo ético e político com coletivo. Ao (re)fazer sua história de vida, o próprio indivíduo se forma – lhe

² Neologismo utilizado na Música de Arnaldo Antunes “O que Swingnifica isso?” (disponível em 20/08/2020 em <https://www.youtube.com/watch?v=sL0Iwe5yWGw>)

permitindo agir sobre si mesmo e sobre o seu ambiente, de acordo com o sentido e a finalidade de um projeto.

A proposta metodológica aqui apresentada busca operar com “narrativas de si” (Delory-Momberger, 2012; Amorim e Monteiro, 2015) de professores de História que passaram pelo PIBID HISTÓRIA UFRJ, através de um processo de escuta e troca de vivências desses, compartilhar histórias de vida e produzir narrativas sobre os percursos formativos, sobre as práticas docentes e sobre as relações com o conhecimento, com a profissão, com as escolas e com a universidade.

Delory-Momberger (2006) desenvolve, metodologicamente, as etapas dos ateliês biográficos de projeto, que podem ser resumidas da seguinte forma: 1) *Informações* – momento no qual são apresentadas aos alunos as concepções do projeto que se pretende desenvolver; 2) *Elaboração de um contrato biográfico* – no qual todos os envolvidos firmam o compromisso de participar, lembrando que a qualquer momento podem escolher, por algum motivo, se retirar do processo; 3 e 4) *Primeira narrativa autobiográfica*; 5) *Socialização da narrativa* – momento em que as narrativas são lidas em voz alta para todos; 6) *Síntese* – após reescreverem suas narrativas, cada participante apresenta e argumenta seu projeto; e 7) *Balanço geral do ateliê* (Delory-Momberger, 2006, p. 366-367).

Utilizando ferramentas dos ateliês proponho a produção de narrativas de si, tendo como eixos problematizadores a vida pessoal dos participantes e seus processos formativos; A proposta de ateliês biográficos de projeto propõe tanto a escrita de si como a escuta da escrita dos outros (a heterobiografia). Através do uso de uma estratégia artística, poética, musical e performática da minha própria autobiografia, memória e “narrativa de si” foi possível inspirar os sujeitos da pesquisa para que, através das imagens, sons, fotografias se narrassem, através de suas memórias, práticas cotidianas, saberes, trajetórias, experiências. Os encontros ocorreram em plataforma online em “Grupos de Discussão” (SOUZA, OLIVEIRA, 2016), que se constitui como uma experiência coletiva com narrativas, tempo espaço de convivência PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014). O que chamo de “Pedagogia do afeto” dessas relações impulsionam, potencializam e estimulam o processo de constituição da profissão professor.

Remete assim à concepção de docência enquanto devir, que não se finda e não se fixa, uma docência pensada enquanto processo – “processo” este que não designa “ir de um lugar a outro”, mas que se refere ao contínuo movimento de alianças e de relações que não cessa de produzir a si mesmo.

Inicialmente tinha como objetivo investigar Afetos, Memórias e Narrativas do PIBID de História da UFRJ (2011 a 2014), em seu processo de formação inicial e continuada de

professores, e as contribuições para “Casa Comum”, com destaque para as trajetórias de vida e para o conhecimento profissional docente. Quando traçamos um objetivo no Projeto de Pesquisa, temos a sensação racional de controlar e dominar o rumo da pesquisa, e acertar a flecha no alvo. No entanto, a potência desse estudo não é a objetividade e sim a subjetividade. Conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, espontaneamente houve um potencial deslocamento da pesquisa, inicialmente centrada na formação de professores através do PIBID de História, para posteriormente a predominância da metodologia da pesquisa autobiográfica, nas memórias, nos afetos, nos corpos como território e fronteira no Ensino de História. Ao invés de definir os objetivos da pesquisa, parto para privilegiar os subjetivos da pesquisa, sem controle de onde se pode chegar, pois também a chegada pouco me importava, o importante é o processo e, sabia que estava indo. Caminhava e trazia todos para a caminhada, nesse swing, nessa ciranda de roda, nos deparávamos com muitas surpresas, encontros, desencontros, medos, angústias, incertezas, projetos, esperanças, tesão, amor, amizade, tristeza, alegria, saudades. Explosão de swingnificados que como diz meu aluno Alex “é gostoso de se ver, é bonito de sentir”. Gostoso de sentir as palavras e coisas, swingnifica sentir o paladar pelos olhos, boca, ouvidos, nariz, tudo à flor da pele. Então significa que a pesquisa não tem um objetivo para chegar a algum lugar? Swingnifica que a pesquisa é *surpreendente*, que caminha para diversos lados? Que apresenta múltiplas possibilidades? “que essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós (Lia de Itamaracá)”, é uma ciranda sem fim...

A Metodologia utilizada no segundo Capítulo, foi o “1º Ateliê Biográfico de Afeto – Disposição Pessoal: O Que Swingnifica isso PIBID de História UFRJ (2011- 2014)?”. Dentre as etapas do 1º Ateliê Biográfico de Afeto, que será detalhado no Capítulo II, destaco dois momentos importantes: Exibição do primeiro Vídeo – AmarElo – Introdução: AmarELO - PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014); socialização das narrativas de Alex, Tainá, Gabriela, Luisa e Marcella (narradas na primeira pessoa do singular) o sentimento que experimentaram ao ver o Vídeo; posteriormente houve a exibição do segundo Vídeo – O que Swingnifica Isso? Teoria: PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014). Na próxima etapa do Ateliê, houve a socialização das narrativas de todos os participantes para falarem sobre como os vídeos os afetaram, em seguida, houve o retorno das narrativas do outro, quando cada participante escolhia uma outra pessoa para comentar ou perguntar sobre sua fala. A resposta às questões foi socializada posteriormente no grupo do **WhatsApp: AFETOS PIBID HIS UFRJ**    .

Como uma colcha de retalhos, fomos tecendo e costurando as histórias pessoais dos sujeitos da pesquisa, as nossas histórias de vida, nossas relações com a profissão e com a escola,

o autoconhecimento (Disposição Pessoal – Nóvoa), como dimensão formativa, muitas vezes, ausentes na profissão docente.

Dessa forma, investi nas potencialidades do dispositivo “ateliê biográfico de projeto” (Christine Delory-Momberger, 2006) com objetivo de inscrever a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito que visa fazer emergir seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si.

No terceiro eixo, Capítulo 3, tomando como base a “*Oficina - seguindo os rastros do tempo na Grécia antiga*”, realizada em 2012, pesquisamos rastros do desenho pedagógico (Nóvoa 2017), composto por: “*Composição Pedagógica*”, pedagogias próprias do professor; “*Interposição Profissional*”, ideia de comunidade profissional docente; “*Recomposição Investigativa*”, o projeto educativo no interior da escola como “*Exposição Pública*” e espaço público da educação.

No 2º Ateliê Biográfico Seguindo os Rastros do Tempo da Grécia Antiga produzi três Vídeos em três Tempos: 1º TEMPO 2013 – O GUARANI... momento em que a Equipe do PIBID História criou a Oficina; 2º TEMPO 2018 – Mulher do Fim do Mundo, tomando como cenário o Museu Nacional ateadado pelo fogo, possibilitando nosso reencontramos nas redes sociais relembrando a Oficina; 3º TEMPO 2020 – O Tempo não para... neste momento trouxe a prática profissional/pessoal dos participantes no tempo atual, no presente. Posteriormente à exibição dos vídeos houve a socialização das narrativas de todos os participantes para falarem sobre como foram afetados.

Recorri às leituras de Silva (2010, p.150) relacionadas à teoria do currículo que, a partir de uma abordagem pós-crítica, afirma que “O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, currículo é documento de identidade”.

A grande contribuição dessa pesquisa está no método que, a partir da heterobiografização e da escrita de si, envolve, narrativa, espaço, tempo, corpo e território. O exercício da autobiografização, como método para mapear territórios existenciais contribui, neste caso, para investir na profissão Professor como território de existência, no qual se constrói uma territorialidade. Proponho, “territorializar e desterritorializar” diferentes experiências espaço-tempo de ser professor, a partir de diversas trajetórias e experiências (ROCHA, 2019).

Proponho, além da linguagem escrita, a dimensão da subjetividade que pode ser expressa através do corpo, da performance, da arte, poesia, música para além das palavras escritas nas páginas digitadas. Expressões corporais e artísticas mobilizam sentimentos onde

somente o verbo e palavras não dão conta, dessa subjetividade e multiplicidade de sentidos, que meu corpo autobiográfico manifesta, na vida privada, da pele para dentro. Os vídeos performáticos autobiográficos têm a intenção de complementar a escrita e de externalizar o que me afeta por dentro, para o domínio público, da pele para fora provocando novos sentidos, novas leituras. Esse método encontra-se em movimento durante todo o processo da Pesquisa e depois de sua conclusão, visto que o processo formativo é “incognoscível” (Miller, 2014), complexo cheio de contradições, paradoxos, relações de poder, intervalos e silêncios, fluido, híbrido e em constante mudança. A Pedagogia do afeto mobiliza a solidariedade, escuta sensível, acolhimento à diferença, movimento de tentativa de horizontalidade entre escola e universidade, aluno, professor, humano, não humano.

A experiência do PIBID HISTÓRIA UFRJ aponta a importância da centralidade do docente na formação, valorizando a profissão professor.

A pesquisa possibilita dar visibilidade para reflexões que irão contribuir para que, no âmbito da Universidade em parceria com as escolas, possamos elaborar propostas e projetos de formação, em suas licenciaturas, que permitam construir um novo lugar institucional, no interior da profissão professor, como para divulgação científica, diálogo com professores e alunos da educação básica nas escolas, nas redes sociais, nos espaços públicos.

Aposto no trabalho com Afetos, Memória e História do Projeto PIBID HISTÓRIA UFRJ, buscando fortalecer uma política pública e dando visibilidade a novos caminhos que estão sendo traçados na Formação inicial e continuada dentro da Profissão Professor.

A proposta desta pesquisa é trabalhar com a subjetividade dos sujeitos da pesquisa. Uma forte potência do PIBID, enquanto um programa de política pública é a autonomia que permite que cada subprojeto, cada proposta, tenha sua singularidade. Afirmo que o PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) é uma experiência única.

É importante ressaltar a relação de sujeito e poder, na qual me refiro aos estudos de Foucault (1985) para empregar conceito de microfísica do poder, onde o autor propõe uma análise microscópica e minuciosa, considerando o poder como um operador que divide e fraciona os sujeitos entre si e em relação aos outros, e que atuam em nossos corpos. O efeito do micropoder é a produção de almas, produção de ideias, de saber e de moral.

Neste texto e contexto, os sujeitos PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) representam um caldeirão onde as almas, ideias, saberes e moral se misturam, em duas escolas Públicas Estaduais do Rio de Janeiro, com diferenças demarcadas por corpos da favela, do asfalto, do subúrbio, difícil e fácil acesso, condições precárias de moradia e de serviços básicos, outros com acesso a bens de consumo, corpos negros, LGBTQIA+, nordestinos, de mulheres e homens

com suas marcas, seus talentos, jovens com hormônios a flor da pele, e cultura efervescente, que mobilizam saberes diversos fora da Escola. O fetiche da “Escola Pública” de qualidade está em xeque, com a desigualdade de oportunidade, visivelmente clara entre o CIEP 303 BRIZOLÃO – AYRTON SENNA, próximo à favela da Rocinha e a Escola Estadual Prado Junior na Tijuca, próximo a colégios tradicionais como Pedro II, Colégio Militar e Instituto de Educação no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo fissuras são aproveitadas para criar, inventar e reinventar o conhecimento histórico escolar, principalmente dentro das mais variadas adversidades e desafios.

Aposto, para esta pesquisa, em uma abordagem, não essencialista, dispensando totalidades, dispersão na qual a razão é entendida como múltipla, contingencial e historicamente localizada. Para Foucault os sujeitos são históricos, não existe uma “natureza humana”, a tradição se dá com ênfase na diferença. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019a, p.149-166).

Fazendo parte dessa experiência, começando por minha trajetória, escritura de vida tendo o corpo, espaço tempo de significação, de produção de saberes, e de minhas identidades, sugiro, como parte da dinâmica e concepção teórica- metodológica a utilização da linguagem corporal, arte, música, performance, vídeos, fotografias afetando os outros participantes da pesquisa, para a heterobiografização. O “eu” se constitui no espaço tempo de fronteira, no aqui e no agora.

“No caminho que está o sentido da nossa profissão professora, nós nunca vamos chegar a lugar nenhum, nós vamos caminhar” (NÓVOA, 2016). Depois de muitos pronomes possessivos, meus, minhas, nossas, como nessa História não existe ponto final, término com reticências... “Enquanto houver sol, enquanto houver sol, ainda haverá... É caminhando que se faz o caminho...” (BRITO, 2003).

A profissão professora é pensada como um processo contínuo que não tem fim; as alianças e relações não cessam de produzir a si mesmo.

Neste processo de escrita nasceu o canal no YouTube *Autobio Prof. Vivi* é um canal do *Youtube*, onde as palavras se levantam das páginas escritas na Língua Portuguesa e se materializam na *Pedagogia do Afeto* com *Trocas, Empatia, Alteridade, Invenção, Encanto, Leveza e Genialidade, Inspiração, Criação, Complexo, Clareza, Gratidão, Escuta Sensível, Diálogo, Coragem, Ousadia*.

Proponho que sigam comigo nesses dois estilos de texto e contexto: texto vivo vertical autobiográfico, que se levanta da página escrita com ressonância que fala, vibra, grita, sorri e chora. Entrem no link e sintam a vibração de todo meu corpo, batidas do meu coração, pensamentos inquietos do meu cérebro, ouçam minha alma **LUTAR E VENCER**

(TRIBALISTA – 2017) no canal do *Youtube - Autbio Prof. Vivi*³. Assista ao vídeo Introdução ao canal! disponível em: <https://youtu.be/HyUFCU-oq4Q>

Depois de sentirem o texto vivo vertical no canal do *Youtube Autbio Prof. Vivi*, embarquem nesse texto horizontal das páginas abaixo, traduzido com palavras escritas com intensidade, afeto, racional, subjetivo e belo que nossa Língua Portuguesa, os Afetos, a Memória e a História proporcionam, inventam, pintam e bordam.

³ Esse canal do Youtube “*Autbio Prof Vivi*” foi criado por mim junto com o texto do Projeto de Qualificação. É um canal sobre pesquisa autobiográfica que pretende dizer através de performance, de arte, de música para além das palavras escritas nas páginas digitadas. Expressões corporais e artísticas mobilizam sentimentos onde somente o verbo e palavras não dão conta, dessa subjetividade e multiplicidade de sentidos, que meu corpo autobiográfico manifesta, na vida privada, da pele para dentro. Esse canal tem a intenção de complementar a escrita e de externalizar o que me afeta por dentro, para o domínio público, da pele para fora provocando novos sentidos, novas leituras. Proponho manter o canal em movimento durante todo o processo da Pesquisa e depois de sua conclusão, visto que o processo formativo é incognoscível (Miller, 2014), complexo cheio de contradições, paradoxos, relações de poder, intervalos e silêncios, fluido, híbrido e em constante mudança.

1. PEDAGOGIA DO AFETO: MEU CORPO, MEU TERRITÓRIO DE PROFESSORA DE HISTÓRIA

NO PORTÃO DA ESCOLA (Macedo, 2017), O MEDO PERMANECE, desde o Jardim de Infância até agora no Mestrado em Educação PPGE FE UFRJ. Nunca me senti adequada, muito menos uma pessoa normal na escola, e isso de ser diferente, só foi bom a partir do Ensino Médio, na adolescência, que SER DIFERENTE ERA TUDO, apesar de ser CERTINHA DE CARTEIRINHA, aparentava ser REBELDE E REVOLUCIONÁRIA, me relacionava com as PIORES ALUNAS DO COLÉGIO “NORMAL” HEITOR LYRA...”. E eu de normal não tinha nada..., MAS O MEDO... DEPOIS DO PORTÃO PERMANECIA ENORME... DISFARÇADO COM FALSA REBELDIA...

O Mestrado em Educação me provocou maiores reflexões sobre minha relação com o mundo, a pesquisa, a escola e comigo mesmo. Apesar de esse processo vir acontecendo desde o ingresso como Professora Supervisora, no PIBID HISTÓRIA UFRJ em 2011 e posteriormente no CESPEB com ênfase em ensino de História FE/UFRJ, o impacto do mestrado PPGE UFRJ intensificou deslocamentos, desconforto, náusea, medo, confusão intelectual. Essas sensações me trazem muito prazer, é assim que gosto de me sentir nessa volta infinita aos estudos. Mas será que a academia permite que sinta PRAZER o tempo todo? Esse gozo narcisista eterno? Será que consigo dar conta de escrever a dissertação e ficar me deslocando o tempo todo?

As disciplinas Teoria do Currículo, com Ana Maria Monteiro, Maria Margarida Gomes, e Sujeito e Poder com Márcia Serra, André Bocchetti e Ana Angelita muito me afetaram e me deixaram com uma gagueira intelectual durante um longo tempo, modificando minha forma de escrita, ou melhor indefinido ainda mais a minha forma de escrever, promovendo a reescrita a cada volta que a terra dá em torno de si mesma.

Depois de um ano de inquietação, tinha conseguido pelo menos criar um roteiro para a escrita e formular o objetivo: investigar o PIBID de História da UFRJ (2011 a 2014), em seu processo de formação inicial e continuada de professores, operando com memórias, através de “narrativas de si” e narrativas escolares, dos sujeitos envolvidos, com destaque para o conhecimento profissional docente.

Apesar disso, me isolando em um mosteiro em Lumiar (casa de uma amiga), consegui rascunhar os objetivos e tópicos da minha dissertação, parecia tudo amarradinho com aprovação e contribuições de minha orientadora. Quando aparentava que o clima estava calmo surge a tempestade, a disciplina “Tópicos Especiais em Metodologia da Pesquisa Educacional: política,

poética e ética da invenção”, onde já no primeiro dia, durante a aula, pensei três vezes em desistir da disciplina com Thiago Ranniery e Teresa Gonçalves. Apesar dos “Incômodos e desassossegos” (Gonçalves, 2019), provocados pela professora Teresa Gonçalves, sua fala mansa, argumentando pausadamente, calma, serena, linda, apropriada, dialogando e dizendo palavras e coisas enlouquecedoras que deslocam todos os alunos e fazem sair do eixo, do centro, do equilíbrio, a sua doçura parece que, de alguma forma nos confortava, mesmo com todas as nossas angústias produtivas. Já o professor Pós-humano Thiago Ranniery, contribuía para que eu enlouquecesse de vez, quase atravessasse o espelho. Esse efeito, entorpecente era sentido por muitos de nós estudantes dessa disciplina. Certa vez, no dia da Titulação da Professora Ana Maria Monteiro na comemoração em sua casa, eu conversando com Elizabeth Macedo, e fazendo algumas provocações, questionamentos das aulas do Thiago Ranniery, falando que quase atravessei o espelho, ela me perguntou se era o espelho do LACAN. A partir daquele momento fui pesquisar sobre o “Espelho do Lacan”.

Viviane Grace Costa a performáticas pós humana que atravessou o espelho e mergulhou na heterobiografização (DELORY), ou melhor LGBTQIA+biografização (GRACE COSTA), escrevendo sua biografização no “privado”, da pele para dentro, criando laços e dialogando com todos esses autores nesse processo, reescrevendo para o “público” da pele para fora, a Dissertação. Que comece por mim, esse mergulho profundo, para além da razão, utilizando diversos sentidos, todas as moléculas do meu corpo, da minha pele, dos ouvidos, olhos, boca e nariz, mãos, pernas e útero, palavras e coisas humanas e não humanas. A partir de então, tenho a pretensão e ousadia de trabalhar as subjetividades no encontro, no afeto e na escuta com outres a equipe PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014).

1.1. PAZ SEM VOZ, NÃO É PAZ É MEDO...

Minha Alma (A Paz que Eu Não Quero) - 1999
 “A minha alma 'tá armada
 E apontada para a cara do sossego
 Pois paz sem voz paz sem voz
 Não é paz é medo
 Às vezes eu falo com a vida
 Às vezes é ela quem diz
 Qual a paz que eu não quero
 Conservar para tentar ser feliz” (YUKA, 1999)

“A minha alma está armada e apontada para a cara do sossego, pois paz sem voz, não é paz é medo.” O que swingnifica isso? Como mulher, feminista e lésbica ser professora de História é firmar uma posição política, é parte da luta pelo direito à Educação. Meu

compromisso é com estudantes jovens, adultos e idosos da Educação Básica, no meu caso específico, nos últimos 20 anos atuando⁴ e lecionando na Rocinha⁵. O que significa isso? Tenho responsabilidade com as minhas alunas mulheres negras moradoras da favela, com meus alunos jovens negros que constantemente levam dura da polícia, os nordestinos e filhos de nordestinos que sofrem preconceitos ao migrarem para o Rio de Janeiro, as jovens trans, as mães solas, aos que sobrevivem e aos que não sobreviveram. A condição precária vai apresentar, em certos grupos sociais, o sofrimento diferenciado quanto às violações, à violência e à morte (Butler, 2015). Nesse sentido, “a condição precária também caracteriza a condição politicamente induzida de maximização da precariedade para populações expostas à violência arbitrária do Estado que com frequência não têm opção a não ser recorrer ao próprio Estado contra o qual precisam de proteção” (Butler, 2015, p. 46-47). A precariedade acarreta viver socialmente, ou seja, já que envolve as normas de reconhecimento, significa dizer que a vida de alguém está sempre nas mãos do outro. Tanto a precariedade quanto a condição precária são conceitos que se atravessam, visto que, para autora, vidas são, por definição, precárias, podendo ser eliminadas e sua permanência não está garantida. Sendo assim, “isso implica estarmos expostos não somente àqueles que conhecemos, mas também àqueles que não conhecemos, das que conhecemos superficialmente e das que desconhecemos totalmente” (Butler, 2015, p. 31). Trago meu corpo/território/mente/espírito para esse texto e contexto e como professora de História tenho o dever de História e Memória de combater resquícios de um passado colonial escravista e extrativista.

Com a pandemia COVID 19 ficou ainda mais evidente que o capitalismo é uma máquina movida à morte, que há um cálculo para o negacionismo da vacina. Gráficos que apontam mais de 600.000 mortos, a saúde a serviço de um plano de necropolítica, vitimando principalmente pessoas que vivem em situação de “precariedade” (BUTLER, 2015). Existe um tipo de pulsão de morte que é intrínseca ao capitalismo, que sempre sacrifica vidas com o propósito e expandir o próprio lucro e a própria acumulação de valores. Na minha cidade do Rio de Janeiro a violência da Polícia do Estado exterminando vidas negras, ultrapassou limites, mesmo com ordem do Supremo Tribunal Federal que proibiu operações policiais nas favelas do Rio de Janeiro durante a epidemia da Covid-19, e o massacre continuou. Nós os que temos o privilégio de ter casa, em local seguro para morar, assistíamos pelo RJ/TV o derramamento de sangue.

⁴ Participo do coletivo “*Rocinha Sem Fronteiras*” que tem como objetivo mobilizar, de forma coletiva, moradores e quem atua na favela, discutindo os problemas e desafios, abordando as mais variadas temáticas. A predominância das discussões é relacionada ao Saneamento Básico e moradia digna. O encontro desse coletivo é mensal.

⁵ Rocinha é uma das maiores favelas do Brasil, fica localizada próximo ao bairro de São Conrado, na Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro.

Mas a perplexidade maior era assistir ao Jornal Nacional e ver a morte de George Floyd nos Estados Unidos. Nos abatíamos e ficamos entusiasmadas com o crescimento do movimento o *Black Lives Matter* e a sua intersecção com o feminismo e pelos direitos de pessoas LGBTQIA+. A vida de todos os negros importa, George Floyd, de Marcus Vinicius, Ágata, João Pedro, Kathlen Romeu, em qualquer lugar do planeta. VIDAS NEGRAS IMPORTAM!! A VIDA DE MEUS ALUNOS IMPORTA!!!

Baseada no Manifesto Feminismo para 99% (ARRUZZA, BHATTACHARY A FRASER, 2019), acredito que precisamos de um feminismo anticapitalista. Feminismo significa que nós somos comprometidas com uma ampla solidariedade, que nós entendemos a exploração dos trabalhadores e dos moradores de rua, daqueles que não tiveram acesso à educação. Nós temos uma solidariedade com transativistas, travestis e trabalhadoras sexuais. Acredito que o feminismo tem de ser antirracista, e com isso eu quero dizer que não existe feminismo sem oposição ao racismo. Porque o feminismo é atado ao feminismo negro. Não existe feminismo sem o feminismo negro. Se o feminismo representa apenas mulheres intocadas, sem marcadores da sua raça ou do seu passado colonial, então ele é um feminismo para mulheres brancas. Nós não adicionamos a raça depois. Acrescento aqui mais uma demanda brasileira que é o feminismo indígena, muito necessário em tempos de destruição do nosso planeta, agregando a concepção de *mãe terra*, o sagrado feminino.

Essa pesquisa faz parte de estudos feministas mesmo sem o foco ser na questão de gênero, porque trago a dimensão corpórea, exponho no texto meu corpo de mulher e trago comigo outras mulheres fortes que ultrapassam fronteiras, se deslocam ocupam territórios que proporcionam dialogar, multiplicar e divulgar práticas, conhecimento, saberes. Trago comigo para essa pesquisa mulheres/mente/corpo/espírito de Ana Maria Monteiro, Carmen Teresa Gabriel, Perpétua Domingues, Luisa Tavares, Tainá Ferreira, Fernanda Terra Moura, Marcella Albaine, Gabriela da Silveira. Somos mulheres que lutamos de uma forma radicalmente não-violentas. Nós lutamos de forma não-violenta e nós não lutamos do mesmo modo que eles lutam porque nós não queremos reproduzir a violência deles. Acreditamos na Educação como “*força da não violência*” (BUTLER, 2021), o diálogo com propósito de afirmar a liberdade e a igualdade com apologia a diferença. “Às vezes eu falo com a vida às vezes é ela quem diz qual a paz que eu não quero conservar para tentar ser feliz” (YUKA, 1999).

Texto vivo vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre **MINHA ALMA (A PAZ QUE EU NÃO QUERO) – (O RAPPÀ -1999)**

no canal do Youtube - Autbio Prof. Vivi e assista ao vídeo Objetivo: PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014)⁶ disponível em: <https://youtu.be/ZV7hnee1rYE>.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID foi criado atendendo às atribuições legais da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) de induzir e fomentar a formação inicial e continuada de profissionais do magistério (Lei nº 11.502, de 11 de julho de 2007)⁷. Esse contexto em que se inicia o PIBID provoca um deslocamento importante na formação de professores promovendo o Professor da Educação Básica a formador do licenciando em conjunto com a instituição de ensino superior ao mesmo tempo em que promove bolsa de pesquisa para licenciandos, o que antes ocorria apenas com o bacharelado. Nesse sentido o licenciando tem a oportunidade pensar, pesquisar, produzir o “Ensino” de” como campo de conhecimento. O trabalho conjunto da Instituição do Ensino Superior e do licenciando no interior da profissão, com/entre os professores da Educação Básica sobre suas próprias práticas, possibilita o surgimento de novas práticas, novas escritas, novas formas de trabalho docente.

Mesmo com esse precedente legal, em que se sanciona uma lei visando à valorização da profissão professor, que autoriza a CAPES a fornecer bolsa para professores e licenciandos, ainda acontece hierarquização entre a profissão relacionada à Educação Básica e Ensino Superior?

Ilustro que os valores da bolsa para o programa já demarcam um valor inferior a bolsa do Professor da Educação Básica, que é inicialmente de R\$ 750,00 enquanto a de um mestrando que tem o mesmo nível mínimo de formação do professor é de R\$ 1200,00.

Estamos vivendo um momento de conservadorismo no Brasil e no mundo, um contexto de conquistas em risco, seja por cortes em investimentos e programas, seja por ofensivas conservadoras no congresso e na sociedade, onde a educação é um grande alvo. A PEC 241⁸ definiu o congelamento de gastos públicos por 20 anos, atingindo diretamente a Educação e a Saúde, adotando uma política de “estado mínimo”.

⁶ Descrição do vídeo: Parte 3- Performance inspirada na música Minha Alma, interpretada O Rappa (1999), para o Objetivo do Projeto para o exame de qualificação da pesquisa de Mestrado PPGE/ UFRJ “Afetos, Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa Comum” para formação de Professoras?”

⁷LEI Nº 11.502 DE 11 DE JULHO DE 2007 - Modifica as competências e a estrutura organizacional da fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, de que trata a Lei nº 8.405, de 9 de janeiro de 1992; e altera as Leis nºs 8.405, de 9 de janeiro de 1992, e 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, que autoriza a concessão de bolsas de estudo e de pesquisa a participantes de programas de formação inicial e continuada de professores para a educação básica.

⁸Emenda constitucional aprovada em 11/10/2016 pela Câmara dos Deputados – definiu congelamento de gastos públicos por 20 anos.

É claro que o PIBID, como uma política pública de formação docente e valorização do professor, também se encontra ameaçado de extinção, ou mesmo sucateado, desviando do seu objetivo inicial de incentivo e valorização da profissão professor. Dentro do contexto político de um currículo produtivista, o Programa ficou cada vez mais fragilizado. No ano de 2016, houve a intenção política de mudar o formato do PIBID. O ápice da crise se deu ao ser regularizado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela Portaria nº 46, de 11 de abril de 2016, com a intenção de restringir suas ações, praticamente reduzindo a aulas de reforço, bem como diminuindo o número de coordenadores e professores supervisores por licenciando, reduzindo bolsas, o que tornaria o programa superficial.

Essas ameaças receberam severas críticas e uma grande mobilização nacional envolvendo licenciandos, professores supervisores e coordenadores do PIBID, o que possibilitou a continuidade do Programa. Foi criado o ForPIBID (Fórum Nacional de Coordenadores Institucionais do PIBID), desenvolvendo diversas ações públicas para manter a qualidade do Programa. Neste contexto, o PIBID História UFRJ, juntamente com os demais PIBIDs, vivenciaram problemas na política educacional, fortalecendo o diálogo entre seus atores sociais, defendendo veementemente a profissão Professor. Dentre suas ações destaco a “Carta em defesa do PIBID” (ForPIBID, 2016), elaborada com a colaboração de licenciandos de norte a sul do país. Essa carta foi divulgada em larga escala pelas redes sociais.

A grande conquista do movimento #ficaPIBID em conjunto com o ForPIBID foi consolidação da Portaria Nº 84, de 14 de junho de 2016, publicada no DOU de 15 de junho de 2016, página 19 que revoga a resolução Nº 46 de 11 de abril de 2016. Sendo assim o Subprojeto PIBID HISTÓRIA UFRJ, seguiu como foi proposto pela FE/UFRJ⁹, com autonomia da equipe para planejar ações, realizar oficinas, pesquisas, estudos, de acordo com a singularidade e a cultura de cada escola, até fevereiro de 2018.

Para todo poder, há resistência, e o Ensino de História é um dos alvos neste contexto político de apagamento de memória e história da Educação, de exclusão de direitos e conquistas dos diversos movimentos sociais. Quem tem medo da História? Quem tem medo do PIBID HISTÓRIA UFRJ? Quanto poder tem o professor de História? Para que ser professor de História?

⁹O subprojeto PIBID HISTÓRIA UFRJ “História, pra que te quero História” foi elaborado pela Coordenadora do Programa Carmen Teresa Gabriel em 2009 e 2011 e reelaborado pela Coordenadora Dra. Ana Maria Monteiro em 2013 da Faculdade de Educação da UFRJ ênfase em Ensino de História.

Compartilho com Monteiro (2007a,) que a relação entre História Memória é constituída de tensões, resistências, negações, ambiguidades. O ensino de história, assim, é visto como um *lugar de fronteira*, de marcação de diferenças, mas que também permite o encontro, as trocas; zona híbrida onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro hierarquias, zona de imensas possibilidades de criação cultural. (MONTEIRO 2007a, 2007b, 2014).

Pelo que foi exposto, percebo que o período no qual o Projeto PIBID História UFRJ foi desenvolvido, envolvia momentos de muitas tensões sociais e políticas onde umas séries de pontos centrais da discussão de educação e formação de professores estavam sendo disputados. Abre-se espaço, então, para alguns questionamentos como: O que é formar professores? O que é e para o que serve a escola? Ela também forma professores? Qual deve ser seu currículo? Este se produz no interior da escola ou vem a partir de determinação externa?

Desde 2009, quatro escolas públicas estaduais, foram contempladas com o Projeto *História para que te quero História*, desenvolvido para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ), com a coordenação das professoras Dra. Carmen Teresa Gabriel (2009-2013) e Dra. Ana Maria Monteiro (2013-2014), Dra. Cinthia Araújo (FE/UFRJ- 2014 – 2017). Posteriormente agregou a parceria do Instituto de História (IH) da UFRJ, tendo como coordenadores, Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante (IH/UFRJ - 2014) e Dr. Fernando Castro (IH/UFRJ- 2015 – 2018).

O PIBID HISTÓRIA UFRJ tinha por objetivo principalmente contribuir para a formação inicial e continuada dos professores de História da educação básica entendendo que a iniciação à docência nessa área disciplinar implica também, para além da aquisição de conteúdo específicos e pedagógicos, o enfrentamento das demandas de nosso presente recontextualizadas no cotidiano das salas de aula.

Considero o PIBID História UFRJ uma experiência que podemos associar à proposta de Nóvoa (2009), que entende a formação inicial e continuada de Professores do século XXI como a “Casa Comum”, onde o autor apresenta um “**desenho curricular** para a formação de professores”, com cinco eixos estruturantes: experiência individualizada, um caminho para cada estudante; uma formação entrelaçada, teoria e prática simultânea; estar em um ambiente corporativo, aprendem mais em equipe com atividade colaborativa; pesquisa nos conhecimentos concretos da profissão; conhecer a comunidade seus hábitos cotidianos. Neste contexto o estudante em formação é inserido em ambiente da escola, tendo professora experiente, no exercício da sua profissão, como supervisora, apresentando uma proposta intencional de formação. Além disso, o trabalho em equipe possibilita ações de “transformação

deliberativa” (Nóvoa, 2009a), através de discussões e reflexões, tanto do ponto de vista pessoal quanto do ponto de vista do conhecimento da formação desses profissionais.

A Proposta inicial de minha investigação era “Pesquisa ação” no Período de 2009 até 2017, movida pela “vontade de memória” com foco na Memória e História das quatro Escolas envolvidas no programa. No ano de 2017, frequentei as atividades do PIBID HISTÓRIA UFRJ. A partir da “Palestra/Oficina Projeto Memória PIBID UFRJ: ‘Narrativas de si’ no ensino de História”, realizada em 24/05/2017, no IH/UFRJ, no âmbito das atividades do PIBID de História da UFRJ, iniciei com a contribuição de Mariana Amorim e Ana Maria Monteiro, processo de escuta e troca de vivências com professores da educação básica, licenciandos de História da UFRJ e professores formadores da Educação e da História, da mesma instituição, a partir dos quais foi possível trabalhar e compartilhar histórias de vida e produzir narrativas sobre os percursos formativos, sobre as práticas docentes e sobre as relações com a profissão e com as escolas. O objetivo da atividade foi dar início à inscrição da história de vida dos atores envolvidos em uma dinâmica prospectiva, buscando a produção de projetos pessoais como linhas de fuga aos padrões estabelecidos. (GRACE COSTA, MONTEIRO, AMORIM - 2017)

No entanto o PIBID HISTÓRIA UFRJ tomou a decisão política de não continuar com o PIBID, visto que o novo formato como consta no EDITAL N° 7/2018, sucateou o processo, diminuindo verba, aumentando o número de licenciandos, retirando algumas bolsas onde de 30 alunos 6 não receberiam, assim como pagariam apenas uma bolsa para os coordenadores do subprojeto. O próprio formato seria mais engessado, comprometendo a autonomia da equipe, ferindo a concepção de Ensino de História e formação inicial e continuada de professores no qual a FE/UFRJ opera, onde a aposta se dá no trabalho em equipe, na construção coletiva e no diálogo com todos os atores educacionais.

Em função da não continuidade do PIBID HISTÓRIA UFRJ, se fez necessário fazer um recorte na pesquisa, renunciando à proposta anterior de “pesquisa ação”, priorizando o período de 2011 até 2014 onde eu atuava como Professora Supervisora. É relevante para essa escolha, as diferentes perspectivas possíveis a serem consideradas, quantitativo pequeno da pesquisa em relação ao PIBID História UFRJ, a formação docente e contexto de culturas escolares e público diferentes, escola com IDH mais baixo que outro.

No PIBID História UFRJ (2011 a 2014), como os discursos sobre a Escola, a educação pública, as práticas educacionais, as ideias pedagógicas e a profissão docente como campo de disputas são constituídas da forma que são? Os Coordenadores, Professores Supervisores e Licenciandos trabalham suas autobiografias, suas histórias, o autoconhecimento? São realizadas pesquisas, associando teoria e prática com problemas reais da escola e da disciplina

História? Os PIBIDs saem da sala de aula, do espaço escolar, discutem problemas da profissão professor e políticas públicas da educação? Exploram a cidade do Rio de Janeiro para abordar a História? Como se relacionam com os alunos para criar suas propostas de atividades? Esses, dentre outros que surgirem no caminho, são questionamentos que pretendo investigar. O objetivo é a tentativa de perceber fissuras no sentido de memórias, história e formação docente, no PIBID História UFRJ, bem como a firmar posição da profissão professor.

A partir de Nóvoa (2017) e Monteiro (2015, 2016) argumento: a profissão docente é um “ofício sem saberes” ou é um “ofício feito de saberes”? Como as “narrativas de si” podem nos ajudar a responder essa questão? Como esses sujeitos se constituem professores? Que percursos pessoais e profissionais trilharam e quais os sentidos de ensino de História podem ser produzidos? Busco, com essas questões, afirmar a potencialidade da relação entre as “narrativas de si”, a formação docente e o ensino de História no tempo presente.

1.2. LÍNGUA (...) E DEIXA QUE DIGAM, QUE PENSEM, QUE FALEM!!!

Língua – 1984
 Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões
 Gosto de ser e de estar
 E quero me dedicar a criar confusões de prosódias
 E uma profusão de paródias
 Que encurtem dores
 E furtem cores como camaleões
 Gosto do Pessoa na pessoa
 Da rosa no Rosa
 E sei que a poesia está para a prosa
 Assim como o amor está para a amizade
 E quem há de negar que esta lhe é superior?
 E deixe os Portugais morrerem à míngua
 Minha pátria é minha língua
 Fala Mangueira! Fala!
 ... Se você tem uma ideia incrível é melhor fazer uma canção
 Está provado que só é possível filosofar em alemão
 Blitz quer dizer corisco
 Hollywood quer dizer Azevedo
 E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo meu medo
 A língua é minha pátria
 E eu não tenho pátria, tenho mátria
 E quero fráttria...
 ... Nós canto-falamos como quem inveja negros
 Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
 Livros, discos, vídeos à mancheia
 E deixa que digam, que pensem, que falem
 (VELOSO, 1984)

Texto vivo vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre **LÍNGUA – (Caetano & Elza Soares 1984)** no canal do Youtube - Autobio

Prof. Vivi e assista ao vídeo Justificativa: PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014)¹⁰ disponível em <https://youtu.be/VeAma-htjYE>.

O Caetano Veloso pode fazer o que quiser com a Língua ou com a língua, pois ele tem licença poética, muitas músicas dele eu considero uma Tese, e essa é uma delas. Em 1998, Caetano ganhou o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade da Bahia, fez questão de receber a honraria no Carnaval, em cima de um trio elétrico. Declarou: “*A partir de agora, quando eu rebolar, é um Doutor que estará rebolando!*”. É assim que me sinto estudando, pesquisando, gosto de sentir a minha Língua roçar na Língua do Foucault, Certeau, Ricoeur, amo esses Franceses. “*Gosto do Pessoa na pessoa, da rosa no Rosa e sei que a poesia está para a prosa, assim como o amor está para a amizade. E quem há de negar que esta lhe é superior?*” Essa pesquisa comprova que a amizade é superior, que é tudo de bom, é uma rede de sociabilidade que nos nutre, nos alimenta, nos fortalece. O Caetano pode fazer o que quiser com a Língua, mas eu, uma simples mortal, tenho que seguir uma regra para que uma Dissertação de Mestrado seja legitimada pelos pares. A Carmen Teresa Gabriel, já me alertou, na entrevista de admissão do Mestrado, para entrar no jogo e eu prometi que ia entrar. Se trago bell hooks (2013) com a intenção de “transgredir” e Paulo Freire (1999) pensando a “Educação como Prática da Liberdade”, como faço com a Língua Portuguesa que é arbitrária e muito machista? Nas regras básicas de concordância, o masculino predomina em diversas circunstâncias. Mesmo tendo como participantes nove mulheres e seis homens, se seguisse a regra gramatical o texto ia ser masculino. Busco sempre que possível usar palavras comuns de dois gêneros como por exemplo ao invés de utilizar alunos utilizo estudantes. Esse texto é escrito por uma mulher então decidi que vou usar a palavra “professora” ou “professoras” (essas e outras), quando me referir aos dois gêneros, os meus amigos professores “homens” quando forem ler o texto que se desloquem do gênero feminino para o gênero masculino, já que a Língua Portuguesa me obrigou a ler texto predominantemente masculinos, desde que eu aprendi a ler as primeiras historinhas das “princesas brancas como a neve”. Comecei alterando o Título da Pesquisa: “(...) Uma Casa Comum para Formação de *Professoras?*”.

Outra decisão importante foi ao que ao operar com “diálogo horizontal através da simpatia” (FREIRE, 1999) ou sedução, mantendo a fidelidade com referencial teórico, sigo preservando a fonte 12 das narrativas dos participantes da pesquisa assim como no livro “Ensinando a transgredir: Educação como Prática da Liberdade”, capítulo 10 intitulado “A

¹⁰ Descrição do vídeo: Parte 2- Performance inspirada na música Língua de Caetano Veloso (1984) para a JUSTIFICATIVA do Projeto de Qualificação da pesquisa do Mestrado PPGE/ UFRJ “Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa Comum” para formação de Professores?”

Construção da Comunidade Pedagógica” da bell hooks (2013, p173 a 222) onde ela engaja um diálogo com Ron Scapp, um filósofo, amigo, branco do sexo masculino. A diferença é que o diálogo travado no texto dela é entre duas pessoas, no caso dessa dissertação é com 15 pessoas, sendo assim não abrevio os nomes nas narrativas, colocando nome e sobrenome para familiarizar o leitor e “signifiXar” (MACEDO, 2016), cada participante. Isso significa que o texto dos participantes é tão importante quanto o meu texto. Como é um diálogo eu fui costurando a colcha de retalhos conforme a temática da pesquisa, como me afetou, como um participante afetou outro, agregando no texto os pensamentos, emoções, considerações, críticas, dores e paixões de todos os participantes. Neste *contexto*, mantenho propositalmente extenso os diálogos do Ateliê Biográfico de Afeto, com o objetivo de trazer o arquivo para pesquisa, e não só recortes que vou comentar, para desconstruir que meus pensamentos e ideias são mais importantes do que o dos participantes. Tanto eu quanto os participantes da pesquisa estão operando com conceitos quanto, pensando, criando, inventando e reinventando conceitos. Isso significa que me aproprio do pensamento do Durval Muniz Albuquerque Jr (2019c) que ao se referir a Foucault argumenta que “os conceitos devem nascer da própria prática de pesquisa, devem nascer do arquivo. O arquivo está povoado de conceitos (...) os conceitos são históricos e estão na história porque organizam as práticas dos homens, suas relações e instituições, no cotidiano. Os conceitos vão às ruas, às praças, às escolas e aos banheiros.” Meu arquivo são os *afetos, memórias e narrativas* da equipe bolsistas da CAPES do PIBID HISTÓRIA UFRJ e os não bolsistas ex-estudantes do Ensino Médio.

Me aproprio de Michel Foucault (1977p. 3-17) que em seu livro “Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão ... um caso de parricídio do século XIX” traz uns “exaustivos” artigos em formato de dossiê com; relatório do Juiz de paz; laudo dos médicos; depoimento das testemunhas; relatório do procurador do rei; sinais particulares de Pierre Riviere, acusado de assassinato; carta do prefeito de Aunay; relatório do brigadeiro; artigos de jornais. Como historiadora e professora de História me delicieei com esses arquivos no livro, adoramos arquivos, documentos, patrimônio material. Às vezes acho até que sou acumuladora, tenho todos os arquivos do PIBID HISTÓRIA UFRJ 2011-2014, tudo filmado, fotografado, relatórios, avaliações. Na minha rotina de sala de aula filmava as apresentações de trabalho em grupo de estudantes, guardo alguns trabalhos escritos (em folha de papel almaço), produzia livro com suas histórias e suas vidas, escrito pelos alunos, sem interferência no texto deles. Ao trazer o arquivo (*afetos, memórias e narrativas*) dos participantes em formato de diálogo sem recortar apenas o que quero destacar, aposto na capacidade viva do texto de mobilizar em outras questões que não foram evidenciadas por mim. Estou colocando nesse texto os corpos, os

corpos vibram, afetam e são afetados por outros corpos humanos e não humanos, com “desejo, necessidade, vontade, a gente não quer só comida, a gente quer comida diversão e arte”. (TITÃS, 1987) Meu corpo, meu território de professora de História tem a intenção de abalar, de ultrapassar fronteiras da “Língua” escrita, de movimentar, mas não é um movimento autobiográfico individualista, eu trago o *afeto* e trago o *comum*. Não estou escrevendo sozinha, trago todo mundo para vibrar, afetar e ser afetado, pensando no corpo em uma dimensão ética política e poética. As narrativas do Ateliê Biográfico de Afeto são arquivo, os corpos são arquivos, os corpos e as narrativas são eróticas, os corpos as narrativas são vivas, os corpos e as narrativas têm nome e sobrenome, os corpos e narrativas dessa pesquisa são insurgências, transgressão e resistência.

“Creio que, se decidimos publicar esses documentos, todos esses documentos, é para fazer de algum modo o plano dessas lutas diversas. restituir esses confrontos e essas batalhas, reencontrar o jogo desses discursos, como armas, como instrumentos de ataque e defesa em relações de poder e de saber.” (FOUCAUT, 1977 p. XII)

O Ateliê Biográfico de Afetos é realizado, por volta oito anos depois da execução do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014), atualmente das quinze participantes onze atuam como professores, nem todas no Ensino de História. Eu optei por firmar a profissão professora nas quatro professoras formadoras que atuaram no PIBID no período de 2011 a 2014, sendo assim atribuo as identificações escolhida pelas mesmas, *Professora Ana Maria Monteiro, Professora Carmen Teresa Gabriel; Professora Perpetua Domingues; Professora Viviane Grace*. Compondo a equipe do CIEP BRIZOLÃO - 303 AYRTON SENNA participam ex-licenciandos de História da UFRJ, *Luisa Tavares, Daniel Sideris, Marlon Rocha*, e ex-estudantes do ensino médio *Alex Santos, Tainá Ferreira*. A Equipe do C.E. Antônio Prado Junior; *Fernanda Terra Moura, Marcella Albaine, Vítor Correia, Rômulo Machado, Jorge Lima* e como ex-aluna do Ensino Médio soma a pesquisa *Gabriela da Silveira*.

Minha escolha em narrar na primeira pessoa do singular vem no sentido de exercitar o referencial teórico que opero de pesquisa autobiográfica, no conceito de “narrativas de Si”: ao (re) fazer sua história de vida, o próprio indivíduo se forma – lhe permitindo agir sobre si mesmo e sobre o seu ambiente, de acordo com o sentido e a finalidade de um projeto (Delory-Momberger, 2012). Ao recorrer a pronomes pessoais e “possessivos” como “eu” e “meu”, reconheço que essa narrativa é um discurso tanto biográfico quanto histórico. Escrevo, não apenas pessoalmente, mas em uma posição num campo social e de relações de poder, o que significa que embora seja um texto autorreflexivo, seja também limitado as formas predominantes de raciocínios nos discursos acadêmicos, não tendo pretensão de generalizações. Escrevo no presente, em espaço-tempo de fronteira.

O ato de auto-bio-grafar é um ato no qual escrever significa renascer de outra maneira pela mediação da escrita. Promover a reescrita significa deslocamentos em relação a projetos de vida. Por isso, principalmente nesse período do Mestrado, vim experimentando em todas as disciplinas operar com autobiografia, promovendo um verdadeiro mergulho interior, no meu espaço privado, da pele para dentro, mobilizando não somente o cérebro, a mente a razão, mas sentindo por todo meu corpo, o acelerar do coração, o som, o ritmo, o cheiro, o pulso, o desejo, vontade, excitação, agonia, a inquietação o amor intenso, a paixão, a gastrite, ansiedade, dor de barriga náusea, alegria ou quase gozo de cada despertar intelectual, de cada invenção, de cada “descoberta”. A partir de então parto para a pesquisa pública, quer dizer da minha pele para fora. Neste sentido, ao utilizar a mim mesma como cobaia nesta pesquisa, me sinto autorizada a dialogar com demais sujeitos da pesquisa com a pretensão e ousadia de trocar experiência com esse conjunto de corpos desejanter. Corpos esses que afetam e são afetados, que ora se afastam ora se aproximam, ora abrem ora fecham possibilidades, ora constroem, ora desconstroem conceitos históricos, com forte pulsão de vida e morte.

Proponho além da linguagem escrita, a dimensão da subjetividade que pode ser expressa através do corpo, da performance, da arte, poesia, música para além das palavras escritas nas páginas digitadas. Expressões corporais e artísticas mobilizam sentimentos onde somente o verbo e palavras não dão conta, dessa subjetividade e multiplicidade de sentidos, que meu corpo autobiográfico manifesta, na vida privada, da pele para dentro. Os vídeos performáticos autobiográficos têm a intenção de complementar a escrita e de externalizar o que me afeta por dentro, para o domínio público, da pele para fora provocando novos sentidos, novas leituras. Esse método encontra-se em movimento durante todo o processo da Pesquisa e depois de sua conclusão, visto que o processo formativo é incognoscível (Miller, 2014), complexo cheio de contradições, paradoxos, relações de poder, intervalos e silêncios, fluido, híbrido e em constante mudança. A Pedagogia do afeto mobiliza a solidariedade, escuta sensível, acolhimento à diferença, movimento de tentativa de horizontalidade entre escola e universidade, aluno, professor, humano, não humano.

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos 20 anos. Não foi analisar os fenômenos do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo ao contrário foi criar uma História dos diferentes modos da nossa cultura que os seres humanos tornaram-se sujeitos.
(FOUCAULT apud VEIGA NETO, 2007, p. 107)

Nestes últimos dez anos venho pesquisando essa temática, trago várias amostras desse processo, servindo para nos alertar da potencialidade e riqueza dessa experiência. Aposto no

trabalho do subprojeto PIBID HISTÓRIA UFRJ, acreditando abrir caminhos que estão sendo traçados na Formação inicial e continuada dentro da Profissão Professora.

Como Professora de História, supervisora do PIBID em um CIEP (2011-2013) e Especialista em Ensino de História (Curso de Especialização Saberes e Práticas da Educação Básica -CESPEB/UFRJ ênfase em Ensino de História), concluí a Monografia “Operando com História, Memória, Ensino de História – CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA (GRACE COSTA, 2014), tendo a oportunidade de refletir sobre minha prática profissional. Essa experiência me possibilitou um investimento nos debates sobre formação continuada, formação inicial, currículo, saberes escolares, História dos CIEPs e sua relação com a comunidade da favela da Rocinha, Memória e História das escolas no Rio de Janeiro.

A vivência na pesquisa, em conjunto com a FE/UFRJ e licenciandos do PIBID, sobre Memória e História do CIEP, me instigou a dar seguimento aos estudos sobre o processo coletivo na construção do “Ensino de História” das escolas públicas das quais o PIBID HISTÓRIA UFRJ está inserido. Neste contexto, apresento para esse programa PPGE/UFRJ minhas intenções de pesquisa intitulada: “Afetos Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa Comum” para formação de Professoras?”.

Apesar de alunos permanecerem e conviverem na escola, no Ensino Médio, por pelo menos três anos, a relação da escola com a cidade nem sempre é claramente compreendida. Muitas vezes, nós professores não focalizamos esta relação que pode ser abordada do ponto de vista histórico, geográfico, administrativo, sociológico, arquitetônico. Algumas questões podem ser apresentadas de forma a dar continuidade ao processo de construção da memória e de historicização por onde alunos, professores, entram e saem durante anos, e muitas vezes não discutem a política educacional e curricular presentes naquele contexto, naquele local geográfico, naquela arquitetura, nos projetos políticos pedagógicos da escola. Ou seja, o excesso de atribuições e demandas do cotidiano escolar, muitas vezes priorizando conteúdos prescritos no currículo, impedem essas reflexões.

Muitas outras questões podem ser exploradas de forma a possibilitar uma compreensão da escola como “lugar” de afetos, aprendizagens, de vivências e experiências comuns. Lugar público, instituição pública, escola pública.

Mais uma vez, é pertinente o questionamento: como pesquisar História do e no tempo Presente, quando faço parte desta História da Educação, quer como aluna da rede pública a partir de 1976 no Jardim de Infância, entre 1977 a 1980 no Ensino Primário, de 1981 até 1984 no Ginásio e de 1985 até 1987 no Normal, quer como graduanda e licencianda de História de 1988 até 1992 e professora da Rede Municipal de Educação do Ensino Primário de 1990 até

1995 e do Ensino Médio na disciplina História de 1997 até os dias atuais, passando, a partir de 2002, a lecionar no CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA. Depois PIBID HISTÓRIA UFRJ, CESPEB/FE/UFRJ e MESTRADO NO PPGE/UFRJ. Muitas vezes, eu temia alguns professores, inspetores e membros da direção das escolas em que estudei; o medo era utilizado como estratégia pedagógica de disciplina e conformidade.

1.3. É CAMINHANDO QUE SE FAZ O CAMINHO

Enquanto Houver Sol – 2003
 Quando não houver caminho
 Mesmo sem amor, sem direção
 A sós ninguém está sozinho
 É caminhando
 Que se faz o caminho
 Quando não houver desejo
 Quando não restar nem mesmo dor
 Ainda há de haver desejo
 Em cada um de nós
 Aonde Deus colocou
 Enquanto houver sol
 Enquanto houver sol
 Ainda haverá
 Enquanto houver sol
 (BRITO, 2003)

Texto vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre **ENQUANTO HOVER SOL – (TITÃS- 2003)** no canal do Youtube - Autbio Prof. Vivi e assista ao vídeo Metodologia: PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014)¹¹ disponível em: <https://youtu.be/ZHbwgDvyBls>.

Para pesquisar o PIBID de História da UFRJ (2011 à 2014), em seu processo de formação inicial e continuada de professores, e as contribuições para “Casa Comum”, por meio de suas narrativas de si, suas narrativas históricas escolares, bem como as produções didáticas pedagógicas, relatórios, avaliações, vídeos, construídas no processo, a pesquisa envolveu coordenadores, supervisores, licenciandos e alunos do ensino médio, articulando o período da pesquisa (2011 à 2014) com o tempo atual para que possam tecer narrativas sobre essa experiência através de heterobiografia¹². Aposto nas potencialidades das “narrativas de si” para a constituição do saber histórico escolar e para a produção de identidades docentes.

¹¹ Descrição do vídeo: Parte 4 - Performance inspirada na música Enquanto Houver Sol, interpretada por Titãs (2003), para a METODOLOGIA do Projeto de Qualificação da pesquisa do Mestrado PPGE/ UFRJ “Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa Comum” para formação de Professores?”.

¹²Delory-Momberger define o termo “heterobiografia” no seguinte trecho: “El término heterobiografía podría ser propuesto aquí para nombrar las formas de experiencia y de escritura de sí que practicamos cuando com-preendemos

É possível visualizar indícios de transformações, simultâneas e contínuas, no processo de constituição de identidades docentes nos professores formadores e estudantes, ao se narrarem, seja na Plataforma Lattes, nas dinâmicas do “ateliê biográfico”, nas suas monografias, dissertações, teses e memoriais. Ao realizar a narrativa da sua vida, o indivíduo constitui e se apropria de sua própria história, tomando consciência de sua prática, do seu fazer. Ao (re) fazer sua história de vida, o próprio indivíduo se forma – lhe permitindo agir sobre si mesmo e sobre o seu ambiente, de acordo com o sentido e a finalidade de um projeto. Outra potencialidade desta metodologia é a troca de experiências, de sentimentos, de ideias e pensamentos, onde o contato com o “outro” afeta na dimensão individual e coletiva emergindo a pulsão, a vontade de saber, de conhecer, agir em um carrossel de metamorfoses de sentidos.

A Pedagogia do afeto tem me mobilizado, em minhas escritas, minhas práticas minha atuação no mundo. Reforçam alguns dos princípios que orientam fazeres *com* o campo escolar, e não *sobre* ele: solidariedade, escuta sensível, acolhimento à diferença, movimento de tentativa de horizontalidade entre escola e universidade, aluno, professor, humano, não humano.

Segundo Espinosa (2008, p.237), afetos são as “afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. Nesse sentido, Espinosa afirma que, a todo momento, somos afetados e, que dependendo do tipo de encontro que experimentamos, oscilamos entre afetos alegres (que nos impulsionam) e tristes (que nos paralisam). Ainda segundo o autor, somos passivos diante das situações que nos acometem; mas também podemos agir, aprendendo a observar quais encontros nos fortalecem e aqueles que nos enfraquecem, e assim, poder aumentar a potência de nossa vida. (AMORIM e MONTEIRO, 2019b)

Para operar com o conceito de afeto recorro a Mariana Amorim (2019), e Monteiro e Amorim (2015). Para essas autoras, nos espaços da sala, as relações de afeto podem constituir-se em elementos-chave que contribuem para a construção de um lugar que propicie ensino e aprendizagem significativos, experimentados tanto por professores, quanto por alunos. Os professores iniciantes, através de suas narrativas de si, destacam a importância dos afetos para a constituição de suas docências, como estímulos para a construção de suas relações com os alunos e para o desenvolvimento e avaliação de suas aulas. Dentre essas narrativas destacam-se algumas subjetividades: produzir encontros alegres; dificuldades iniciais e às posteriores possibilidades de construção de relações estreitas com determinados estudantes; um retorno com relação ao próprio comportamento dos alunos, que, ao longo do tempo, “desarmam-se” e desconstroem seus “bloqueios” com relação à disciplina História e à atuação docente;

el relato pelo cual otra y su experiencia, cuando nos lo apropiamos en el sentido de hacernos lo propio, de, en tal relato, comprendernos a nosotros-mismos” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 703).

acolhimento, pela escuta e pela confiança estabelecida e desenvolvida na relação com os estudantes; reconhecimento dos saberes dos estudantes; construção de laços afetivos. Faz parte do trabalho docente a criação de ambientes propícios para as trocas, para o ensino e para a aprendizagem, a criação de vínculos afetivos é primordial para que proporcionem aulas de História significativas e atrativas para trabalhar o conhecimento disciplinar (AMORIM, 2019).

Na educação o termo “aproximar da ‘realidade do aluno’ é uma aporia que utilizamos e que representa uma negociação de distância, para dar sentido a um conhecimento “científico”, de forma mais concreta.

No caso da pesquisa em formação inicial e continuada, a proposta de Nóvoa de firmar “posição” na formação de professores considerando os “professores de profissão” como sujeitos de conhecimento, sendo de prática e de direito formadores dos futuros professores. A Formação de professores no interior da profissão aproxima mais os licenciandos de uma “realidade profissional”?

Na pesquisa universitária sobre ensino é importante reconhecer que não produz uma teoria sobre uma prática, mas que ela é uma prática referente a “ensinar” e os professores de profissão dispõe de seus próprios saberes de seus próprios pontos de vista.

E você, acredita na realidade?

GIL PELA INTERNET - 1986

“Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada um barco que veleje
Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada um barco que veleje
Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomare
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé”(GIL, 1982)

PELA INTERNET 2 em 2018

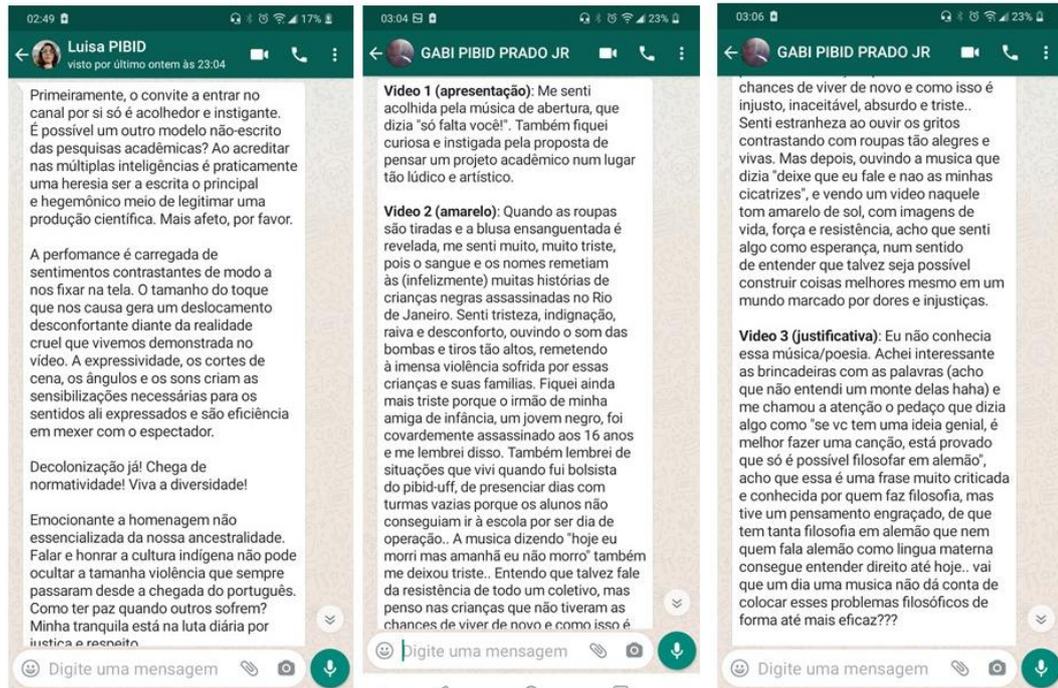
Eu 'to preso na rede
Que nem peixe pescado
É zapzap, é like
É Instagram, é tudo muito bem bolado
O pensamento é nuvem
O movimento é drone
O monge no convento
Aguarda o advento de deus pelo iphone

Texto vivo vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre no canal do Youtube - METEORO BRASIL e assista ao vídeo

Decepcionado com a internet, Gil quer virar ciborgue, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sMiq5ZV2CzM>.

A empolgação e otimismo que Gil quase que profetizaram em sua composição “Pela Internet em 1986”, associando em décadas anteriores ao Donga na canção “Pelo telefone”, já não se repete com a composição de “Pela Internet 2, em 2018, onde demonstra que está subordinado à internet, quando afirma “Eu estou preso na rede, que nem peixe pescado”, Gil faz esse movimento, passado, presente e futuro. Ao operar com o “ateliê biográfico de afeto” com a pesquisa em três tempos tenho a pretensão de promover esse movimento, retornando ao passado e reescrevendo a história, revisitando as atividades do PIBID e de formação em tempos diferentes.

Quanto aos canais de comunicação da pesquisa utilizo: o WhatsApp tanto o individual de cada participante quanto o coletivo o grupo do WhatsApp: AFETOS PIBID HIS UFRJ    ; o canal do YouTube *Autobio Prof. Vivi*; A Plataforma do Zoom para os encontros dos Ateliês Biográfico de Afeto. Utilizo também o Facebook e o Instagram para acompanhar suas trajetórias pessoais, profissionais e performances e Performatividade, importantes para o diálogo com a pesquisa, sendo uma forma de trazer a dimensão de corpo/território, para o diálogo. Com o advento da Pandemia COVID 19, esses canais de comunicação passaram a ser usuais em aulas, palestras e cursos. Foi um facilitador para pesquisa visto que havia participantes da pesquisa espalhados pelo Brasil e pelo mundo e tornaria inviável a grande adesão se fosse de forma presencial como estava previsto inicialmente.



Captura de Tela 1: WhatsApp Individual Prof Vivi



Captura de Tela 2: GRUPO do WhatsApp: AFETOS PIBID HIS UFRJ 🍷🐼📖🐣



Captura de Tela 3: PLATAFORMA DO ZOOM Ateliê Biográfico de Afeto 📖🐼📚🦋

Com a aceleração dos ritmos das transformações, ganham relevo as noções de identidade e história-memória. Essa maior “rapidez do tempo” acarretou um obscurecimento do nosso horizonte de expectativa – trazendo cada vez mais insegurança e incerteza acerca do futuro –, assim como trouxe uma crise de *identidade*, que deixou de ser monolítica e estática para se tornar relacional, processual. Apoiada no conceito de identidade, desenvolvido por Stuart Hall (2011), defenderei, igualmente, o pensamento de que as identidades são relacionais, políticas, plurais e diversas; não fixas, unificadas ou trans históricas.

Como operar com diferentes referenciais bibliográficos na minha pesquisa Michael Certeau, Foucault, Durval Muniz Albuquerque Junior, Delory-Momberger, Carmen Teresa Gabriel, Ana Maria Monteiro, Paulo Freire, Nóvoa, Hall, Judith Butler, bell hooks sem fazer como diz Carmen Gabriel uma “*pororoca intelectual*”?

O texto sugerido pelo do Professor Carlos Eduardo Vieira¹³ “*Contextualismo linguístico: contexto histórico, pressupostos teóricos e contribuições para a escrita da história da educação*”, e sua palestra sobre o assunto parece ter sido feito sob medida para minha pesquisa.

¹³ Professor Carlos Eduardo Vieira convidado para participação na comissão avaliadora de defesa da Tese e Titulação da Professora Libânia Nacif Xavier dia 24/09/2018, na véspera, apresentou uma Palestra para a Disciplina Educação Brasileira Ministrada pela professora Libânia Xavier.

Pensar o texto e contexto me fez acreditar que avanço em um caminho possível, que também passa por biografias de intelectuais como Ana Maria Monteiro e Carmen Teresa Gabriel, no contexto do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011 – 2014).

Agreguei grande contribuição teórica, diminuindo consideravelmente a inquietação e desconforto ao operar com pesquisa autobiográfica, “narrativas de si”, formação de Professores, Ensino de História, História, Memória, Patrimônio com autores que dialogam com referenciais diferentes um do outro.

O autor retrata com autoridade que as temáticas são diferentes umas das outras e respondem a questões diversas. Sendo assim História dos Conceitos esclarece algumas indagações e História dos discursos políticos a outras.

O professor Carlos Eduardo Vieira me inspirou a produzir essa imagem da minha rede de sociabilidade que perpassam, nos meus pensamentos estudos e pesquisas, com a possibilidade de dialogar com ideias, pensamentos, textos e contextos variados, me referindo com uma lente de aumento ao PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014).

Intelectuais autores de livros, que para além das letras paradas em uma folha de papel, passam a ter vida e se levantam, representados, sorrindo, palestrando, pensando, autografando, caricaturados, atuando, militando, nas universidades, nas ruas, nas escolas, nos Museus, nas praças, nas mesas, nas cadeiras, nas cidades, no Rio de Janeiro, no Brasil e no mundo.



Figura 1: Minha rede de sociabilidade da pesquisa PIBID História UFRJ uma Casa Comum?

Venho destacar como aporte teórico para a pesquisa “*Afetos Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa Comum” para formação de Professoras?*” que os principais referenciais relacionados aos conceitos de Ensino de História, Formação de Professores, Teoria e Filosofia da História, Pesquisa Biográfica, Tempo/Narrativa, Memória Patrimônio e Museu no qual vou operar, são predominantemente relacionados a quatro autores que são autoridades nesses campos de pesquisa: Antônio Nóvoa, Durval Muniz de Albuquerque Junior, Ana Maria Monteiro e Carmen Teresa Gabriel.

Quanto ao campo da teoria do currículo, numa visão mais ampla de macro narrativas, recorro a leituras de autores (Gabriel e Monteiro, 2013 Macedo e Lopes, 2011) e em especial a Silva (2010, p.150) que, a partir de uma abordagem pós-crítica do currículo, afirma que “O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, currículo é documento de identidade”.

A Escola no formato moderno encontra-se sob “rasura” (Hall, 2011), o que é consenso entre a maioria dos autores citados. Ao dialogar com o texto do Nóvoa, “Educação 2021: Para uma história do futuro” (2009b, p 11- 17), onde o autor coloca de forma explícita o risco que podemos correr na História da Educação ou mesmo na formação de professores de pensar futuro me remeteu mais uma vez a questão da pesquisa.

Trouxe para minhas reflexões a leitura do artigo de Nóvoa (2017), onde o autor se posiciona sobre a relevância do problema levantado, e a pesquisa realizada, devido a uma grande insatisfação, que resulta da existência de uma distância profunda entre as nossas ambições teóricas e a realidade concreta das escolas e dos professores, como se houvesse um fosso intransponível entre a universidade e as escolas, como se a nossa elaboração acadêmica pouco tivesse contribuído para transformar a condição social profissional dos professores.

Outro argumento que se faz necessário é que a escola atenda as demandas do tempo presente, e que não deve ficar imobilizada, reproduzindo um modelo conservador, pouco atrativo, e ineficaz.

Ao repensar o campo de Formação de Professores o autor reconhece a necessidade de uma transformação profunda do campo, e não aceita a sua substituição por lógicas de mercado e de desintegração de instituições, pois considera que, apesar das suas fragilidades, têm um papel insubstituível na afirmação dos professores e da educação.

Dentro desse contexto, a pesquisa e os argumentos desse autor, vem contribuindo para que outros pesquisadores possam pensar políticas públicas de formação de professores existentes, que tenham formato parecido com o desenho curricular proposto por Antônio

Nóvoa, com argumento da centralidade do docente na formação, valorizando a profissão professor.

Para defender a pesquisa de História do tempo presente, me refiro a Marieta de Moraes Ferreira (2013), que, em seu texto, ressalta o desprezo dos “historiadores universitários” pela História recente, colocando esse campo de estudo como monopólio dos historiadores amadores.

Essa maneira de fazer História, ao valorizar os estudos das estruturas dos processos de longa duração, atribuía as fontes seriais e as técnicas de quantificação uma importância fundamental. Em contrapartida ao desvalorizar o papel do indivíduo, das conjunturas, dos aspectos culturais e políticos, também desqualifica o uso dos relatos pessoais, dos relatos de vida e das biografias (FERREIRA, 2013, p. 17).

Esse tipo de História deslegitimava o historiador que vivenciou parte da História ou seus testemunhos. Em contrapartida, Ferreira rompe com a ideia de necessidade de distanciamento para a realização da análise histórica citando o historiador francês Roger Chartier e mostrando que, para maior entendimento da realidade estudada, unindo o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador àqueles que fazem a História, a falta de distanciamento pode ser um instrumento de auxílio (FERREIRA, 2013, p 21).

O campo de Ensino de História sofre uma desqualificação na disputa entre Historiadores. Essa hierarquização vem muitas vezes, de Historiadores que exercem também a função de professores universitários, pois no Brasil são raros os “verdadeiros historiadores” que não sejam professores, a profissão para os historiadores, é geralmente o ensino. Sendo assim, é demarcado a hierarquização entre professores de História universitários, que na demanda de sua função, abarca pesquisa e produção acadêmica e professores de história da Educação Básica, como se essa profissão envolvesse menos esforço intelectual e teórico. Isso reflete no campo acadêmico em relação divisão advindos da História e da Educação no que se refere à prática e Ensino de História atribuindo um valor menor ao último.

A partir do lugar institucional de onde pertencço GEHPROF/UFRJ, coordenado pela professora Ana Maria Monteiro, me oponho a esse posicionamento preconceituoso da postura de superioridade da graduação em História, considerando que a licenciatura em História abrange o conhecimento multifacetado, dialógico e complexo. Nele se pretende refletir sobre os desafios do trabalho docente onde acontece a transmissão de saberes e a constituição de posturas teóricas. O que significa que a licenciatura em História opera tanto com Teoria da História, Historiografia quanto com “conhecimento didático pedagógico (teorias do currículo, história da educação, didáticas).

“No caminho que está o sentido da nossa *profissão professor*. Nós nunca vamos chegar a lugar nenhum, nós vamos caminhar” (NÓVOA 2016). Na sua afirmativa ele privilegia o processo ao mesmo que fala na primeira pessoa do plural, *nós*, as professoras, nós a Equipe do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014), a Casa Comum. “*Enquanto houver sol, enquanto houver sol. Ainda haverá... É caminhando que se faz o caminho...*” (BRITO, 2003).

1.4. LATTES, E OUTRAS NARRATIVAS DE SI PUBLICADAS

Dia Branco
 Se você vier pro que der e vier
 Comigo Eu lhe prometo o sol Se hoje o sol sair
 Ou a chuva se a chuva cair
 Se você vier até onde a gente chegar
 Numa praça na beira do mar
 Num pedaço de qualquer lugar
 Nesse dia branco se branco ele for
 ... Se você quiser e vier Pro que der e vier... Comigo (AZEVEDO, 1981)

O convite para participação na pesquisa teve grande adesão. Os participantes aceitaram diversos desafios dentre eles a identificação pessoal que foi através da linguagem escrita, imagens, áudios, vídeos. A pesquisa contempla um estudo da construção de saber no interior de uma comunidade disciplinar, o campo do Ensino de História, a partir de uma análise que privilegia os sujeitos do campo, considerando suas trajetórias formativas. A identificação favorece trazer a dimensão corporal, a diversidade de almas, e para firmar esse desejo de participar estabelecemos um contrato biográfico. Além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelos participantes, conversamos verbalmente sobre um “contrato biográfico”.

Texto vivo vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre **DIA BRANCO – (Geraldo Azevedo – 1981)** no canal do Youtube - Autobio Prof. Contrato Biográfico disponível em: <https://youtu.be/RDPDBSif5zc>.

Além do Ateliê Biográfico de Afetos, outras escritas desses professores da educação básica, licenciados em História da UFRJ e professores formadores da Educação e da História UFRJ, foram utilizadas para reflexões como a apresentação da Plataforma Lattes certificada pelo autor, as redes sociais Facebook, Instagram, agradecimentos de monografias de conclusão da graduação, de Pós-graduação CESPEB FE/UFRJ, dissertações de mestrado PPGE UFRJ e Tese. “O importante é construir um percurso integrado e colaborativo, coerente, de formação” (Novoa, 2017, p 1116). A intenção é refletir na subjetividade desses sujeitos, destacando o papel

central dos professores na produção do conhecimento histórico escolar - não só dominam, mas produzem saberes (Monteiro, 2007).

Decidi apresentar os participantes da pesquisa através das suas próprias escritas sobre si. O critério utilizado para selecionar o texto introdutório do Lattes, refere-se ao fato de que a maioria dos participantes já utilizaram a plataforma pois eram bolsistas da CAPES, ou atualmente estão fazendo graduação, mestrado, doutorado. A lógica é diminuir a ênfase na “moral produtivista neoliberal no contexto acadêmico” (MAURENTE, 2019) e privilegiar as formas de questionamento e resistência que se articulam nas relações dos sujeitos consigo mesmos, que rompem com esse paradigma. Meu propósito não é diminuir a importância da produção acadêmica e do Currículo Lattes, mesmo porque como pesquisadora tenho muito prazer e me sinto privilegiada em fazer parte da Faculdade de Educação PPGE/UFRJ. Admito que invisto com “disposição pessoal” tendo o desejo de ser reconhecida como mestre em Educação. Estou utilizando essa apresentação dessa plataforma pública entendendo o Currículo Lattes como um potencial de “narrativa de si” e biografização e instrumento para que a própria participante da pesquisa se apresente. Minha intenção não é analisar discursos, ausências, presença, produção acadêmica, muito menos se há relevância no Currículo Lattes. Tampouco pretendo hierarquizar sujeitos na pesquisa e prestigiar diplomas, titulações, prêmios, quantidade de livros e publicações. A Plataforma Lattes apesar de ser o maior repositório de pesquisadores do mundo, privilegia as áreas das Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharia / Tecnologia, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias em contraposição às Ciências Sociais, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes. O Currículo Lattes é um território de poder e saber, onde a produtividade se assemelha ao produtivismo neoliberal, com pressupostos de “qualidade total” contidos no discurso empresarial, sendo incompatíveis com projetos pedagógicos, que envolvem diferentes sujeitos em contextos históricos, políticos, sociais e teóricos metodológicos diversos. Não podemos pensar em um estudante como um produto, fomentando projetos políticos pedagógicos com conceito de eficiência e eficácia, per capita por estudante e reduzindo a números, retirando as subjetividades. Esse fundamento consumista e extrativista acaba designando os efeitos da lógica econômica utilitarista e meritocrática no cotidiano de produção de conhecimento. A avaliação de pessoas e programas como se fossem produtos não pode ser utilizada para hierarquizar experiências. Nas pesquisas biográficas não são atribuídas notas, muito bom, bom, ruim, regular ou péssimo, os valores são outros. No caso dessa pesquisa o valor é o Afeto: o amor, a dor, o desejo, a vontade, o carinho, a paixão, o sonho, a angústia, a esperança, o medo, a coragem, a luta, a revolta, a transgressão, a resistência, a resiliência, a insistência... e o que foi ... o que é ... o que será... O pedagógico é gente, não é

coisa, não é produto. Como diz o poeta “Gente é pra brilhar e não pra morrer de fome”¹⁴. Para o Ensino de História, o livro da Ana Maria Monteiro “*Professores: Entre Saberes e Práticas*” é mais lido entre os professores, inclusive da Educação Básica, do que artigos publicados na revista “Qualis A”, assim como os Livros do Historiador e Professor Durval “A Invenção do Nordeste” (2011) ou a “Invenção do Falo” (2013) pode ser lido por Historiadores, professores de História, outras áreas de interesse como também por leigos, divulgando os conhecimentos e saberes para um público maior. Outro exemplo é o Paulo Freire que sua produção é lida em várias partes do mundo e o próprio alfabetizando, quando aprende a “ler o mundo” tem compreensão de sua escrita e se desejar, tornar-se professor, utiliza o “método Paulo Freire”.

Por fim, é importante dizer que a moral produtivista encontra também enfrentamentos na constituição de exercícios de liberdade que questionam seus fundamentos. Eles se afirmam em recados nas plantas, chás de jasmim, pausas na escrita, caminhadas na chuva, encontros com outros estudantes, escolha por narrativas não hegemônicas na academia, como quadrinhos e fotografia. Precisamos estar atentos a esses tensionamentos, pois eles nos mostram caminhos singulares e práticas de si que permitem “morrer apenas o necessário” neste “abismo que nos cerca”. (MAURENTE, 2019 p.13)

O Currículo Lattes é insuficiente para representar todos os participantes da pesquisa seja porque alguns não necessitam da plataforma por não seguirem a carreira acadêmica, intelectual, ou científica seja porque a proposta dessa pesquisa é ultrapassar a fronteira da linguagem do texto escrito e pensar “Corpo-Território como Argumento Curricular de Resistência” (ROCHA, 2019). Para alguns participantes da pesquisa o Currículo Lattes está desatualizado, mesmo que estejam exercendo a função de professor, seja de História, de línguas, de outras disciplinas, de dança ou de artes. Por isso apresento também a foto do perfil do Facebook, ressaltando que nessa rede social o uso não está tão frequente, algumas pessoas migraram para o Instagram. É importante observar a data da última publicação que representa um dado momento pessoal, histórico, social, político. As fotos do perfil dos participantes são individuais e performam suas identidades de acordo com a forma como desejam que sua imagem seja vista num espaço/tempo que está em constante movimento, é fluido e é relacional.

Os Professoras formadoras inseridas nesta pesquisa através de “Ateliê Biográfico de Afeto” e “narrativas de Si” são: Professora Ana Maria Monteiro e Professora Carmen Teresa Gabriel FE/UFRJ, Professora Perpétua Domingues e Professora Viviane Grace Costa de História da Educação Básica da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC). Compondo a equipe do CIEP BRIZOLÃO - 303 AYRTON SENNA participam ex-licenciandos

¹⁴Essa frase foi o Professor Durval Muniz que manifestou na minha qualificação no Projeto de Pesquisa.

de História da UFRJ, Luisa Tavares, Daniel Sideris, Marlon Rocha, e ex-estudantes do ensino médio Alex Santos, Tainá Ferreira. A Equipe do C.E. Antônio Prado Junior com a disposição pessoal para atuar foi de 100% dos ex-licenciandos; Fernanda Terra Moura, Marcella Albaine, Vítor Correia, Rômulo Machado, Jorge Lima e, como ex-aluna do Ensino Médio. Integra-se também à pesquisa Gabriela da Silveira.

1.4.1. “EUS” NO CURRÍCULO LATTES, PORTIFÓLIO, FACEBOOK

Alex Santos



Captura de Tela 4: <https://www.facebook.com/alexsantos96>

PORTIFÓLIO

<https://alexsantosasa96.wixsite.com/asasantosport/blog>



ASA SANTOS

Artista • Bailarino • Coreógrafo • Escritor • Professor

"O valor do artista é respirar a sua arte"

Bem-vindo ao portfólio online do Asa Santos. Bailarino, Coreógrafo e Professor. Ele busca com sua arte não apenas se expressar, ele procura fazer com que aqueles ao seu redor possam ter uma outra visão do que é arte e ser artista.

Experiências Profissionais:

Com Companhia Dança	rua de	De janeiro de 2016 a dezembro de 2018	Fez parte da composição de bailarinos da companhia e em seu último ano se tornou solista, sendo também um dos assistentes de coreografia. Continuou atuando em alguns eventos do espetáculo "Ronco dos Motores", mesmo após a sua saída.
Rede Globo		De setembro de 2015 a março de 2020	Atuou em alguns programas e novelas como bailarino. Sendo estes, tais como: no programa "É de Casa" com o coreógrafo Fly, onde houve um flashmob.

		"Malhação" e "Éramos Seis" com a coreógrafa Tatiana Estrella.
Eventos	De janeiro de 2016 a março de 2020	Em alguns eventos atuou como bailarino e/ou assistente. Entre eles se destacam Comissão de Frente (Carnavais de 2016-2020; 8XJazz (2018); CBDD (2018-2019); Copa América (2019). XDance (2018-2020)
PROJETOS		@aix.movewww.youtube.com/c/AsaSantos

"Todo artista é uma loucura de sua expressão"



Captura de Tela 5: <https://alexsantosa96.wixsite.com/asasantosport/blog>

Tainá Ferreira



Captura de Tela 6: <https://www.facebook.com/taina.fl>
Último compartilhamento 13/05/2021

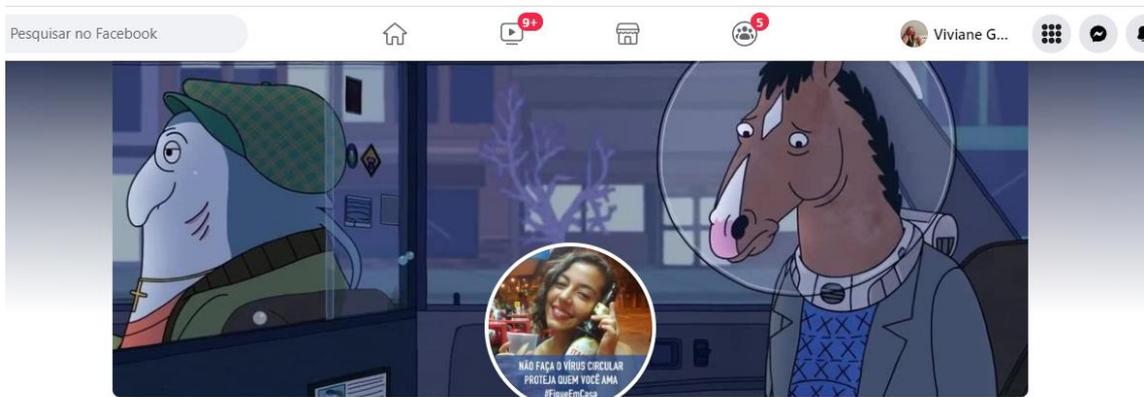


TAINÁ FERREIRA DE LIMA

Escritora polímata, cursando Licenciatura em Letras Português/Literatura na Universidade Federal Fluminense. Com interesse acadêmico em literatura fantástica, gótica, romantismo sombrio e horror cósmico. Atualmente com um livro publicado, e escrevendo três outros, a saber, nos gêneros horror, literatura infanto-juvenil e poesia. Além disso, realiza estágio de docência no Pré-Vestibular Social CEFET.

Certificado pela autora em 01/09/2021.

Gabriela da Silveira



Gabriela de Oliveira

Captura de Tela 7: <https://www.facebook.com/gabriela0912>
Último compartilhamento 07/12/2020



GABRIELA NATAL DE OLIVEIRA DA SILVEIRA

Graduada em filosofia pela Universidade Federal Fluminense (2018). Atualmente cursa mestrado em filosofia pela Universidade Federal Fluminense. Investiga o conceito de sensus communis em Kant e suas ramificações morais e pedagógicas. Tem interesse nas áreas de filosofia moderna, ética, educação e estética. Cursa também graduação em Letras, com habilitação português-grego.

Certificado pelo autor em 02/05/2021.

Luisa Tavares

Captura de Tela 8: <https://www.facebook.com/luisa.tavares.50>
Última publicação em 19/08/2021

**LUÍSA DA FONSECA TAVARES**

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE). Mestra pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio. Graduada em História pelo Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IH-UFRJ). Foi bolsista de iniciação científica/CNPq da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) / História / CAPES. Tem experiência na área de Educação em espaço não-formais com ênfase em museus e cultura material. Possui graduação em Produção Cultural pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (2013).

Certificado pelo autor em 20/01/2021.

Daniel Sideris

no Facebook

9+ 5

Viviane G...

Daniel Sideris

Publicações Sobre Amigos 3093 Fotos Vídeos Mais

Amigos Mensagem

Captura de Tela 9: <https://www.facebook.com/daniel.freitas.8798>
Última publicação em 23/09/2021



DANIEL RICARDO SIDERIS DE FREITAS

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013).
Certificado pelo autor em 02/06/2014.

Marlon Rocha

ar no Facebook

9+ 5

Viviane G...

Marlon Rocha

Publicações Sobre Amigos 745 Fotos Vídeos Mais

Amigos Mensagem

Captura de Tela 10: <https://www.facebook.com/marlon.rocha.104>
Última publicação em 19/09/2021



MARLON BRITO ROCHA

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014). É Mestre do Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da mesma universidade. Tem experiência na área de História Política, na qual desenvolve uma pesquisa sobre intelectuais liberais mexicanos na primeira década do XX.

Certificado pelo autor em 04/11/2015

Fernanda Terra Moura



Captura de Tela 11: <https://www.facebook.com/fernanda.terramoura>
Última publicação 04/10/2021



FERNANDA GABRIELLY TERRA MOURA

Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, através do qual desenvolve pesquisa sobre feminismos no mundo árabe-muçulmano, com ênfase no Marrocos contemporâneo. É também especialista pelo Programa de Pós-graduação Lato Sensu em Tecnologias Digitais Aplicadas ao Ensino do Instituto Federal do Rio de Janeiro, onde desenvolveu projeto sobre os usos de tecnologias digitais na NEJA e CEJA. Bacharela e licenciada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realizou pesquisas na área de História Antiga Oriental, com ênfase em Egito Antigo. Além disso, foi bolsista Capes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do subprojeto de "História pra que te quero História" da UFRJ, entre 2011.2 e 2013.2, quando elaborou e realizou oficinas pedagógicas voltadas para o ensino de História. Atualmente é membro externo do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) - campus Niterói e também colaboradora externa do Projeto de Extensão intitulado: Curso de Capacitação online sobre a História e a Cultura Afro-brasileira e Africana da mesma instituição.

Certificado pela autora em 04/04/2021.



Captura de Tela 12: <https://www.facebook.com/ferterra.mourisco>

Marcella Albaine



Captura de Tela 13: <https://www.facebook.com/marcella.albaine>
Última publicação em 27/09/2021



MARCELLA ALBAINE FARIAS DA COSTA

Pós doutoranda em Educação pela UFRGS. Doutora em História pela UNIRIO, mestre em Educação, especialista em Tecnologias da Informação Aplicadas à Educação e graduada em História pela UFRJ. Foi assessora pedagógica na área de História, Filosofia e Sociologia, atuou como professora da Educação Básica, docente substituta de Prática de Ensino e Didática de História na Faculdade de Educação da UFRJ e docente convidada do curso de Especialização Saberes e Práticas (CESPEB/UFRJ) no módulo Debates Contemporâneos sobre Mídia e

Tecnologia. Foi bolsista CAPES do Programa de Iniciação à Docência (PIBID/História/UFRJ) durante a graduação e bolsista CAPES do Programa Observatório da Educação (OBEDUC/UFRJ) durante o mestrado, tendo atuado como avaliadora do MEC dos livros didáticos de História no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Pesquisa sobre Ensino de História, História Digital e Humanidades Digitais, sendo membro do Laboratório de Ensino de História e Educação (LHISTE/UFRGS) e do Grupo de Pesquisa Memória Digital: Arquivo e Documento histórico no Mundo Contemporâneo (UNICAMP). Autora dos livros Ensino de História e games: dimensões práticas em sala de aula (2017) e Ensino de História e historiografia escolar digital (2021) e coordenadora do Projeto Bate Papo sobre Ensino de História, desenvolvido em parceria com a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Contato: <https://marcellaalbaine.wixsite.com/ensino> ou marcellaalbaine@gmail.com.

Certificado pela autora em 16/09/2021.

Vítor Correia



Captura de Tela 14: <https://www.facebook.com/vitaoagc>
Última publicação em 29/09/2021



VÍTOR ALBERTO GONÇALVES CORREIA

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014).

Certificado pelo autor em 25/05/2015. Atuou como professor de História da rede privada e hoje atua como professor de línguas em setembro de 2021

Rômulo Machado



Captura de Tela 15: <https://www.facebook.com/romulo.machado.12>
Última publicação em 28/07/2021

RÔMULO DOS SANTOS MACHADO

Graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016), atua como professor no Pré-Vestibular Comunitário Solidariedade desde 2019 e na Prefeitura de Maricá desde 2021. Certificado pelo autor em 30/09/2021

Jorge Lima



Captura de Tela 16: <https://www.facebook.com/jorge.lima.710>
Última publicação em 23/04/2021



JORGE HENRIQUE OLIVEIRA DE LIMA

Graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013). Trabalha como instrutor do curso de História da Arte em SESC Rio de Janeiro. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Antiga e Medieval, com especialização nessa área pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro (2016). Mestrado na área de História Medieval pelo Programa de Pós-Graduação em História da UNIRIO, com pesquisa sobre os manuais de confissão portugueses da Baixa Idade Média. Certificado pelo autor em 15/09/2020.

Professora Perpétua Domingues



Captura de Tela 17: <https://www.facebook.com/perpetua.domingues>

Última publicação em 27/04/2021



MARIA PERPÉTUA BAPTISTA DOMINGUES

Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua como coordenadora pedagógica na SME/RJ e como professora do Ensino Médio na SEEDUC/RJ. Participou como membro do Grupo de Estudos Currículo, Cultura e Ensino de História (GECCEH/UFRJ). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino de História, atuando principalmente nos seguintes temas: história indígena e currículos de história. Certificado pelo autor em 07/01/2020.

Professora Viviane Grace



Captura de Tela 18: <https://www.facebook.com/vivianegrace.costa/>
Última publicação em 30/09/2021



VIVIANE GRACE COSTA

Especialista em Ensino de História – CESPEB- FE/UFRJ (Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica– Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro), 2014. Graduação bacharel e licenciatura e em História pela Faculdade de Humanidades Pedro II (1992). Professora da Educação Básica de História da SEEDUC/RJ (Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro). Mestranda do PPGE, FE/UFRJ. Participa do GEHPROF (Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de História e Formação de Professores) na pesquisa “Tempo Presente no Ensino de História, Historiografia, Cultura e Didática em diferentes contextos curriculares” Coordenado pela Dra. Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro, vinculado ao LEPEH (Laboratório de Pesquisa em Ensino de História) e ao NEC (Núcleo de Estudos de Currículo) da Faculdade de Educação da UFRJ. Pesquisa Afetos, Memória e narrativas: PIBID DE HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma casa comum para formação de Professoras? Foco de pesquisa em seguintes temas: Ensino de História, Afetos, Memória, Pesquisa autobiográfica, História, Cultura Escolar, CIEP, Rocinha, PIBID História UFRJ, Tempo Presente. Diálogo com teorias pós-estrutural, pós-crítica, pós-colonial, pós-humana e queer, em perspectiva epistemológica, cultural e política, não deterministas e/ou essencialistas, desconstruindo à unidade e à coerência do “eu” intacto e plenamente consciente das práticas autobiográficas. Certificado pela autora em 30/09/2021.

Professora Carmen Teresa Gabriel



Captura de Tela 19: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100010438664627>

Última publicação em 20/09/2021



CARMEN TERESA GABRIEL LE RAVALLEC

Carmen Teresa Gabriel concluiu o Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) em 2003. É bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal Fluminense (1980), possui pós-graduação em Estudos do Desenvolvimento pelo Institut d'Études du Développement - IUED (1982 Genebra) e mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1999). Realizou pós-doutorado na Université des Sciences Humaines de Lille 3 (França) com apoio da CAPES agosto 2014-julho 2015). Coordenou de 2009 a 2013 o Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRJ (PPGE). Coordenou o PIBID/História da UFRJ de 2009-2013. Entre 2011-2013 integrou a diretoria da ANPED. Desde 2011 é Professora Titular de Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Exerceu o cargo de Diretora na Faculdade de Educação entre 2016 e 2019. Atualmente coordena o Comitê Permanente do Complexo de Formação de Professores (CFP) da UFRJ. É bolsista de produtividade de Pesquisa do CNPq e Cientista do Nosso Estado /CNE (FAPERJ). Atua em orientação, pesquisa e docência nas áreas de Currículo e de Ensino de História na graduação (Curso de Pedagogia e de Licenciatura de História da UFRJ) e nos programas de Pós-graduação em Educação (PPGE /UFRJ) e programa de Pós-graduação em ensino de História (PROFHistória/IH/UFRJ). Coordena o grupo de pesquisa Currículo, Conhecimento e Ensino de História (GECCEH) e integra também como pesquisadora o Núcleo de Estudos de Currículo

- NEC da Faculdade de Educação/UFRJ , o Laboratório de Estudos e Pesquisa em Ensino de História (LEPEH) e o grupo de pesquisa interinstitucional Oficinas da História. Participa ainda de grupos de pesquisa no Centre Interuniversitaire de Recherches en Education de Lille (CIREL). Possui publicações em periódicos qualificados nacionais e internacionais, capítulos de livros e em anais nas áreas do Currículo e do Ensino de História. Suas pesquisas recentes, financiadas pelo CNPq, CAPES e FAPERJ operam com o entendimento de currículo como espaço biográfico em meio à estruturação discursiva de uma ordem social desigual, focalizando a articulação entre processos de subjetivação docente/discente e de objetivação do conhecimento em diferentes contextos de formação.

Certificado pela autora em 09/09/2021

Professora Ana Maria Monteiro



no Facebook

9+

6

Viviane G...

Ana Maria Monteiro

Publicações Sobre Amigos 471 Fotos Videos Mais

Amigos Mensagem

Captura de Tela 20: <https://www.facebook.com/anamaria.monteiro.129>

Última publicação em 27/09/2021



ANA MARIA FERREIRA DA COSTA MONTEIRO

Bacharel e Licenciada em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense e Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Pernambuco, sob a supervisão de Durval Muniz de Albuquerque Junior (2017). Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPQ nível 2, é professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ e do

Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Mestrado profissional - PROFHistória/CAPES/UFRJ. Integra o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História-LEPEH/UFRJ, o Laboratório do Núcleo de Estudos Curriculares - NEC da Faculdade de Educação/UFRJ e o Grupo de Pesquisa interinstitucional Oficinas da História. Desenvolve pesquisas sobre currículo nas áreas de Educação e História, com foco nos seguintes temas: Ensino de História, docência, formação de professores, história do currículo e das disciplinas escolares, saberes docentes e conhecimento escolar. Integrou a diretoria da ANPUH entre 2005 e 2009 e exerceu a função de Diretora da Faculdade de Educação da UFRJ de 2008 a 2015. De 2018 a 2020 atuou como coordenadora adjunta nacional do Programa de Pós-graduação em Ensino de História-PROFHISTÓRIA da UFRJ/CAPES. Certificado pela autora em 28/09/2021.

1º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 28/09/2020

Professora Carmen Teresa Gabriel: “Eu me lembro de uma viagem ao Maranhão, a gente tomando caipirinha, eu falando que elas estavam todas sem namorado, achando aquilo um absurdo, que elas estavam sem namorado.”

Marcella Albaine: “Só fazendo um comentário rápido, eu lembro da Carmen dando bronca em mim e na Luisa porque a gente ia olhar o currículo lattes dos caras.”

Fernanda Terra Moura; “eu levei as coisas que você falou para a minha vida. E eu me casei por causa do seu conselho, juro! (mãos juntas)”

Professora Carmen Teresa Gabriel: “É, essas meninas iam namorar, olhando o currículo lattes. Vê se pode!!”

Uma forte potência do PIBID, enquanto um programa de política pública é a autonomia que permite que cada subprojeto, cada proposta, tenha sua singularidade. A proposta desta pesquisa é trabalhar com subjetividade dos sujeitos da pesquisa. Afirmo que o PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) é uma experiência única. Sendo assim não pretendo fazer uma vasta bibliografia expandida sobre o PIBID, um levantamento quantitativo e qualitativo de teses e dissertação que pouco ou nada acrescentariam para o diálogo com Subprojeto “História pra que te quero” PIBID HISTÓRIA UFRJ.

Sou obviamente influenciada pelo trabalho da reconceptualização que pensou a teorização como uma tarefa intelectual criativa ao invés de uma base para prescrições ou para um conjunto de princípios e relações testáveis e mensuráveis ...Em vez disso, revisões constantes do que e de quem pode constituir conceitos de “currículo” em qualquer contexto educacional são todas parte da “conversa complicada” que é o currículo. E ensinar é participar ativamente dessa conversa complicada. (MILLER, 2014 p.2045)

Ao operar com processos de biografização, pretendo apontar complexidades subjetivas e materiais que professores formadores, licenciandos e estudantes encaram todos os dias quando se envolvem uns com os outros, com os conteúdos de “História” e com tentativas de “entender” experiências educacionais, no processo cotidiano da prática na cultura escolar.

Sendo assim o interesse que tenho nesse levantamento biográfico volta-se para as Dissertações que remetem ao PIBID HISTÓRIA UFRJ, ou as professoras formadoras ou demais sujeitos dessa pesquisa. Inicialmente ressalto a importância da Dissertação de Mestrado, de Marcella Albaine Farias da Costa (2015), *“Currículo, História e Tecnologia: que articulação na formação inicial de professores?”* A autora problematiza a relação entre História, currículo e tecnologia, escolhendo-se como foco o lugar atribuído a essa última por licenciandos do PIBID HISTÓRIA UFRJ, desta área disciplinar nas suas trajetórias de formação. Utiliza a plataforma para sustentar a potencialidade de uma web no currículo de História e na biografização dessa iniciação docente. Marcella Albaine teve sua iniciação à docência e a pesquisa no PIBID HISTÓRIA UFRJ, com o privilégio de ter como orientadora a Dra. Carmen Teresa Gabriel, no PPGE/UFRJ. Ao reler esse trabalho, consigo identificar marcas imprimidas na escrita e na fala tanto de Carmen Teresa Gabriel como de Marcella Albaine em suas narrativas e discursos acadêmicos. Aí encontramos expressos os laços entre Orientadora e Mestranda que se misturam e a partir desse contado com o “outro como elemento incontornável na produção do conhecimento Histórico escolar” (GABRIEL 2013). Esse encontro na cultura acadêmica, promoveu transformações em que Marcella e Gabriel modificam, alternam, trocam se deslocam em suas criações, invenções, teorias do currículo e conhecimento no Ensino de História.

Na dissertação de mestrado da Professora Supervisora Maria Perpétua Batista Domingues, *“Entre silêncios, pretéritos e demandas do presente: narrativas indígenas no livro didático de história”* (2016) encontram-se rastros desse processo de formação continuada e da influência do PIBID HISTÓRIA UFRJ, não tanto na formação profissional como professora de História da Educação Básica, mas principalmente quanto à formação acadêmica mestre em Educação pelo PPGE/UFRJ, mergulhando no oceano do conhecimento histórico escolar em dupla com a Orientadora e Formadora de Professores Dra. Carmen Teresa Gabriel. Perpétua Domingues permaneceu como Professora Supervisora do PIBID HISTÓRIA UFRJ, até 2016.

A monografia de minha autoria, Viviane Grace Costa **“Operando com História, Memória, Ensino de História – CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA”** (2014), Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB) dá ênfase em Ensino de

História, – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que é resultado do PROJETO MÉMÓRIA DO CIEP 303 – AYRTON SENNA, onde era uma das ações do PIBID HISTÓRIA UFRJ. A monografia trata, especificamente, a relação entre *História, Memória e Ensino de História*. O eixo principal é uma reflexão acerca da relação entre escola e comunidade da favela da Rocinha, abordando os processos identitários dos alunos moradores, professores, licenciandos da UFRJ, funcionários e comunidade local. O destaque para essa pesquisa se dá no capítulo 3 sobre Ensino de História onde em um subitem faço uma Avaliação de impacto imediato com os licenciandos do PIBID HISTÓRIA UFRJ. Nesse contexto, através do diálogo com e entre esses estudantes, consigo capturar, alguns *flashes*, da sensibilidade de experimentarem em um período de dois anos a prática no Ensino de História para moradores da favela da Rocinha.

Como foi para esses estudantes subirem o morro pela primeira vez? Como cada um deles lidou com os incômodos e desconfortos de falta de professores, suspensão de aula em função de tiroteio, implementação de UPP, criatividade e vivências, marcadas por imigração nordestina idas e vindas, fortes histórias de vida, efervescência cultural de uma favela. Todos os cinco licenciandos eram “não pretos”, tiveram o ensino médio em escola privada, e pode-se dizer que pertenciam a uma classe média. Nesta pesquisa, eu tive o privilégio de construí-la em conjunto com as Coordenadoras do Programa Carmen Teresa Gabriel e Ana Maria Monteiro, onde neste período estavam com produções relacionadas à memória, ao patrimônio, dentre outras. Nesse sentido, tive três orientadoras para contribuir com a construção da pesquisa, as duas citadas e a Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante, que tatuaram na minha pele suas marcas dos saberes, e práticas. Foi com muito prazer que me debrucei nas leituras de autores com os quais essas autoridades em Ensino de História operavam, Paul Ricoeur, Certeau, Chevallard, Hartog, Nora, Eric Hobsbawm, Jacques Le Goff, “injetados diretos na veia”.

2. A DISPOSIÇÃO PESSOAL DE TORNAR-SE PROFESSOR/A DE HISTÓRIA

O PIBID de História UFRJ (2011-2014) foi construído, criado e inventado por Professores e estudantes com *disposição* para *ocupação* de espaços e lugares material/imaterial/virtual/presencial, dos corpos/almas. Assim como o MST (Movimento Sem Terra), o MTST (Movimento dos Trabalhadores sem Teto) ou no melhor exemplo de todos que foi a OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS no Brasil que pode ser sentida através da Música Lutar e Vencer, interpretada pelos Tribalistas Marisa Monte, Arnaldo Antunes, e Carlinhos Brown “pois é se vencermos uns aos outros assim não serve, né meu bem, o negócio é vencer a si mesmo.”(TRIBALISTAS 2017)

Desde o início deste século, ou seja, há mais de 20 anos, Nóvoa vem reforçando que a desprofissionalização dos professores tem sido acentuada por políticas de Educação, ressaltando a necessidade de haver mudanças na escola em um contexto social em transformação. “Venha logo, não demore estamos esperando você venha, chegue junto somos fortes pra lutar e vencer... Somos emergência de revolução, temos consciência e educação” (2017 – TRIBALISTAS). Assista ao vídeo Introdução ao canal! disponível em: <https://youtu.be/HyUFCU-oq4Q>.

Início estas reflexões pensando o “Eu”, o meu processo de me formar professora fluída e híbrida, mergulhando na heterobiografização (DELLORY-MONBERGER, 2008), escrevendo minha biografização no “privado”, da pele pra dentro, criando laços e dialogando com todos esses autores, realizando performances nesse processo, para reescrever para o “público” da pele pra fora, a dissertação. Começando por mim esse mergulho profundo, para além da razão, utilizando diversos sentidos, todas as moléculas do meu corpo, da minha pele, dos ouvidos, olhos, boca e nariz, mãos, pernas e útero, palavras e coisas humanas e não humanas. A partir de então, tenho a pretensão e ousadia de trabalhar as subjetividades no encontro, no afeto e na escuta com a equipe PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014). “Colocando em jogo as subjetividades, se desenvolve numa relação de alteridade produtora a partir dos quais se constrói um corpo comum de pesquisadores, um corpo de trabalho que se pretende formativo ao instaurar um espaço/tempo comum” (GONÇALVES, 2019).

Segue abaixo o primeiro impacto dos vídeos em conversa de áudio através do WhatsApp:

Professora Perpétua Domingues: “Assistir aos vídeos foi uma coisa impactante, é uma experiência sensorial. (...) A beleza da professora Viviane Grace se colocando, se entregando. Que é assim que você se apresenta. Você fala: “Meu nome é Professora Viviane Grace.” Isso me chamou atenção, seu brilho no olhar, sua Beleza, você é a dona da cena e você nos carrega para a cena. Segunda coisa que me impactou: a sua capacidade de movimentar todo esse turbilhão de linguagens, que tudo é linguagem, o gestual é linguagem, a linguagem corporal, a cor que você coloca ali é linguagem. Todo esse turbilhão você consegue juntar de forma incrível e se comunicar. Comunicar no sentido da comunhão. A gente está ali junto contigo, o tempo todo. A gente não está te vendo, a gente está na cena. Pelo menos foi isso que passou da minha pele para dentro. Então eu acho que você tem essa capacidade. Isso é incrível, incrível mesmo. Estou bem impressionada com essa sua capacidade. Porque é mais fácil escrever. É mais fácil escrever um artigo, não que seja uma tarefa simples, não é. Mas a sua capacidade de movimentar todo esse turbilhão de linguagens, e jogar a gente na cena. Na verdade, você joga a gente no olho do furacão.”

Pensando a profissão professora na sua dimensão ética e política me aproprio de NÓVOA (2017, p 1119) no sentido de afirmar e firmar *posição* ocupando um *espaço posicional* tanto do ponto de vista pessoal como na configuração do interior da profissão professor, o que depende de diálogos e negociações constantes e ininterruptas para *tomadas de posição*, isso é, uma afirmação pública da profissão para que as práticas, reflexões, experiências, investigações e pesquisas não evaporem no ar. Para firmar *posição* como Professora e Afirmary a Profissão Docente é necessário materializar e divulgar com artigos, publicações, congressos, convenções, simpósios nacionais e internacionais, agremiações, associações e sindicatos. Para além desses meios onde a linguagem escrita, o verbo é, os manifestos, as diretrizes e legislações são as principais formas de expressão, proponho uma verdadeira ocupação com nossos corpos, tatuados na nossa pele, se habitando as ruas, calçadas, momentos, museus, escolas, muros grafitados, praças, palcos, das redes, do canal do YouTube, Facebook, Instagram, Spotify, e toda a cidade, o Brasil e o Mundo. Parafraseando Nóvoa (2017) que levantou significado e significante com fontes dicionarísticas de *posição* como postura, condição, estilo, arranjo e opinião. Sigo refletindo sobre o significado de “*Disposição*”.

O conceito de “**Disposição Pessoal**” (Nóvoa 2017) se faz no sentido da capacidade de trabalhar as nossas histórias pessoais as nossas histórias de vida, nossas relações com a profissão. É um trabalho de autoconhecimento, muitas vezes ausente na profissão professor e na própria academia.

dis·po·si·ção

(latim *dispositio*, -onis)

substantivo feminino

1. Ato ou efeito de dispor ou de se dispor.
2. Maneira como as coisas ou pessoas estão distribuídas, colocadas ou situadas. = arranjo, colocação, ordem
3. Estado de saúde ou de ânimo (ex.: *boa disposição*, *má disposição*; *não tenho disposição mental para fazer isto hoje*).
4. Predisposição, tendência ou habilidade para algo (ex.: *disposição para as artes*). = queda
5. Intenção (ex.: *estava na disposição de ceder a sua posição*).
6. Desembaraço.
7. Ordem, regra.
8. Determinação ou preceito legal (ex.: *disposições legais*).
9. Emprego, uso (ex.: *previu a disposição dos bens depois da morte*).
10. Senhorio, domínio.
11. Presença, .aspecto, ar.
12. [Retórica] Parte da retórica relativa à organização do discurso.

à disposição • Em situação ou estado para ser usado ou ser útil (ex.: *bens colocados à disposição do adquirente*; *estamos à sua disposição*). = AO DISPOR

"**disposição**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,

Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/disposi%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 18-07-2018].

O gênero morfológico da palavra “Disposição” na língua portuguesa é substantivo feminino. No sentido semântico da “disposição pessoal” para tornar-se professoras, as quatro professoras formadoras Ana Maria Monteiro, Carmem Teresa Gabriel, Maria Perpétua Domingues e Viviane Grace Costa são do gênero feminino, são mulheres que experimentaram a educação básica, como alunas, como professoras e como formadoras de professores. Mulheres dentre elas, que além de vasta produção acadêmica vivenciam o campo da educação na escola, nas disputas políticas, no currículo, com professores da educação básica e licenciandos valorizando a dimensão prática, experimental, universitária, intelectual e investigativa. Mulheres, com seu buraco, suas lacunas, seus vazios preenchem e geram em seus úteros, práticas, saberes, sujeitos pensantes e reflexíveis, convivendo na diferença e reforçando princípios da liberdade de pensar e pesquisar, como prevê a LDB da Educação de 1996.

Nos últimos dez anos a equipe do “PIBID HISTÓRIA (2011-2014)”, dentre encontros e reencontros, explodem um turbilhão de emoções, ideias, pensamentos, sentimentos, aonde vamos nos reconstruindo a cada momento, tatuando nossos corpos, revelando os cabelos brancos, ou assumindo os Black Power, colorindo ou descolorindo, cortando cabelos longos ou mantendo curtos, preservando a elegância do corte penteado ou despenteados, barbas crescidas ou raspadas. Vozes ficando cada vez mais firmes e claras. A euforia refletida no corpo agitado, no brilho dos olhos, no sorriso discreto ou em gargalhadas excessivas. Esses são os humanos e pós humanos que viemos a ser a cada minuto do tempo nessa “Ciranda da vida, que gira e faz girar a roda da vida que gira”(VILA, 1985).

Esse time, como descrito no dicionário tem total *disposição*, ânimo, tendência ou habilidade, queda, intenção desembaraço determinação domínio, presença, estando ao inteiro *dispor* para ser, agir sentir, conhecer e intervir como professor de História e para além disso como ser humano no nosso planeta com responsabilidade política, ética, poética e social para uma filosofia que predomine a do coletivo, a “Casa Comum (NÓVOA 2017)”.

2.1. EU AGRADEÇO!! MUITO OBRIGADA!!

O que dizer do sentimento de gratidão em relação a professores que passaram por nós? Quantas marcas temos em nossas trajetórias que foram inspiradas nesses bons exemplos? Elas são o conhecimento, as frases, as palavras, sorrisos, acolhimento, indignação, gestos, lugares que ficam na nossa memória.

Minha intenção é dialogar com as monografias de conclusão do curso de História dos licenciandos, dissertações e teses na parte dos “*AGRADECIMENTOS*”, que representam uma “biografiação” de um sentimento comum entre estudantes e professores que é a “*Gratidão*”, marcas essas anunciadas no conceito de “Professores Marcantes”¹⁵ elaborado por Ana Maria Monteiro. Nessas monografias é possível reconhecer o impacto imediato do PIBID HISTÓRIA UFRJ. A maioria dos licenciandos que entregaram a monografia para conclusão do curso tinham vivenciado recentemente a experiência do PIBID entre 2012 até 2016.

Operando com perspectiva teórica que compreende o currículo como arena cultural, 'espaço-tempo de fronteira'(MACEDO, 2006)¹⁶, busco superar certas dicotomias, tais quais as

¹⁵Professores marcantes, na conceituação adotada na pesquisa, seriam aqueles que, no ensino médio, marcaram seus alunos por meio do Ensino de História e, de alguma forma, teriam orientado esses alunos na opção pelo curso de História na graduação. (MONTEIRO e PENNA, 2011)

¹⁶O conceito de currículo como espaço tempo de fronteira cultural como entre-lugar. No sentido de não se fixar nas distinções entre cultura, economia e política, mas que entenda que o cultural, ao ser refuncionalizado como

existentes entre prescrição e realização, currículo proposto e vivido, conhecimento cotidiano e escolar. Nesse sentido, penso que os afetos de que falo na pesquisa, caminham juntos com os saberes docentes, com os processos de didatização envolvidos na construção do conhecimento escolar. O professor marcante, é aquele concebido como “mobilizador” de saberes específicos à disciplina ministrada, mas também na concepção dos estudantes outros sentidos e saberes são identificados e atribuídos. A vontade de saber despertada e seu aspecto marcante para o estudante indicam uma concepção de professor marcante que estimula, possivelmente através de saberes específicos, a busca por conhecimento. Essas marcas deixadas, podem significar um determinado conhecimento do Ensino de História, ou temas que dialoguem com o tempo presente, e com interesse do estudante, mas também indicam subjetividades mexem com emoções, estimulando desejo de aprender a ser, sentir, conhecer, agir e intervir como determinados professores.

A gratidão é um tipo de emoção que envolve a retribuição, recompensa, retorno. Quando programei me debruçar sobre os agradecimentos dos participantes, me veio a memória um vídeo de memos de três minutos sobre Gratidão, que recebia e repassava há alguns anos em vários grupos de WhatsApp de propósitos diferentes. Antônio Nóvoa finaliza discorrendo sobre a Gratidão na Conferência “Formar Professores para o Futuro “realizada no III Encontro do PIBID UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) em Matinhos e Paranaguá - PR no dia 26 de setembro de 2014.

Se me derem mais dois minutos explico-vos o que quero lhes dizer com a palavra agradeço. Há uns meses atrás estava eu em Brasília a preparar a aula magna da Universidade de Brasília que vinha-me à cabeça que queria agradecer aos colegas brasileiros tudo com tem me dado e tem sido muito. E vinha-me à cabeça o Tratado de gratidão de São Tomás de Aquino. Todos aqui saberão que o tratado da gratidão de São Tomais de Aquino tem três níveis de gratidão: o um nível mais superficial; um nível intermediário e nível mais profundo. O nível mais superficial é o nível do reconhecimento intelectual, o nível cerebral, o nível cognitivo do reconhecimento. O segundo nível é o do agradecimento, do dar graças a alguém por aquilo que esse alguém fez por nós. O terceiro nível mais profundo do agradecimento é o nível do vínculo é o nível de nos sentirmos vinculados e comprometidos com essas pessoas. E de repente descobri uma coisa na qual eu nunca tinha pensado: em inglês ou em alemão se agradece no nível mais superficial da gratidão quando se diz “thank you” ou quando se diz “zudanken” estamos agradecendo no plano intelectual. Na maior parte das outras línguas europeias, quando se agradece é no nível intermediário da gratidão, quantos se diz “merci” em francês quer dizer dar uma mercê, dar uma graça. Eu dou-lhe uma mercê estou-lhe de grato por aquilo que me trouxe por aquilo que me deu, ou “gracias” em espanhol ou “grazie” em italiano Dou-lhe uma graça por aquilo que me deu e é nesse sentido que eu agradeço, é nesse sentido que eu estou grato. Só em português que eu conheça, que eu saiba, é que se agradece no terceiro nível, no

mercadoria, rearticula sua dimensão política. Pensar o espaço tempo da cultura e da política como um cruzamento entre características globais do capitalismo e especificidades locais em um processo que envolve hibridismos. (MACEDO,2006 p285).

nível mais profundo do Tratado da Gratidão. Nós dizemos obrigado!! Obrigado quer dizer isso mesmo, fico-vos obrigado, fico obrigado perante vós, vinculado perante vós, fico-vos comprometido a um diálogo agradecendo-vos o vosso convite, agradecendo-vos a vossa atenção. Ficou obrigado, vinculado a continuar este diálogo e poder contribuir na medida das minhas possibilidades, para os vossos projetos, para os vossos trabalhos, para as vossas reflexões, para o vosso diálogo. É esse diálogo que quero e é nesse preciso sentido que eu vos digo: Muito obrigado!! (https://www.youtube.com/watch?v=r4Vz_nm5QQ)

1º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 28/09/2020

Professora Carmen Teresa Gabriel: “(...) hoje, eu estou lá na frente do Complexo de Formação de Professores. O complexo é uma inspiração também para o PIBID. Viviane fala da “Casa Comum”, que é uma expressão de Nóvoa. E o Nóvoa também estava no momento da formulação do PIBID, ele tem também um pé, tem também uma responsabilidade nessa inspiração, que no fundo é a triangulação. É você colocar junto todos os sujeitos que participam de uma formação, de uma forma horizontal. Talvez a rede, que a Perpétua fale, concordo com ela, eu acho que o PIBID tenta juntar fragmentos de redes que já existem. Que tem essa potência da articulação muito forte, e isso, é importante já que hoje na UFRJ a gente tenta não deixar isso apenas para alguns. Porque o PIBID tem essa política de bolsa, mas, infelizmente, não tinham bolsas para todos. E isso trazia um problema para nossas reflexões, então, não podia ser prática de ensino, tinha toda uma discussão sobre isso. (...) Eu lembro, muito bem, quando surgiu o edital do PIBID, a História não estava dentro dos planos da política, naquele momento era voltado muito para ciências exatas, como todas as políticas que muitas vezes vêm do MEC. Elas já vêm com recortes disciplinares, onde as Ciências Humanas nunca são muito contempladas. E eu me lembro de falar com a diretora “Ana, eu vou enfiar a História. Por que não?”. Primeiro eram as disciplinas e tinha os “outros”. E o de História, entraria nos “outros”. E aí, eu fiz o edital de História e deu certo, foi aumentando.”

Professora Ana Maria Monteiro: “Ouvindo a Carmen, me lembrei da luta dela quando o edital PIBID foi lançado e a gente, mais uma vez, se surpreendeu quando a área de história não era mencionada, nem a área de pedagogia. A prioridade era Matemática, Física e Química. Carmen conversou comigo. “Ana, eu vou fazer o projeto, eu vou apresentar.” É mérito dela. Ela lutou, conseguiu e a UFRJ abriu a possibilidade do PIBID e deu no que deu, vocês! Nós estamos ouvindo aqui uma experiência maravilhosa. Um projeto que era completamente inovador, naquele momento que foi se desenvolvendo, atraindo pessoas especiais, com essas possibilidades todas. Na época eu estava na direção da faculdade e quando chegou 2013 a Carmen precisou sair por uma questão do projeto CNPQ que ela ganhou. Ela chegou para mim e falou “Ana, eu quero que você continue” e eu era meio que a única pessoa que tinha

possibilidade. Os nossos colegas eram recém-chegados ainda. E eu dizia para ela: “Carmen eu estou na direção, eu estou enlouquecida, como é que eu ainda vou assumir o PIBID?” Mas resolvi assumir e agradeço. Acho que foi uma boa decisão, porque aquelas tardes de sexta feira, eram um momento para mim que eu desligava de uma série de questões e ficava dialogando com vocês. Oasis exatamente. E era o dia que a faculdade ficava mais vazia, e vinha o segurança expulsar, que tinha que sair todo mundo e a gente não saia. Isso aconteceu, várias vezes, mas realmente era assim, um momento muito especial. Poder viver essa experiência com vocês e dar continuidade para o PIBID História UFRJ foi muito importante para mim. Na época eu não estava lecionando na graduação, mas ali eu pude retomar a experiência.”

Antônio Nóvoa que pertence a Universidade de Lisboa onde já foi Reitor (23 de maio de 2006 a 25 de julho de 2013), Ana Maria Monteiro, de 2008 a 2015 e Carmen Teresa Gabriel, de 2016 a 2019 ocuparam o cargo de Direção da Faculdade de Educação da UFRJ. Tivemos o privilégio de conhecer, conviver, pensar juntas com esses três pensadores de políticas públicas da Educação e Professores de Universidade Pública. Além disso, implementamos oficinas, cineclubes, Projeto Memória de cada escola, vivências práticas como visita a museus e exposições. No Brasil o concurso para professor da Universidade Pública prevê que a função é atuar com o ensino, pesquisa, gestão e extensão. De certa forma, o Subprojeto PIBID HISTÓRIA UFRJ - “História Pra que te quero História”, formulado por Carmen Teresa Gabriel, tinha várias ações, formulação de planejamentos, projetos, eventos, oficinas, cineclubes, confecção de relatórios, gestão financeira, fazia com que exercitássemos naquela “Casa Comum” o “Ensino, Pesquisa, Gestão e Extensão”. O significado da presença como Coordenadoras do PIBID de duas autoridades da Faculdade de Educação e do Ensino de História colaborava para nos sentirmos prestigiadas e, conseqüentemente, respeitadas como professoras ou futuras professoras de História, ao mesmo tempo que sentíamos a responsabilidade ética, política, social e cultural da Profissão Professora que é bem mais complexa do que “ministrar aulas”. Ou seja, antes da “aula” propriamente dita há um extenso trabalho de planejamento, pesquisa, estudo, confecção de materiais didáticos e outros.

É importante o conjunto da pesquisa para o campo de formação de professores e, conseqüentemente, o campo da Educação e do conhecimento Histórico Escolar. A proposta de Formação inicial e continuada que o professor e pesquisador Nóvoa (2017), formulou, contribui para pensarmos em políticas pública de formação de professores, já implementadas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. Inspira também novos Projetos para formação docente como, por exemplo, Complexo de Formação de Professores da

UFRJ. Proposta essa que vem buscando caminhos institucionais que permitam a emergência de um espaço de diálogo e de decisão – uma “Casa Comum”. Propõe também, uma articulação fina, consistente e constante com as múltiplas experiências institucionais de formação docente que são desenvolvidas no âmbito da UFRJ, com as escolas públicas bem como com as inúmeras instâncias da sociedade civil. Essas experiências possibilitam construirmos e viabilizarmos Projetos de Formação inicial e continuada de professores que atendam as demandas e desafios da educação contemporânea e suas emergentes necessidades de transformações.

Essas duas mulheres Professoras Formadoras da UFRJ, Ana Maria Monteiro e Carmem Teresa Gabriel, fazem parte da minha identidade intelectual, acadêmica, onde imprimem marcas na minha escrita, das posições políticas, no campo de pesquisa da educação, me encorajam também a redescobrir e demarcar minha maneira própria de “ser” e me “tornar” professora, pesquisadora, inquieta, fluida, híbrida e múltipla, intensa, entusiasmada e sempre em movimento.

Pensando em Currículo de História e Narrativa quais são os desafios epistemológicos e apostas políticas?

Tempos de crise da razão moderna instrumental iluminista, onde certezas se dissipam e a noção da verdade única e absoluta perde sentido e força nas explicações dos fenômenos sociais. Outras inteligibilidades emergem abrindo espaço para leituras plurais do mundo. Inteligibilidades essas que precisam ser nomeadas. Não mais dizer, escrever, ler “teoria de”, mas sim “discursos sobre”. Guerra contra todo e qualquer vestígio de essências ou essencialismos. Não mais falar no singular, nem só no masculino (ou no feminino). O mundo passou a ser visto (ou é?) definitivamente múltiplo, instável, veloz, provisório. E os sujeitos nesse e desse mundo ocupam e falam de diferentes lugares ao mesmo tempo. Não são, mas estão. Nem autônomos, nem conscientes. Sem nostalgia, sem esperança. Perplexos falando, (dialogando?), de diferentes posições de sujeito. Daqui e agora. Novas cartografias, novos mapas para orientar-nos no campo do pensável. Tempos “pós”. Pós-modernos, pós-estruturalistas, pós-críticos, pós-coloniais, pós-fundacionais. (GABRIEL e MONTEIRO, 2014).

As duas autoras pensam o Tempo Histórico como elemento estruturante da produção do “conhecimento histórico”, ou seja, uma forma de compreender processos, contextos, atribuir sentidos às ações humanas, mudanças e permanências, semelhanças e diferenças, em suas dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais. Suas abordagens englobam não somente tempo cronológico, mas também, ritmo, sucessão, simultaneidades, permanências e continuidades (GABRIEL, 2012, 2013, 2014. MONTEIRO, 2007a, 2007b, 2014).

A importância do Ateliê Biográfico de Afeto, ou mesmo da Conferência proferida por Nóvoa em 2014, é atestar que os saberes relacionados a Educação, Teoria da História, Ensino de História, Pesquisa autobiográfica e outras questões epistemológicas estão carregadas de

desejo, vontade e de *GRATIDÃO*. Essa rede de “conhecimento racional” é carregada de amizades e *gratidão* no sentido mais profundo de criar “Elo”, como disse Nóvoa em conferência “Obrigado quer dizer isso mesmo, fico-vos obrigado, fico obrigado perante vós, vinculado perante vós, fico-vos comprometido a um diálogo (2014).”

Professora Perpétua Domingues

DOMINGUES, Maria Perpétua Baptista. **Entre silêncios, pretéritos e demandas do presente: narrativas indígenas no livro didático de história.** Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

AGRADECIMENTOS

“(…) A minha orientadora Carmen Teresa Gabriel, tive muita sorte quando nossos caminhos se cruzaram em 2011, em função do PIBID, quanta coisa mudou em minha vida desde então. Obrigada por tudo, pela orientação ao longo do mestrado, pelo rigor e generosidade, pelo exemplo de luta pela Educação e ensino de história. (...) A todos os docentes do PPGE-UFRJ, com os quais pude cursar disciplinas e desenvolver meu projeto de pesquisa até chegar a esta dissertação. (...) Agradeço à professora Ana Maria Monteiro e igualmente à Cinthia Araújo, pelas trocas acadêmicas no âmbito do PIBID. (...) Aos membros do GECCEH, nosso grupo de pesquisa, obrigada a todos pelo convívio semanal e pelas oportunidades de crescimento intelectual. Agradeço em especial à querida amiga Marcella Albaine e ao amigo Marcus Bomfim, pela leitura atenciosa do primeiro capítulo desta dissertação, pelos conselhos e acolhimento de sempre. Ao ex-bolsista PIBID, Vitor Alberto Correia, pelo *abstract* desta dissertação e outros favores anteriores, sempre de última hora. Às amigas do coração Viviane Grace Costa, Flávia dos Santos Cota e Luísa Tavares. Obrigada pela amizade carinhosa, pelo apoio virtual e presencial nas horas tensas, pelas gargalhadas e cumplicidade.”

DOMINGUES, Maria Perpétua Baptista Domingues. *Entre pretéritos e demandas do presente: narrativas indígenas na Web.* Rio de Janeiro, 2021. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

AGRADECIMENTOS

“Sempre parece impossível até que seja feito” (frase atribuída a Nelson Mandela em um cartaz no metrô)

“(…) Como utilizar narrativas indígenas no suporte digital como fonte, como conciliar o doutorado e o trabalho em duas escolas, eram apenas algumas das minhas incertezas. Mas o

que parecia impossível está feito. Nesse espaço de carinho, agradeço a todos que de alguma forma estiveram ao meu lado nessa trajetória, indígenas e não indígenas, todos foram fundamentais, porém, alguns destaques se fazem necessários. (...) Às mulheres fortes e amigas sem igual, dentro e fora da academia, Luísa Tavares, Marcella Albaine e Viviane Grace Costa.”

1º ATELIÊ BIOGRÁFICO DE AFETO DIA 28/09/2020

Professora Perpétua Domingues: “Antes de tudo eu quero agradecer, que momento maravilhoso, eu estou assim encantada! Muita alegria rever essas carinhas lindas do Rômulo, Vitor, Fernanda, Jorge, Carlos, Marlon e Gabi, que é uma mais que querida. Os seus alunos que também já são queridos para mim nesse momento. E a minha querida Carmen Gabriel e Ana Maria Monteiro, são pessoas que já moram aqui no meu coração. (...) Bom, várias coisas vieram aqui na minha cabeça, hoje, coisas que eu já estava pensando anteriormente. “O que o PIBID trouxe para mim?” Amizades maravilhosas, pessoas com quem eu falo quase diariamente, Viviane, Marcela, Luisa se tornaram amigas incríveis, que eu vou levar para a vida inteira e a gente tem muito afeto uma com a outra, a gente se apoia muito uma na outra isso é legal. Mesmo aqueles que eu não falo diariamente, como Fernandinha, que eu tenho um amor imenso ou pelo Vítor, nosso Crono, maravilhoso. Então, eu acho que o PIBID só trouxe afetos lindos para a minha vida, sou grata ao PIBID por isso!!”

Marcella Albaine

COSTA, Marcella Albaine Farias da. Ensino de História, novas tecnologias e o mundo virtual: o conhecimento histórico escolar na contemporaneidade brasileira (2005-2012) / Monografia de Conclusão do Curso de História IH/UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

AGRADECIMENTOS

“(…) A todos que pude conhecer e trocar ideias nas “aventuras profissionais” na Incubadora de Empresas da COPPE-UFRJ, na Fundação Biblioteca Nacional (FBN), no Colégio Pedro II, no Programa de Iniciação à Docência (PIBID) / Colégio Estadual Antônio Prado Júnior, no Pré-Vestibular Superando Desafios e no Colégio Andrews. (...) A Prof.^a Dra. Carmen Teresa Gabriel Anhorn e a Prof.^a Dra. Warley da Costa pelas contribuições no meu entendimento sobre a Educação e o ensino de História.”

COSTA, Marcella Albaine Farias da. **Currículo, História e Tecnologia: que articulação na formação inicial de professores?** Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015

AGRADECIMENTOS

“(...) *Orientadora*¹⁷. Sabedoria, paixão, fôlego, criatividade, experiência partilhada, colocações de reflexão e desestabilização. Carmen Gabriel: serei sempre grata pelo preparo para os “combates” e “embates”, inevitáveis a quem se propõe a um fazer acadêmico de rigor. Certamente muito do que sou hoje como pesquisadora do Ensino de História, devo a você, pois, desde 2011 como bolsista PIBID sob sua coordenação, tive o privilégio desse contato tão rico acadêmica e afetivamente (...). *Participantes da pesquisa*. Aos 8 bolsistas PIBIDs que sem suas contribuições esta pesquisa não teria a mesma riqueza. Agradeço também às supervisoras e coordenadoras do Programa pela abertura e auxílio na mediação deste processo. (...) *Amigos, colegas, parceiros*. Aos membros do GECCEH, nosso querido grupo de pesquisa, obrigada pelo nosso crescimento intelectual coletivo semanal: (...) Luisa Tavares (...) Perpétua Domingues. (...) À Viviane Costa, nossa especialista em ensino de História, pelas risadas e “fococas digitais”.”

Grupo de WhatsApp QUADRILHA 29/09/21

[29/9 10:27] Marcella PIBID: “pós-doutorado não existe uma produção única, desdobro em diferentes tipos de 'produtos' e formatos, inclusive tenho preferido mais textos curtos e para o grande público. Caso sirva pra algo, os produtos estão aqui: <https://www.chd.ifch.unicamp.br/node/78> (EDUCAÇÃO) e <https://www.chd.ifch.unicamp.br/node/83> (PATRIMÔNIO). O pós-doutorado tem marcas de muitas coisas que fizemos juntas no PIBID. Ontem fizemos a oficina e isso aprendi no PIBID. Inclusive esse modelo que se pretende não hierarquizado, de articulação entre diferentes esferas e etapas formativas é algo que aprendi na relação com a supervisora do PIBID/alunos do Prado Jr. e que "carrego" comigo. Todos têm sua voz, sua contribuição.”

[30/9 10:43] Marcella PIBID: “ <https://www.ufrgs.br/jornal/um-acontecimento-chamado-mangueira/> @FSI:Viviane Grace 🦉📖🌻🦋🐸🇧🇷🏳️‍🌈, pra sua pesquisa. Curtinho. Veja o que ele fala no início do texto sobre a necessidade de outros FORMATOS. Lembrei de suas performances. Tudo a ver!”

Luisa Tavares

TAVARES, Luisa da Fonseca. **O Ensino de História e a Educação do Sensível**: construindo o conhecimento histórico escolar. Orientadora: Regina Maria da Cunha Bustamante. Rio de Janeiro: UFRJ / CFCH / Instituto de História. 2015. Monografia (Bacharel em História).

¹⁷ Orientadora Carmen Teresa Gabriel

AGRADECIMENTOS

“(…) Especialmente a Carmen Gabriel que durante os anos de PIBID proporcionou experiências importantes para meu amadurecimento pessoal, intelectual, e ao desenvolvimento como pesquisadora. Warley da Costa e Ana Maria Monteiro pela sensibilidade, afeição e muitas trocas de saberes. Que a humildade de vocês contagie muito mais. Aos integrantes do GECCEH (Grupo de Estudos de Currículo, Cultura e Ensino de História) que nunca negam ajuda e se fortalecem mutuamente. E Elas! Elas que falam muito! Muitas besteiras que nos fazem rir à beça, mas que também podem construir vários textos acadêmicos. Marcella Albaine, Perpétua Domingues e Viviane Grace, nossa amizade nunca será esquecida.”

Tavares, Luisa da Fonseca; Mello, Juçara da Silva Barbosa de. **Por Outras Histórias Possíveis: o ensino de História e a interculturalidade nos espaços museais**. Rio de Janeiro, 2019. 117p. Dissertação de Mestrado –Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

AGRADECIMENTOS

“O que faz uma pessoa decidir fazer uma pós-graduação stricto sensu sabendo das dificuldades e transtornos que caracterizam o meio acadêmico? O transcurso sabia que seria sinuoso, mas tenho a certeza que estar no mundo terreno requer essencialmente um aprimoramento do eu interior e do estar em sociedade. Entender e viver na coletividade requer um passo muito grande, que só quem faz é quem aceitou o desafio de querer ser o bem, mesmo na sombra. Uma escolha que será testada variáveis vezes, mas que encontra energia quando se descobre que não se está sozinho. Outros também fizeram essa sua mesma opção, não necessariamente na sua área de estudo, afinal, os meios de luta são os mais diversos possíveis. O que podemos afirmar é que ninguém soltará a mão. Assim caminhamos pelas trilhas da vida encontrando pessoas que nos fortalecem. (...) Aos companheiros de jornada acadêmica que me atravessaram e àqueles ainda que atravessam, obrigada, vocês deixaram suas marcas. Destaco Marcella Albaine, Perpétua Domingues e Viviane Grace pela amizade genuína que transpõe existências. Continuamos firmes na luta por uma educação pública, democrática e de qualidade.”

Daniel Sideris

FREITAS, Daniel Ricardo Sideris de. *Diabo, Juventude e Heavy Metal: Uma análise da apropriação do antagonista do cristianismo na temática do heavy metal no mundo anglófono (1970-1985)*. IH/UFRJ - Instituto de História Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012. Monografia (Bacharel em História).

AGRADECIMENTOS:

“(…) À professora Viviane por contribuir para a monografia, me emprestando material textual, e sendo uma ótima amiga;”

Professora Viviane Grace

GRACE COSTA, Viviane. **Operando com História, Memória, Ensino de História – CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA** [Monografia]. Orientadora: Prof.^a Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante. Rio de Janeiro: Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2014.

AGRADECIMENTOS

“Ao grupo “Quadrilha” do *WhatsApp*, minhas amigas frutos do PIBID Luísa Tavares, Marcella Albaine e Perpétua Domingues, pelas discussões teóricas, trocas de textos e apoio mútuo. A toda a equipe do PIBID, em especial ao grupo do CIEP AYRTON SENNA e por toda a contribuição e carinho de Daniel, Gabriel, Marlon e Pedro e sua Coordenadora, Prof.^a Dr.^a Carmen Teresa Gabriel, que, dia após dia, nos provocava e desconstruía o saber hegemônico, rompendo com as universalizações. (...) A todos os professores do CESPEB, que desempenham papel fundamental na política educacional, investindo no capital intelectual de professores da rede pública, através de troca de saberes, práticas e experiências, destacando a equipe de Ensino de História, em especial à Dr.^a Ana Maria Monteiro, que, com sua maestria, diplomacia, paixão e respeito à figura do professor, estimula e provoca o desejo da pesquisa em Educação, iluminando o que há de positivo, germinando as sementes sufocadas pela desqualificação da profissão. Sua excelência em Ensino de História me inspira, fazendo meu coração pulsar mais forte para seguir em frente. Obrigada, doutores (as) Alessandra Carvalho, Alessandra Nicodemos, Amílcar Pereira, Cinthia Araújo, Carmen Teresa Gabriel, Moníca Lima, Warley da Costa, mestres queridos, todos influenciaram diretamente na escrita desta monografia, seja pelas reflexões nas aulas presenciais ou nas leituras e trabalhos propostos.”

Fernanda Terra Moura

MOURA, Fernanda Gabrielly Terra. **Processo de divinização e devoção pessoal no Egito Antigo: o caso da rainha Ahmose Nefertari**. Orientador: Prof. Dr. Antônio Brancaglioni Junior. Rio de Janeiro: UFRJ / IH. Monografia (Bacharelado em História), 2013 p. 6 e 7.

AGRADECIMENTOS

“(…) Aos queridos amigos feitos durante a graduação no IFCS/IH: (...) Vítor Alberto, (...) Marcella Albaine (...) Rômulo Machado e Yuri Vaccari. Nossas conversas sobre TUDO dessa vida são as mais hilárias e memoráveis. Obrigada por tantos risos, choros, discussões, incertezas

e carinho. A vida sem vocês não teria a mesma graça. (...) A todos aqueles com quem tive a sorte de cruzar nas minhas primeiras ações profissionais, no Arquivo Histórico do Exército/AHEX e no PIBID. As muitas experiências vivenciadas com vocês me ajudaram a ser uma profissional melhor. (...) A professora Perpétua Domingues, a Prof.^a Dr.^a Ana Maria Monteiro, a Prof.^a Dr.^a Carmen Teresa Gabriel pelas contribuições para meu novo olhar sobre o ensino de História. Seus questionamentos e reflexões foram fundamentais para perceber que o ensino de História pode ser desenvolvido de maneira mais valiosa.”

Rômulo Machado

MACHADO, Rômulo dos Santos. **A unificação dos títulos brasileiros pós-1959 e o papel da imprensa na construção da memória**. Orientadora: Cinthia Araújo. Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de História, 2017. Monografia (Bacharelado em História).

AGRADECIMENTOS

“(…) Agradeço à minha orientadora, Cinthia Araújo, por me fornecer a orientação fundamental para a conclusão desse importante trabalho, e ao professor Victor Melo, por ter contribuído com o início da minha pesquisa. Além disso, devo lembrar das pessoas que participaram do PIBID História enquanto fui bolsista: As coordenadoras, Carmen Teresa Gabriel, Ana Maria Monteiro e Cinthia Araújo; a professora com quem trabalhei no colégio, Perpétua Domingues; e os amigos bolsistas, em especial, Larissa Reddit, Fernanda Terra Moura, Carlos Henrique, Vitor Martins e Vitor Alberto Correia, mas sem esquecer os demais componentes das maravilhosas equipes com as quais tive o prazer de trabalhar.”

Gabriela da Silveira

SILVEIRA, Gabriela Natal de Oliveira Da. **Educação E Agir Moral Em Kant**. Orientador: Prof. Dr. Richard Fonseca. Departamento de Filosofia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense-UFF. Niterói, 2018. (Monografia licenciatura e bacharel em Filosofia).

AGRADECIMENTOS

“(…) Agradeço ao professor Richard Fonseca, por ter ampliado, de forma tão importante, minhas perspectivas no que diz respeito à filosofia. Foi isto que possibilitou que eu tomasse como minhas maiores prioridades a educação e o ensino de filosofia. Agradeço também pela paciência com minhas dificuldades, e compreensão em momentos importantes, além das orientações sem as quais este trabalho não seria possível. (...) Agradeço também à CAPES e ao PIBID, pelo aprendizado fundamental e rico para minha formação no que diz respeito ao ensino

de filosofia. E, em especial, agradeço à professora Andreia Maciel, pela fantástica supervisão e orientação, e pela confiança em minhas capacidades.”

1º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 28/09/2020

Professora Ana Maria Monteiro: “Então, uma beleza esse momento que a gente está podendo viver, que a Viviane brigou muito, até comigo. Que lutou muito, para que a gente pudesse realizar e ela com a sua paixão, emoção e determinação está conseguindo realizar.”

Professora Carmen Teresa Gabriel: “Oi gente, que maravilha! Como disse a Perpétua, você está dando um presente para gente, Vivi, muito obrigada, porque eu estou muito emocionada aqui vendo esse conjunto de carinhas! E a primeira coisa que eu ia dizer, que eu estou morrendo de rir é que eu estou revendo vocês aqui, 10 anos depois e vocês mantiveram o jeitinho de vocês. Assim, vendo o Marlon falar, ele sempre se colocou. Vendo Luísa, é muito engraçado isso, como a gente muda, mas mantém alguma coisa da nossa singularidade. Viviane é uma pessoa diferente e particular para todos nós. Ela é uma mistura para mim de ousadia, da boa loucura e de coragem. Acho que ela está fazendo um bom trabalho realmente. No início a gente falava com a Ana “Ana onde vai dar isso? Não vou participar, eu não sei se vou ficar à vontade.” E, acho que do jeito que ela foi escolhendo, foi chegando e acho que ela está conseguindo fazer uma coisa muito bacana nessa metodologia de Ateliê biográfico. Que não é fácil, principalmente online. Então eu quero já dizer que eu estou gostando de estar aqui, ouvir vocês que estão nessa escuta. E eu fiz uma viagem no tempo, acho que as escolhas dos vídeos, nos traz primeiro muito atual, muito impactante, para pensar como a gente sempre faz a partir do nosso presente, infelizmente, ainda é nesse contexto e nesse contexto temos que resistir e nos reinventar. Enfim, eu acho que foi um momento, como disse a Perpétua, de muitos afetos que saiu dos livros acadêmicos, mas muito também com a potência do acadêmico, com a potência de uma Universidade como a UFRJ.”

Minha amiga Professora Perpétua Domingues, fruto do PIBID HISTÓRIA UFRJ que tenho contato diário através do Grupo de WhatsApp Quadrilha escreve em Agradecimentos de sua Tese “Às mulheres fortes e amigas sem igual, dentro e fora da academia, Luísa Tavares, Marcella Albaine e Viviane Grace Costa.” E eu quero acrescentar além dessas quatro as outras mulheres fortes que participam da pesquisa começando por Tainá Ferreira, Gabriela da Silveira, Fernanda Terra Moura, Professora Ana Maria Monteiro e Professora Carmen Teresa Gabriel. O bom de poder trazer a biografização das participantes através do diálogo é que ao invés de

eu atribuir os adjetivos eu apenas reforço essa “força” das mulheres na Educação, na Pesquisa, no Ensino de História, na Dança, na Arte, na Filosofia ou na Ficção.

Como podemos ver no Ateliê de Afetos com o Vídeo AmarElo, essa “força” dessas “super” mulheres vem da dor, da superação que fazem a alquimia e transformam em resistência e vontade de saber, de conhecer, de criar, inventar, ressignificar e investir na vida. Essa força das mulheres é diferente da violência fatal da sociedade patriarcal, machista, misógina, racista, LGBTfóbica que nos afetam como mulher, como negra ou como lésbica e afetam nossos estudantes e pessoas ao nosso redor. Essa “força da não violência” (Butler 2021), que defendo que está na potência dessas mulheres para evitar que matem não só pessoas negras, indígenas, pobres e mulheres, mas o Ensino de História, de Filosofia, de Sociologia e de Línguas como já mataram as “Artes” na Educação Básica. Matam essas disciplinas como previsto na BNCC, para quem? Justamente para as escolas públicas onde predominam a maior parte da população brasileira. Esses conhecimentos são importantes para manter no poder hegemônico uma minoria de milionários que concentram a renda do país, nas escolas particulares de elite, essas disciplinas se mantêm conforme a tradição.

O valor da amizade é marcante para esse investimento na pesquisa em Educação, torna a labuta mais leve e agradável visto que é uma disposição pessoal mais física de acúmulo de trabalho do que de posterior retorno financeiro. Certamente a amizade, a partilha torna esse trabalho monográfico e solitário da escrita mais leve, o peso é dividido com essa rede de amigos que tem interesse em comum, de conversar além de amenidades sobre Butler, Foucault, Certeau, Hartog, Monteiro e Gabriel.

Mantive o Agradecimento da Gabriela da Silveira que era aluna do Ensino Médio da Perpétua na época do PIBID HISTÓRIA UFRJ, em função de ter influenciado na trajetória dela ao procurar na graduação da UFF o PIBID Filosofia, valorizar a Educação como área de Pesquisa e o professor Richard Fonseca que era seu professor da prática de ensino e, posteriormente, coordenou o PIBID, foi o escolhido para orientar sua monografia de conclusão de curso.

Achamos a “Exposição Pública”, nos primeiros trabalhos monográficos dos licenciandos a presença de Professores Formadores da Educação Básica nos agradecimentos as Coordenadoras do PIBID História UFRJ Ana Maria Monteiro e Carmen Teresa Gabriel (2011 até 2014) e Cinthia Araújo (2014 até 2018), e professoras de Prática de Ensino como Warley Costa, percebendo a influência no desejo de aprofundamento na pesquisa no campo de Ensino de História deslocando o interesse do campo de História onde havia uma pretensa superioridade hierárquica (FERREIRA,2013). Marca o meu retorno aos estudos acadêmicos através do

CESPEB em 2012 e desde 2014 frequentando o GEPROF, coordenado pela Ana Maria Monteiro, é um caminho sem volta para pensar Ensino e História e política pública da educação. Marca a volta da Perpétua com o Mestrado sob orientação da Carmen Teresa Gabriel que trouxe a Marcella Albaine no seu Mestrado e Luisa Tavares atualmente Doutoranda do PPGE/UFRJ.

2.2. ATELIÊ BIOGRÁFICO DE AFETOS – DISPOSIÇÃO PESSOAL

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE 1999 p 97).

Início aqui com nosso Paulo Freire e Bell Hooks pensando a Educação como prática da Liberdade como um ato de amor e coragem pela ousadia de propor o “Ateliê Biográfico de Afetos”, afirmando a Disposição Pessoal no Diálogo constante com o outro. Uma Educação Ativa “que o predispusesse a constantes revisões, a análise crítica de seus “achados”, a uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão, que o identificasse com métodos e processos científicos. “ouvindo, perguntando, investigando” (FREIRE 1999 p 97).

Nosso Paulo Freire coloca que a relação de DIÁLOGO entre o alfabetizador e o alfabetizando é uma relação de comunicação e intercomunicação, uma relação de simpatia, enquanto o ANTIDIÁLOGO é uma relação de comunicado, há uma quebra da simpatia não há troca é uma relação vertical hierarquizada de cima para baixo, é desamoroso, arrogante, desesperançoso, sem fé, sem confiança, acrítico. Pensando nesse Diálogo nutrindo de amor, humildade, esperança, fé, confiança, criticidade, segue o convite:

Texto vivo vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre **100 ANOS DE LIBERDADE, REALIDADE OU ILUSÃO? – (1988 - MANGUEIRA)** no canal do Youtube - Autbio Prof. Vivi e assista ao vídeo disponível em: <https://youtu.be/m6jogyUg4nQ>.

Será que já raiou a liberdade, ou se foi tudo ilusão? (inspirado no samba enredo da Mangueira de 1988)? Como pensar em Educação como Prática de Liberdade? Será que é possível ser livre?

Na visão de Nietzsche, para nos sentirmos livres é preciso estar ativo, é preciso afirmar os impulsos que nos deixam mais fortes e alegres. O valor das coisas vem através da luta, da conquista. A liberdade para Nietzsche é uma conquista, ser livre é manifestar sua vontade de potência. O que é vontade de potência? Na concepção do filósofo o “Super Homem (ou além do Homem)” não é no sentido de superioridade, muito menos de força física. Justamente por

não ter garras, dentes, porte físico grande e por ser frágil o “homem” (humanidade), deve superar a si mesmo, super no sentido de superação. Admitindo e conhecendo sua fragilidade e fraqueza entender que a força está no grupo e compreender os desafios que a vida em grupo traz. Então a ideia de que o humano deve ser super no sentido de eternamente se superar, vida é aquilo que se supera eternamente, o eterno retorno é temporal, o que provoca um deslocamento no pensamento presente da filosofia ocidental, onde o eterno é atemporal como Platão ilustra no “mundo das ideias”.

Uma das minhas identidades que surgiu nesse mestrado foi a Super Sapa (#lutecomoumaprofessoradehistórialgbt; #supersapa), que nasceu no dia 14 de setembro de 2019 em uma roda de conversa comemorativa em um coletivo de Diversidade. Se deu no sentido de transgredir de sair todos os dias com minha moto, que mais parece um carro alegórico, com bandeira LGBTQIA+ grafitada a SUPER SAPA, placa da Marielle ao som de sambas funk e uma diversidade de outras músicas populares brasileiras. Uma ação em que meu corpo de professora de história, feminista, lésbica se viu convocada a berrar, gritar, performar, dialogar: parem de matar indígenas, negros, negras, mulheres, pobres, refugiados. Vidas Importam. Nesse contexto doloroso de um governo nazifascista que só aumentou as desigualdades sociais, colocou o Brasil novamente no mapa da fome, promoveu etnocídio e genocídio fomentando racismos, machismos, misoginia, xenofobias, lgbtfobias, uma política de ódio, incentivada por interesses financeiros de uma teocracia armada, de madeireiros, de garimpeiros, de grandes latifundiários do agronegócio. Extrema direita de um capitalismo desenfreado que pouco ou nada se importa com vidas humanas e não humanas, pouco se importa com o meio ambiente, com a cultura, com a arte, com patrimônios materiais e imateriais. Em nome da ganância capitalista desenfreada promove a destruição do nosso planeta e promove um ANTI-DIÁLOGO um comunicado propagando negacionismo da ciência, da história espalhando fake News, teorias conspiratórias. A Super Sapa sai pelas ruas do Rio de Janeiro para promover o diálogo, por mais educação e menos armas. Para dizer que a terra é redonda, para lerem mais livros revistas e jornais do que notícias falsas do WhatsApp, falando através do ritmo e letras de música, nos sinais vermelhos, nos monumentos. O meu corpo transforma a dor em performance e a Super Sapa transita pela cidade é aplaudida e vaiada, amada e odiada, xingada e elogiada. Só não é indiferente, afeta por onde passa assim como falou Zaratusca:

É tempo de o humano fixar sua mais alta meta. É tempo de o Homem plantar a germe de sua mais alta esperança. Seu solo ainda é rico o bastante para isso. Mas um dia esse solo era pobre e manso, e nenhuma árvore alto poderá nele crescer. Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem já não lança a flexa do seu anseio por cima

do homem, e em que a corda do seu arco terá desaprendido a vibrar. Eu vos digo, é preciso ter ainda o caos dentro de si para dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo, tendes o caos dentro de vós. (NIETZSCHE, 2020, p.11)



Captura de Tela 21: #SUPER SAPA 🇺🇳🇧🇷

Eu sou bem caótica, às vezes disfarço bastante, nos últimos tempos não tenho feito questão de disfarçar. É importante falarmos em “sala de aula” como vivemos no nosso corpo, visualizando como as estruturas de poder nos afetam, para desafiar a ideia de que Professores são uma “entidade intelectual” formada de mentes brilhantes separados de seus corpos. Professores afetam estudantes não só intelectualmente no conhecimento histórico escolar. Particularmente, suspeito que muitos estudantes de História são caóticos, inquietos, críticos e problematizadores. Por estarem em processo de formação os questionamentos são frequentes. A disciplina História ao mesmo tempo que esclarece alguns fatos, nos deixa muitas dúvidas e incertezas. Essa forma de pensamento historicizado entre licenciandos e professores de História e Ensino de História, em grupo de pessoas que estão em um movimento constante de desconstrução e construção de narrativas, pessoas insurgentes, transgressores, com vontade de potência de transformação. O debate é intenso, as discussões são prolongadas e nem sempre há convergência de ideias. No PIBID de HISTÓRIA, UFRJ 2011 -2014, não tínhamos o debate, não tínhamos o confronto, entre essas almas corpo e mentes pensantes, o desconforto era um lugar frequente, entre nós, algumas vezes surgiam alguns “barracos” necessários nos avanços e retrocessos. Esses incômodos e desassossegos são o que nos dá prazer, o que nos faz vibrar, criar e nos impulsiona para construir narrativas e metodologias no Ensino de História num trabalho coletivo.

É impossível existir liberdade total de uma pessoa, sempre o sujeito é formado em relações com outros sujeitos. Na concepção de Foucault, não existe uma essência de uma pessoa, um formato único, ele entende que são processos que atravessam as mesmas. Ele questiona que ter um conceito, uma regra única de liberdade, seria considerado uma forma de dominação. Então é impossível uma liberdade total porque vivemos em uma sociedade, nos relacionando com outras pessoas e essa relação com o outro é sempre uma relação de poder.

A visão da educação libertadora liga a vontade de saber com a vontade de vir a ser. (hooks, 2013 p. 32). O exercício do diálogo é uma ferramenta importante para cruzar fronteiras, pensando professor e estudantes não só com suas mentes, mais com corpos com gênero, sexualidade, etnias, prestígios, classes sociais e inúmeras outras diferenças. O importante é abrir a cabeça e o coração, para além de um movimento apenas intelectual, como se o racional estivesse separado das emoções. A renovação da prática de ensino, que propõe bell hooks e que *incorporo*¹⁸ esse espírito, é para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável. Criando visões, pensando, repensando, sentindo um ensino que permita transgressões, um movimento contra as fronteiras que afetem professores e estudantes, em constantes autoatualização.

“Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser...” (Paulo Freire apud: hooks 2013 p.5)

Embora quisesse seguir carreira de professora, eu acreditava que o sucesso pessoal estava intimamente ligado à autoatualização. Minha paixão por essa busca me levou a questionar constantemente a cisão entre mente e corpo, tantas vezes tomada como ponto pacífico. A maioria dos professores era radicalmente contra- chegava até a desprezar- qualquer abordagem ao aprendizado nascida de um ponto de vista filosófico que enfatizasse a união de mente, corpo e espírito e não a separação entre esses elementos, Como tantos alunos para quem agora dou aula, ouvi várias vezes, de acadêmicos prestigiados, a opinião de que era engano meu procurar aquele tipo de perspectiva acadêmica. (hooks, 2013 p.31)

O Ateliê Biográfico de Afeto vem de encontro com teorias que buscam romper com a objetificação de professor e estudantes na cultura acadêmica. Para isso, em primeiro lugar, eu me coloco como objeto/sujeito da pesquisa com a disposição pessoal de falar com o corpo e

¹⁸Todos os diálogos travados com autores nos textos escritos assim como aulas e palestras de professores do PPGE/UF RJ, a quem são referências para essa pesquisa eu *incorporo* e vivencio pensando o “texto como espaço tempo de experimentação” (Thiago Ranniery defesa de Doutorado da Natália Mendes 06/2021). As informações que estou passando tanto como professora quanto pesquisadora se passam pelas ideias e pelo meu corpo, com a racionalidade e com toda a subjetividade, desejo, vontade, angústias, realizações e frustrações. A ideia é desconstruir que o conhecimento e os fatos informados são neutros e objetivos, como se não dissesse respeito aquele que professa, retirando a subjetividade de cada professor, a maneira própria de ser professor. Romper com a objetificação de professor e estudantes na academia.

alma através de autobiografia, demonstrando através de performances em vídeos ou texto escritos como o PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) e a relação com os outros sujeitos da pesquisa me afetam, me movem, me deslocam, o que despertam e como me posiciono diante das discussões. Em segundo lugar, trago para a pesquisa para expor seu afeto perante a experiência do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) e no contato com os sujeitos da pesquisa a minha Orientadora Ana Maria Monteiro. Para além de dialogar com a linha pesquisa Currículo, Ensino e Diferença, com o GEHPROF coordenado pela Ana Maria Monteiro e sua vasta produção acadêmica, meu grande interesse é registrar as subjetividades, suas emoções, seu brilho no olhar, seu sorriso, seu orgulho, suas fragilidades que se fazem forte na “pedagogia da esperança” (FREIRE, 1992). A vontade de potência de multiplicar o conhecimento e o Ensino de História, de firmar posição contribuindo para valorizar a profissão é a imagem que quero retratar. Projetos antigos como os CIEPs, onde Ana Maria Monteiro foi convidada a fazer parte em 1991 do II Programa Especial de Educação (MONTEIRO, 2020) e neste momento da pesquisa revisita esse Projeto ao ver e escutar atentamente os ex-alunos do CIEP BRIZOLÃO 303 –Ayrton Senna Alex e Tainá com suas memórias e experiências marcantes passando também pelo PIBID. O retrato, é clicar no presente momento que além das palavras ditas por Ana Maria Monteiro, o nó na garganta, o pulsar mais acelerado do coração, os pelos dos braços arrepiados. Costurando essa colcha de retalhos do CIEP, PIBID, UFRJ, às vezes sangrando furando o dedo com a ponta da agulha, outras vezes apreciando a beleza da costura de múltiplas estampas e cores para cobrir e aquecer do frio da educação algumas vezes produtivista, fazendo política educacional com Ética e Poética.

“As antigas estruturas epistêmicas são aquelas que vão nos conduzir a um novo mundo?” Ângela Davis pergunta em diálogo com Judith Butler (2017) ao se referir ao sistema prisional. Proponho a inversão da pirâmide hierárquica de prestígio acadêmico e início o Diálogo do Ateliê Biográfico de Afetos com os ex-alunos do CIEP BRIZOLÃO 303-AYRTON SENNA, Tainá Ferreira, Alex Santos e com a Gabriela Aluna do C.E. Prado Junior. Só existe Professora porque existe estudante, o sentido de ser professora é afetar e provocar estudantes, com a responsabilidade ética de trazer para o diálogo firmando políticas educacionais com os estudantes.

Os traumas as dores as angústias e medos são diversos, grandes e não deve ser visto apenas como um problema individual para ser tratado em terapia, cada um em sua bolha. O Ateliê Biográfico de Afetos possibilita que pensemos esses traumas, essas dores profundas de um Brasil colonizado, com heranças escravocratas, racistas, machistas, misóginas e lgbtqfóbica, que reflete no nosso cotidiano. De modo sensível, Certeau percebe a individualidade como o

local onde se organizam, às vezes de modo incoerente e contraditório, a pluralidade da vivência social. Nas práticas cotidianas de ler, conversar, habitar e cozinhar se observam as “maneiras de falar” e as “maneiras de caminhar”, pelas quais o indivíduo pode seduzir, persuadir, refutar. Todo esse potencial enunciativo e criativo do indivíduo, durante a interação, remete ao que Certeau chama de antidisiplina,

O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível... (CERTEAU, 2011, p. 31).

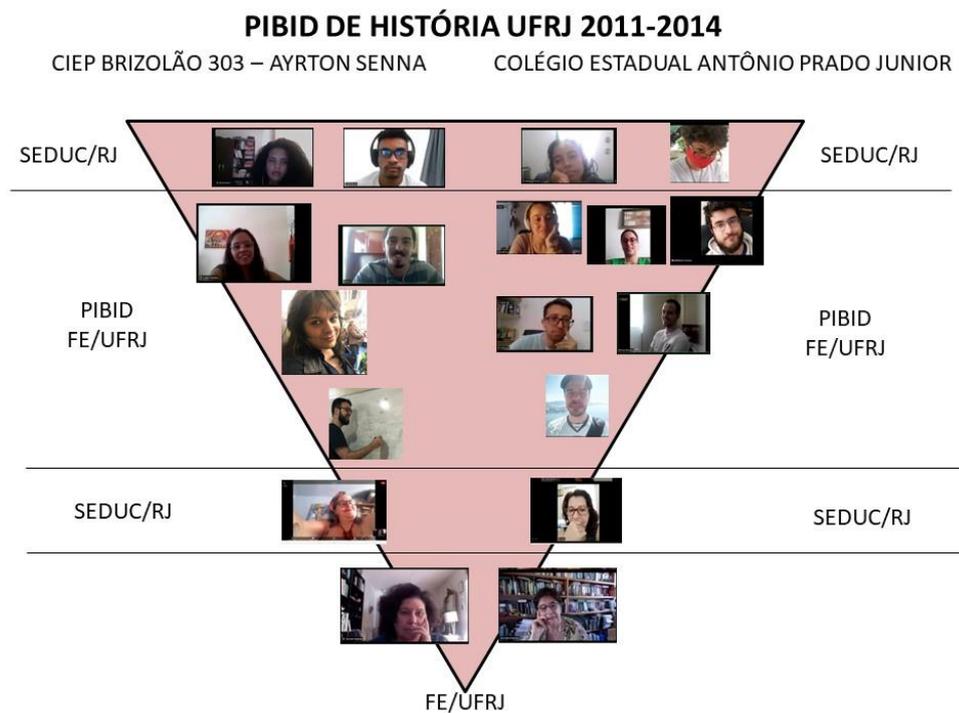


Figura 2: Invertendo a Pirâmide Acadêmica

Corpo, mente e espírito, na “disposição pessoal” em aprender a ser professor, onde o autoconhecimento é um dispositivo importante. Nóvoa (2017) propõe um aprofundamento metódico em três dimensões: um contato regular com a ciência, com a literatura, com a arte; dimensão ética, com um compromisso concreto com a educação de todos os alunos e a compreensão de que o professor age em um ambiente de incerteza e imprevisibilidade. Vou tratar neste primeiro momento da primeira dimensão da Disposição Pessoal de ser Professor e esse contato com a arte, literatura e ciência, independente da sua disciplina de atuação.

Como diz minha musa inspiradora Maria Bethânia “A arte existe porque a vida não basta” (https://www.instagram.com/reel/CSkN5NnhPkc/?utm_medium=share_sheet). A arte é

um prazer humano que liberta. Arte em relação ao pensamento humano está ligada ao sentir, por isso ela ultrapassa o limite do racional, do possível, da realidade. A arte me produz coisas. A música, a poesia, um filme, um livro, uma peça teatral, uma performance, aquela construção artística produz em você algo. O que você sente é seu. A arte nos transporta para qualquer lugar é aquilo que nos resgata.

Foucault nos traz reflexões com a arte do passado que muito interessa a professoras, historiadoras e ao Ensino de História. Apesar do tema não ser explicitamente sistematizado, diálogos articulados com a Arte, sua estética e com o debate histórico de noções como autoria, ruptura e originalidade é revelada em suas apresentações, livros debates e seminários. O termo “arte” é utilizado pelo pensador com sentidos diferentes: em a “Vontade de Saber diferencia as formas distintas quanto à “arte erótica” cuja a verdade é extraída da experiência do prazer, em oposição aos desenhos de biologia onde o discurso sobre corpo e sexo é produzido como ‘conhecimento científico’ revelando formas distintas de relação com o poder, a verdade e o prazer; utiliza o termo “arte de governar” onde analisa a complexidade da economia das formas de governar que são reformuladas entre os séculos XVI e XVII; realiza diversos escritos sobre literatura, o cinema, a pintura, a fotografia questionando a representação entre **“As Palavras e as Coisas”** (2016). No livro “Isso não é um Cachimbo” que Foucault publicou cinco meses depois da morte do pintor René Magritte a que se refere o texto, pouco depois da produção de **A Palavra e as Coisas**. O ensaio cumpre a função de elogio em homenagem ao pintor Belga. O autor reflete sobre as inúmeras ramificações possíveis entre a figura e a linguagem.

“... tudo isso faz pensar no quadro negro de uma sala de aula: talvez uma esfregadela no pano logo apagará o desenho e o texto; talvez apagará um ou outro apenas para corrigir o “erro” (desenhar alguma coisa que não será um cachimbo ou escrever alguma frase que se trata mesmo de um cachimbo). Mal feito provisório (um mal escrito, como quem diria um mal-entendido) que um gesto vai dissipar numa poeira branca? Mas isso é ainda o menor das incertezas. Eis outras: há dois cachimbos. Não seria necessário dizer em vez disso: Dois desenhos do mesmo cachimbo? Ou ainda um cachimbo e seu desenho, ou ainda dois desenhos representando cada um deles um cachimbo, ou ainda dois desenhos dos quais um representa um cachimbo mais o outro não... De forma que sou obrigado a perguntar o que se refere a frase escrita no quadro? (FOUCAULT, 1988.)

Concordo com Durval Muniz (2019c) que alega que a imagem de um Foucault-militante está ligada aos temas por ele investigados como a constituição da psiquiatria, o sistema penal, ou o êthos da antiguidade grega, foi para fazer ver e falar sobre aqueles infames homens desaparecidos na história: os loucos, os leprosos, os criminosos, os homossexuais, os anormais, os doentes, ignorados ou invisíveis na ordem do discurso hegemônico.

Como aporte teórico em Teoria e Filosofia da História optei por Durval Muniz Albuquerque Junior, porque ao ler seus livros e artigos ou ouvir suas palestras, fico totalmente seduzida pelo encanto de sua narrativa, suas palavras são criativas, audaciosas, provocativas, e elegantes, quase poéticas, faz com que o ofício de historiador tenha um leve sabor, aromas e cores que tecem a “Arte de Inventar o Passado” (ALBUQUERQUE JUNIOR. 2019a), sem perder o rigor teórico e filosófico como, por exemplo, os princípios da ‘operação historiográfica’ de um autor que lhe é caro: Michel de Certeau¹⁹.

A sua ousadia de desestabilizar a ordem científica, assim como Foucault, provoca polêmica e afeta os historiadores mais dogmáticos e rígidos, que insistem em escreverem somente para seus pares. As ciências de uma forma geral desenvolvem uma linguagem rebuscada e incompreensível para preservar o seu poder. Essa linguagem tem pouca comunicação com a maioria das pessoas.

O autor questiona a ideia de que os fatos se impõem ao historiador como evidência, acredita que a escrita da história é uma construção. ‘Inventar’ e ‘imaginar’ são verbos que fazem parte das metodologias silenciosas, ou silenciadas, da historiografia: “a interpretação em História é a imaginação de uma intriga, de um enredo para os fragmentos de passado que se têm na mão”, todavia, ressalva importante,

...isto não significa esquecermos nosso compromisso com a produção metódica de um saber, com o estabelecimento de uma pragmática institucional, que ofereça regras para a produção deste conhecimento, pois não devemos abrir mão também da dimensão científica que o nosso ofício possa ter. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019a, p.63-64).

A estética de sua narrativa permite que a leitura ou a escuta das suas temáticas atinjam um público muito maior que historiadores e estudantes de História. Esse é o sonho de consumo de professores de história da educação básica, que não medem esforço fazendo a transposição didática necessária para que o conteúdo de História seja atrativo, envolvente e ganhe sentido para seus estudantes. Ensinar História é uma arte.

A música brasileira é a arte que escolhi e que me move todos os dias, pela letra, pela poesia, pelos ritmos pela composição. Mexe com minhas emoções, me leva a lugares paisagens, me deixa triste e alegre ao mesmo tempo. `As vezes o tema da música é pesado e nos remete a traumas de injustiças, decepção amorosa, escravidão, morte, fim do mundo. Mas o ritmo é tão alegre, e a dose de esperança, vem na letra ou na batida. Quando se trata, por exemplo, do

¹⁹Operação Histórica refere-se à combinação de um lugar social e uma prática científica, bem como a particularidade de onde fala o pesquisador e seu domínio por onde conduz a investigação CERTEAU (2013).

assassinato, feminicídio político, de Marielle Franco onde atingiu em cheio as mulheres, negras, LGBTQIA+, favelados, professoras, movimento negro, jovens negros, estudantes e a população do Rio de Janeiro, do Brasil e do Mundo. Nos revoltamos e fomos para as ruas. “Mexeu com Marielle atçou o formigueiro!!”, bem isso que aconteceu, no Brasil e em várias partes do mundo. A Vereadora do Rio de Janeiro se tornou ainda mais gigante e transbordou fronteiras. Homenagens de todas as formas em forma de artes, grafites, praças com seu nome, placas da Marielle espalhada pelo mundo. A música também eternizou Marielle com o Samba Enredo da Mangueira, campeão de 2019, História pra Ninar Gente Grande (https://www.youtube.com/watch?v=7SObzDOug_A). O enredo e o desfile homenageiam Marielle Franco “Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês” e várias personalidades contando a “história que a história não conta”. E nós o povo do Rio de Janeiro no carnaval em 2019, com os cofres públicos esvaziados com tamanha corrupção de muitas “farras do guardanapo” da ganância do ex-governador Sérgio Cabral, seus sucessores, parceiros e aliados, ainda, com a presidência do Brasil nas mãos da extrema direita, racista, machista, homofóbica, quase escravocrata, tirando ou reduzindo os direitos dos “Índios, negros e pobres” como estava na bandeira verde e rosa do Brasil, substituindo “ordem e progresso”. Nós do Rio e do Brasil estávamos sedentos para ouvir, ver cantar no maior espetáculo do mundo que é o desfile das Escolas de Samba do Rio a História pra Ninar Gente Grande: “Com versos que o livro apagou desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento, tem sangue retinto pisado atrás do herói emoldurado. Mulheres, tamoios, mulatos. Eu quero um país que não está no retrato”.

A vereadora também foi contemplada com o Funk de MC Carol de 2018: Marielle Franco (<https://www.youtube.com/watch?v=iPoHMYfxD0Q>):

Marielle Franco (part. Heavy Baile)
 Vocês querem nos matar, nos controlar
 Vocês não vão nos calar
 Mesmo sangrando a gente vai tá lá
 Pra marchar e gritar
 Eu sou Marielle, Cláudia, eu sou Marisa
 Eu sou a preta que podia ser sua filha
 Solidariedade, mais empatia...
 Temos que aguentar a dor
 Sou obrigada a parir o filho do meu estuprador
 O poder é opressor, manipulador
 Eles batem até em professor
 Nem sempre eu sou tão forte
 Mas vou tá lá gritando contra a morte
 Gritando contra o poder machista branco
 Presente hoje e sempre, Marielle Franco

Essa parte da música “o poder é opressor e manipulador, eles batem até em professor” era o nosso cotidiano, ao ir para as ruas lutar pela valorização da educação, por melhores salários, ou contra a retirada do currículo de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio das escolas Estaduais. Nós professoras e Estudantes do Ensino Superior ou da Educação Básica éramos dispersadas com gás lacrimogêneos ou mesmo atingidas com bala de borracha ou cacetetes. Ao escrever esse fato, meus olhos chegam a arder e sinto aquele cheiro só de pensar na força truculenta e violenta da Polícia Militar que eram funcionários públicos do Estado do Rio de Janeiro como muitas de nós professoras. Dentre greves, ocupações de Escolas Públicas Estaduais ou Universidades Públicas e manifestações nas ruas, esse era o clima que vivenciávamos no PIBID HISTÓRIA UFRJ do seu início ao seu fim (2011-2017). Foi na ocupação da Escola Estadual Souza Aguiar no Centro do Rio de Janeiro, através de pinturas dos estudantes do Ensino Médio nas paredes de palavras de ordem como “menos Educação Física e mais MC Carol” ou “mais Filosofia” ou “mais Sociologia” que eu fui ouvir e conhecer MC Carol “100% feminista”.

Penso que para todo tema e assunto no Ensino de História, na Educação, na Autobiografia existe uma música brasileira que afeta minhas dores, minhas paixões meu corpo e minha alma de uma forma profunda a ponto de dar um sentido maior para as experiências vivenciadas. Essas subjetividades como medo, coragem, choro de tristeza ou alegria, raiva, amor a sociedade consumista nos faz acreditar que são sensações individuais. Com o Ateliê Biográfico de Afeto fica claro que são sensações e sentimentos coletivos, que afetam e fazem parte das nossas histórias de vidas, incomodam, mobilizam e nos deslocam como se fosse um efeito cascata, um efeito dominó, no qual uma pessoa vai atingindo a outra, que atinge outra como uma onda, uma ressonância, que se sucedem em cadeia.

Os Vídeos inspirados em músicas brasileiras, performados e elaborados por mim que fazem parte do primeiro momento do Ateliê biográfico, foram sentidos pensados ensaiados e performados por mim, com ajuda de duas sobrinhas Marina Pataro Costa na filmagem e direção (15 anos) e Camila Costa Ferreira arte e edição (20 anos). Fizeram parte de uma explosão de sentimentos na escrita do Projeto de pesquisa para a qualificação. Eles foram experimentados com amigas e amigos, em sua maioria professoras, ficando visível que o vídeo mais impactante foi o da “Introdução: AmarElo”. Os relatos de como se sentiram vendo o vídeo demonstrou como a violência do Estado que mata crianças (maioria negras) estudantes de escolas municipais era uma realidade que marcavam todas nós professoras de escola pública e nos faziam “sangrar demais e chorar pra cachorro.”

A proposta metodológica aqui apresentada busca operar com “narrativas de si” (Delory-Momberger, 2012; Amorim e Monteiro, 2015, Grace Costa, Monteiro e Amorim 2017) de professores de História que passaram pelo PIBID HISTÓRIA UFRJ, através de um processo de escuta e troca de vivências desses, compartilhar histórias de vida e produzir narrativas sobre os percursos formativos, sobre as práticas docentes e sobre as relações com o conhecimento, com a profissão, com as escolas e com a universidade.

Delory-Momberger (2006) desenvolve, metodologicamente, as etapas dos ateliês biográficos de projeto, que podem ser resumidas da seguinte forma: 1) *Informações* – momento no qual são apresentadas aos alunos as concepções do projeto que se pretende desenvolver; 2) *Elaboração de um contrato biográfico* – no qual todos os envolvidos firmam o compromisso de participar, lembrando que a qualquer momento podem escolher, por algum motivo, se retirar do processo; 3 e 4) *Primeira narrativa autobiográfica*; 5) *Socialização da narrativa* – momento em que as narrativas são lidas em voz alta para todos; 6) *Síntese* – após reescreverem suas narrativas, cada participante apresenta e argumenta seu projeto; e 7) *Balanco geral do ateliê* (Delory-Momberger, 2006, p. 366-367).

Não tinha a pretensão de contemplar todos os passos do ateliê de Delory-Momberger que demandava encontros constantes com os sujeitos da pesquisa e costuma acontecer em espaço presencial de formação. O Ateliê Biográfico de Projeto proposto por Delory tem uma perspectiva de um plano futuro. O Ateliê Biográfico de Afeto que proponho se diferencia nessa sexta etapa, na qual os participantes estão rememorando sua experiência do PIBID no passado, reconstruindo lembranças marcantes, que o constituem e influenciam suas vidas pessoais e profissionais naquele momento presente.

A metodologia dos ateliês me inspira para firmar um contrato biográfico com os participantes; propor a produção de narrativas de si, tendo como eixos problematizadores a vida pessoal dos participantes e seus processos formativos; essa proposta de ateliês biográficos propõe tanto escrita de si como escuta da escrita dos outros (a heterobiografia), sendo muito importante essa troca para a constituição dos projetos individuais. Segundo Delory-Momberger:

A narrativa do outro é assim um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica; onde ela pode deslocar-se, reconfigurar-se, alargar seu horizonte; onde ela se põe a prova como *escrita de si*. A narrativa do outro é, de certo modo, um laboratório das operações de biografização que realizamos sobre nossa própria vida, nas condições de nossas inscrições sócio-históricas e nossos pertencimentos culturais. Ao solicitar nossas representações e nossos saberes de experiências, a narrativa do outro nos remete à *figuração narrativa* na qual nos produzimos como *sujeito* de nossa *biografia* (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.62).

Através do uso de uma estratégia artística, poética, musical e performática da minha própria autobiografia, memória e “narrativa de si” inspirar os sujeitos da pesquisa para que por meio das imagens, sons, fotografias se narrem, recorrendo as suas memórias, práticas cotidianas, saberes, trajetórias e experiências.

Os encontros ocorreram em plataforma online em “Ateliê Biográfico de Afeto” utilizando também algumas ferramentas do Grupos de Discussão (SOUZA, OLIVEIRA, 2016), que é uma experiência coletiva com narrativas, tempo espaço de convivência PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014).

O que chamo de “Pedagogia do afeto” dessas relações impulsionam, potencializam e estimulam o processo de constituição da profissão professor.

Remete assim a concepção de docência enquanto devir, que não se finda e não se fixa, uma docência pensada enquanto processo – “processo” este que não designa “ir de um lugar a outro”, mas que se refere ao contínuo movimento de alianças e de relações que não cessam de produzir a si mesmo.

Como a pesquisa contempla um estudo da construção de saber no interior de uma comunidade disciplinar (o campo do Ensino de História), a partir de uma análise que privilegia os sujeitos do campo, considerando suas trajetórias formativas, compreendo que a identificação pessoal é de grande relevância para a pesquisa. Essa identificação pode ser através da linguagem escrita, imagens ou áudios, sempre com a concordância dos sujeitos da pesquisa que no processo autorizam escrevem e reescrevem seus afetos (fluidos e do momento presente), definindo o que pode ser publicado na pesquisa, para que não traga desconforto pessoal considerando os princípios éticos e ontológicos da pesquisa autobiográfica.

Em diálogo frequente e reunião com minha orientadora segue abaixo o planejamento do 1º ateliê Biográfico de Afeto, realizado no dia 28/09/2020:

1º ENCONTRO ATELIÊ BIOGRÁFICO DE AFETOS E DISPOSIÇÃO PESSOAL
DURAÇÃO TOTAL 2 HORAS

	Tempo	AÇÃO	Plataforma
INTRODUÇÃO	10 MIN	- Esclarecimentos sobre ateliê e dispositivos e breve comentário sobre o contrato biográfico - Explicar a dinâmica do Ateliê ressaltando a necessidade de prestar atenção em todos os depoimentos para depois dar o retorno ao outro	ZOOM
Processo	5 MIN	Exibição do primeiro Vídeo – AmarElo – Introdução: AmarELO - PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) Link: https://youtu.be/qL3NeQvHu-4	YouTube
	6 MIN	Narrativa do relato dos ex-alunos do E.M. Tainá – Alex- Gabi – Luisa e Marcella	
	4 MIN	Exibição do último Vídeo – O que Swingnifica Isso? Teoria: PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) Link: https://youtu.be/s7YCBJ3lq7Q	YouTube

socialização das narrativas de si	45 min (3 min)	Tainá, Alex, Gabi, Jéssica, Marcela, Vitor, Luisa, Gabriel, Jorge, Fernanda, Daniel, Carlos, Marlon, Rômulo, Perpétua, Carmen, Ana MM	
Retorno da narrativa do outro	30 MIN (2 min)	Começa por Ana MM que escolhe uma pessoa e assim sucessivamente.	
FINALIZAÇÃO	10 MIN	Leitura do das principais partes do TCLE	
	10 MIN	Dúvidas sobre o contrato biográfico, sugestões Ratificação coletiva do contrato biográfico	

A Disposição pessoal de ser professor é construída historicamente, a pessoa não nasceu com esse desejo. Isso é uma construção, portanto somos afetados por familiares, professores, e mutuamente entre todos os atores sociais. A potência da metodologia que se dá através do Ateliê Biográfico de Afeto nos traz rastros de como essa Disposição foi e continua sendo construída. Como essa Disposição para se tornar professora ela se cria, foi criada e continua a se criar. É um caldo de cultura para as pessoas perceberem, se conscientizarem o que elas sentiram. Neste processo, muitas vezes excessivamente racional e de produtividade são apagadas a subjetividade e as explosões de sentimentos que envolvem o Ensino de História. Tanto em relação de vida pessoal dos estudantes quanto aos traumas da humanidade que atravessam nossas vidas. Como nossos corpos reagem perante a tantos desafios? Qual a relação desse Ateliê com a do conceito de Disposição Pessoal do Novoa?

O Ateliê Biográfico de Afeto é um acontecimento no presente, no aqui e agora é imprevisível. Ao recorrer às lembranças não estou querendo recuperar o passado e sim utilizar a memória no presente para ressignificar essa experiência do PIBID HISTÓRIA UFRJ 2011-2014. Por isso, diferente de uma entrevista ou um grupo focal onde perguntas ou temáticas são sistematizadas pelo pesquisador, no Ateliê Biográfico de Afetos os participantes, espontaneamente, vão atingindo lugares de identificação de outros participantes que trazem a lembrança e os afetos daquele momento em que subjetividades são mobilizadas e se materializam a questão ligadas “Disposição Pessoal” (Nóvoa 2017) de tornar-se ou firmar-se como professores. Discutindo as subjetividades, afetos e afecções nesse jogo de sensibilidades que as palavras, músicas, gestos, pessoas, lugares nos remetem e nos constituem professoras.

2.3. VIDEO CANAL DO YOU TUBE – AUTOBIO PROF VIVI :AmarElo

“A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós como professores acadêmicos e pensadores críticos podemos começar a cruzar as fronteiras as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça pelo gênero pela classe social pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças. Meu primeiro diálogo de oportunista. Se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar fronteira devem ser vistos como válidos e legítimos. Isso não significa que não sejam sujeitos

a críticas ou questionamentos críticos ou que não haja muitas ocasiões em que a entrada dos Poderosos nos territórios dos impotentes serve para perpetuar as escrituras existentes. Esse risco, em última análise, é menos ameaçador que o apego e ao apoio contínuo dos sistemas de dominação existentes particularmente na medida em que afetam o ensino como ensinamos e o que ensinamos”. (hooks, 2013.p. 174 175)

A partir de agora, o texto vai seguir em forma de diálogo, a escrita autobiográfica neste momento é coletiva a biografização desse primeiro encontro, de como cada um se sentiu, quais as memórias ao assistir o vídeo AmarElo, no canal do YouTube Autbio Prof. Vivi. Quais os gatilhos que foram acionados em cada um com essas imagens, música, letra e com minha performance? Essas emoções são registradas em tempo real nesta roda de conversa do Ateliê Biográfico de Afeto onde cada pessoa do grupo, ao relatar suas experiências na vivência do Ateliê, aciona emoções que afetam outra pessoa que se identifica com sua história de vida, assim como um espelho.

Vou conversar no texto, ouvindo mais do que falando, refletindo como os participantes do PIBID se afetaram com o vídeo performático Introdução: AmarElo. Para pesquisa biográfica é importante a escuta, assim como acredito que essa prática da escuta atenta na sala de aula favorece a relação de diálogo horizontal com o estudante (FREIRE, 1998). Sugeri aos participantes expressarem o “sentir” na primeira pessoa do singular para que o foco ficasse no seu “Eu”, no seu corpo da pele para dentro, no presente, no aqui e agora.

Jacques Lacan (1998) teorizou o momento da constituição do “eu” mediante a identificação com a imagem do outro, no que chamou de “Estádio do Espelho”. Lacan atribuiu à imagem papel fundador na constituição do “eu” e na matriz simbólica do sujeito, definindo a identificação, nessa perspectiva, como “a transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem”. Então o “eu” é constituído no presente, no aqui e agora, minutos depois ao ouvir outro sobre aquela vivência, já se formam outras sensações de forma fluida e híbrida percebendo-se nas múltiplas identidades refletido no espelho. Já Michael Foucault usa a ideia de um espelho como uma metáfora de dualidade e contradição, a realidade e a não realidade de projetos utópicos. A metáfora do espelho, de Foucault, no livro *As Palavras e as coisas*, afirma que utopias consolam, e heterotopias inquietam. Um espelho é a metáfora da utopia porque a imagem que você vê nele não existe, mas é também uma heterotopia porque o espelho é um verdadeiro objeto que forma o modo que você se relaciona à sua própria imagem.

As utopias consolam: é que se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins, bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a ela seja quimérico. ... As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isso ou aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou as emaranham,

porque arruinam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói as frases – aquela menos manifesta, que autoriza “manter juntas” (ao lado em frente, as palavras e as coisas). (FOUCAULT, 2016, p. XIII)

Aciono aqui outras partes do corpo que não é somente a “mente pensante” o “cérebro” na qual na maioria das vezes performamos tanto como professoras como quanto estudantes. Quando falamos sobre corpo, na sala de aula ou na pesquisa, como vivemos no corpo, para além de nossos pensamentos, nossa razão, que sentimos emoções que nos atravessam, que temos gênero, raça, classe e prática sexual causa incômodos e desconforto na academia que em seu discurso tenta separar mente e corpo. O campo de pesquisa autobiográfica é desacreditado e, mesmo algumas vezes, artigos são rejeitados por revistas e periódicos Qualis, tanto no Brasil como no mundo, conforme relatos de Inês Ferreira de Souza Bragança (VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica - VI CIPA- UERJ 2014) ou Janet L. Miller (Palestra promovida pela FE/UFRJ 2018). Essa prática desafia o modo como o poder se orchestra e cria dispositivos de controle em espaços institucionalizados como escola e universidade. Sendo assim, eu acredito que a presença da professora/pesquisadora como corpo no Ateliê Biográfico ou na sala de aula tem efeito total sobre desenvolvimento da estudante, não somente o efeito intelectual, mas o efeito como essa estudante percebe a realidade fora da sala de aula e em outros espaços de sua vida. (hooks, 2013p. 182,183)

PERPÉTUA NO WHATSSAP

Professora Perpétua Domingues: “Aquilo que eu já tinha falado dos indígenas. Percebemos com você, que os indígenas falam muito isso. Ai a gente com nosso olhar etnocêntrico, há por que é indígena. Não, não, não importa se é indígena ou não indígena. A linguagem só escrita, só lida, ela é limitante. Porque a vida, as nossas vivências, as nossas experiências, as coisas que nos afetam, elas são no 3D, no 4D, no 5D. É assim que a gente vivência tudo. E como é difícil usar essas linguagens. Você soube se apropriar de vídeos, tecnologias, para fazer esse movimento. Trazer a gente para a cena, não só a partir de um texto escrito, que também são fundamentais, são importantíssimos, mas você coloca a gente no 5D. A escola é assim também. Toda essa diversidade que você mostra, de linguagem, de pessoas etc., ela não cabe só na língua escrita. Não cabe só no papel. Ela perpassa pelas emoções, perpassam pelo corpo. Acho que talvez faça parte de uma tradição da modernidade. Eu não quero falar clichê aqui não. Realmente é assim que eu penso, que estou sentindo da pele para dentro. É corpo, não podemos esquecer que nosso corpo está conosco o tempo todo. A gente vivencia as experiências do corpo, o corpo está lá. Isso é muito forte nos seus vídeos. Impactou muito. Eu fiquei pensando

aqui em umas palavras. Como eu falei para você, eu não entendi que tinha que explicar. É o que sente. Umas palavras vieram à minha mente durante o seu vídeo. Fui anotando aqui. Não são palavras dicotômicas, não são. É um mosaico. Como se estivesse vendo um mosaico de coisas. Eu coloquei algumas palavras nesse mosaico que eu senti. Arte, Dor, cor, língua, pé mão, olhos, corpo, violência, beleza, exagero, desconforto, intensidade, Brasis, sujeitos, morte, vida, imagem, som. Enfim Viviane Parabéns. Eu fiquei muito impressionada. Eu já sei da sua capacidade, eu já sabia. É muito incrível, você tentar fazer esse deslocamento da academia e trazer tudo isso para a academia. Porque estamos falando de Educação, falamos de uma “Casa Comum”, de Formação, temos que pensar nisso, que são os corpos. Todos os envolvidos, os sujeitos. Sujeito é corpo, olho, boca, língua, palavras, som, desconforto também da convivência, tudo isso. Eu penso que esse sentimento que estou percebendo, não é para ser explicado, é pra ser sentido. Eu tentei, da melhor forma possível, explicar o que eu sentia. Mas não tem muita explicação é sentimento.”

“Considerando as relações de poder assimétricas que envolvem o controle da circulação informacional, podemos pensar a partir dos usos dos projetos que envolvem o audiovisual e a internet por parte dos indígenas em possibilidades aos desafios atuais da participação política indígena, permitindo visibilidade às suas demandas e interação pluri/interétnica. Desse modo, os meios digitais formam espaços de empoderamento político e cultural, resgatando, assim, um sentido de participação e resistência através da agência indígena.” (DOMINGUES, 2021, p.143)

Em relação a performance do Vídeo AmarElo, vou privilegiar a “Disposição Pessoal” de aprender a ser professor em relação a dimensão ética, a construção de um ethos profissional a que NÓVOA (2017 p1122) se refere, o compromisso concreto com a educação concreta de todos os alunos. No Brasil para além da questão educacional, sofremos acentuada desigualdade social e resquícios da colonização que herdamos de uma sociedade patriarcal, machista, racista especialmente, a carcerária, marcada pela utilização da tortura como prática banalizada, e a corrupção que impera no âmbito político, são alguns exemplos que constituem sérios obstáculos afetando diretamente o acesso e permanência na escolar. O Rio de Janeiro atinge o mais alto índice de violência policial do Brasil. Essa questão de vida e morte, uma “necropolítica” (MBEMBE, 2018) que atinge diretamente crianças e jovens negros é uma dor que atinge diretamente professoras estudantes e toda comunidade escolar. Trago para esse diálogo “A força da não violência – um vínculo ético-político” onde Judith Butler (2021) pensando em sua relação com o ideal de igualdade e a demanda pelo direito ao luto por meio de uma crítica ao individualismo. A força da não violência mostra como questões raciais e demográficas se integram à lógica de imposição da violência pelo Estado e outras modalidades do “deixar

morrer”, impondo a violência às pessoas mais expostas a seus efeitos e submetidas a seus poderes fatais. Recorro também ao filósofo Paul Ricoeur (1996) que defende o “perdão social” inspirado na Comissão da Verdade e Reconciliação na África do Sul, presidida por Nelson Mandela. Neste contexto a memória e a “verdade” é um importante meio de reparação para os traumas históricos cometidos durante o período do apartheid. Ricoeur ao acessar conceitos da Memória, da História e do Esquecimento reforça que o exercício da lembrança de traumas pode abrir uma perspectiva de libertação de dívidas do passado violento. Acredito que a Pedagogia do Afeto é uma *“força da não violência”* (BUTLER, 2021), de resistência e combate de uma perspectiva individualista das relações sociais ou de um Estado no exercício do biopoder. A Educação para construção da “igualdade radical” de direito ao luto (BUTLER 2021), são emergência nos espaços formais e não formais de Educação. Esse é o nosso principal compromisso ético no Ensino de História: **A VIDA DE TODOS NOSSOS ESTUDANTES IMPORTA!!**

AmarElo– 2019

Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
 Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte
 E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado
 E assim já não posso sofrer no ano passado
 Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
 Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
 Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
 Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes, que nem devia 'tá aqui
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nóiz?
 Alvos passeando por aí
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência
 É roubar o pouco de bom que vivi
 Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir
 (OLIVEIRA, 2019)

Texto vivo vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre **AmarElo - (EMICIDA 2019 - Sample: Belchior Sujeito de Sorte)** no

canal do Youtube - Autbio Prof. Vivi e assista ao vídeo Introdução: AmarElo - PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014)²⁰ disponível em: <https://youtu.be/qL3NeQyHu-4>

Daniel, como apresentei anteriormente foi licenciando do PIBID HISTÓRIA UFRJ, atuava no “meu” CIEP 303 AYRTON SENNA e fez estágio 300 horas comigo na Prática de Ensino de História da UFRJ. Era um grande companheiro na sala de aula e criava forte laços de intimidades com as estudantes do CIEP que confidenciam coisas para ele que eu desconhecia. Ele não pode estar presente no 1º Ateliê, mas posteriormente fiz uma repescagem com alguns participantes e promovi um diálogo com eles. A impressão que fez do impacto do vídeo forjou sentimentos que elegi essa descrição para dar início ao diálogo sobre AmarElo ou *Amar e criar Elo*.

Daniel Sideris: “Primeiramente eu fiquei *impactado* com a performance em si, a camisa social e gravata brilhante, totalmente formal, sendo despidos e aos poucos mostrando a roupa do dia a dia e a camisa da escola, com o nome dos jovens mortos e o sangue. Fiquei pensando no significado disso. Depois eu me *lembrei* do cotidiano que as pessoas relataram, não só em nossas oficinas, mas na nossa vivência cotidiana e mesmo quando eu convivi com você fora do PIBID... lembro de um aluno nosso que *sofreu uma violência policial* na porta da escola... lembro na época da ocupação da Rocinha pela PM nos reunimos com os alunos para discutir os prós e contras da ocupação e, logo vinham relato de *abusos*, e relatos também de *violências* mais sutis, como o encarecimento da vida, o aumento dos aluguéis... E com esse "ano passado eu morri mas esse ano eu não morro", eu pensei em como são todos esses conjuntos de *dificuldades*, desde as mais *sutis* até a mais *extrema* que é a *violência explícita*. E é *triste* porque, todas essas violências tentam a todo momento impedir esses jovens de chegarem ao seu objetivo na vida, aí no clipe aparece um homem negro da favela com seu diploma comemorando (ou eu entendi assim), mas pra chegar a esse lugar, além de *vencer* diversas *barreiras* menores, elas têm que se manter vivas e com integridade física e saúde se possível. Aí o clipe mostra até eles lutando, me chamou a atenção que tinha um deficiente físico mantendo sua saúde e um corpo impecável. Mas *para manter essa saúde é preciso não morrer*, e uma ação policial terrível pode acabar com todo o sonho e toda a trajetória de uma vida inteira. No final eu vejo você Vivi se fazendo *marcas de feridas* e *lagrimas vermelhas* e falando que ano passado morreu, mas esse ano não morre, vejo a mensagem de que as *feridas* ficam, mas nunca se deve deixar de *lutar*.

²⁰ Descrição do vídeo: PARTE 1- Performance inspirada no clipe da música AmarElo- Emicida 2019, para a INTRODUÇÃO do Projeto de Qualificação da pesquisa do Mestrado PPGE/ UFRJ “Afetos Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa Comum” para formação de Professoras?

Ao menos foi o que eu interpretei, se eu não tiver captado corretamente algumas partes isso é bem possível porque as vezes a minha mente só chega lá depois que se debruça mais no assunto. E como sempre, *maravilhosa* minha *amiga professora* ❤️"

Destacando palavras desse diálogo com Daniel evidencio aqui a importância de estudantes de licenciaturas terem contatos com uma diversidade de escolas, inclusive escolas inseridas em favelas, como o CIEP BRIZOLÃO 303 AYRTON SENNA, que fica localizado em São Conrado próximo à favela da Rocinha, onde poucos licenciandos de Histórias tanto do PIBID, como da Prática de Ensino tinham interesse em escolher essa escola tanto pela distância quanto pela precarização. As escolas Estaduais não eram escolas de excelência como o CAP/UFRJ ou outras Escolas Federais como Colégio Pedro II, Colégio Militar, CEFET, e mesmo dentre as próprias Escolas Estaduais onde também eram realizadas o estágio da Prática de ensino existe uma hierarquia, dependendo da localização e do prestígio.

A relação de sujeito e poder, na qual me refiro aos estudos de Foucault (1985) para empregar conceito de “microfísica do poder”, onde o autor propõe uma análise microscópica e minuciosa vendo o poder como um operador que divide e fraciona os sujeitos entre si e em relação aos outros, e que atuam em nossos corpos. Uma microfísica do poder adota o ponto de vista dos corpos suplicado, domesticado, educado, mutilado, decomposto, repartidos, organizados, separados e reunidos. O efeito do micropoder é a produção de almas, produção de ideias, de saber e de moral.

Neste texto e contexto, os sujeitos PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) representam um caldeirão onde as almas, ideias, saberes e moral se misturam, em duas escolas Públicas Estaduais do Rio de Janeiro, com diferenças demarcadas por corpos da favela, do asfalto, do subúrbio, difícil e fácil acesso, condições precárias de moradia e de serviços básicos, outros com acesso a bens de consumo, corpos negros, LGBTQIA+, nordestinos, de mulheres e homens com suas marcas, seus talentos, jovens com hormônios a flor da pele, e cultura efervescente, que mobilizam saberes diversos fora da Escola. O fetiche da “Escola Pública” de qualidade está em xeque, com a desigualdade de oportunidade, visivelmente claro entre o CIEP 303 BRIZOLÃO – AYRTON SENNA, próximo à favela da Rocinha e Escola Estadual Prado Junior na Tijuca, próximo a colégios tradicionais como Pedro II, Colégio Militar e Instituto de Educação no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo fissuras são aproveitadas para criar, inventar e reinventar o conhecimento histórico escolar, principalmente dentro das mais variadas adversidades e desafios.

Aposto em uma abordagem, não essencialista, dispensando totalidades, dispersão onde a razão é entendida como múltipla, contingencial e historicamente localizada. Para Foucault os sujeitos são históricos, não existe uma “natureza humana”, a tradição se dá com ênfase na diferença. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019, p.149-166).

Impactado, lembrei, sofreu, violência, abusos, dificuldades, violência, triste, vencer barreiras, saúde, marcas de feridas, lágrimas vermelhas, feridas, luta, maravilhosa, amiga professora. Daniel expõe em sua biografização, afetado pelo Vídeo AmarElo, a importância desse contato de *intimidade* com esses estudantes da favela da Rocinha, sua *indignação* perante os racismos institucional, as dificuldades das moradoras da favela e a violência explícita. Aflorou sentimento de empatia e alteridade, compromisso ético reforçando valores importantes como resistência, luta e a amizade com a professora. Uma ética que rompe com uma perspectiva individualista das relações, e reforça a “força” do sentir a dor do outro, como pode ser um mecanismo de resistência e luta contra a violência do Estado que escolhe os corpos que podem viver e morrer.

No cenário da violência tudo que é Vivo está indissociavelmente conectado e interdependente todos humanos e não humanos, daí nosso compromisso ético com a vida de estudantes negras, negros, nordestinos, favelados, periféricos e pobres. Através da “Força da Não Violência” (BUTLER 2021) firmar a disposição pessoal de ser professora de História e o dever de história e memória com todos esses corpos que foram tombados para deixar de serem não enlutáveis (BUTLER 2021), para que sejam lembrados. Significa que a não violência é forte, algumas vezes agressiva e representativa, não é passiva e pode ser acionada através da Pedagogia do Afeto.

“A não violência talvez seja mais bem descrita como uma prática de resistência que se torna possível, se não obrigatória, precisamente no momento em que a perpetração da violência parece ser o mais justificável e óbvio. Desse modo, a não violência pode ser compreendida como uma prática que não apenas impede um ato ou processo violento, mas que exige uma forma de ação constante, às vezes agressiva. Portanto, uma sugestão que apresentarei é que podemos pensar a não violência não apenas como a ausência de violência, ou o ato de se abster de cometer violência, mas também como um compromisso permanente. Ou mesmo como um modo de redirecionar a agressão com o propósito de afirmar os ideais de igualdade e liberdade.” (BUTLER 2021)

O ZOOM é a Casa Comum do Ateliê Biográfico de Afeto? O aplicativo Zoom foi o lugar físico/virtual onde aconteceu o 1º Encontro do Ateliê Biográfico de Afeto. A anfitriã que abriu e apresentou o Ateliê foi minha Orientadora e Coordenadora do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2013-2014).

Ana Maria Monteiro: “Bom dia a todos e todas hoje é dia 28 de novembro de 2020, 10:06 no Rio de Janeiro Brasil estamos iniciando aqui a primeira atividade do grupo de discussão Ateliê Biográfico de Afetos que está sendo desenvolvido no âmbito da pesquisa de Mestrado da mestranda professora Viviane Grace Costa. Então embora Viviane e a maioria dos participantes estejam na Cidade do Rio de Janeiro, o grupo está formado por pessoas, jovens que estão em diferentes localidades do país e do mundo. Viviane, agora eu passo a palavra para você e você pode iniciar as atividades.”

Viviane Grace: “Bom dia meus *amores*, é um *prazer* muito grande estar aqui com vocês. Esse reencontro com vocês ou com quem eu estou conhecendo agora, como a Gabi, de quem já me sinto *íntima*, está sendo *impactante* e me afetando muito. É muito *emocionante* esse reencontro. Estou muito *feliz* de vocês terem aceitado essa proposta de estar aqui nesse ateliê biográfico. “O que Swingnifica isso?” PIBID DE HISTÓRIA UFRJ 2011-2014? (...) A gente tem passado nesse contexto político por vários *problemas*, com esse conservadorismo e essa extrema-direita. Nossa situação fica cada dia mais complicada. Para todo poder, há resistência. O Ensino de História é um dos alvos neste contexto político de *apagamento* de memória e história da Educação, de *exclusão* de direitos e *conquistas* dos diversos movimentos sociais. Nós como professoras de história, com Escola sem Partido somos *alvos* muito grande de *perseguições*. Então pergunto para vocês quem tem *medo* da história? Quem tem *medo* do PIBID de história UFRJ? Quanto *poder* tem um professor de história? Para que *ser professora* de História?”

No dia 28 de novembro de 2020, em função da COVID 19, o Brasil estava vivendo desde março o que chamávamos de “Novo Normal”²¹. As aulas e encontros presenciais foram suspensos, retomamos semestre de forma virtual meses depois. Sendo assim tomamos a decisão de realizar o Ateliê Biográfico de Afeto, na plataforma do Zoom, que a maioria das pessoas já estavam familiarizadas. Esse encontro virtual foi um facilitador pois seis anos após a realização do PIBID HISTÓRIA UFRJ, nossos encontros na nossa “Casa Comum” não eram mais na Praia Vermelha (FE/UFRJ), na Tijuca (Colégio Estadual Prado Junior) ou em São Conrado/Rocinha (CIEP BRIZOLÃO 303 – Ayrton Senna) onde no mínimo três vezes por semana estávamos juntas. Nesse momento cada um estava em um lugar do planeta, Carmen Gabriel na França, Vitor Corrêa na Alemanha, Daniel Sideris em São Paulo, Fernanda Terra Moura em Cabo Frio

²¹O Novo Normal é a referência que fazemos ao montante de transformações que ocorrem na cultura, tecnologia, economia, dentre outros aspectos da humanidade diante de uma grave crise global devido a COVID 19 que visam a sobrevivência da população. Dentre essas transformações destaco as reuniões, encontros, dinâmicas, aulas, defesas de mestrado e doutorado em plataformas virtuais, bem como palestras, simpósios, congressos, conferências, lives e cursos, em plataforma do YouTube, atingindo um público maior do que quando era presencial.

(Região dos Lagos no Estado do Rio de Janeiro). O restante dos participantes estavam cada qual em suas casas em um bairro diferente do Rio de Janeiro. A adesão para participar da pesquisa e a grande presença no 1º Ateliê, me deixou satisfeita. Essa forma de participação e essa cultura de encontros em plataformas virtuais se estabeleceu como um mecanismo de superar o isolamento social que a pandemia de COVID 19 nos impôs. A falta de contato físico nos causava sensação de solidão e até mesmo stress por estarmos isolados em casa, contraditoriamente a plataforma virtual nos proporcionou uma capacidade de nos unirmos apesar de estarmos tão distantes. O calor humano do abraço do beijo foi compensado com palavras e gestos com as mãos em formato de coração ou nos enlaçando com os braços imitando o abraço nas vídeos chamadas. Descobrimos que nós humanas precisamos de carinho, afeto e abraço assim como de água para beber.

Neste momento de pandemia da COVID 19, nós professoras tivemos grandes desafios e nos fizemos presentes com a “Disposição Pessoal” de aprender de agir em um ambiente de incerteza e imprevisibilidade (NÓVOA 2017 p. 1122).

Amores, prazer, intimidade, impactante, emocionante, feliz, medo problemas, apagamentos, exclusão, conquistas, alvos, perseguições, poder, ser professora. Sentimentos em destaque. Era um turbilhão de emoções que no decorrer do Ateliê pudemos perceber que não eram sensações isoladas, parece que estávamos bem eufóricos neste reencontro e o amor pulsava, o prazer era latente, saudades compartilhadas em tempos de uma crise global por conta de uma pandemia. Tempos de incertezas. Destacam-se sentimentos de carinho ao referir aos participantes do Ateliê Biográfico de Afeto como “Amores”, assim como me refiro toda vez que me comunico no Grupo ATEFOS de WhatsApp, porque amores é comum de dois ou mais gêneros e realmente são amores que cruzaram nossas vidas. Outro sentimento importante é o prazer, felicidade a emoção de reencontrarmos. No diálogo de bell hooks comenta que quando outros colegas ouvem a euforia e risadas na sala de aula transmite a ideia de que você é um bom piadista um bom ator, mas não está ensinando a sério. O prazer da sala de aula provoca medo se existe riso. “Ninguém parte do princípio de que as ideias do professor podem ser divertidas comoventes para provar a seriedade acadêmica do professor os alunos devem estar semimortos silenciosos adormecidos.” (hooks 2013 p.194). Não podem estar animados entusiasmados fazendo comentários querendo permanecer na aula. O Ateliê Biográfico de Afetos apresentado através da performance, da arte, da música do Vídeo AmarElo, também causou desconfiança quanto a seriedade em alguns participantes da pesquisa, houve dúvidas se realmente ia funcionar, já que estava fora de padrões acadêmicos de entrevistas, ou até mesmo grupo de discussão e grupo focal. Havia uma proposta de exposição através do meu corpo, performance

com expressões fortes, de cicatrizes e lágrimas de sangue que me afetam como ser professora. Desloca o lugar da professora/pesquisadora de uma falsa neutralidade e demonstra como o pensamento está também ligado ao sentir. Ao materializar as subjetividades vemos poder revolucionário, do prazer, do desejo, da saudade como elemento importante que contribuem para tomada de consciência e deixam marcas que facilitam o conhecimento. Quando na performance de professoras/pesquisadoras deixamos de mascarar sentimentos saímos da lógica que separa o corpo, alma e espírito (hooks, 2013), com a pretensão de que a “ciência” ou “história objetiva”, fossem única e exclusivamente baseadas na razão. Esse pensamento que separa emoção da razão, representa um conceito do “homem moderno”, reforça interesses individualistas, representa “corpos” que hierarquizam sujeitos, que tem gênero e cor de pele, de uma sociedade “violenta, capitalista, racista, patriarcal e heteronormativa.”

Tainá Ferreira: “No início observei *sem muita reação*, pois era apenas o recanto da música. Porém quando começou a tirar as roupas de cima e de repente apresentou a blusa do município com *marcas* de sangue, tiro e o nome dos jovens negros que morreram *senti um mal-estar*. Como *mulher negra nascida na favela*, você conseguiu tocar em um ponto do qual *desejo esquecer* todos os dias. A *violência* frequente contra nós negros e pobres. Sempre *fujo* de assistir esse tipo de notícia, hoje tenho *medo* de amanhã ser meu irmão morto, um parente, amigo ou até eu. Ano passado morri, mas esse ano não morro a cada dia que passa um de nós morre e somos obrigados a *seguir em frente*, na luta de não sermos o próximo, *na luta* de que não haja um próximo. E carregamos essas *cicatrizes* com nomes de forma interna ou externa por dentro morrendo de *medo*, mas por fora tentando ser *corajosa*.”

Alex Santos: “Então, professora Viviane, vamos por parte. (...) Eu fico *feliz* com esse trabalho que você está desenvolvendo, porque a própria música escolhida ela já fala muito sobre o *ser brasileiro que sofre*, do *ser brasileiro negro* porque a gente não está falando de um branco, obvio que ele é citado em outros momentos no sentido de marcas, já que todos tem marcas também. Mas quando a música foi desenvolvida, eu já tinha estudado um pouco mais sobre ela, ela foi desenvolvida no *sentido negro de ser*. Assim, *é tocante* (...) eu fiquei *emocionado* (...) porque o ônibus para mim é um dos melhores lugares que eu posso me introduzir ao tempo/espço, para poder refletir sobre certas coisas. (...) foi um dos momentos para mim *de despertar*. (...) É o fato de você *despertar*, de perceber o quanto você já passou por tantas coisas, o quanto você continua batalhando, o quanto muitas vezes você é o primeiro de sua família a *realizar algo* que eles não puderam. *É gratificante* não por ser o primeiro, mas por você perceber a possibilidade que você tem de *alcançar algum sonho* ou alguma meta que você já tem e *deseja realizá-la*.”

Gabriela da Silveira: “Quando as roupas são tiradas e a blusa e a blusa ensanguentada é revelada me senti muito, muito *triste*, pois o sangue e os nomes remetiam a infelizmente muitas histórias de crianças negras assassinadas no Rio de Janeiro. Sentir *tristeza* e *indignação raiva* e *desconforto* ouvindo o som das Bombas e tiros tão altos remetendo a imensa *violência* sofrida pelas crianças e suas famílias. (*Chorando emocionada* desabafa). Fiquei ainda mais *triste* porque o irmão de minha amiga de infância foi covardemente assassinado aos 16 anos e me lembrei disso. Também *lembrei* de situações que vivi quando fui bolsista do PIBID UFF, de presenciar dias com turmas vazias, porque os alunos não conseguiram ir à escola por ser dia de operação. A música dizendo “Hoje eu morri, mas amanhã eu não morro” também me deixa *triste*. Entendo que talvez fale da resistência de todo um coletivo, mas penso nas crianças que não tiveram a chance de viver de novo e como isso é *injusto, inaceitável, absurdo e triste*. Senti *estranheza* ao ouvir os gritos contrastando com as roupas tão alegres e vivas, no segundo momento do vídeo. Mas depois ouvindo a música que dizia deixe que eu fale e não as minhas cicatrizes e vendo vídeo naquele tom amarelo de sol com imagem de *vida, força e resistência*, acho que senti algo como *esperança*, no sentido de entender que talvez seja possível construir coisas melhores mesmo num mundo *marcado por dores e injustiças*.”

Viviane Grace: “Só para esclarecer a Tainá e o Alex, são meus alunos que participaram muito do PIBID, das oficinas do CIEP Ayrton Senna em 2013. Já a Gabi, aluna da Perpétua, do Colégio Prado Júnior, para quem não conhece. (...) Vou ressaltar aqui nesse reencontro como estão hoje a Gabi, Tainá, Alex. O Alex é professor formado em dança, ator, bailarino e faz faculdade e de Produção Cultural. Quando eu dava aula para ele estudava balé no Teatro Municipal. A Tainá minha ex-aluna do CIEP da mesma turma do Alex, faz literatura na UFF é escritora do gênero terror. A Gabi ex-aluna da Perpétua do Prado Jr. fez filosofia também na UFF. O contado com PIBID, no Prado Jr no Ensino Médio fez com que participasse como bolsista do PIBID na sua licenciatura em Filosofia, e agora ela está fazendo mestrado em Filosofia. Estou só apresentando para vocês o que já foi contextualizado para mim nesse reencontro com eles pelo WhatsApp, Facebook ou Instagram.”

Gabriela da Silveira: “Educação e Estética, eu estudo isso, mas é Filosofia. Eu estou na pós-graduação de Filosofia mesmo”

Essa é nossa razão de existir, só existe professora porque existem estudantes, só existe licenciatura em História porque existe a Educação Básica. Estudantes da Educação Básica são a base invertida da pirâmide, começo por eles porque ao vermos suas transformações, realizações, como sobreviveram, aonde chegaram, vamos atingindo um por um. As realizações

deles são também dos ex-licenciandos de História, são das professoras da Educação Básica Perpétua e Viviane e das Professoras de Ensino de História Carmen Teresa Gabriel e Ana Maria Monteiro que estão na ponta da pirâmide que foi virada de cabeça pra baixo (FIGURA 2). Como diz meu ex-aluno Alex, “é gostoso de se ver.”

Alex Santos: “(...) é gostoso de se ver, mas gostoso também de recordar de cada marca que a gente tem, e que muitas das vezes as pessoas se chocam com as nossas marcas: ao ver na pele ou no contar de nossa história ao sentir a pena. Mas não é isso, não é isso que eu quero que você sinta, não é isso que eu quero que você pense. Eu quero apenas que me ouça, que você perceba quem sou e não apenas observar e tirar suas próprias conclusões precipitadas.”

Gostoso, recordar, marca, sentir pena, quero apenas que me ouça perceba quem sou. Sentir esse gosto, esse sabor de conquista de vitória, realmente esse bumerangue é o melhor presente que nós professoras formadoras poderíamos receber de volta. Alex, Tainá e Gabriela na graduação e na pós-graduação, todos passando pela Educação, pensando e multiplicando o saber e o fazer, dançando, ensinando a bailar, escrevendo, produzindo literaturas e ideias. “É gostoso de se ver!!”. O Sucesso de que falo aqui como fala Marisa Monte “ele vem do latim "sucessus,us" é o sucedido, é o realizado, é fazer, é fazer o trânsito entre o ideal e o real. Nossa Senhora do Bonsucesso é Nossa Senhora do Bom Parto. É botar no mundo” (https://www.instagram.com/reel/CUDuDLhJ3dF/?utm_medium=share_sheet). Não tem nada a ver com êxito comercial. É a realização. Gostoso de ver eles se comprometerem com o coletivo, com a arte, com a literatura com a filosofia, com a educação. Perceber que a relação de Diálogo horizontal (FREIRE,1999) funciona, a escuta é fundamental, como coloca Alex “eu quero apenas que me ouça, que você perceba quem sou”. Sem escuta é o anti-diálogo, é informação, não é formação, não tem troca. A disposição pessoal da professora exercitar a escuta no diálogo com o estudante é tão importante quanto multiplicar o conhecimento no Ensino de História. Cada pessoa carrega marcas no seu cotidiano, as micronarrativas através da biografização permite inverter o olhar que é lançado sobre a sociedade, orientando o projetor de baixo para cima, a partir das falas dos estudantes, moradores das favelas e não do “Estado” e das “Cidades”, como é a tradição da Historiografia no Ensino de História.

Na palestra “CFP – Complexo de formação de Professores, “Em tempos inéditos: Mundos (IM) possíveis: Reflexões sobre o nosso presente” em 28 de maio de 2020, proferida pelo professor Durval Muniz, que respondeu a seguinte pergunta do chat de um professor: “Professor Durval, qual o papel a ser desempenhado pelo Ensino de História na Escola

Pública?” Tive a impressão de que o professor estava falando sobre minha atuação no Ensino de História na sala de aula do CIEP BRIZOLÃO 303 - AYRTON SENNA, localizado no Rio de Janeiro próximo a Rocinha.

O professor da escola pública tem que ser capaz de falar para as pessoas que estão à sua frente. Basta olhar para os estudantes que estão à sua frente que a história do Brasil está ali, naquelas pessoas com várias identidades, descendências, condições sociais, de gênero, diversas. O professor tem que saber conectar, a “grande História” que ele traz com a História dessas pessoas. Se for professor da Maré tem que saber a História da Maré. Tem que saber a história de luta daquela população, para que aquela área fosse ocupada, conhecer a dimensão étnica, social de onde for atuar, para tomar a história, como pré-texto, para discutir problemas do presente. Uma aula de História tem que ser uma aula que nos afeta, que nos convoca e que nos mobiliza. O professor tem que seduzir e mobilizar seus alunos. O “Professor marcante” (Ana Maria Monteiro), é o professor que consegue dizer alguma coisa para tocar a realidade do estudante. O professor não pode ser preconceituoso de tratar qualquer tema. Ao conectar com a realidade do aluno, ele tira aqueles conteúdos, da abstração e traz para uma concretude. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2020).

Como professora eu dialogava com os corpos de estudantes, jovens ou adultos ou idosos, trabalhadores, homens, mulheres, não binários, nordestinos, negros, gays, lésbicas, transexuais, evangélicos, espíritas, católicos, impregnados de saberes e conteúdo de História do Brasil e do mundo Ocidental. O PIBID de História UFRJ com seus dez licenciandos e Coordenadoras Professoras da Faculdade de Educação Carmen Teresa Gabriel e Ana Maria Monteiro, quando se inseriam nas escolas públicas estaduais com as professoras de História regentes Viviane e Perpétua aumentava a rede de diálogo, experiências e saberes que não se restringia a academia e a escola, mas também a forte vivências dos estudantes da Educação Básica.

Sem muita reação, marcas, mal-estar, mulher negra nascida na favela. desejo de esquecer, fujo, violência, medo, seguir em frente, na luta, cicatrizes, coragem. Feliz, sofre, brasileiro que sofre, brasileiro negro, sentido negro de ser, tocante, emocionado, despertar, primeiro a realizar, gratificante, alcançar sonho, deseja, realizar. São palavras e expressões marcantes proferidas por Tainá e Alex, ressalto aqui relacionado à performance do vídeo AmarElo, “mulher negra nascida na favela” e “sentido negro de ser”. Ser negro, ser negra no Rio de Janeiro, viver na favela da Rocinha é um sentimento que demanda vários outros sentidos, dentre eles a desigualdade de oportunidades, a necessidade de sobreviver, lutar, resistir para permanecer vivos. Os dois ex-alunos do CIEP BRIZOLÃO 303 -AYRTON SENNA Alex Santos e Tainá Ferreira, são os únicos corpos negros participantes dessa pesquisa. As *marcas, cicatrizes, dor, medo, mal-estar, desejo de esquecer* que Tainá sente na pele negra que habita, “A violência frequente contra nós negros e pobres. Sempre fujo de assistir esse tipo de notícia, hoje tenho medo de amanhã ser meu irmão morto, um parente, amigo ou até eu”. O Estado tem

uma forte política neoliberal e extrativista de forma a determinar quem pode permanecer vivo ou deve morrer, por meio de ações ou omissões, gerando condições de risco para alguns grupos ou setores da sociedade, em contextos de desigualdade, em zonas de exclusão e violência, em condições de vida precárias. A “Educação para todos” é precarizada e perpassa pelo racismo brasileiro camuflado sob o manto do mito da democracia racial, onde o acesso desigual a educação dificulta que negros e negras ocupem certas posições sociais.

Em uma sociedade onde a vida negra é dispensável e considerada vida *matável*, o que é escrever história de terror, a ficção, perto da realidade? Tainá Ferreira através de seu livro *Contos Sombrios* (2017), fez eu me identificar com alguns personagens, humanos e não humanos, nos quais os abusos, as injustiças, puderam ser revidados. Acompanhar o Professor Alex no Instagram em suas aulas e suas danças solo, seu corpo bailando, ensaiando, ensinando a dançar (https://www.instagram.com/p/CORbh_sppu1/?utm_medium=share_sheet), assim é *tocante*, e fico *emocionada, gostoso de se ver!!* Um jovem nordestino sergipano, negro, bailarino com suas performances (BUTLER 2010) rompe com visões essencializadas de masculinidades, na materialização do seu corpo através da dança em todos os espaços, e na constituição das subjetividades. Alex afirma em suas redes “*A dádiva da liberdade é poder dançar em qualquer lugar! Eu não danço, eu sou a dança!*” (https://www.instagram.com/p/CEnSkKwJyJH/?utm_medium=share_sheet). Assim a identificação com a minha Performance no vídeo AmarElo veio a flor da pele negra, “porque a própria música escolhida ela já fala muito sobre o *ser brasileiro que sofre, do ser brasileiro negro* porque a gente não está falando de um branco, ela foi desenvolvida no *sentido negro de ser (...)* “*Assim, é tocante (...) eu fiquei emocionado (...)*”. Os dois jovens Alex e Tainá nesse reencontro que se deu mais de seis anos após, subvertem a ordem do discurso, e ocupam lugares onde querem estar, no Ateliê Biográfico de Afetos que é Casa Comum do PIBID HISTÓRIA UFRJ 2011 a 2014. Ou será a Casa Comum o corpo que dança do Alex? Ou Será a Casa Comum as mãos e o cérebro da Tainá que escreve seus “Contos Sombrios” (FERREIRA,2020)?

Pelo imaginário de uma sociedade de que o lugar do negro é em posição de subordinação cujas estruturas sociais são atravessadas, a presença de Alex Santos e Tainá Ferreira na universidade, *alcançando sonhos, sendo o primeiro a realizar*, toca nas fissuras de nosso tecido social marcadas por uma história colonial de violência e racismo. Transgressão, resistência, subversão, presença. Esses corpos educados, colonizados, que já falam a linguagem acadêmica, também descolonizam, ocupam, inventam, criam e reinventam deixando marcas de sua ancestralidade por onde passam. A educação a arte a literatura foi um caminho de transgressão, resistência e ocupação de espaços.

Tristeza, indignação raiva, desconforto, lembrei, injusto, inaceitável, absurdo, estranheza, vida, força e resistência, esperança, marcado, dores, injustiças. Esse vídeo AmarElo com minha performance causou grande desconforto e fez Gabriela da Silveira chorar de tristeza as duas vezes que assistiu, pois remeteu a um jovem de 16 anos, irmão de uma amiga de infância, que foi assassinado. Chorou por outras crianças que não tiveram a chance de sobreviverem colocou para fora sua tristeza, raiva, indignação. “Mas depois ouvindo a música que dizia deixe que eu fale e não as minhas cicatrizes e vendo vídeo naquele tom amarelo de sol com imagem de vida, força e resistência, acho que senti algo como esperança, no sentido de entender que talvez seja possível construir coisas melhores mesmo num mundo marcado por dores e injustiças.” E sabemos que ela não está sozinha que manteve vínculos de amizade com Fernanda Terra Moura desde a época do PIBID, onde se encontraram no Colégio Estadual Antônio Prado Junior. Sabemos que essa dor não é só dela é de todos nós, ao partilhar suas lágrimas pertenciam a todos que estavam presentes.

Marcella Albaine: “Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro. Vivi esse Vídeo é pausa, é escuta, é silêncio, é lembrar dos jovens que partiram de forma precoce, é alertar para que outros não tenham esse mesmo destino. É chamar nossa atenção para o sensível que envolve o nosso fazer na docência. Morremos muitas vezes, temos que reconhecer os nossos limites, isso nos humaniza, não é? Quantas vezes na sua vida pessoal você morreu? Quantas vezes você ressurgiu ainda mais forte? Somos potência, somos resistência.”

Luisa Tavares: “Gerou muito sentimentos a performance desse vídeo. Cada vez que eu assisto eu não consigo tirar os olhos da tela. A Performance é carregada de sentimentos. constantes. Ele agiu sob efeito de toque tamanho que gera um deslocamento desconfortante diante da crueldade que a gente vive diariamente. Pra mim destacou demais esse sentimento de deslocamento dentro de mim. Isso está muito presente na forma como o vídeo foi construído que colocou isso claramente na tela. O que destacou pra mim foi a expressividade, a edição do vídeo, os cortes, as cenas, os ângulos criaram essa percepção em mim. Sensibilizações necessárias para que os sentidos ali expressados mexam com o espectador. O que ficou na construção desse vídeo é que saiu do eixo comum. Descolonização Já! Chega de normatividade! Viva a diversidade!”

Vitor Corrêa: “(...) A partir do momento em que surge a camisa ali, eu pessoalmente me senti muito impactado também. Acho que muito pelo discurso que a gente tem de mudança pela educação, isso também foi uma coisa que norteou nosso pensamento durante todo o PIBID. De repente ver esse vídeo e mais uma vez ser confrontado com violência policial contra alunos e contra crianças é uma coisa que sempre impacta! Estando a quatro anos aqui fora (Alemanha),

é isso também. Parte das notícias que às vezes chegam para você aqui fora, com imagens brutais. Então pensar sobre isso é sempre um nó na garganta, é angustiante, pensar sobre isso como um professor isso sempre dói. Ver. alunos que poderiam ser seus, sendo vítimas de violência policial, pelas mãos do Estado. Isso é o primeiro impacto desse vídeo. A música também “Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro” para esse ano também (ano de 2020 Pandemia COVID 19, para o mundo) é algo que bate particularmente forte também.”

Rômulo Machado: “Sobre o primeiro, o que me veio à mente na hora foi essa questão, que agora eu estou dando aula em um pré-vestibular comunitário aqui em Vila Isabel e ano passado a gente teve que parar a aula por causa de conflito no morro de operação policial, durante duas semanas. Foi um momento muito tenso. Isso me lembra toda essa questão de violência que nossos alunos passam no dia a dia. Teve a situação do aluno receber uma mensagem que tinha que voltar correndo para casa porque estavam invadindo o morro. A gente sente na pele que isso quebrou muito o ritmo deles. É uma coisa que acaba sendo banalizada muitas vezes. Sai no jornal e as pessoas olham como se fosse um número “Morreram cinco nos dois primeiros meses do ano de violência nas favelas” e é muito tenso. Até a questão que o Vitão falou da música “ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”, a gente não tem como não fazer esse paralelo com a pandemia nesse ano que até pra gente também afeta e desestabiliza completamente. Vai ter o vestibular da prova do Enem e da UERJ, esse ano, com claramente um recorte de classes e quem vai ter chance disparada vai ser quem tem condição de se manter estudando, assistir as aulas online durante esse período. Nossos alunos têm muita dificuldade de acompanhar as aulas online, pelas situações em casa também.”

Fernanda Terra Moura: “Oi querida! (contente) Estou muito feliz de estar aqui, de rever tanta gente. Na verdade, alguns eu já tenho contato direto ou indireto via redes sociais. Então, sobre o primeiro vídeo, eu acho que vários colegas já falaram sobre o quão impactante é esse momento que a gente está vivendo e lembrar que uma das escolas onde a gente manteve o projeto ali na Rocinha é ainda mais... Apesar de não ter sido a escola que eu desenvolvi o PIBID por causa da equipe do Prado Junior, acho que impacta diretamente nessa questão da violência policial, da violência contra negro contra a população mais pobre contra a população mais invisibilizada e marginalizada. Eu acho que indiretamente impacta todo mundo e impacta também a Educação, porque são outros tipos de ataque, outros tipos de violência, que a escola pública de qualidade tem sofrido. E aí, por acaso, bem, eu acho que nada é por acaso, mas enfim, como uma boa canceriana aí do zodíaco eu guardo coisas e apesar de não ser do PIBID, mas da licenciatura eu achei entre as nossas coisas nosso juramento de licenciando. Eu acho que diz muito sobre a segunda parte do vídeo AmarElo, que são realmente esses gritos de resistência

que a gente precisa de força. Eu queria ler para todo mundo, não sei se todo mundo lembra ou todo mundo tem: “Prometo dedicar minha causa da educação defendendo a escola brasileira, particularmente, ensino público, de boa qualidade, de modo a contribuir para a formação de cidadãos conscientes e críticos, buscar aperfeiçoar-me constantemente, como condição para lutar por uma escola democrática, que garanta a todos o acesso ao saber enquanto instrumento de cidadania e empenhar-me na construção de uma sociedade mais justa e democrática.” Então, eu penso que o PIBID tem um projeto, que infelizmente não consegue atingir todas as escolas, mas dentro do possível nós temos três exemplos aqui Alex, Gabi e Tainá de que a gente fez um bom trabalho, no sentido de apresentar e lutar por essa escola democrática, cidadã e para ser uma sociedade um pouco mais justa. (...) . Eu tenho a camisa do PIBID até hoje, acho que o Vitor tem também, está até na corda secando (risadas) que eu tenho muito orgulho, muito carinho. Guardo a camisa preta com símbolo azul com muito carinho. E é isso.

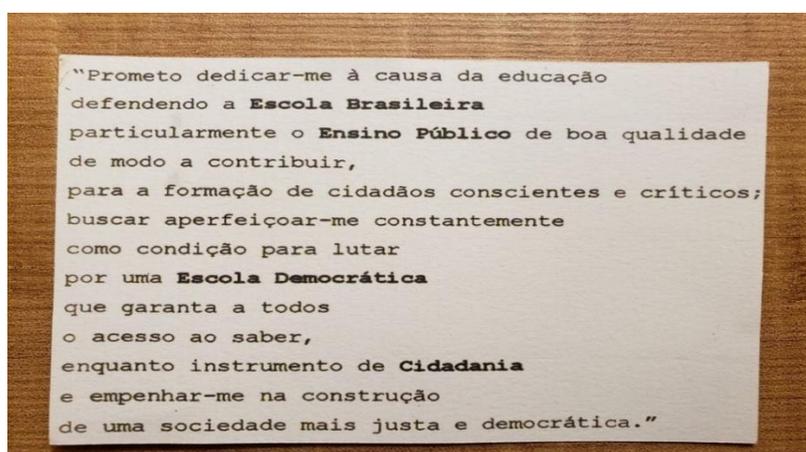
Professora Carmen Teresa Gabriel: “Acho que a Fernanda, ao trazer o “sermão”, tenho certeza como a Ana vai falar, como ela deve ter se emocionado. Porque como nós duas já fomos diretoras de Faculdade de Educação e nós fizemos as formaturas, esse é um sermão muito caro, porque é exatamente isso que a gente gostaria que vocês levassem. E quando a gente ouve, 10 anos depois, uma aluna nossa falar isso, e lembrar isso, nesse momento, diz que a gente está no caminho certo.”

Professora Ana Maria Monteiro: “Eu confesso que hoje, o que me tocou mais foi a Fernanda ler o juramento e eu achei curioso a Carmen falar de sermão, Sermão? Tem algum sermão ali? É o juramento. E saber que a Fernanda guardou, e quando ela começou a ler, realmente, isso me tocou muito. E quando eu assumi a direção, um dos pontos, que eu tinha uma convicção, e eu fazia era a colação de grau todo mês, e eu fiquei 8 anos. Então quantas vezes a gente não fez aquela cerimônia? E eu sabia que aquele momento, era um momento marcante. Porque os alunos que terminavam diziam: “Ah, acabei e terminei essa graduação, terminei a licenciatura, agora vou.” O que significava aquele momento? Aquelas palavras, que não fui eu que redigi, foi uma diretora, a Marlene Carvalho. Ele é muito bonito e muito simbólico, o que a gente quer naquela faculdade, o que a gente quer na formação de professores. E tinha todo aquele movimento dos alunos pagarem para fazerem uma festa e contratarem uma empresa, que muitas vezes era bem simples, porque tinha aquele lance de cobrar, e eu dizia “eu quero fazer aqui na faculdade, numa sala de aula, essa colação de grau. Sempre pedia para a pessoa repetir o juramento, para aquilo ficar marcado. Então, hoje, eu ouvi isso e me emocionou muito saber que a Fernanda guardou, e está ali, como uma meta ou uma ideia que expressa muito do que a gente pensa. (...) E ouvindo a frase “Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro.” Neste

ano, a questão ficou bem mais complexa e mais difícil, com a pandemia, mas acho que essa frase, dessa música que a Viviane escolheu tão bem, mostra muito o que a gente está pensando, né? Esse ano eu não morro, e ano que vem a gente não vai morrer. E tudo que a gente está vivendo aqui, são por dias que a gente não morreu, estamos aqui vivos, até o momento, e é uma luz de esperança para todos nós.”

Dentre tantas emoções despertadas no Ateliê Biográfico de Afetos, particularmente no Vídeo AmarElo surge também a esperança. Descobrimos que esse papel que continha o juramento proferido na Formatura da Licenciatura para Profissão Professor, onde Ana Maria Monteiro como diretora da Faculdade de Educação implementou esse ritual, mobilizou e marcou vários estudantes que imediatamente se manifestaram no Bate Papo do Zoom. Ao retratarmos esse depoimento da Fernanda Terra Moura no GEHPROF, vimos que várias pessoas como Adriana Ralejo, Thaís Merolla tinham esse discurso guardado, um pequeno pedaço de papel com o valor de um tesouro, como um patrimônio material que significava e “swingnificou” a esperança, de combater a desigualdade que se acentua no nosso país. A esperança de transformar através da Educação, onde Fernanda antes de ler o juramento, deu o exemplo de Alex, Tainá e Gabriela se comprometendo a “aperfeiçoar-me constantemente como condição para lutar por uma Escola Democrática que garanta a todos o acesso ao saber enquanto instrumento de Cidadania”.

Ressalto aqui que ao acreditar em justiça e em democracia e acesso de todos ao saber como um instrumento da cidadania, não como uma promessa a ser cumprida. Mas como entende Elizabeth Macedo na ordem do porvir. “Jamais serão alcançadas de uma vez por todas (menos ainda poder-se-á medir se foram atingidas). Não acreditamos que se possa dizer de antemão o que é uma ou outra sem destruí-las. Em suma, prezamos justiça e democracia, mas não queremos tratá-las como ideias reguladoras.” (2016 p. 63)



Fotografia 1: Foto Juramento do acervo pessoal de Fernanda Terra Moura

A esperança de que fala Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* (1992), que nada tem a ver com esperar, e sim com esperar com ação, com a prática. Essa esperança está contida na ação dessas pessoas que participam da pesquisa e acreditam na força de transformação, na potência da Educação. Mesmo Paulo Freire vivendo no exílio sentindo “Paixão, saudade, tristeza, esperança, desejo, sonhos rasgados, mas não desfeitos, ofensas, saberes acumulados, nas tramas inúmeras vividas, disponibilidade à vida, temores, receios, dúvidas, vontade de viver e de amar. Esperança, sobretudo (FREIRE, 1992p 18)”. A pulsão de vida é movida pela esperança.

“(…) a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. A esperança é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica (...) esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. (...) Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que virá, assim, espera vã” (FREIRE 1992 p. 05).

Nóvoa ao defender a Interposição Profissional que seria como aprender a sentir como professor, comenta a importância de alguns rituais do qual me lembrou esse juramento e a camiseta do PIBID que Fernanda e outros comentaram e que inclusive eu estava usando no dia do Ateliê. Ressalta a importância de construir um ambiente formativo com a presença da universidade, das escolas e dos professores, criando vínculos e cruzamentos sem os quais ninguém se tornará professor.

“Na Faculdade de Medicina de Harvard, já anteriormente referida, há um gesto simbólico que diz muito sobre a filosofia e a organização do curso médico. Nos primeiros dias de aulas, quando chegam à universidade, os jovens estudantes de medicina são convidados a participar numa sessão durante a qual os médicos do hospital, a maioria também professores da Faculdade de Medicina, lhes vestem um jaleco. Os estudantes passam a vestir a pele da profissão, ao mesmo tempo que os seus futuros colegas lhes dizem: “a vossa formação também é da nossa responsabilidade”. (NÓVOA, 2017 p. 1123,1124)

A camiseta do PIBID com o desenho que é o símbolo da UFRJ, a Minerva em Roma ou Atena na Grécia, a Deusa da Sabedoria, fazia nos sentir fortes, uma equipe, o PIBID HSITÓRIA UFRJ, o significado daquela camiseta vinham carregado de práticas, ideias, teorias, criatividade da escola, da universidade da comunidade da cidade do Rio de Janeiro, não era uma roupa qualquer, era nosso portal de professores, pensadores e pesquisadores. Quantas vezes próximo a alguma prova de alguma disciplina as estudantes apelavam para a Deusa Minerva inspirá-las, uma brincadeira que dava certo. Literalmente vestimos a camisa e guardamos como patrimônio material do PIBID HSITÓRIA UFRJ.

Professora Perpétua Domingues- “(...) eu penso o seguinte que essa rede de formação ela já é anterior ao PIBID. O PIBID entra para essa rede de formação trazendo uma coisa importante que é o diálogo com a academia. O PIBID fortalece essa rede, que, apesar de invisível, já é anterior ao PIBID ele entra aí com a academia com a discussão acadêmica, coloca os estagiários dentro da escola com recursos e a gente fez coisas muito legais dentro do PIBID! E é a gente que está lá na ponta, enfrentando tudo aquilo que aparece no vídeo AmarElo, nós que estamos ali enfrentando tudo aquilo. Tudo aquilo que está naquele vídeo brilhante que eu fiquei muito impactada e impressionada com aquele vídeo, às vezes realmente as palavras escritas não dão conta. Toda aquela proporção de cores e emoções etc., que essa sensibilização que realmente dava conta um pouco, da situação. O enfrentamento a gente estava lá fazendo, diariamente, e formando ao mesmo tempo o aluno, o futuro professor. É uma rede que apesar de invisível já existia antes do PIBID, ele entra nessa rede com diálogo acadêmico e fortalece mais ainda essa rede. (...) No meu caso pessoal, além dos afetos, das amizades, desse lado maravilhoso. O PIBID foi muito importante para minha formação acadêmica, porque eu era professora raladora, estava lá no dia a dia com os alunos. Não passava na minha cabeça retornar a academia, foi esse reencontro com o PIBID que me despertou. Fiz o mestrado com a Carmen, agora estou terminando o doutorado lá na UNIRIO, tive o prazer de encontrar com o Jorge Lima, lá ano passado. Enfim, o PIBID agregou a minha vida também, esse diálogo acadêmico a formação. Então, é isso gente, o que me passou na cabeça foi a questão da rede que era uma rede invisível, mas já existia o enfrentamento lá na ponta enfrentando tudo aquilo que a Viviane coloca no vídeo AmarElo e que o PIBID entra nessa rede, trazendo um diálogo acadêmico, enriquecendo essa rede. Um grande prazer. É uma rede de troca.”

Professora Carmen Teresa Gabriel: “Afala da Perpétua me impactou, é muito bacana vê-la afirmar posição da profissão professora. Uma coisa que o PIBID fez e que de alguma forma, a gente quer retomar no Complexo de Formação de Professores, é mais do que o reconhecimento, é a operacionalização da ideia de que o professor da Educação Básica é produtor de conhecimento, e não apenas um transmissor dele. O que eu acho Perpétua e Viviane, no caso das duas representantes de professores de Educação Básica, pelo menos naquele momento, hoje em dia muitos de vocês já são, como a Marcela, Luisa, o Jorge, enfim, acho que vocês se tornaram professores. Mas estou falando sobre aquele momento. Perpétua a sua fala hoje, traçou muito isso, quando você diz sobre a rede já existir antes do PIBID. Eu acho essa fala superbacana, você está se afirmando como lugar de professora da Educação Básica, você não precisou da academia para fazer o que já fazia. O que você disse e eu concordo que você já fazia e o que a academia trouxe foi uma potencialidade daquilo que já estava lá. Ou seja,

recursos, alunos para agregar junto com vocês. E eu acho que é esse o papel da Universidade, é fazer com a escola. Eu gostei muito da sua fala e queria chamar atenção para isso.”

Encerro por aqui após tantas reflexões que esse vídeo AmarElo trouxe para quem viveu a experiência do PIBID HISTÓRIA UFRJ, dentro da profissão professora. AmarElo, foi lançado no mês de setembro que é relacionado ao mês de prevenção ao suicídio. Ao mesmo tempo amarelo representa a palidez, o medo (amarelou), a anemia, a depressão, representa o sol, a luz o girassol que é amarelo. Emicida ao fazer esse clip pensou em “ser negro” como interpretou Alex, e para resistir desigualdade, a injustiça do racismo que extermina e que mata ele fez esse jogo com a palavra AmarElo, para além da cor pensar no coletivo, amar e criar elo, laço, vínculo, criar uma rede, reforçar os que vieram antes a ancestralidade na filosofia africana o UBUNTU, um levantando e fortalecendo o outro que o autor aprofundou no documentário AmarElo: é tudo pra ontem. (2020), onde leva todos no final do espetáculo para ocupar o luxuoso Teatro Municipal de São Paulo, que é público. A performance que fiz com a música foi no sentido de a “disposição pessoal ser Professora” e a dimensão ética que Nóvoa se refere, demarcando o compromisso com a vida de todos os estudantes, como professora de História o dever de História e memória com os negros e indígenas que infelizmente, 500 anos após, vivemos no tempo presente no Brasil resquícios do colonialismo disfarçado de neoliberalismo, continua extrativismos acelerando o fim do mundo. Não estamos sozinhas. O PIBID de História UFRJ formou uma Rede, uma “Casa Comum”, desse Complexo de Formação de Formação de Professores”. Encerrando com a fala dessas duas mulheres fortes, Professoras Perpétua “O PIBID fortalece essa rede, que, apesar de invisível, já é anterior ao PIBID ele entra aí com a academia com a discussão acadêmica, coloca os estagiários dentro da escola com recursos” e com a Professora Carmen “você está se afirmando como lugar de professora da Educação Básica, você não precisou da academia para fazer o que já fazia. E eu acho que é esse o papel da Universidade, é fazer com a escola.” Amar e criar Elo entre Escola, Universidade e Comunidade.

2.4 O QUE SWINGNIFICA ISSO? PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011 A 2014)

O que swingnifica isso? - 1996
 perguntou pro professor
 perguntou para o carteiro
 perguntou para o doutor
 perguntou pro mundo inteiro

perguntou para a vizinha
 perguntou para o porteiro
 e quando ficou sozinha
 perguntou para o espelho
 o que significa isso?
 o que swingnifica isso?
 o que signifixa isso?
 o que swingnifica isso?
 o presidente preside
 o operário opera
 o médico médica
 o advogado advoga
 o cobrador cobra
 o procurador procura
 o motorista motora
 o costureiro costura
 o que significa isso?
 o que swingnifica isso?
 o que signifixa isso?
 o que swingnifica isso?”
 (ANTUNES, 1996)

Texto vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre **O QUE SWINGNIFICA ISSO?** (Arnaldo Antunes - 1996) no canal do Youtube - Autbio Prof. Vivi e assista ao vídeo Teoria: PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014)²² disponível em: <https://youtu.be/s7YCBJ3lq7Q>.

Pensando na música e letra de Arnaldo Antunes (1996) mencionada acima quem é a autoridade do PIBID DE HISTÓRIA UFRJ (2011-2014)? É o Professor, é o Doutor, é o Pesquisador, é o Estudante ou é o mundo inteiro? “Perguntou pro professor(...) perguntou para o doutor perguntou pro mundo inteiro: O que significa isso? O que Swingnifica isso? O que SignifiXa isso?”

Elizabeth Macedo (2016 p.55) emprega o neologismo utilizado por Arnaldo Antunes na música “O que swingnifica isso?” ressignificando e inventando esse conceito “signifiXar”, com o devido crédito ao autor. Para a autora a teoria curricular é política, ou seja, é parte da luta por “signifiXar” sentidos para, entre outros, currículo escolar. Utiliza como referência ao processo de significação, como uma fixação de sentido em meio a uma multiplicidade possível, a um estancamento do fluxo incontrolável de sentidos (idem). Sinto o PIBID DE HISTÓRIA UFRJ (2011 a 2014), com esse ritmo harmonia, composição e multiplicidade de interrogações e de significados, swingnificados, signifiXações de almas inquietas com desejo e vontade de História, Memória, Ensino de História.

²²Descrição do vídeo: Parte 5 - Vídeo inspirado na música O que Swingnifica isso? interpretada por Arnaldo Antunes (1996), para TEORIA do Projeto de Qualificação da pesquisa do Mestrado PPGE/ UFRJ “Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa Comum” para formação de Professores?”

O que swingnifica isso? O PIBID HISTÓRIA UFRJ, assim como o Swing é uma mistura, é uma experiência aberta, múltipla, fluida, que permite uma diversidade de sentidos, que vai se transformando frente às adversidades, catástrofes, temporalidades com ritmo, semelhanças, diferenças, em movimentos continuados, inventados e reinventados por uma equipe que juntos são pessoas que leem, veem, pensam, cantam, dançam, performam, atuam, swingnificando, signifiXando, e significando o conhecimento histórico escolar.

Pensando na “teoria” parto do princípio que opero com referenciais onde não há uma oposição ou divisão entre teoria e prática, questionamentos esses muitos presentes entre professores e licenciandos em História, quando expõem sentimento que as aulas de História na graduação ou as teorias de educação da academia estão distantes das práticas do Ensino de História.

Para Thompson a experiência é ser e a consciência é conhecer, sendo a História vista como realista, o discurso sobre o real, o que se aproximando da realidade, onde a tradição se dá com ênfase na semelhança entre fatos, práticas, discursos e processos. Compartilho com Michael Foucault que a experiência é ser e consciência ao mesmo tempo, experiência não se separa da consciência, o próprio ato da consciência são momentos de experiência. “A experiência é um conjunto de práticas, discursivas ou não, que produzem certa onda de saber, e se articulam com demandas de poder. A experiência é histórica, cultural e social, ao mesmo tempo em que a experiência é ser e consciência.” Aposto em uma abordagem, não essencialista, dispensando totalidades, dispersão onde a razão é entendida como múltipla, contingencial e historicamente localizada. Para Foucault os sujeitos são históricos, não existe uma “natureza humana”, a tradição se dá com ênfase na diferença. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019, p.149-166).

...eu ainda prefiro falar de [e participar em] uma “teorização de currículo” – onde a palavra “teorização” é escolhida conscientemente para assinalar o processo sem fim de pensar, imaginar, propor, reconsiderar, reinterpretar e rever várias concepções situadas e contingentes de currículo e suas óbvias e invariavelmente imbricadas relações com ensino e aprendizagem. (Miller, 2014, p.2045)

E agora? E Ágora? Eu pergunto para as doutoras, para as professoras, para os estudantes, para as escritoras, para as filosofas, para as historiadoras, para as gestoras, para as artistas, para o bailarino, para as dançarinas, para o guitarrista: O que Swingnifica isso PIBID de HISTÓRIA UFRJ (2011-2014)?

1º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 28/09/2020

Professora Ana Maria Monteiro: “Então eu fiquei pensando em tudo que eu vi, todos os relatos, os rostos. E fiquei pensando no título que a Viviane escolheu no segundo vídeo “O que swingnifica isso?”. Esse Swing que ela está nos possibilitando aqui dançar, e sentir o significar, a partir dessa experiência de estarmos juntos, nessa manhã de sábado.”

Alex Santos: “Eu não só lembrei dos momentos, quando eu assisti. Eu lembrei também de onde a gente se inspira para chegar a algo né? Eu posso dizer que você foi e é uma das professoras que me deu a liberdade de continuar a prosseguir, de falar assim “é possível!”, “tudo é possível!”. Não é um mar de rosas, a gente passa por várias pedras, mas é possível você chegar em um determinado lugar. Tanto que até hoje eu continuo utilizando muito de aulas de História nas minhas aulas, porque eu não trabalho apenas com crianças, eu trabalho com um público diverso. Então quanto mais maduro esse público é, eu também acabo usando uma abordagem diferente com cada público, ou seja, contando uma história, ou seja, trazendo alguma coisa que traga um sentimento, mas utilizando a História para isso, que é uma das coisas mais maravilhosas do mundo!! É o que faz a gente ser o que é hoje! Eu fiquei bastante feliz em rever, em recordar e poder saber que eu fiz parte disso, que você fez parte da minha vida assim como outros professores que deram apoios de formas diferentes, que fazem eu e outras pessoas se desenvolverem. Que fazem qualquer uma outra pessoa crescer e se desenvolver. Mas isso também tem um ganho para cada pessoa para chegar aonde ela quer chegar.”

Gabriela da Silveira: “Me lembrei dos meus tempos de ensino médio e lembrei com muito carinho da “oficina da morte da Marta” da qual falo até hoje para o meu companheiro, porque meu companheiro ele fez História da UFRJ e apesar de eu não estudar lá ele está sempre trazendo as coisas que ele pesquisa e faz. O engraçado é que quando eu vou falar das coisas que eu penso sobre isso eu falo da “Oficina da Morte de Marta” (entusiasmo), porque ela teve um impacto muito grande na maneira como eu passei a entender o processo de construção da História. Eu lembro da Fernanda fazendo uma metáfora de uma parede de tijolinhos com alguns buracos que você tinha que tentar entender o que aconteceu, porque oficina foi isso, eu lembro com riqueza de detalhes até do meu grupo, que eram Nayara e Caio. A gente ganhava um saquinho com as evidências das mortes de Marta, que era um pouco de dinheiro, um flyer do curso de espanhol, troca de mensagens de celular. Isso tem 10 anos, está? (Surpresa) eu nunca fiz de novo, eu só fiz uma vez e eu lembro com muita clareza. E aí a gente fez todo o processo de tentar dizer o que que tinha acontecido com a Marta, ela foi assassinada ou não? Ela morreu? O que conheceu? E aí eu lembro que o meu grupo montou uma teoria que um dos amigos dela

tinham matado ela por causa das mensagens do celular. E que o dinheiro que tinha na carteira era para pagar o curso de espanhol. no fim eu fiquei pensando o que será que aconteceu com a Marta? Será que foi um acidente? E estamos pensando coisas demais? E aí no final a solução da oficina era essa que na verdade a gente não tinha como saber exatamente, mas que o trabalho era esse de montar uma teoria do que aconteceu, usando as evidências que a gente tinha. E teve essa metáfora da parede que você vai colocando cada tijolinho, tentando encaixar nos lugares. E eu sempre lembro disso, então foi super impactante para mim, uma oficina que já tem 10 anos, mas que marcou totalmente a forma como eu compreendo um estudo, como eu compreendo como se faz história. (rodadas nostálgicas) Eu vi uma foto no vídeo que mostrava o auditório que aconteceu porque foi uma oficina que não aconteceu na sala de aula e apesar de eu não estar na foto, eu lembro das cadeiras, eu lembro de estar sentada (risadas). Eu realmente lembro de tudo!”

Fernanda Terra Moura: “Fiquei muito feliz com a fala da Gabi, sobre o segundo vídeo, quando ela falou que eu tinha falado sobre uma metáfora e nossa eu nem lembrava daquilo, e fiquei. Nossa! Mas eu falei essa coisa para Gabi? Meu Deus! (risada envergonhada) que legal né? e o PIBID para mim foi esse momento de aprender a trocar aprender a compartilhar ideais, foi o momento. E tem a Jéssica²³ também, que não está aqui, que foi nossa aluna do PIBID que é outra também que aquece nosso coração quando a gente pensa na história dela.”

Professora Carmen Teresa Gabriel: “Eu me lembro que a oficina da Marta era um sucesso, no dia que foi feito lá no prado júnior foi muito bacana e provavelmente estava a Gabi que ela estava nesse dia. Eu me lembro que foi muito impactante essa oficina, mas assim essa nova linguagem, não apenas em termos de metodologia. isso para mim ficou muito claro aqui nessa conversa. Não é só a metodologia de buscar construir os teatros e roupas, o varal, que o Cromos fazia, e colocava, eu me lembro disso. É esse afeto, no sentido de afetar o aluno. A gente conseguia afetar os licenciandos, no sentido deles se repensarem. E o que é maravilhoso é agora ouvir vocês no sentido que afetou mesmo, quer dizer, a gente sabe que afeta, mas nunca temos a oportunidade, que a Viviane está nos dando de ter esse feedback, e ter esse reencontro, tanto tempo depois.”

Fernanda Terra Moura: “Mas sobretudo o PIBID, para mim, foi um momento de muito questionamento sobre minha própria vida. E apesar de eu ser muito privilegiada, em vários aspectos, como ser branca e sempre ter estudado em escola particular, eu vim de uma família

²³ Jéssica Alves atualmente formada em História pela UFF, ex-aluna do Ensino Médio da Professora Perpétua do Colégio Estadual Prado Junior em que o PIBID de História da UFRJ exerceu uma forte influência inclusive na escolha de sua profissão. É amiga de várias pessoas da Equipe e participou de algumas reuniões iniciais dessa pesquisa além de alguns Encontros e Congressos para narrar o impacto do PIBID de História da UFRJ na sua trajetória.

muito pobre fui a primeira a ingressar no ensino superior e a única a ingressar numa universidade pública e terminar o ensino. Eu me senti mais acolhida academicamente, porque enfim me existia uma síndrome de impostora muito grande de que esse espaço não é meu e o PIBID me proporcionou que esse espaço de fato seja um pouco mais meu. (...)Eu estou muito feliz porque foi momentos de amadurecimento acadêmico, de tolerância, de aprender a trabalhar junto, porque, enfim, a gente trabalha junto no meio acadêmico e sozinho também. E por outro lado apesar desse meu lugar de fala e um pouco deslocado para mim foi um grande encontro com algumas realidades do que é a rede pública de ensino, que para mim era distante, porque eu sempre estudei em escola privada do interior do estado. Por isso que eu coloco, assim, foi momento de questionamento sobre quem eu sou, sobre como eu penso da educação, sobre os desafios a serem enfrentados e é claro de muita amizade, de muito respeito, muita admiração pelas pessoas que fizeram parte do PIBID comigo.”

Luisa Tavares: “Ahhh mas aí gente assiste de novo e aí vem outras lembranças né ? Assim eu reagi ao vídeo eu vi a minha trajetória, basicamente isso, nostalgia total, eu pensei no como a gente se constitui enquanto sujeito, no ser humano que eu me tornei hoje a profissional que eu sou! E o PIBID fez parte disso, essa é a realidade. Eu vi ali as construções que eu fui fazendo, as escolhas que eu fiz e o que que a gente tem colhido hoje. Que eu Luiza tenho aproveitado hoje são as escolhas que eu fiz no passado e o PIBID é uma delas! Não sei se a Ana lembra, mas na época do PIBID eu fui em uma entrevista na Ana Maria, também para ser PIBIC dela. E aí eu fiquei entre PIBIC e PIBID. E eu escolhi o PIBID e aí é o que eu sou hoje e estou aqui. E eu fiquei pensando nessa gravetaria de vida que nós temos que as vezes nós não temos noção, né? Eu tenho 31 anos, mas isso tudo fez parte da minha vida e isso aconteceu. Nesses últimos 10 anos da minha vida é um filme assim para mim. Que me agregou a pessoa e a profissional que eu sou hoje.”

Daniel Sideris: “Ao assistir esse vídeo me veio um turbilhão de emoções. Primeiramente dos nossos encontros, do nosso cotidiano como um grupo, e da vivência com os nossos alunos. As imagens da visita ao Museu me deixaram bastante triste na verdade e com muita saudade desse lugar maravilhoso que ninguém mais saberá como é, a não ser nós que vivenciamos esse espaço enquanto ele existia. Veio logo também a lembrança de nossas diversas oficinas. Os filmes que assistimos com os alunos, a oficina de tecnologia, a visita ao Museu do Amanhã, o aulão sobre África, a ida ao cinema ver o filme do Marighella... e principalmente as nossas peças de teatro grego. Lembro do grande aprendizado que foi estudar e debates envolvendo a Carmen. Lembro de como para discutir história e memória com os alunos da rocinha tivemos que nós mesmos historiadores ler, estudar e debater um ponto que parecia ser tão banal para nós. Toda a

experiência do PIBID foi importantíssima na minha formação como ser humano e teria me ajudado como professor se eu tivesse seguido em frente a lecionar, coisa que ainda penso em fazer um dia.”

Vitor Correa: “Sobre o segundo vídeo todos esses momentos, eu me lembro de rever as imagens em 2018 ou 3 de setembro, quando teve o incêndio do Museu Nacional e que o pessoal pedia para mandar imagens de lembranças que você tinha do museu. Eu revi essas imagens e acho que eu cheguei a mandar inclusive para um projeto que tinha de resgate das imagens do museu. A imagem que a gente tinha naquela escada de entrada, eu adoro aquela foto e das nossas preparações para as oficinas da Grécia antiga, que a gente fez. E foi uma oportunidade de levar os alunos que estudavam logo ali do lado pro museu, e isso foi ótimo, eu lembro da interação com os alunos nesse dia foi um dos pontos altos do PIBID. E agora no momento, anos depois, eu estou começando a elaborar um projeto de história com arte e futebol, e o PIBID surgiu como uma ideia. Eu já trabalhei com coisa semelhante a isso, um colega comentou que é da arte e ele falou de um projeto de iniciação e eu lembrei do PIBID, pensando. nossa!! A gente trabalhou muita coisa de artes (nostalgia). Eu acho que isso é uma coisa muito boa do PIBID ele proporcionou a gente a poder pensar em fazer do professor de uma forma diferente, agregar coisas diferentes, música, artes, teatro. tivemos trabalho com máscaras, e acho que tudo isso são elementos que o PIBID proporcionou para a gente quanto estudante da licenciatura a pensar as capacidades do fazer docente. acho que é isso. Beijos, Obrigado! (aceno e beijo). Muito bom poder compartilhar isso tudo com vocês.”

Rômulo Machado: “Já sobre o segundo vídeo, eu estava na tela na vertical não consegui ver muito bem as fotos, mas eu lembro dos contextos e tiveram algumas oficinas que foram importantes para minha formação. No início do ano, eu estava planejando para esse ano, lá no pré-vestibular adaptar a oficina que a gente fez de política que envolvia o teatro do oprimido junto com a professora de sociologia. Então, esse conteúdo que a gente produziu durante o PIBID ele trouxe experiências, ele trouxe coisas que podem ser replicadas e assim, eu vejo muito dessas oficinas que a gente fez como recurso que a gente tem para o resto da vida para usar em sala de aula. É isso!”

Jorge Lima: “Sobre o segundo vídeo, é muito bom poder rever, eu me vi em algumas fotos ali, também eu não pude ficar até o final. só fiquei até o primeiro ano e o segundo tive que sair. Mas foi muito bom poder rever, poder ver os alunos, ver um pouco das oficinas é uma alegria. E para mim também foi muito importante participar disso, né? Teve isso na minha trajetória e impactou bastante o convívio, as trocas, a liberdade de criação e alguns pensamentos. Aquilo

que a gente construiu, então, assim, foi muito bom ter participado disso e foi muito bom rever isso, também me afetou. Sabe a palavra afeto? Me afetou bastante também.”

Marcella Albaine: “Eu sou saudade, memória, amizade, criação, debate, enfrentamento, coletividade, expectativa, paixão, Museu Nacional, acho que o Vitor mencionou né? A foto que a gente tirou no museu. Aprendizagem, partilha, possibilidade, sensibilidade, materialidade, experiência, continuidade dos estudos, o PIBID foi a possibilidade do Ensino de História como campo de pesquisa, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Teoria praticada e prática teorizada, sou fruto desse todo com a marca do eu, em primeira pessoa do plural, ou seja, o eu que se transformou em nós, nesse exercício da desnaturalização de si. Eu acho que o PIBID, eu vendo esses vídeos, essas fotos, essas memórias, a gente conseguiu construir esse enredo essa, essa teia, eu gosto dessa metáfora da rede, na conectividade. Dessa ação coletiva que a gente mantém até hoje, praticamente diariamente. O carinho também pela Carmen, pela Ana, acho que a gente foi fortalecendo ali muito do que eu sou hoje como profissional. Surgiu inclusive na pesquisa acadêmica que veio muito em função do que a gente compartilhou juntas na época do PIBID. É isso!”

Professora Ana Maria Monteiro: “Eu ouvi aqui hoje, frases que eu gostei muito. Uma foi da Marcela, quando ela falou que com esse projeto a gente pode viver o eu na primeira pessoa do plural. Isso mostra essa questão de que a gente trabalha como pesquisadores, professores, como, enfim, pessoas nas mais diversas atuações. É esse entendimento, essa compreensão profunda de que nós não somos sozinhos, nós somos sempre um coletivo de experiência e afetos. E, também, a ideia do AmarElo do Elo que nos une.”

Jorge Lima: “Quero até dar um testemunho aqui, assim eu terminei a pouco tempo o mestrado na UNIRIO. E aí, conversando com os colegas da turma sobre os processos de cada um e os projetos, um falou assim “eu estou estudando com uma professora a Marcella Albaine”, aí eu fiquei assim “Marcella?” (pensando). E aí, me lembrei de quem era que ele estava falando, minha colega do PIBID que se tornou fonte de pesquisa no projeto de mestrado, né? Então é uma alegria ter conhecido e ter feito parte dessa história também.”

BATE PAPO DO ZOOM

Marcela Albaine: “Que legal, Jorge. Sigamos sempre compartilhando, com humildade e fortalecendo o Campo de Ensino de História.”

Jorge Lima: Oi Marcella, com certeza.

Marlon Rocha: “Lembro da atividade com os alunos sobre a ocupação que a gente fez, o quanto eles se emocionaram, o quanto aquilo era vivo no cotidiano deles, a ideia que todo mundo ali trazia de que a ocupação era uma fachada, era forçado, uma coisa que era extremamente forte para a vida deles participando de um processo de ensino formal, que no geral dependendo da escola, eles não vão ter muito abertura para falar coisas pessoais, desse tipo, que toca muito, sobre vivências deles né? Então achava isso bem legal, assim, isso era um processo que me animava para caramba. Pelo menos, para minha formação, depois ainda cheguei a fazer o Mestrado e dei aula durante um tempo, e essa experiência estava viva. As coisas que eu consegui tirar dali para quando eu estava atuando ainda em Educação, Ensino e Pesquisa, e uma das coisas que mais me vinha à mente, era essa coisa da interatividade, tanto com as pessoas que participavam da construção das atividades como as coordenadoras, as supervisoras e os estagiários quanto a interação de todos nós com a comunidade escolar, com os alunos ali na execução. Acho que é isso, enfim, que me vem à cabeça.”

Gabriela da Silveira: “A professora perpétua também impactou muito na minha formação. Estudar no Prado Júnior foi uma coisa que fez muita diferença na minha vida. A presença dos “PIBIDianos” era constante e não só em história! A Fernanda e o Victor eram sempre pessoas que estavam no meu cotidiano escolar, mas tinham outros PIBIDs também química e matemática que eu também participava que eu também gostava muito. E a professora perpétua é isso, formou toda concepção de mundo que eu tenho! Tenho um grande amigo meu, Marcelo que falou que queria estudar História na UFRJ, e foi falar com a professora, foi pedir conselhos pra ela. Mostrando o quão importante ela era nas nossas vidas, em relação a isso e eu lembro de aulas que ela deu oficinas que ela a gente fez, um filme totalmente maçante na minha vida que eu assisti foi INCENDIOS que eu nunca assisti de novo e que foi a professora perpétua que estava dando numa oficina multidisciplinar, enfim eu fui realmente muito impactada não minha visão de mundo mesmo! Eu lembro de muitas coisas. Por exemplo a oficina de história que foi uma das experiências mais incríveis que eu já tive a professora perpétua foi minha coordenadora, mas a gente se inscreveu eu e meu grupo nessa oficina e ela ajudou a gente nas tarefas e aí foram tarefas incríveis, tipo conversar com as pessoas da vila operária, da fábrica Confiança que fica aqui na Tijuca que era pertinho e ela foi uma orientadora super incrível. Ela instigava a gente a fazer as coisas e orientava, mas dando muita autonomia para gente e isso também foi uma experiência super marcante da qual eu falo até hoje. Da oficina de história. Então, eu poderia ficar falando aqui horas de coisas que eu lembro até hoje, como saber é como aprendizado que mudaram a maneira como eu vejo as coisas.”

Professora Perpétua Domingues: “Olha Gabi, fiquei muito emocionada hoje ouvindo você! E naquele dia que a gente falou assim por mensagem, eu fiquei, gente a Gabi. A gente perde a noção do quanto a gente impacta a vida desses alunos. Só quando a gente reencontra mesmo, que a gente tem noção desse impacto. E de alguma forma, eu fui impactada pela Carmem, pela Ana Maria, pelas minhas amigas queridas, pelos PIBIDs, pelos alunos, né? Eu fiquei pensando na questão da rede. E pensei o seguinte, a rede de formação já existe, já existe antes do PIBID, ela nunca dependeu do PIBID. Então, o que ficou me passando na cabeça o tempo todo foi isso, uma rede de formação muito forte, o PIBID que entra nessa rede, ela já existe. já existia. Eu ouvi a Gabi falando da experiência dela do PIBID e fora do PIBID também, né? Ela lembrou das olimpíadas de história naquele nosso projeto, e ela falou como foi incrível para ela e realmente foi muito rico. A gente ficava na escola, eu acabava meu turno da manhã e eu ficava à tarde com esses meninos por puro prazer. Os colegas falavam assim: “Maluca! está trabalhando de graça!”, até porque eu também não precisava ficar correndo de uma escola para outra por causa de dinheiro, a verdade é essa. Eu tive esse privilégio. Mas enfim, ela lembra disso, então essa rede já é anterior ao PIBID. Outro dia eu tive uma experiência que eu estava na padaria em frente ao colégio e veio um homem lindo de 30 e poucos anos e falou: “Professora Perpétua a senhora lembra de mim?”, é claro que eu não lembrava né, quando ele foi meu aluno ele tinha 17 anos. Eu estou no Prado Júnior desde 1995, né? Já estou quase me aposentando. Aí eu falei “Meu querido, não tem como eu lembrar de você, você mudou muito” Ele falou “Olha professora fui seu aluno em 98 e hoje eu sou professor de história (ele apontou para o colégio) vocês aqui me formaram.”. Então, essa rede apesar de ser invisível, já é anterior ao PIBID, ela já acontecia. As olimpíadas de história, por exemplo, em 2009, eu consegui levar alunos do Prado Júnior, um colégio estadual abandonado pelo poder público a décadas...E levei lá para Unicamp em Campinas, tivemos hospedagem paga, tudo pago, porque nós fomos o segundo lugar nacional. Hoje até hoje essas pessoas me contatam pelo facebook, o Luan que agora é jornalista, a Viviane que fez acho que filosofia na UFF também. Inclusive a Marcela teve a oportunidade de conhecer a Viviane, assim, do nada, né?”

Professora Ana Maria Monteiro: “A Perpétua, lembrou bem, eu fiquei vendo a Perpétua, e eu até brinquei com ela, que está concluindo um doutorado, ela fala que está exausta, mas nem parece, porque ela está brilhando. Eu acho que ela tá passando uma energia maravilhosa né? De uma realização, que ela tá completando. E tenho certeza, ela já disse, que a experiência de hoje está revigorando, né? Porque para nós que somos professores, o maior prêmio da nossa vida não é dinheiro, estamos querendo ouvir e saber do reconhecimento do nosso trabalho.”

BATE PAPO DO ZOOM

Gabriela Da Silveira: Professora Perpétua, o impacto foi muito grande, muito obrigada pela incrível formação que vc me deu! <3 Suas aulas fazem parte de quem eu sou hoje!

Marcella Albaine: Eu acho sempre importante a gente agradecer aos que nos influenciaram. Consigo lembrar exatamente o dia da Warley comigo do PIBID.

Professora Carmen Teresa Gabriel: “Já esse segundo Vídeo, foi um disparador de memória maravilhoso, né? Eu acho que quando eu vejo o Vitor falar, me lembra aqueles cabelos verdes e amarelos. A Luísa trazendo as experiências com Regina Bustamante, de fazer os vídeos, o papel crepom. (...) Eu me lembro muito naqueles corredores que, infelizmente, a gente já não tem mais acesso faz algum tempo, na pandemia. Não sei se vocês perceberam e acompanharam já que na época quando vocês frequentavam nós tínhamos todos os nossos espaços funcionando. Eu lembro que naquelas salas a gente ficava imaginando as oficinas, falaram da comunicação, do teatro do oprimido. Enfim, foram tantas, tantas e a gente brigando e eu dizendo, mas vocês têm que fazer o roteiro. Que não podia chegar lá de qualquer maneira. E foi um aprendizado maravilhoso para mim também. (...) -E como é que isso entra na nossa história, na nossa biografia, que a gente está narrando. É claro que cada um foi buscando no passado, o que lembrou, mas foi construindo e foi dando um sentido a essa vivência, essa experiência no PIBID. É isso, que é experiência, que a gente narra, não tem experiência prévia, e a do PIBID. Hoje, a gente está vivendo uma experiência no sentido de como afetou cada um. Eu fico muito feliz de ouvir os depoimentos de vocês e, com certeza, muito modestamente, coloquei um grãozinho aí para vocês serem hoje essas pessoas tão maravilhosas e tão bonitas, tão cidadãos, que estamos precisando neste país. (...) Eu estou emocionada, e quem me conhece sabe que é difícil, eu ficar emocionada assim, e eu estou mesmo. (olhos com lágrimas) Muito obrigada Vivi! Um beijo grande para todos.”

Professora Viviane Grace: “Carmen eu já te vi assim, já pesquei essa tua emoção algumas vezes, teu choro, é muito difícil, mas eu resgatei. Uma foi quando morreu assassinado estudante da UFRJ, você chegou lá no grupo de estudos e você falou: “Eu não estou bem!” Quando morreu em 2016, Diego Vieira Machado, nascido em Belém (PA), assassinado por crime de ódio, por LGBTfobia, pelos Seguranças da UFRJ. Eu não sei se você era diretora da Faculdade de Educação (gestos) ou se era outra função. A segunda foi quando o Museu pegou fogo, que você também ficou muito emocionada com as fotos do PIBID, com a gente na Oficina no Museu Nacional. (ANEXO 3) a terceira agora, Obrigada!”

Professora Ana Maria Monteiro: “Tainá é realmente muito bom ter essa possibilidade de ouvir seu relato, saber de você, saber que você está. Eu li aqui que você faz licenciatura, mas é escritora né? E escreveu um textão lindo, que foi o primeiro retorno que a Viviane recebeu e eu confesso que quando ela me enviou, quando eu li, eu também fiquei com os olhos cheio d’água, fiquei muito emocionada de ter esse retorno de um projeto como esse na Educação Pública. E para mim, um aspecto que me toca muito, particularmente, é o fato dele ter acontecido no CIEP Ayrton Senna que tem toda a questão da Rocinha, daquela escola que está ali recebendo os alunos da Rocinha, mas que também é uma escola que veio de um projeto no qual eu participei. E foi, assim, uma experiência muito marcante na minha vida, nos anos 90, quando ele foi construído. E tudo que ele representa... Então eu vi o seu relato e ver você aqui hoje, e ouvir você aqui hoje confirmou todo um grande motivo da minha vida profissional, que é atuar na Educação Pública e acreditando, tendo hoje aqui mais uma oportunidade de confirmar, que a gente apesar de tudo, tudo de ruim que esse país tem nos mostrado, que a gente tem essa possibilidade, que a Escola é um lugar de esperança, de cultivo, de possibilidades de vidas maravilhosas, como essas que eu estou aqui sabendo agora nessa manhã de um sábado. Aqui na minha casa, minha família ficou assim: “Mas você vai trabalhar sábado também? Já não basta a semana inteira?” E eu falei “Não, é uma situação muito especial”, e realmente está valendo a pena muito poder estar aqui com vocês todos e todas, e está relembrando de momentos tão importantes. (...) Tainá eu ia te fazer uma pergunta, para você ficar pensando, mas se você puder dizer um pouco, de tudo isso que você já falou como você vê, o que você faz e o que você pretende fazer daqui para frente a partir de todas essas vivências que você teve? Alguns de vocês já falaram isso, acho que o Alex, o rapaz que trabalha com dança. Como ele disse, como ele incorpora na vida dele na vida profissional, muito do que ele aprendeu no PIBID, mesmo não sendo professor de história, como está presente na profissão dele. Ouvindo o Vitor também. Ouvindo vocês todos, né? Então eu fiquei assim pensando que beleza é tudo isso, né?”

Tainá Ferreira: “É professora Ana Maria, então, eu só queria falar que esse negócio todo do Ayrton Senna, um colégio perto da favela e tal. Eu tinha muito medo de ir para um colégio dentro da minha favela, porque a gente tem esse medo por conta do tiroteio, a gente não quer vivenciar isso, quer estudar longe, fazer faculdade longe, para gente não viver tanto isso. A gente já vive lá 24 horas, então, está conectado o tempo todo dentro de um colégio assim trouxe medo. Mas ele me surpreendeu. Inclusive, eu só queria enfatizar, sobre um projeto, que minha irmã e minha mãe estudaram lá. E a minha avó que só tinha que só Ensino Fundamental, ela entrou no Ensino Médio junto comigo, só que ela estudava a noite e eu estudava de manhã. E

acabou, que as duas se formaram juntas, eu lembro que teve uma homenagem e tudo. Minha avó hoje está com 89 anos, e eu me formei só faz uns 5 anos. Então só para vocês terem noção assim. Ilhamar, acho que ela era a mais velha de noite. Então eu prossegui com o Ensino, estagiando como professora, e gente.... (...) E eu levei para a vida o carisma da professora Viviane, é aquela força que a gente precisa quando a gente está de mal humor. Sério, eu nunca vi a professor de mau humor, se um dia ela estava de mal humor, ela nunca transpareceu para a gente. eu não gosto desse termo de professor, que dá medo nos alunos, conquistar por medo. Isso não existe para mim, respeito por medo. E a professora nunca foi assim com a gente, então o amor todo que eu senti, (sorriso) que foi amor, eu me senti acolhida pela professora, E eu tentei levar isso para minha vida. No ano passado eu estagiei no colégio militar, e esse ano eu não estagiei por causa da pandemia COVID 19. Mas lembro que os alunos do Colégio Militar têm muitos problemas com as famílias deles, psicológico deles é muito afetado por causa da cobrança, então, eu tentava levar esse carinho e essa troca de experiências. Eu não tenho uma equipe para fazer um teatro, mas eu tenho brincadeiras que eu posso levar para as crianças da sala de aula e fazer essa sala de aula ser mais leve, ser um lugar de acolhimento, como um lugar de medo, como eu achei que eu teria medo de estudar no CIEP e me surpreendeu.”

3. SEGUINDO OS RASTROS DO TEMPO NA GRÉCIA ANTIGA EM 3 TEMPOS

Através dessa pesquisa foi possível confirmar a hipótese que o PIBID DE HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) tem características relativas à proposta de Antônio Nóvoa (2017) de uma “Casa Comum” que se caracteriza por um lugar de caráter híbrido, de ligação, de vínculo entre distintas realidades. Construído em um “entrelugar”, um lugar de ligação e de articulação entre a Universidade, as Escolas e as Políticas Públicas. O Autor apresenta um “desenho curricular para a formação de professores”, com cinco eixos estruturantes: *Disposição Pessoal, Interposição Profissional, Composição Pedagógica, Recomposição Investigativa e Exposição Pública*. No Capítulo 2, me debrucei sobre a Disposição Pessoal, neste capítulo vou privilegiar as outras quatro posições “Seguindo os Rastros do Tempo na Grécia Antiga” em três tempos para dialogar sobre esses conceitos. Recorro então ao Segundo Ateliê Biográfico de Afetos:

1º Tempo - a partir da *Oficina: seguindo os rastros do tempo na Grécia antiga*, realizada **em 2013**, no âmbito das atividades do PIBID de História da UFRJ, com todo material: atas de reunião, planejamento, filmagens, relatórios, material pedagógico, avaliação da Oficina.

2º Tempo - O impacto do incêndio no Museu Nacional, no dia **02 de setembro de 2018**, fez com que essa equipe se pronunciasse e postasse fotos nas redes sociais, principalmente no FACEBOOK e INSTAGRAM, trazendo na memória, inclusive a Oficina citada.

3º Tempo – Partindo das práticas e experiências profissionais dos participantes da pesquisa no *tempo atual, ano 2020*, que foram meus alunos e alunas, licenciandos ou professoras proponho dialogar com todos os sujeitos da pesquisa.

Como integrantes do PIBID HISTÓRIA UFRJ foram afetados? Quais as memórias do Museu Nacional da UFRJ? Os ex-coordenadores, professores supervisores e licenciandos e escola trabalharam em equipe em um processo criativo? São realizadas pesquisas, associando teoria e prática com problemas reais da escola e da disciplina História? Os PIBIDs saem da sala de aula, do espaço escolar, discutem problemas da profissão professor e Políticas Públicas da Educação? Exploram a cidade do Rio de Janeiro para abordar a História? Como fica o patrimônio material e imaterial do Museu Nacional em um contexto atual de negacionismo científico em um momento de isolamento devido à pandemia, nessa era virtual? Qual o lugar de memória do Museu Nacional e seu acervo nas redes, sem o contato físico, projetado com imagens em computadores, tablets e celulares?

- ✓ Como os discursos sobre acervo do museu, Ciência, a Escola Pública, Universidade Pública, Formação de Professores, História Antiga, Temporalidade, a Profissão Docente como campo de disputas é constituída, da forma que são?

- ✓ Qual o grau de afeto por essas temáticas, como se movem, se deslocam, o que despertam e como se posicionaram os participantes da pesquisa diante dessas questões?
- ✓ Em que a pesquisa mobiliza esses sujeitos? Em que a pesquisa afeta formação continuada? Em que a pesquisa afeta para a “vida pessoal”?

Conforme argumentado no capítulo II, utilizo como metodologia o “Ateliê Biográfico de Afeto” recorrendo a algumas ferramentas do “Ateliê Biográfico de Projeto” (DELORY-MOMBERGER, 2006) ressignificando na última etapa, para ao invés de uma síntese de um “projeto” *futuro* como propõe Delory-Momberger (2008), sugiro visitar *o passado* na experiência do PIBID HISTÓRIA UFRJ para pescar as marcas, afetos, afecções e subjetividades produzidas através de memórias e lembranças dessa vivência das professoras, ex-estudantes e ex-licenciandos.

Para criação do 2º Ateliê Biográfico de Afeto - “Três Tempos: Seguindo Os Rastros do Tempo na Grécia Antiga” O Tempo Não Para...2013...2018...2020... foram necessárias longas horas de estudo, reuniões de orientação com Ana Maria Monteiro e planejamento. Qual é o motivo que ressalto essa questão de estudo e planejamento para pensar a formação inicial de professores? Porque a exigência de estudo e planejamento e relatórios trabalhosos, para as atividades do PIBID, eram muitas vezes questionadas pelos licenciandos, utilizando argumentos como se estivéssemos reproduzindo um modelo Tyler no currículo globalizado, um currículo administrativo, tecnicista, produtivista, baseado em eficiência, eficácia em avaliação. Ou mesmo questionando relatórios detalhados se já queriam produzir textos acadêmicos e não descrição de atividades. Ou então porque era mais trabalhoso, exigia mais tempo, investimento físico e mental ser um bolsista do PIBID, da iniciação à docência do que ser como outros colegas bolsistas do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). No PIBID HISTÓRIA UFRJ sob coordenação de Carmen Teresa Gabriel e Ana Maria Monteiro tínhamos uma rotina de trabalho com cronograma de atividades em que o estudo, planejamento e prática eram no mínimo de 20 horas semanais, em diversos espaços. Reuniões, aulas e oficinas na escola e em outros espaços, encontro semanais de toda a Equipe na Universidade, visitas de estudos em outros espaços como Museus, exposições ou cinemas, além de individualmente cada participante fazer outras tarefas. Logo no início sugeri um roteiro de observação das atividades, avaliação, assim como Carmen exigia planejamento completo e cronograma, distribuído incumbências entre os participantes que colocavam as mãos na massa. Defendo que o trabalho da profissão professor envolve estudo, planejamento e avaliação o que não significa engessar, normatizar e padronizar o currículo. Assim como para criação do Ateliê Biográfico de Afeto não é uma proposta fechada que pode ser reaplicada, justamente porque o Ateliê

Biográfico é um acontecimento no presente, no aqui e agora. Planejamento como porvir, sabendo que ao deixar fluir afetos, memórias e narrativas são “incognoscíveis” (MILLER, 2014).

A profissão professora é complexa, tem uma epistemologia própria onde produzem, dominam e mobilizam uma diversidade de conhecimentos para produção de saberes como afirma Ana Maria Monteiro. Diferente do sentido fixado no senso comum, ou mesmo por alguns acadêmicos no qual afirmou o ex-presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso “Se a pessoa não consegue produzir, coitada, vai ser professor. Então fica a angústia se vai ter um nome na praça ou se vai dar aula a vida inteira e repetir o que os outros fazem”. (Folha de São Paulo, 28/11/2001).

Mais adiante, no vídeo: 3º tempo 2020 – O Tempo Não Para o recorte da fala da Ana Maria Monteiro sobre a chegada dela na FE/UFRJ, como sentiu um prestígio menor relacionado à Didática e a Prática de Ensino em relação a outras disciplinas e como esse aspecto a motivou para firmar o compromisso com a valorização da profissão professor legitimando a produção de conhecimento. Essa percepção da desqualificação da profissão professor vemos presente nas falas dos ex-licenciandos que atualmente são professores da Educação Básica com vontade e responsabilidade ética com a educação de todos os estudantes.

A Profissão docente tem sido cada vez mais desqualificada. Tardif (1997, 2002) afirma que o saber docente é plural, estratégico e desvalorizado. É plural porque são saberes oriundos da formação profissional, de saberes disciplinares, curriculares e experienciais. É estratégico porque o corpo docente tem uma função social estrategicamente tão importante quanto a da comunidade científica e dos grupos produtores de saberes. É desvalorizado, porque o professor da educação básica, não ocupa um lugar de fala nas políticas educacionais e nas pesquisas em educação.

Pensando em sentidos de currículo, que vêm sendo adquiridos, parciais e contextualizados historicamente aposto nessa metodologia do Ateliê Biográfico de Afeto na tentativa de romper com a ideia de professoras e estudantes da Educação Básica, algumas vezes objetificados pela comunidade científica. Ao promover um diálogo horizontal investindo na simpatia (FREIRE, 1999) e sedução, além incluir eu e minha orientadora como objeto/sujeito da pesquisa, sem hierarquizar os participantes, acredito no currículo como um texto que se produz, uma criação, uma invenção. Entendendo currículo como um território contestado, uma arena, disputas em busca de um saber hegemônico. Ao fazer apologia da diferença e alteridade ao invés de fechar sentidos de currículos, uma narrativa única, globalizada defendo abrir

possibilidades múltiplas, pensando a “cultura no plural” (CERTEAU, 2012), diversas brasilidades.

Recorro a leituras de Tomaz Tadeu Silva (2010, p.150) relacionadas a teoria do currículo que a partir de uma abordagem pós-crítica, afirma que “O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, currículo é documento de identidade”.

O método proposto na pesquisa Ateliê Biográfico de Afeto através da heterobiografização e escrita de si, envolve narrativa, espaço, tempo e corpo. O exercício da autobiografização como método de mapear territórios existenciais. A profissão Professor como território de existência, onde se constrói uma territorialidade para ser professor. Territorizar e desterritorializar diferentes experiências espaço-tempo de ser professor, a partir de diversas trajetórias e experiências (ROCHA, 2019).

Conforme esclarecido no capítulo anterior utilizo o formato de diálogo com os participantes da pesquisa, onde a comunicação aparece em diversas plataformas, em diferentes contextos, através do WhatsApp individualmente ou em Grupos como “AFETOS PIBID HIS UFRJ” ou “Quadrilha cirandeira” ou a Plataforma do ZOOM onde aconteceu o 2º Encontro do Ateliê Biográfico de Afetos, e o Bate Papo do Zoom.

O 2º Encontro aconteceu no dia 19/12/2020 às 10 horas (Brasília), na Plataforma do Zoom onde participaram as seguintes pessoas: as professoras Carmen Teresa Gabriel, Ana Maria Monteiro e Perpétua Domingues além de Luisa Tavares, Daniel Sideris, Marcella Albaine, Fernanda Terra Moura, Vitor Correia, Rômulo Machado, Gabriela da Silveira. O Marlon Rocha e Alex Santos compareceram, porém, se retiraram antes de se pronunciarem. Tainá Ferreira e Jorge Lima não compareceram. Reforço mais uma vez que escolhi manter o mesmo tamanho da fonte 12 com o objetivo de firmar o método do diálogo (FREIRE, 1999), onde neste contexto a autoria é coletiva, de uma forma intencional onde todos os atos de “cruzar fronteira devem ser visto como válidos e legítimos”(bell hooks,), no sentido de diminuir preconceitos e hierarquização de sujeitos entre acadêmicos, professores e estudantes, pensando uma abordagem pós-estruturalista de currículo como “simplesmente um texto” (LOPES e MACEDO, 2011). Ao operar com trajetórias de vidas, experiências, não há melhor, nem pior, não é possível avaliar, mensurar, classificar, qualificar história de vida. No entanto, defendo que é possível “ser, sentir, agir, conhecer e intervir como professora” (Nóvoa, 2017) em uma dimensão coletiva, afetando pessoas e impulsionando o desejo, a vontade de multiplicar o conhecimento de uma forma afetiva. Esse texto com vários autores, diversas linguagens, para além do verbo é um convite para esse deslocamento, a partir no momento que uma narrativa

afeta outro participante que hora aciona gatilhos, hora se identifica, hora toma consciência em um carrossel de emoção/razão/corpo/tempo/território/alma/espírito.

Segue abaixo o planejamento do 2º Encontro Ateliê Biográfico de Afetos:

Três Tempos: Seguindo os Rastros do Tempo da Grécia Antiga. Composição Pedagógica - Interposição Profissional – Recomposição Investigativa - Exposição Pública. *Como é que uma pessoa aprende a ser, a sentir, a agir, a conhecer e a intervir como professora?*

2º ENCONTRO ATELÊ BIOGRÁFICO DE AFETOS

DURAÇÃO TOTAL 2 HORAS

	TEMPO	AÇÃO	Plataforma
INTRODUÇÃO	10 min	- Esclarecimentos sobre ateliê e dispositivos e breve comentário sobre o contrato biográfico - Explicar a dinâmica do Ateliê ressaltando a necessidade de prestar atenção em todos as falas para depois dar o retorno ao outro	ZOOM
Processo 40 minutos	8 MIN 30 seg.	3º TEMPO 2020 – O Tempo não para... https://youtu.be/gcz40vTgSrc	YouTube
	5 MIN	Escrever no chat na primeira pessoa o que sentiu ao ver o vídeo. Dar nome ao sentimento	
	6 min 40 seg.	2º TEMPO 2018 – Mulher do Fim do Mundo https://youtu.be/GDA5uwHoA3I	YouTube
	5 min	Escrever no chat na primeira pessoa o que sentiu a ver o vídeo. Dar nome ao sentimento	
	7 min	1º TEMPO 2013 – O GUARANI... https://youtu.be/1pJWE_OqiyM	YouTube
	5 min	Escrever no chat na primeira pessoa e em tempo real o que sentiu a ver cada vídeo. Dar nome ao sentimento	
socialização das narrativas de si	45 min (3 min)	Alex, Gabi, Jéssica, Marcela, Vitor, Luisa, Gabriel, Fernanda, Daniel, Carlos, Marlon, Rômulo, Perpetua, Carmen, Ana MM	
Retorno da narrativa do outro	30 MIN (2 min)	Começa por Ana MM que escolhe uma pessoa e assim sucessivamente.	
FINALIZAÇÃO	5 MIN	Orientação para continuidade do debate no Grupo de WhatsApp Afetos PIBID	

Texto vivo vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre no canal do Youtube - Autbio Prof. Vivi e assista aos vídeos abaixo:

Conversa WhatsApp: AFETOS PIBID HIS UFRJ    

18/12/20 9:49 da noite – Prof. Vivi:

Amores 

Passando aqui para a chamada para o Diálogo do 2º ENCONTRO ATELÊ BIOGRÁFICO DE AFETOS – Como é que uma pessoa aprende a ser, a sentir, a agir, a conhecer e a intervir como professor?

3 Tempos: Seguindo os Rastros do Tempo da Grécia Antiga que será realizado no próximo sábado dia 19/12/2020 as 10 horas (Brasília).

3º TEMPO 2020 – O Tempo não para... <https://youtu.be/gcz40vTgSrc>

2º TEMPO 2018 – Mulher do Fim do Mundo  ... <https://youtu.be/GDA5uwHoA3I>

1º TEMPO 2013 – O GUARANI... https://youtu.be/1pJWE_QiyM

Com Afeto 

A intensidade para criação desse 2º Ateliê Biográfico de Afeto é tão grande quanto o anterior. Apesar de ter racionalizado, repensado após ao Exame de Qualificação, repensado após a submissão do Projeto ao Comitê de Ética, operando com alguns autores que mesmo falando de subjetividades seus textos eram bem racionais e a necessidade de performar e usar outras linguagens além da língua escrita, era visceral. Quer dizer estava nas entranhas, latente a vontade de gritar nessa escrita. Não só eu como a Joaquina (minha sobrinha neta, Menina do Fim do Mundo, que berra ao fundo do vídeo 2º TEMPO 2018 – Mulher do Fim do Mundo...). Gritar com palavras escritas, não é a mesma coisa que gritar com própria voz, já demonstrou a Joaquina que com 3 aninhos ainda não sabia escrever. Os vídeos utilizados no 1º Ateliê Biográfico de Afeto já haviam sido experimentados com professoras, passou pelo exame de qualificação, pelo Comitê de Ética do CFCH/UFRJ, mas os vídeos do próximo ateliê não tinham sido experimentados. Como seria essa repercussão, já que as performances do AmarElo foram impactantes²⁴?

2º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 19/12/2020

Fernanda Terra Moura: “E apesar de triste, a primeira vez que eu me defrontei com o Museu atualmente, nos moldes que ele está hoje em processo de reconstrução, foi no carnaval do ano passado. Eu estava no meio do carnaval bateu aquela bad²⁵, estava num bloco na Quinta da Boa Vista e passei em frente ao Museu Nacional me arrepiei toda e por alguns segundos, bateu aquele coisa ruim, caraca não acredito estar aqui, mas ao mesmo tempo me bateu uma esperança. (...) Esses 3 vídeos provocam determinados imbricamentos de emoções, sensações e reações na gente, que não tem uma linearidade. Vem tudo um pouco ao mesmo tempo. A grande sacada é justamente romper essa questão da linearidade. Como essa nossa História do Museu nacional é contada, porque ela tem ida, vindas e voltas. Eu acho isso superimportante. (...) Eu também sou artista de dança então essa parte performática me identifiquei. Eu sou artista

²⁴ Na transcrição do 1º Ateliê Biográfico de Afetos as palavras: impactante, impacto, impactada, impactado aparecem mais de 30 vezes nas falas dos participantes (me incluo).

²⁵ Gíria popular carioca que significa uma certa nostalgia ou melancolia.

e você também é, obviamente. A arte está aí para proporcionar sentimentos, para proporcionar sensações, para mexer um pouco com a gente, para incomodar um pouco também. Cada vez que eu vejo o vídeo eu compartilho do que a Marcella falou eu fico muito feliz com o que eu assisto, muito pensativa também, eu fico muito tocada. E como eu vou falar sobre aquilo, eu fico “Caramba!” Eu fico muito reflexiva, sobre como aquilo me toca. A sua coragem de fazer da sua forma, as suas performances, isso para mim é sensacional. Porque a gente não é educado a se despir, para se apresentar para o mundo da forma como a gente acredita. A forma como você faz isso compartilhando, porque tem gente que faz, mas faz mais privado, mas compartilhar isso com a gente, eu acho super sensacional. Então, eu acho que a metodologia dos vídeos é muito interessante porque é provocativa, já que é autobiográfica ela perpassa sua história, seu modo de ser, seu modo de se expressar e através desse modo, sentimentos, emoções, pensamentos são provocados. Nós somos afetados no sentido de sermos de alguma maneira tocados por isso.”

Professora Viviane Grace: “Muito obrigada, Fernandinha! Te amo! Você não está sozinha nunca mais. Nós vamos manter o grupo do **WhatsApp: AFETOS PIBID HIS UFRJ** 📖🐼📚🦋. Você não está sozinha com tuas múmias, seus fantasmas, a gente também está junto nisso. Muitas dessas múmias, vasos, patrimônios materiais e imateriais do Museu Nacional não foram embora porque nós estamos aqui para lembrar. Temos uma identidade tão grande intelectual, que passa por essa coisa do afeto, da nossa vida, da preocupação. Se eu estou com problema, se a Perpétua está com problema, que como o Foucault diz não tem teoria, prática e experiência separados, não tem alma e corpo separados, está tudo junto e misturado. Então você não está sozinha nunca mais na vida!”

Luisa Tavares: “(...) eu comentei com a Vivi, o que a Fernanda também colocou a parte o talento dela. Que para a gente construir isso, a gente tem que construir a parte da nossa “cabeça mental”. E ela ... gente?! Como é que pode ela construir tudo isso? O que passa na cabeça de Viviane para sair essas performances?! Eu pensei “gente ela está criando uma “Série do PIBID”, porque toda semana tem vídeos/episódios novos para assistir, sempre intrigantes e surpreendentes. O que será que Viviane está aprontando?! Rapidamente ela criou tudo isso, é espetacular. Eu fico pensando no quanto que a gente cresce, em tanto tempo. Eu gostei porque a gente começa ali na tragédia, está tudo ali, muito sombrio, muito triste. No final, caramba a gente deixou um legado a gente plantou sementinhas. Olha o que está acontecendo, vamos continuar plantando sementinha e ninguém vai parar a gente. A gente vai seguir na luta sim, o PIBID no momento está interrompido, mas a gente segue cada um fazendo a sua diferença nos espaços que a gente se encontra.”

Professora Carmen Teresa Gabriel: “Eu amo todos vocês que estão aqui nessa tela! Eu vou na linha da Luísa também. Engraçado, esses três vídeos me afetaram. Talvez pelo meu presente estar muito envolvido, e muito mobilizado pela questão do Complexo de Formação de Professores. O seu trabalho, Viviane, estou tentando fazer uma ponte com a sua pesquisa, que o PIBID é o terceiro espaço. Esse Ateliê, os três vídeos, eu acho que ele traduz esse terceiro espaço do PIBID. Eu fiquei pensando muito nisso, que ele talvez de alguma forma ele me afete esse canto da minha racionalidade e afeto, são fronteiras muito tênues, todo mundo que me conhece sabe. E por que eu estou dizendo isso?! (...) Nesses três vídeos, você trabalhou com essa possibilidade que me parece muito potente, de criar esse terceiro espaço entre Escola e Universidade, onde existem ações de tempos, saberes, sujeitos e territórios. Em termos de saberes, por exemplo na nossa aula de História, a gente poderia trabalhar cada vídeo, cada imagem de cada vídeo, não só a questão da temporalidade, mas a questão dos afetos, da memória, da racionalidade. São questões do meu entendimento da identidade, que também trazem essa discussão das diferenças. (...) Você conseguiu com uma outra linguagem, uma linguagem totalmente ousada, eu te parableno mais uma vez por você conseguir nomear, esse terceiro espaço, esse lugar, essa “Casa Comum” como NÓVOA chama e que você está trabalhando na sua tese. Territórios que não são apenas a Escola. Aparece tanto a Escola quanto espaços Universitários, aparece o Museu, como um espaço fora da Escola, mas que também envolve a Formação de Professores. E principalmente os sujeitos, eu acho que são vias que mostram como essa construção da Casa Comum, da Formação de Professores, ela é fundamental. Essa articulação entre professores Universitários e Escola, porque mesmo se a Regina Bustamante não está presente fisicamente, ela aparece com a imagem dela e pode representar esse professor do Instituto História, que aparentemente, não se preocupa com Educação.”

Não sou um escritor, nem um filósofo, nem uma grande figura da vida intelectual: sou um professor. Existe um fenômeno social que me inquieta. Depois dos anos sessenta, alguns professores tendem a tornar-se homens públicos, com as mesmas obrigações. Não quero ser um profeta e dizer: “Sente-se, eu lhe peço, o que tenho a dizer é muito importante”. Vim para discutirmos nossos trabalhos comuns. (FOUCAULT, 1994)

Manter esse diálogo extenso dos participantes reforçando a importância de suas reflexões, questionamentos e emoções é intencional na minha pesquisa justamente porque acredito que o texto deles é tão importante quanto o meu. Tenho a intenção de romper com binarismos, dicotomias entre sujeito e objeto, entre razão e emoção, entre pensar e agir. Como disse Foucault acima, eu também vim para discutirmos nossos trabalhos comuns. Todo mundo

age e pensa ao mesmo tempo. A maneira como as pessoas agem ou reagem está ligada a uma maneira de pensar, e esta maneira de pensar, está ligada à tradição. Ao mesmo tempo que estão sendo afetados com sentimentos e emoções estão racionalizando com teorias que operam em relação a História, Memória, Temporalidades, Ensino de História, Espaço/Território, Formação de Professores, Práticas, Saberes.

Nesse capítulo, apesar de apresentar de forma separada, o desenho curricular de Nóvoa apresenta dividindo em Exposição Pública, Interposição Profissional, Composição Pedagógica e Recomposição Investigativa, gostaria de expor pontos importantes que Fernanda Terra Moura toca e que contribuem para esclarecer meus argumentos. Ao expor que os “três vídeos provocam determinados imbricamentos de emoções, sensações e reações na gente, que não tem uma linearidade” ressalto que esses dispositivos caminham juntos. Carmen Teresa Gabriel deixa claro as múltiplas possibilidades dos vídeos “cada imagem de cada vídeo, não só a questão da temporalidade, mas a questão dos afetos, da memória, da racionalidade. (...) da identidade, que também traz essa discussão das diferenças.”

No vídeo do 3º Tempo 2020 “O Tempo Não Para” eu vou explorar predominantemente a Exposição Pública, que no caso é intervir como professor, sendo que outras questões como “ser, sentir, agir, conhecer podem estar presentes”. Assim como “romper essa questão da linearidade. Como essa nossa História do Museu Nacional é contada, porque ela tem ida, vindas e voltas.” Ao abordar os vídeos, começo do tempo atual, para revisitar o passado na experiência do PIBID HISTÓRIA UFRJ na Oficina “Seguindo os rastros do tempo da Grécia Antiga” e vou costurando a colcha de retalhos através dos diálogos, de uma forma nem progressiva, nem linear. Outra contribuição importante é “...sua coragem de fazer da sua forma, as suas performances, isso para mim é sensacional. Porque a gente não é educado a se despir, para se apresentar para o mundo da forma como a gente acredita.” Nesse texto diálogo com autores como Foucault, Certeau, Paulo Freire, beel hooks, Durval Muniz, que vão contra a ideia de necessidades universais na existência humana. Esses autores, com diferentes argumentos, mostram a arbitrariedade das instituições que tem a necessidade de normatizar e controlar para exercer o domínio, oprimir, colonizar, inferiorizar sujeitos. Mas mostram também qual é espaço da liberdade que dispomos e que mudanças podemos ainda efetuar. Como afirma Luisa Tavares “A gente vai seguir na luta sim, o PIBID no momento está interrompido, mas a gente segue cada um fazendo a sua diferença nos espaços que a gente se encontra.” Estamos todos, ocupando espaços/corpo/território deixando nossas marcas nessa biografização vivida, nas aulas, nas *lives*, nos livros, nas palestras, no Instagram, no face, nas ruas por passamos, ultrapassando fronteiras.

A surpresa da Luisa Tavares me instiga a me posicionar sobre essas performances que fazem parte da minha vida “O que se passa na cabeça de Viviane para sair essas performances?! (...)“ela está criando uma “Série do PIBID”, porque toda semana tem vídeos/episódios novos para assistir” Como falei anteriormente eu “incorporo” essas teorias e ao operar com Teoria Queer no conceito de “Performatividade” onde Judith Butler rompe com definição de identidade fixa, presa na ilusão de uma “normalidade” pelos processos discursivos, através da metáfora do travestismos, a máscara, a drag-queen que subvertem inclusive a identidade sexual ultrapassando fronteiras através de um processo de subjetivação. Proponho uma reviravolta epistemológica no sentido de para além de estudar a “Performatividade” dos sujeitos da pesquisa, eu coloco meu corpo de feminista lésbica travestido de professora, de mulher do fim do mundo, que vai professar até o fim. Eu sou a intelectual, a professora performática a Drag-quem, a transgressora, a subversiva, impertinente, irreverente, profana, insurgente. A professora que grita, porque 2018 com a Morte de Marielle Franco, o Museu Nacional pegando fogo, o Bolsonaro eleito presidente do Brasil, a Drag-quem que existe em mim Ieva Dietrich surgiu tão forte quanto a Super Sapa e ocupou territórios ruas, avenidas, manifestações e plataformas virtuais Instagram, Facebook, YouTube com o Canal Autobio Prof. Vivi. Assim meu corpo e meu intelecto educado, colonizado, pelas escolas que passei e pela Universidade PPGE/UFRJ, produz saberes e conhecimento que estão sendo legitimados no diálogo com Ana Maria Monteiro e Carmen Teresa Gabriel, Professoras Titulares que ensinam, aprendem, dialogam e ultrapassam as fronteiras de espaço/tempo/narrativas no Ensino de História e na Educação através da invenção e construção coletiva dessa “Casa Comum” ou do Complexo de Formação de professores Coordenado por Carmen Teresa Gabriel contribuindo para pensar a diferença “esse terceiro espaço entre Escola e Universidade, onde existem ações de tempos, saberes, sujeitos e territórios.”

Marcella Albaine: “Eu fiquei olhando e pensando, em 2013, sete anos depois e quanta coisa eu conseguir persistir nesse objetivo e ser professora e ser pesquisadora no “Ensino de”. Enfim, os vídeos me fizeram sorrir, porque eu rio mesmo, porque ...Caramba Vivi!! É muito doido, mas é isso é a arte, é o poder, é a saída dessa coisa quadradinha, romper isso e trazer essa linguagem poética sem medo de ousar. Afirmando a nossa autoria, nossa subjetividade, o nosso ser e estar nesse segundo. Então, acho que sobre os vídeos, é isso, diante de tudo que já foi falado me trazem risos e sorrisos assim...(sorridente) E o não julgamento! Eu não vou julgar Vivi, porque ela fez isso. Eu estou vendo desse jeito, porque eu nunca teria coragem de fazer isso. Por isso

que me faz te admirar mais ainda pela ousadia. E essa ousadia que você está canalizando para o que você defende, eu acho que você está sendo coerente!”

Professora Perpétua Domingues: “Eu acho que você está rompendo barreiras, porque é muito difícil para a academia aceitar novas linguagens. E o mais interessante, eu acho que as minhas pesquisas são simplesmente linguagens. E eu acho que você está sendo revolucionária nesse quesito. Acho que seu trabalho é fundamental, importantíssimo, porque fala-se de linguagem (...)você está fazendo uma metodologia utilizando novas linguagens. É muito diferente você falar sobre a coisa e fazer a coisa, o que você está fazendo. Eu fazendo essas pesquisas sobre povos indígenas, eles reivindicam essas novas linguagens e falam que a academia não aceita muito essas novas linguagens, querem escrever sobre o “outro” o “exótico. Mas na hora que eles querem usar as linguagens deles tem barreiras, acho que você está quebrando barreiras, e está sendo uma contribuição sem igual para uma linha de pesquisa que é de linguagem, docência. (...) você não está falando sobre aquilo, você está fazendo. E está levando a gente junto. É incrível seu movimento, maravilhoso!”

Vitor Correia: “(...) é muito importante trazer a História, cada vez mais perto, mais presente com o público. Isso era algo que o Museu Nacional fazia ou tinha muita potencialidade de fazer. (...) Eu acho que de tudo isso, a gente pode estabelecer meio que uma História do PIBID a partir de uma metodologia muito única do seu trabalho, que é trazer todo mundo para o diálogo e uma construção coletiva de uma memória. Porque eu não lembraria de muitas coisas que eu estou citando ou fazendo conexões aqui agora com o meu trabalho de professor e de pensar, fazer do professor como performance e o seu trabalho está contribuindo, com o meu pensamento de várias formas. Então, eu acho que essa construção coletiva favorece a cada um que participa dela.”

Daniel Sideris “(...) é legal porque a Vivi ela traz a música para a experiência dela, do PIBID. E ela coloca uma outra forma de trabalhar com música, diferente da forma que eu trabalhei na minha monografia que abordava Heavy Metal. A pesquisa dela não é focada na música, mas a música é um elemento importante. Eu gostei da coragem que você teve de se soltar. Um monte de gente que se fosse ver: “há esse pessoal de humanas!” iam te criticar, as pessoas não entenderiam como esse tipo de linguagem contribuem para quebrar as barreiras da Academia. Acho legal fazer temas experimentais, e algumas pessoas ficavam “Ah, então faculdade era para isso?” É importante falar sobre Funk, porque o Funk está aí, vai condená-lo? Funk é um movimento musical.”

No livro *As Palavras e as Coisas*, Foucault discorre sobre o pensamento científico, onde a História da Ciência tem um pensamento diferente da sensibilidade, a fim de ser reconhecido como discurso científico, o pensamento deve responder a certos critérios. O pensamento clássico da ciência reflete as *coisas* nas suas relações de similaridade ou de equivalência que fundam e justificam as *palavras*. A História da ordem das coisas seria a história *do mesmo* e recolhido em identidades fixa – daquilo que para a cultura é ao mesmo tempo disperso e aparentado. A “História da Loucura” seria a história do *Outro* – daquilo que para uma cultura é ao mesmo tempo interior e estranho, a ser, portanto, eliminado, apagado, excluído. (FOUCAUT, 2016 p. XXI, XXII).

Marcella Albaine quando fala “isso é a arte, é o poder, é a saída dessa coisa quadradinha, romper isso e trazer essa linguagem poética sem medo de ousar” ou a Perpétua Domingues quando comenta “você está rompendo barreiras, porque é muito difícil para a academia aceitar novas linguagens. (...) você não está falando sobre aquilo, você está fazendo. E está levando a gente junto” elas traduzem o movimento que faço no sentido de ao invés de operar com as teorias dos autores que me refiro e citá-los apenas com palavras escritas eu busco sentir como eles me afetam para pensar no “afeto” e no “comum” onde o corpo e a poética ultrapassam as fronteiras do verbo.

"Particularmente entendo que o objetivo de um trabalho acadêmico/científico, mais do que meramente ser lido, é ser compreendido, para que possa provocar ressonâncias nos campos nos quais ele se inscreve. Portanto, lucidez e criatividade passam a ser vocábulos que funcionam como ditames à escrita que se pretende acolhedora e problematizadora das vivências dos inúmeros profissionais da História e da Educação, quiçá de outras áreas, que venham a tecer diálogos com o que aqui é enunciado". (COSTA, 2019 p. 12).

Perpétua comenta sobre a mesma dificuldade que enfrenta na sua Tese ao dialogar com indígenas “Eu fazendo essas pesquisas sobre povos indígenas, eles reivindicam essas novas linguagens e falam que a academia não aceita muito essas novas linguagens, querem escrever sobre o “outro” o “exótico”. Ao retratar sobre esse desafio da academia aceitar novas linguagens, ou mesmo aceitar o corpo/território/espírito os saberes das lideranças indígenas como “mais avançado que a mais avançada das mais avançadas das tecnologias (...) Surpreenderá a todos não por ser exótico, mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto quando terá sido o óbvio” (VELOSO, 1989). A dificuldade é efetivamente operar com o “outro” o “estranho” a diferença. Na academia que apesar de questionar teoricamente a normatividade ainda se assusta com a língua que não é sua, com a escrita que não é masculina europeia e da américa do norte. Trago para esse diálogo os argumentos de Ana Angelita Rocha (2019), que leva uma interpretação política-estética com foco na concepção de corpo/território de

professora a partir de geopolítica do útero, como sua experiência de professora de rede pública. Tenho a “Disposição Pessoal” de agir/falar/ser/escrever como professora com a coragem de me apresentar nesse texto/currículo me despindo nessa “Exposição Pública”. Com o objetivo de mobilizar e afetar os participantes das pesquisas e trazê-los para o diálogo como corpo/território que afetam e mobilizam memórias, desejos, dores, paixões, frustrações, esperanças. Começando por me expor publicamente para encorajar a exposição dos outros, visto que não é comum na academia, dizer “eu te amo”, “como está se sentindo?” Falar das angústias que afligem a precarização da Educação, da necropolítica que tira vidas, mas mata também o conhecimento quando exclui Artes, Filosofia, Sociologia e História do Currículo dos pobres, uma BNCC que escolhe cortar disciplinas para os estudantes precarizados.

Rômulo Machado: “Eu tenho que confessar, o Vitor está aqui de prova, quando você mandou a proposta. e a gente comentou “Pô não sei o que vai sair dali não em. Vamos ver! Mas só vou saber se participar”. E eu achei muito bom o primeiro dia, os diálogos que surgiram durante o vídeo, serviram como catalisador, a gente conseguiu construir algumas coisas bacanas. Então, assim, definitivamente, não é uma metodologia que eu pensaria para mim, mas eu estou achando bem bacana o que a gente está conseguindo construir a partir dos vídeos e das discussões”.

Professora Viviane Grace: “É muito importante ter um contraponto. Estou trabalhando as subjetividades, afetos, um jeito próprio de ser professor que é a Composição Pedagógica (Nóvoa, 2017). Então, por exemplo, quando a Marcella fala “como ela tem essa coragem?” Não é para ninguém ser professor igual a mim, porque nem eu consigo fazer plágio de mim mesma. Se vocês falarem “Faz essa performance de novo.” Eu não vou conseguir. Aquela Performance AmarElo foi naquele momento ali, um acontecimento. Eu não estava conseguindo passar tudo que sentia na escrita, assim explodiu e apareceu aquela performance, mas repetir a mesma performance eu não consigo. Não é mais aquilo que eu estava sentindo ou pensando. Nessa quarta-feira que eu fui Museu ao Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista fazer o Vídeo, coincidentemente, a minha irmã Warley Costa estava com os netos Arthur e Joana, ela os levou na quinta no mesmo horário. E as crianças apareceram no Vídeo 2º Tempo 2018 -Mulher do Fim do Mundo. Eu sou tivó deles. Quer dizer, já são a terceira geração. E, de repente, a Marcela fala no chat do Zoom. “As crianças ali são o futuro e a esperança”. Eu achei muito interessante. Para criar esse Vídeo tem um trabalho intelectual grande e árduo. Leitura, pesquisa, que não interessa dividir com vocês nesse momento. Ao mesmo tempo, eu tenho a possibilidade de afetar a Carmen que traz a questão do Complexo de Formação de Professores, pensando em

Política Pública. Afetar Ana Maria Monteiro, Perpétua e todos vocês, todos nós que estamos aqui tivemos vínculo com a UFRJ. O Museu Nacional é da UFRJ, e nós somos a UFRJ, somos professores ou estudantes da UFRJ. O Museu Nacional também faz parte do PIBID e da UFRJ. O Museu Nacional também era nossa “Casa Comum”, era o “outro espaço” que pertencia a gente.”

Nesse terceiro capítulo navegando no 2º Ateliê Biográfico de Afetos a partir da experiências vividas de ex-alunos, Alex Santos, Tainá Ferreira, Jéssica, ex-licenciandos Luisa Tavares, Daniel Sideris, Marlon Rocha, Marcella Albaine, Fernanda Terra Moura, Vitor Correa, Rômulo Machado das Professoras Carmen Teresa Gabriel, Ana Maria Monteiro e Perpétua Domingues, trago em três tempos, 2020, 2018 e 2013 quando aconteceu a Oficina do PIBID HISTÓRIA UFRJ Seguindo os Rastros do Tempo na Grécia Antiga”. Diferente do 1º Ateliê de Afetos onde a primeira performance “AmarElo” é um desdobramento da minha autobiografia, que descrevo no primeiro capítulo, este momento é focado no “Afeto” e no “Comum” dos participantes do PIBID, da subjetividade de cada um, de um jeito próprio ao mesmo tempo de subjetividades do coletivo. A partir das práticas profissionais no tempo atual em 2020 onde foco na predominância da Exposição Pública; do trauma do Incêndio do Museu Nacional em 2018 onde foco na Interposição Profissional e 2013 na Oficina Seguindo os Rastros do Tempo na Grécia Antiga onde foco em na Composição Pedagógica e Recomposição Investigativa. *Como é que uma pessoa aprende a ser, a sentir, a agir, a conhecer e a intervir como professora?* Longe de responder a esta incógnita afirmo que o que importa é o processo, não há um único caminho, abrimos caminhos e possibilidades ao andar.

3.1. O TEMPO NÃO PARA: 3º TEMPO 2020

O TEMPO NÃO PARA (1989)

(...) Dias sim, dias não
 Eu vou sobrevivendo sem um arranhão
 Da caridade de quem me detesta
 A tua piscina tá cheia de ratos
 Tuas ideias não correspondem aos fatos
 O tempo não para
 Eu vejo o futuro repetir o passado
 Eu vejo um museu de grandes novidades
 O tempo não para
 Não para, não, não para
 Eu não tenho data pra comemorar
 Às vezes os meus dias são de par em par
 Procurando agulha num palheiro
 Nas noites de frio é melhor nem nascer
 Nas de calor, se escolhe: É matar ou morrer
 E assim nos tornamos brasileiros

Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro
 Transformam o país inteiro num puteiro
 Pois assim se ganha mais dinheiro
 A tua piscina está cheia de ratos
 Tuas ideias não correspondem aos fatos
 O tempo não para (CAZUZA, 1988)

Texto vivo vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre **3º TEMPO 2020 – O TEMPO NÃO PARA... (Cazuza 1989)** no canal do Youtube - Autobio Prof. Vivi e assista o vídeo <https://youtu.be/gcz40vTgSrc>:

2º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 19/12/2020

Enquanto passava o Vídeo de 2020, os participantes escreviam o que sentiam na primeira pessoa do singular:

BATE PAPO ZOOM:

Marcella Albaine: Que registro bom os Bate Papos. Uma das melhores coisas de 2020.

Viviane Grace: orgulho, privilegiada, presenteada, feliz

Luisa: Orgulho

Daniel: Orgulho

Ana Maria Monteiro: realização

Marcella Albaine: Privilégio

Carmen Gabriel: REALIZADA

Marcella Albaine: Realização

Rômulo Machado: Feliz

Gabriela da Silveira: Eu me senti feliz e contemplada, me identifiquei com algumas percepções apresentadas

Perpétua: Feliz

Ana Maria Monteiro: feliz

Luisa: Gratidão

Marcella Albaine: Desafiada

Viviane Grace: esperançosa, grata

Daniel: Participando de algo maior

Carmen Gabriel: Orgulho da minha/nossa profissão

Vítor Alberto Correia: eu me senti incluso no que a Ana comentou sobre a visão da educação dentro da UFRJ (e como isso mudou, aqui o sentimento é de felicidade)

Marcella Albaine: Bacana, Daniel. também me senti participando de algo maior

Vítor Alberto Correia: também, Marcella e Daniel

Neste Vídeo “3º Tempo 2020 – O Tempo Não Para” trago as práticas profissionais dos participantes da pesquisa iniciando pelo meu ex-aluno e atual Artista Professor e Bailarino Alex Santos dançando no qual eu fiz uma montagem, com sua autorização, e coloquei ao fundo a música do Cazuza “O Tempo Não Para” (1989). O vídeo original tinha outra música ao fundo, eu peguei no seu perfil do Instagram; https://www.instagram.com/tv/CAsoIMMpY-x/?utm_medium=copy_link, o artista nomeou essa performance de “Improviso – Sensações: Deixa a música tocar Deixe-a perpetuar em você. Em sua pele penetrar, permear todo o seu ser.”. Eu sigo nas redes sociais desde sempre Asa Santos, que é seu nome artístico, ele me causa essas “sensações” e eu me permito que sua arte, sua dança, sua música penetrem na minha pele, no meu corpo, no meu ser. ASA, com suas asas me faz flutuar, “é gostoso de se ver, é bonito

de se sentir”, ele me afeta e me diz tantas coisas, sem falar uma palavra. Com seu corpo, seu movimento, ocupa espaços, territórios em uma geografia que afeta a cidade, mas afeta também o interior, faz o corpo arrepiar e nos desperta a vontade de dançar, não importa como, balançar o corpo mesmo longe de sua perfeição e espontaneidade, ASA nos chama nesse “Improviso de Sensações” para a liberdade de voar. Esse Artista, Professor e Bailarino que já foi meu aluno hoje ocupa espaço/corpo/território da Cidade do Rio de Janeiro, do Brasil e do Mundo.

A letra da música “O tempo não para. Eu vejo o futuro repetir o passado... Eu vejo um museu de grandes novidades... O tempo não para... Não para, não, não para” (CAZUZA, 1988) no sentido que rompe com a questão da linearidade, pensando na própria História do Museu Nacional, como é contada, porque ela tem ida, vindas e voltas. Essa música me remete a Tese de Ricoeur em Tempo e Narrativa que fala da circularidade entre tempo e narrativa, mas não um círculo fechado que volta para o mesmo ponto, uma circularidade de um “tempo que não para”, círculos abertos que se cruzam em vários pontos em diversos tempos e narrativas.

O tempo torna-se tempo humano na medida que é articulado de maneira narrativa. A narrativa é significativa na medida em que ela desenha os traços na experiência temporal. Essa tese apresenta o caráter circular (...) a circularidade entre temporalidade e narrativa não é viciada nas duas metades que se reforçam reciprocamente. (RICOEUR apud REIS, 2010)

A próxima a aparecer neste vídeo “3º Tempo 2020 – O Tempo Não Para” é a minha ex-aluna Escritora Tainá Ferreira nos gêneros horror, literatura infanto-juvenil e poesia. Escolhi o conto O Zoológico de seu livro Contos Sombrios (2020) ela fez uma narração do conto no vídeo, em um fundo avermelhado com um efeito chuviscado contribuindo com a estética do seu texto. Esse reencontro com Tainá me impactou demasiadamente, pois veio junto a notícia que fazia Português Literatura na UFF, e que era Escritora, imediatamente comprei seu livro, devorei com farinha, divulguei para os professores do CIEP BRIZOLÃO 303 - AYRTON SENNA que também compraram o livro no KINDLE, e comentamos sobre seus contos, dentre eles, esse conto O ZOOLÓGICO sobressaiu. Eu fiquei muito emocionada com a ocupação da minha aluna nesse ambiente intelectual, passei a gostar do gênero horror e olhar como resistência uma mulher negra moradora da rocinha escritora desse gênero. Como as questões que aborda em seus “Contos Sombrios” me afetaram como mulher, ao retratar abusos machistas que me remete ao patriarcado, onde “vejo o futuro repetir o passado” e o homem europeu ainda colonizando e objetificando a mulher brasileira, na ficção essa mulher é insurgente e transgressora nos vinga. Tive muito prazer na leitura. No caso do Conto escolhido O Zoológico, me fez refletir sobre a pretensa superioridade dos “humanos” que aprisionam animais, me

remetendo ao neoliberalismo extrativista que detona o planeta, e os animais presos no Zoológico, ou exterminados pela humanidade volta a nos assombrar. Minha emoção não tem como se conter a surpresa desse reencontro que foi o momento mais emocionante da pesquisa, da realização de uma professora.

1º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 28/09/2020

Tainá Ferreira: “fiquei sorrindo o vídeo todo pois na aula de História eu sentia que podia ser eu mesma. Lembro de um dia exato em que teve uma peça de teatro dos deuses gregos e eu me senti tão ligada àquilo tudo que eu queria poder levantar e participar como uma das figuras. Conta muito o otimismo da professora, o modo como ela recebia a gente sempre com sorriso e fazia desejar que todos os professores fossem assim. Outro dia marcante foi quando fomos levados até a UFRJ, eu sentia meu coração acelerado, mas não era de medo, muito menos de nervoso, era desejo, desejo de um dia poder ser uma Universitária. Lembro que olhava de cima abaixo cada pessoa que passava por aquele lugar, os prédios e foi a primeira vez que eu senti que um dia poderia ser eu ali. Bom não foi exatamente ali que eu comecei a estudar anos depois. Como fui aluna de colégio público, eu me sentia desmotivada e sem esperança e o PIBID me mostrava o contrário, que ali poderia ser algo prazeroso e que eu poderia fazer o que eu quisesse com o meu conhecimento. Desde montar uma peça de teatro a conhecer o mundo através da leitura. Ela era a professora mais animada que tinha. Outros professores chegavam como se fosse obrigação para pagar boletos. Sabe? Isso é muito ruim. Professor não ganha bem, a gente sabe disso. E para a professora chegar toda animada assim é porque ela gosta da profissão. O PIBID fez o meu Ensino médio não ser lembrado apenas por momentos difíceis, mas felizes também, de risadas, conversas e principalmente igualdade entre professor e aluno, já que a professora falava, mas ela também deixava a gente falar. Se não fosse pelo outro professor chegar, a gente ficava lá a tarde toda conversando. É claro, a professora também descolava uns ônibus com ar-condicionado e uns lanchinhos superbons (risadas).”

Alex Santos: “Eu não só lembrei dos momentos, quando eu assisti. Eu lembrei também de onde a gente se inspira para chegar a algo né? Eu posso dizer que você foi e é uma das professoras que me deu a liberdade de continuar a prosseguir, de falar assim “é possível!”, “tudo é possível!”. Não é um mar de rosas, a gente passa por várias pedras, mas é possível você chegar em um determinado lugar. Tanto que até hoje eu continuo utilizando muito de aulas de história nas minhas aulas, porque eu não trabalho apenas com crianças, eu trabalho com um público diverso. Então quanto mais maduro esse público é, eu também acabo usando uma abordagem diferente com cada público, ou seja, contando uma história, ou seja, trazendo alguma coisa que

traga um sentimento, mas utilizando a história para isso, que é uma das coisas mais maravilhosas do mundo!! É o que faz a gente ser o que é hoje! Eu fiquei bastante feliz em rever, em recordar e poder saber que eu fiz parte disso, que você fez parte da minha vida assim como outros professores que deram apoios de formas diferentes, que fazem eu e outras pessoas se desenvolverem. Que fazem qualquer uma outra pessoa crescer e se desenvolver. Mas isso também tem um ganho para cada pessoa para chegar aonde ela quer chegar.”

Quando que eu ia imaginar que convidar os alunos do CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA, ao irem no Evento Encontro do PIBID UFRJ de 2014 a Tainá Ferreira ia ter esse despertar, esse desejo, essa vontade de se tornar Universitária? Era uma Exposição Pública, de todas as áreas de conhecimento, não só do PIBID, oportunizando estudantes de estudantes da Educação Básica, principalmente do Ensino Médio entrar na Universidade Pública e conhecer diversas profissões. “Conhecendo a UFRJ”, é um projeto de extensão que promove esse encontro entre Universidade e Escolas da Educação Básica. No entanto, o significado de levar alunos do CIEP BRIZOLÃO 303 - AYRTON SENNA, moradores da Rocinha, uma favela distante da Ilha do Governador, onde foi o Evento, pode representar um diferencial para acesso da juventude precarizada na Universidade. A importância da Universidade estar aberta para comunidade e para as para as Escolas, onde o PIBID incentivou a escola conseguir verba para levar os alunos. Esse dispositivo que Nóvoa (2017) fala que é a “*Exposição Pública*” trabalhar no espaço público da educação, na comunidade, na relação com a sociedade, com a cidade, na participação das políticas públicas, de decisões sobre educação.

A terceira que aparece no Vídeo de 2020 é a Professora Luisa Tavares, que foi minha ex-licencianda do PIBID HISTÓRIA UFRJ, e hoje é Professora de História do SOLAR Meninos de Luz, escola que fica localizada na área do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo²⁶, atendendo a crianças e jovens. Luisa é grande amiga e o convívio é quase diário com as mulheres remanescente do PIBID intitulada “Quadrilha”. Posso afirmar que a experiência do PIBID no CIEP da Rocinha contribuiu para que continuasse usando sua criatividade, a arte operando com a pedagogia da escuta, trabalhando uma metodologia de projetos, mobilizando temas sensíveis que são importantes para esses estudantes que sobrevivem a precariedade e com a opressão. Luisa Tavares me disponibilizou um Vídeo de uma aula Virtual, durante a pandemia. O material fez parte de um projeto interdisciplinar entre História, Geografia e Biologia onde os professores das áreas propuseram uma ação no estilo do programa televisivo

²⁶ Pavão-Pavãozinho e Cantagalo é uma favela localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, próximo aos bairros de Copacabana e Ipanema

Masterchef. Voltado para o Ensino Médio, a ideia foi analisar criticamente a alimentação brasileira desde o processo de produção de alimentos, distribuição, consumo e impactos na sociedade e meio ambiente.

Finalizando recorto trechos de LIVES do “Bate-papo sobre Ensino de História” onde a Professora Marcella Albaine é mediadora das palestras em dois momentos distintos da Professora Carmen Teresa Gabriel, “*Afetos e temporalidades que articulação no ensino de História*” e Professora Ana Maria Monteiro “*Professores ainda são necessários hoje?*”

O “Bate-papo sobre Ensino de História” é um projeto de extensão organizado pelas professoras Marcella Albaine Farias da Costa e Vitória Azevedo da Fonseca (UFVJM) no YouTube no canal LAPEHIS da UFVJM²⁷ que pretende divulgar pesquisas e boas práticas em Ensino de História convidando diversas autoridades neste campo com conteúdo variados, e temas sensíveis no tempo presente. Marcella Albaine tem uma grande rede de sociabilidade no campo de História e Ensino de História e mobiliza essa rede em um grande movimento de divulgação científica e de firma posição política na valorização da prática do professor da educação no sentido de mobilizar e produzir, saberes, conhecimentos e experiências. Essa iniciativa do Bate-papo sobre Ensino de História, produziu um grande acervo material no Campo de Ensino de História dessa forma dialoga com a “Exposição Pública” (NÓVOA 2017) onde essa publicação no Canal do You Tube, é uma forma de *intervir* como Professora, assim como suas convidadas. Segue abaixo o trecho da entrevista que coloquei no vídeo e que afetou diretamente os participantes.

#22 Bate papo com Carmen Gabriel Afetos e temporalidades que articulação no ensino de História - 07 de julho de 2020 <https://www.youtube.com/watch?v=2uD4D3u8v54&t=9s>

Marcela Albaine: “Apresento a professora Carmen Teresa Gabriel. (...) Eu sou suspeita para falar da Carmen é a professora que me orientou, foi Coordenadora do PIBID quando eu fui bolsista do Programa de Iniciação à Docência, me orientou também na pesquisa do Mestrado do PPGE/FE/UFRJ, é uma pessoa bastante engajada na área de educação, que luta, né Carmen. As brigas, os combates necessários em prol da Educação. (...) Pergunta do Professor Júlio: como os Afetos podem contribuir para valorização da diversidade em sala de aula no Ensino de História? Relacionar o Afeto ao debate da Diversidade.”

²⁷ LAPEHIS – Laboratório de Prática de Ensino em História. UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Professora Carmen Teresa Gabriel: “É uma aposta importante a dimensão do afeto, justamente para trabalhar a diferença e a diversidade na sala de aula. Para a própria dimensão de afeto com temporalidade, por exemplo. O que nós precisamos valorizar e não combater é a diferença. E diferença não é sinônimo de desigualdade, então, essa é a primeira pontuação. O que a gente está defendendo aqui é justamente, a possibilidade de pensar em várias possibilidades de habitar esse mundo. Essas possibilidades elas têm que de alguma forma que serem respeitadas dentro de uma aula de História e dentro da forma que a História traz através de suas narrativas de fazer a mobilização dos campos de experiência, do presente e expectativa. A própria questão da escravidão, ditadura militar, são temas clássicos na História que precisam ser trabalhados, com a questão de afeto, com a possibilidade de se deslocar de um lugar em relação a esses temas. Eu diria que ser afetado por alguma coisa, é ser afetado no momento em que eu tenho a possibilidade de alguma coisa que me faz desestabilizar nas minhas verdades, desestabilizar nas minhas compreensões e leituras de mundo e me dão elementos para repensar, redimensionar e de alguma forma me deslocar desses lugares. Eu acho que esse é o sentido do afeto. Me parece que esse primeiro passo é justamente, deixar o trabalho da memória acontecer, ou seja, o silenciamento talvez seja a pior coisa. É preciso fazer o luto de alguns traumas. As experiências sensíveis são traumáticas, o trauma sem luto não é possível esquecer. O trabalho da memória é esquecer e lembrar, mas não silenciar.”

2º ATELIÊ BIOGRÁFICO DE AFETO DIA 19/12/2020

Professora Carmen Teresa Gabriel: “Então eu queria colocar aqui também, para esse público, coletivo, que eu acho Viviane, que é muito interessante o movimento que você está fazendo e como isso está impactando. Tudo tem um “Q” biográfico, não é só sua pesquisa, o que eu faço, o que a Ana Maria Monteiro faz, o que cada um aqui faz, tem um “Q” biográfico. É interessante que você traz aquele momento da minha fala no seminário que eu estou falando sobre a questão da afetividade, e não era algo que eu falava muito há um tempo atrás. Eu tenho uma coisa tempo, meio epistemológica, tenho uma fala às vezes meio dura no ponto de vista acadêmico, da ciência, mas me parece que a discussão da afetividade quando eu encontro um caminho, eu acho. Vou tentar traduzir dessa forma, com a sua loucura, no bom sentido da palavra e que esse campo do afeto, como a gente está chamando, não é algo antirracional, mas que amplia o campo da racionalidade. E isso, é muito importante hoje, principalmente na nossa área disciplinar. Você é o exemplo vivo de como muitas vezes essas ações, no campo acadêmico, é minimizado ou menosprezado, é loucura, maluquice e isso não vai dar certo. E eu confesso, que eu falava que não ia dar certo. Eu acho que você encontrou um caminho que é

essa fronteira entre o racional e a loucura, entre o afeto, porque não é o afeto do coração versus a paixão porque isso é dicotomia, então, eu acho que o grande desafio que você tem é superar essa dicotomização, que a gente faz de ação, de conteúdo e forma enfim de todas essas dicotomização que o mundo está cheio delas. Como é que se faz isso, eu também não sei. Você está descobrindo um caminho possível, não o único, mas é um caminho possível, que é indispensável para nós hoje, principalmente como professores de história, não é o ensinar história, é fazer com que o outro seja afetado por ela. Algo, por exemplo, que acontece no mundo é que tem gente que defende Ditadura Militar e que passou pelas escolas públicas, são jovens que defendem ditadura, não dá para não perguntar onde a gente errou? Não onde a gente tem individualmente errado, mas onde a gente errou no sentido de não ter conseguido afetar aquela pessoa e dizer que a ditadura que não deve ser algo a ser valorizado. é ver onde a gente errou no sentido de o que está faltando no sentido de aprendizado que a gente não está conseguindo tocar. E me parece que a dimensão do afeto na perspectiva que você está abordando, traduz isso, como você está tentando afetar o outro, através da sua pesquisa biográfica também, usando todos os seus recursos, a sua loucura, seus conhecimentos, seus conteúdos, seus recursos áudio visuais, você é isso chegar e fazer essas performances que você está fazendo, se colocar publicamente, se expor dessa maneira, no bom sentido da palavra, é muito coragem, muito bacana e te parablenizo e agradeço, pois isso está fazendo me deslocar em muitas coisas.”

Professora Viviane Grace: “Carmen, eu sou sua fã! Que bom que você faz parte da minha vida, é um privilégio eu ter te conhecido e ter tido essa possibilidade. Você e Ana Maria Monteiro, praticamente, foram as orientadoras do meu CESPEB também, porque a gente montou junto, o projeto Memória do CIEP AYRTON SENNA. Você faz parte de uma Instituição e ao mesmo tempo você tem sua própria subjetividade que me formou. A minha escrita, a minha fala, a minha prática, a minha forma de agir, ser, pensar, sentir como professora ela está cheia de marcas suas e da Ana Maria Monteiro, como acadêmica principalmente. Como professora eu acho já fazia e acontecia, mas no CESPEB eu pude enxergar o que eu fazia. Eu não sabia o que eu fazia. Então, eu tinha uma prática que eu não sabia o que fazia, eu achava que estava dando aula, mas hoje eu sei, que na realidade eu estava articulando vários conhecimentos. Como Nóvoa falou a importância dessa Exposição Pública da Perpétua publicar uma Tese, eu poder publicar essa Dissertação. Eu me emociono muito, sou muito grata a vocês, minha escrita acadêmica, minha fala, minha formação acadêmica tem muito de Carmen Teresa Gabriel e Ana Maria Monteiro.”

#26 Bate papo com Ana Maria Monteiro Professores ainda são necessários hoje?**21 de julho de 2020:** <https://www.youtube.com/watch?v=gfmNz8MLQi4&t=29s>

Marcella Albaine: “Sejam todos bem-vindos nesse bate-papo com a professora Ana Maria Monteiro a quem a gente agradece imensamente pelo carinho pela militância na área, pelos textos, por todas as contribuições. Eu e o Marcos Bonfim tivemos o privilégio de ter contato muito diretamente com Ana Maria Monteiro junto com outras professoras também muito queridas, a Carmem Teresa Gabriel professora Warley da Costa, um grupo muito forte muito querido do Ensino de História. (...) Então Ana seja muito bem-vinda e sinta-se acolhida. (...) é um espaço virtual, mas é um espaço de muito afeto, de muita troca e de muito aprendizado. (...) Eu tenho uma pergunta que é pessoal e profissional ao mesmo tempo. Ao ouvir você falar e conheço também a pesquisa que você trabalha, com essa ideia de professor marcante. Eu queria ouvir de você como você se percebe como uma professora marcante? Nos trabalhos de orientação como professora Universitária com colegas que estão há anos na educação Básica pensando sobre sua prática, como isso transforma a sua forma de ser professora?”

Professora Ana Maria Monteiro: “É evidente que para mim é um sinal de realização do meu trabalho. Esse reconhecimento de alunos, de orientandos, de ex-alunos me deixa muito feliz, evidentemente. É algo que eu busquei na minha vida inteira, sabe? Antes de atuar na Universidade eu fui professora primária na época, agora com a LDB de 1996 é que usamos a terminologia de anos iniciais, de crianças, alfabetizei e depois trabalhei como professora de História do 5º e 8º ano, no 2º segmento do primeiro grau e fui professora de Ensino Médio. Tive uma experiência muito grande como professora de História. Sempre gostei muito do que eu fazia. Eu tanto gosto de dar aulas, de ensinar, como gosto de História. Gostar de ler sobre História, de saber sobre História. Ao ingressar na Universidade, com esse concurso que era para Didática e Prática de Ensino de História... E aí, tem o fato que eu tenho mencionado recentemente, eu me surpreendi muito quando eu ingressei na UFRJ e descobri que a Educação não era muito valorizada, a Faculdade de Educação era um lugar que o prestígio era muito baixo. E mais ainda trabalhar com Didática e Prática de Ensino era considerado uma área menor dentro do trabalho possível na Faculdade de Educação. Tinha os professores da Administração, da Educação Brasileira, da História da Educação, da Sociologia, eram considerados os grandes talentos e os professores da Didática eram considerados aqueles que faziam um trabalho mais fácil porque era da prática. Foi uma determinação minha porque eu discordava disso. É nesse momento da realização que vamos poder fazer acontecer e tornar esse trabalho efetivamente válido. Foi uma determinação que orientou minha atividade no sentido de evidenciar os desafios

as dificuldades e a complexidade desse trabalho. Meus alunos foram acompanhando comigo. Tem o sentido político esse trabalho. É um dado importante, a afirmação política desse profissional “o professor” dessa Instituição em uma sociedade como a nossa.”

2º ATELIÊ BIOGRÁFICO DE AFETO DIA 19/12/2020

Gabriela da Silveira: “Começando por 2020, eu acho que o que mais me impactou daquele vídeo foi uma fala da professora Ana Maria Monteiro de que a Educação é pouco valorizada na UFRJ e de que isso foi uma surpresa para ela. Eu não sou da UFRJ eu sou da UFF, mas eu entrei querendo ser professora de filosofia. Isso era a única coisa que eu queria ser e que eu sabia que era possível para mim. Eu não queria ser engenheira, nenhuma outra coisa, eu queria ser professora. Os meus professores do Prado Junior me impactaram muito. O PIBID me impactou muito, fez uma ponte muito importante para mim com a Universidade. Eu queria ser professora, e aí, qual foi a minha surpresa? Quando eu entrei na Universidade e descobri que ninguém estudava Educação. Ninguém falava sobre isso, o importante era ser pesquisador de filosofia. Eu fiz minha monografia em educação pela perspectiva de um filósofo, que era extremamente importante para mim. Era quase uma forma de bater meu pé e dizer para aqueles professores que os filósofos se preocupavam com isso. Porque que a academia não se preocupava, por que a gente não se preocupava com isso? Porque que eu demorei quase minha graduação inteira para ter uma formação de professora. E como saiu tanta gente dali sem ser professora. Sem aprender a fazer isso. Como se fosse uma coisa que você acorda e sabe. Ou que só você pesquisando, lendo livros, sem ter contato nenhum com a sala de aula você aprende. Então isso me impactou muito porque foi uma coisa que eu experimentei de uma forma muito forte, como as pessoas negligenciam a educação dentro da filosofia. Como elas acham que isso é desimportante não tem prestígio e enfim...”

Professora Ana Maria Monteiro: “Todo mundo aqui está falando da tristeza e eu achei também interessante e curioso o recorte que a Viviane fez na minha participação no bate papo com a Marcela e o Marcos, que ela recortou aquele trecho para trazer, onde eu falo dessa questão do meu impacto ao chegar na UFRJ ainda nos anos 1990, achando que eu ia encontrar parceiros... que nem a Gabi, que anos mais tarde, entra na UFF e sente o que eu senti, né? Claro que encontrei a Carmen, minha parceira nessa luta, mas eu achava que ia encontrar muito mais gente.”

Vitor Correia: “Ana, com a questão de colegas na academia, de achar que você ia encontrar mais pessoas, que pensam como você na academia. Essa questão que eu queria jogar no ar, rapidamente, para quem puder responder isso. Em algum momento, desculpe jogar isso assim,

no meio das suas tristezas, mas “qual a impressão que vocês têm hoje da questão da relação de proximidade entre a academia e a sociedade, em geral?” Porque, eu acho que uma das pessoas muito responsável por ajudar em muito do que a gente é hoje, como professor, eu acho que têm o dedo de importância da Ana Maria Monteiro e da Carmen Tereza Gabriel. Acho que se mais professores são formados hoje é porque tem a participação delas na briga pela formação de professores de História. Isso foi muito importante! Obrigado Ana e Carmen, vocês são muito importantes para a formação de professores de história, pela UFRJ. E pela formação do PIBID, por esse projeto, vocês foram muito importantes. Vocês têm mais colegas hoje, do que quanto haviam começado. E se hoje tem mais gente querendo fazer História, e seguir uma carreira como professor, vocês têm um grande papel nisso, por lutarem pelo PIBID. E se vocês têm mais colegas hoje é porque há coisas que estão triunfando nessa briga, de pouco em pouco, mais passos são dados.”

No dia do exame de qualificação eu estava precisando de acolhimento de acadêmicos teóricos, mas também apaixonados, que fossem capazes de olhar pra “melancolia dos objetos”, carne, corpo, (Mais)culinos, presença de pênis (ALBUQUERQUE JR,2018,2020), da geopolítica do útero, da resistência de corpos/territórios com suas gírias, sua linguagem nada convencional (ROCHA, 2019), Professora que nas aulas de sexta-feira de manhã levasse flores para o busto de Stuart Angel²⁸. Tive encorajamento da banca formada por Durval Muniz Albuquerque Jr e Ana Angelita Rocha para continuar ousando, onde incentivaram presença do corpo a dimensão do sensível afetiva no trabalho do professor, a arte a performance a autobiografia. Esses professores me ensinaram a colocar em prática as teorias que operam e ao entrarem em contato com meu texto/corpo/território não exerceram controle, e ao contrário incentivaram a continuar rompendo fronteiras da arbitrariedade da escrita acadêmica tradicional. Esses dois professores, assim como minha Orientadora Ana Maria Monteiro estão acostumados a provocar deslocamentos e assim como eu fazem apologia a diferença como disse Durval “incentivo em todo mundo a criatividade as pessoas encontrarem seus próprios caminhos linguagem a própria maneira de dizer de ser, então se a gente fica um mundo povoado de diferenças e não de semelhanças odiosas, temos que incentivar a criatividade”²⁹. Era isso que precisava naquele momento já que estava operando com Foucault que mostra às pessoas

²⁸ Stuart Edgart Angel Jones, foi estudante de economia da UFRJ, membro do MR-8. Foi preso, torturado, assassinado em 1971 pela Ditadura Militar do Estado Brasileiro. Era filho da estilista Zuzu Angel. O busto de Stuart Angel foi inaugurado em 2015, em frente ao campus da UFRJ, na Urca. Nas Disciplinas de Sujeito e Poder em 2018.2 ministrada por Ana Angelita Rocha, Márcia Serra e André Bocchetti, após as aulas as sextas íamos até o monumento, colocávamos flores, tocávamos violão, ocupando na cidade lugar de memória.

²⁹ Trecho proferido por Durval retirado da transcrição do meu exame de qualificação no dia 04/09/2020.

que elas são mais livres do que pensam, ao enxergarem as coisas “que elas tomam por verdade, por evidência alguns temas que foram fabricados em um momento particular da história” (FOUCAULT, 1994).

(...)ler o projeto de Viviane foi um prazer uma escrita extremamente criativa é a primeira coisa que eu incentivo, é que você leva a frente essa sua proposta escrever desse jeito. Não se deixe intimidar pelas prováveis e possíveis censuras, dê asas a sua criatividade achei você uma pessoa criativa, o que é um traço essencial para o Professor ser criativo. É um traço que deve incentivar em seus alunos eu sempre incentivo em todo mundo a criatividade as pessoas encontrarem seus próprios caminhos linguagem a própria maneira de dizer de ser, então se a gente fica um mundo povoado de diferenças e não de semelhanças odiosas, temos que incentivar a criatividade. Acho que você é bastante criativa. A Ana Maria Monteiro vai estar aí como orientadora para segurar seus freios. Acho que minha arguição é fazer uma sacanagem com a Ana porque eu vou soltar mais as suas rédeas ainda mais, ela vai ter um certo trabalho para te conter, que não é fácil lhe conter, mas eu acho que seu trabalho promete. (ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz)³⁰

Como mencionei anteriormente a minha proposta de virada epistemológica é justamente deixar de operar somente com a mente e o intelecto e permitir a esses professores, que são minhas referências, me afetarem, sentir no meu corpo, escrever o texto com mente/corpo/espírito e para isso tive a necessidade de ultrapassar as letras do alfabeto, entrar com imagens, sons, ritmos, gritos. Esse capítulo três é um grito. Gritar não é magistral para uma Mestre em Educação. Gritar não é racional, os loucos e as crianças gritam, uns são internados e os outros são educados. Eu estou incorporando e trazendo para o espaço da alta cultura acadêmica através dessa pesquisa esse Foucault que grita. Como argumenta bell hooks (2013 p.182), apesar de Michel Foucault teoricamente desafiar oposições binárias entre prática e teoria e cisões simplistas entre mente e corpo, no espaço acadêmico era onde sua mente estava, sua postura de professor intelectual elegante, e o espaço da rua, da cultura marginalizada, era onde sentia que podia se expressar dentro do corpo. É claro que Durval Muniz me preveniu sobre possíveis censuras, me encorajando a seguir de corpo e alma, com a criatividade que me liberta das correntes da moral que aprisiona e formata professores e estudantes. Ao fazer esse movimento trago para o diálogo a Carmen Teresa Gabriel no #22 Bate Papo travestida de professora racionalizando sobre o “Afeto e Ensino de História” e Carmen Teresa Gabriel no Ateliê Biográfico de Afeto ao contar sua própria história, se permite sentir com seu corpo as emoções, traumas, esperanças e amor pelo seu trabalho e pelas pessoas, sem deixar de operar com seus referenciais teóricos. Carmen que faz estudantes desconstruírem, agora se desloca e admite que inicialmente foi resistente aos vídeos performáticos, entendendo que o texto

³⁰ Idem.

acadêmico tem um formato próprio “(...)no campo acadêmico, é minimizado ou menosprezado, é loucura, maluquice e achamos que isso não ia dar certo. E eu confesso, que eu falava que não ia dar certo.” Ao se permitir sentir as histórias contadas pela equipe do PIBID HISTÓRIA UFRJ, articulou teoricamente rompendo com dicotomias entre mente e corpo, razão e emoção e até mesmo, na minha interpretação, fez um elogio loucura. “Vou tentar traduzir dessa forma, com a sua loucura, no bom sentido da palavra e que esse campo do afeto, como a gente está chamando, não é algo antirracional, mas que amplia o campo da racionalidade. Eu acho que você encontrou um caminho que é essa fronteira entre o racional e a loucura, entre o afeto.”

Cada um dos meus livros representa uma parte de minha história. Por uma razão ou por outra, pude provar ou viver essas coisas. Para tomar um exemplo simples, eu trabalhei em um hospital psiquiátrico durante os anos cinquenta. Depois de haver estudado filosofia queria ver o que era a loucura: estive suficientemente louco para estudar a razão e era suficientemente sensato para estudar a loucura. (FOUCAUT, 1994).

Marcella Albaine contribuiu ao perguntar no #26 Bate Papo do Ensino de História para Ana Maria Monteiro como ela se sente como “Professora Marcante” que é uma categoria que ela opera. Ana Maria traz nessa conversa a frustração traduzido na sua fala “a Faculdade de Educação era um lugar que o prestígio era muito baixo. E mais ainda trabalhar com Didática e Prática de Ensino era considerado uma área menor dentro do trabalho possível na Faculdade de Educação”. Sinalizo aqui que ao operar com afeto, com a decepção de Ana Maria Monteiro, não busco trazer para pesquisa o caráter individual de sua dor, busco associar afeto com comum. Nóvoa (2016) enfatiza essa dimensão coletiva construindo a formação com base na profissão e na cultura profissional, trazendo a profissão com seus problemas seus privilégios e fracassos. Essa experiência não é um sentimento isolado como reforça Gabriela da Silveira ao se identificar com a fala da Ana Maria Monteiro “(...)eu acho que o que mais me impactou daquele vídeo foi uma fala da professora Ana Maria Monteiro de que a Educação é pouco valorizada na UFRJ”. A hierarquização de saberes dentro da academia é um tema debatido no campo da Educação. Nóvoa defende a Formação para Professores como ciência, como pesquisa, e questiona essa cultura onde colocam o professor como se não tivesse formação que lhe permitisse uma cooperação inteligente na pesquisa. Ele defende que a pesquisa sem a participação do professor pode se tornar desvirtuada e distorcida. Gabriela da Silveira sentiu na pele isso “Eu queria ser professora, e aí, qual foi a minha surpresa? Quando eu entrei na Universidade e descobri que ninguém estudava Educação. Ninguém falava sobre isso, o importante era ser pesquisador de Filosofia.”. Ana Maria Monteiro

reforça em seu diálogo tanto no Bate Papo quanto no Ateliê, como fez o movimento de desconstruir essa “ordem do discurso” que desqualifica a profissão professor. Através da alteridade, assumindo um caráter emancipador e criador na sua trajetória subjetiva, buscando alianças e uma rede de sociabilidade intelectual, neste caso particular sua parceria com Carmen Teresa Gabriel onde fizeram a diferença. Seja com a diplomacia de Ana Maria Monteiro ou com a firmeza da Carmen Teresa Gabriel a trajetória dessas duas mulheres professoras fortes e resistentes ultrapassam fronteiras para firmar a profissão professora conforme traz Vitor Correia, o retrato desse impacto “(...) Obrigado Ana e Carmen, (...) E se hoje tem mais gente querendo fazer História, e seguir uma carreira como professor, vocês têm um grande papel nisso, por lutarem pelo PIBID. Se vocês têm mais colegas hoje é porque há coisas que estão triunfando nessa briga.”

3.1.1 EXPOSIÇÃO PÚBLICA: Como Aprender a Intervir Como Professora?

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. (...) Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. (FREIRE, 1996 p. 57)

Como aprender a intervir como Professora? Nóvoa se refere por último, no seu desenho curricular a Exposição Pública, ao associar a profissão professor a formação de médicos em Harvard onde em um dado momento os estudantes de medicina vão encontrar o convívio nas comunidades, no espaço público, para além da Universidade e Hospitais. A formação dos professores deve estar também com o que está fora da escola, no espaço público da educação, na comunidade, na relação com a sociedade, com a cidade, na participação das políticas públicas, de decisão sobre educação. “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 1996 p.51)”. Aqui é demarcado mais uma vez o “Comum” onde as pessoas se encontram para a procura, em comum, a fim de participar de todos os assuntos relacionados a interesses públicos, no caso específico a Educação. O Professor da Educação Básica, muitas vezes é ausente na elaboração de políticas públicas. Nóvoa pontua que mesmo em Portugal onde é exigido o mestrado para lecionar há essa ausência. O mestrado profissional como o PROFHISTÓRIA, Universidade ganha um capital intelectual potente

trazendo para a academia essa dimensão pública a possibilidade de legitimar o professor de História como produtor de conhecimento.

Defendo aqui a Pedagogia do Afeto como central para o desenvolvimento e compreensão do conhecimento que está se ensinando, bem como educação como prática coletiva, pensando na “Casa Comum”, que passa pela dimensão humana e não humana.

2º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 19/12/2020

Professora Ana Maria Monteiro: “O que eu tenho feito é estar muito feliz de estar aqui com vocês. Cantando, lutando e falando, mostrando a força que o trabalho com a educação e o trabalho do professor tem como luta política de mudança, transformação e afirmação da vida. O resgate que a Viviane trouxe com esse Ateliê, reencontrando, chamando, nos convocando, produzindo esses momentos de compartilhamento de experiências e memórias eu acho que é porque ela está, ela sabe que é preciso cantar até o fim, não podemos nos abater, nos entregar, mesmo no contexto política atual, com o que aconteceu com o Museu Nacional. Mas a gente precisa continuar a cantar, continuar a lutar. E eu gostei muito também da performance que inicia o primeiro vídeo. Aquela dança do Alex é como se tivesse o fogo batendo e ele está no meio do fogo dançando e cantando, se esquivando e dançando”.

Professora Perpétua Domingues: “Então aquele primeiro vídeo dá o sentimento de saudades. Quanta vida ali, quanta esperança. Nossa!! Isso é muito forte! É muito importante! A gente vê como a educação é estratégica e importante, por isso que ela é enfraquecida, porque a gente tem aí pessoas que tem comandos políticos e econômicos que não interessa que a educação caminhe, justamente pela força que tem. Eu pelo menos penso assim. Mas enfim, então saudades. Uma percepção da força da Escola Pública, da Educação Pública.”

Professora Carmen Teresa Gabriel: “Mas, enfim, eu queria voltar a isso, eu acho que tem aí essa coisa da potência da articulação e dos sujeitos, como coletivo, do comum como um coletivo. O PIBID é um espaço político importante, não apenas um espaço pedagógico. E hoje, a resistência, Vitor, pelo menos na UFRJ, é justamente a construção que o PIBID não seja algo que dependia e por isso o PIBID de História e outros tenham dado certo, porque houve uma comunidade de alma ali, né? Encontro de parceiros de sangue, que se entregaram nesse processo, existe uma discussão relacional. O PIBID e sua dimensão está muito fragilizada, porque era um curso para poucos, havia uma relação muito mais de indivíduos do que de instituições. A Universidade quando encontrava a escola, a gente chegou na Prado Júnior, depois na Ayrton Senna, por relações individuais, por relações não institucionais. E, eu acho que o que a gente está querendo hoje com o Complexo de Formação de Professores é realmente

fazer um grande PIBID institucional, que não dependa de pessoas...quer dizer...Quando Ana e Carmen não estiverem mais lá que algumas questões institucionalmente, já estejam garantidas.”

Daniel Sideris: “O que fizemos no PIBID foi muito legal, os alunos que nós ajudamos, foi muito importante. Sobre o PIBID, a nossa formação, a nossa atividade com o PIBID.... Infelizmente eu não seguir como professor, mas se eu tivesse seguido teria me ajudado muito, como ser humano e como professor. Eu acho importante essa atividade, todo mundo deveria passar por ela, todo mundo que é professor deveria ter essa experiência. Imagina se todo mundo tivesse? Teria um monte de aluno toda hora indo para Museu”.

Professora Viviane Grace: “Obrigada, Perpétua! Te amo, doutora! A defesa dela também foi muito linda, resistência, é uma ausência muito grande na memória, que é a questão do Movimento Indígena e eu discutindo as performances, a Perpétua associou muito a pesquisa dela, porque eles trabalham muito com a oralidade, né? Então, Perpétua eu te amo, tá? E eu queria saber se a Carmen tá na área. Então Carmen eu queria só que você ouvisse agora a sua doutoranda Luísa. (Palmas) Depois você fala.”

Professora Carmen Teresa Gabriel: “É verdade, a minha mais nova doutoranda, brilhantemente entrou no PPGÉ.”

Luisa Tavares: “É aquele momento que assim, os humilhados estão sendo exaltados. Então, é assim que eu estou me sentindo hoje. É isso gente, eu sou a mais nova doutoranda de Educação e aqui ainda está um momento de emoção, porque saiu quinta-feira o resultado, mas assim, esse resultado também já é fruto de tudo que eu passei no PIBID. A ansiedade das amigas, as amigas ficam perguntando “E aí? Quando sai o resultado? Como foi?” E eu já olho bastante pelo lado positivo, os vídeos mostraram a tragédia, mas eu fiquei vendo a resistência, a luta, a vontade, porque a Viviane colocou ali o vídeo extremamente recente que eu fiz na escola que estou hoje, onde a gente trabalhou num projeto interdisciplinar. Trabalhamos a questão da alimentação e eu trouxe o meu ponto de vista com relação ao vegetarianismo. A gente pensou em fazer então um Masterchef no ensino médio e eu entrei sem pensar duas vezes, sempre pensando novas inovações dentro da sala de aula e tudo isso é resultado desse longo processo de formação. Apesar de tudo que a gente vive, como a Ana colocou, Perpétua, também, a gente vive nesses altos e baixos, mesmo assim a gente continua, firme na busca por um mundo melhor. A gente acredita, assim, a gente continua. Por isso, eu fixei mais na vontade, na garra. Vi como todo mundo, como estagiária, como bolsista, vi o que a gente fez, quanto talento, quanta criatividade, quanta vontade! A gente nem imagina que a gente carrega tudo isso dentro da gente. Mas lembrando, só reconhecemos a nossa luz quando conhecemos a nossa sombra e a temos muita luz dentro da gente, é isso, continuamos fomentando. Porque sabemos que é possível.

Marcela Albaine: “Então, é isso que eu acho que a gente vem tentando fazer, seja no momento que estou na sala de aula trabalhando com estudantes, agora a sala de aula remota, seja no momento que eu vou trabalhar com a formação de professores, seja no momento que eu estou fazendo uma leitura crítica de um livro didático, seja no momento que eu estou lendo um artigo, que eu estou vendo uma *live* sobre ensino de história. E não importa, na frente que for a gente vai levar esse sentimento maior, que eu acho que é a grande paixão que embeleza, na minha opinião, o Ensino de História. Então eu acho que os seus vídeos, a gente vem conversando bastante no privado e no grupo que a gente tem no WhatsApp, eles afetam, né? Porque eles trazem lembranças. Agradecer a todos aí do grupo, vibro com as conquistas, falei aqui com a Luiza que eu estava mais ansiosa que ela aqui no chat para o resultado do doutorado, estou muito feliz também pela Perpétua, que defendeu o doutorado dela, Fernandinha também, quando a gente se reencontrou aí no Perspectivas do Ensino de História, deu para ver também a pesquisa que ela desenvolveu. Enfim, são esses tentáculos, o PIBID, era um trabalho coletivo. E que a gente sente falta hoje, como a Fernanda falou dessa opinião, dessa crítica, desse compartilhamento. Mas eu entendo que hoje eu sou uma potência que abre várias frentes e que são potencializadas, por esses objetivos. Eu só dou conta das várias frentes porque a gente conseguiu construir essa parceria e acho que isso leva a gente mais para frente ainda”

Professora Viviane Grace: “Muito obrigada minha amiga! Muito bom! E a gente ainda vai conversar muito, porque eu também estou conseguindo articular com todas as pesquisas aqui, com a Luísa, com Museu, com a Marcella, com a Carmen, com a Ana, Perpetua, e com todo mundo. está muito bom, é uma rede que não para.”

Fernanda Terra Moura: “E no que diz respeito ao vídeo 2020 que tem as falas da Ana Maria e da Carmen, essa questão do espaço de formação, PIBID, Universidade, que ainda está abrindo espaços para pesquisa sobre ensino. E Ana Maria falando da experiência dela nos anos 1990, Gabi trazendo a experiência dela mais recente da década de 2010. E aí, eu me inscrevi para o PIBID, sem muito saber o que era aquilo, sem muito entender o objetivo. Eu só sabia que era uma bolsa para ensino de história, porque a minha professora da Prática de Ensino tinha me falado para eu me inscrever, no processo seletivo. Eu estava precisando de bolsa e eu fui, não sabia muito bem do que se tratava não. E aí, eu acho que a fala da Carmen sobre a questão de afetar, de colocar a gente no nosso espaço de segurança e de provocar mudanças fez com que o PIBID representasse muito na minha vida, também. Fez eu me deslocar de um espaço ali muito do bacharelado, muito de que o que valia era PIBIC não PIBID e de como foi enriquecedor fazer parte desse projeto no sentido de me afetar mesmo e me tirar do meu espaço de conforto, em vários aspectos. Eu tenho muito a agradecer a esse projeto, eu tenho muito a agradecer a

todos os envolvidos a Vivi, a Perpétua, Carmen e Ana Maria que me ensinam muito assim... então, eu tenho muito orgulho de ter feito parte desse projeto e eu fico muito triste ou frustrada de socialmente não ter o reconhecimento que deveria.”

Rômulo Machado: “Em 2018, teve outra coisa política interessante, foi quando eu comecei a pensar em entrar mais para política em estilo sarau, eu tinha um plano de depois da eleição me filiar a um partido, de tentar fazer uma construção política por dentro, mas aí acabou que não rolou, porque aí eu já trago para o atual. Hoje, eu tenho uma visão política mais ampla, eu acho que eu ganho mais com que eu estou hoje do que se eu tivesse entrado em um partido. Eu começo a pensar, na política para além da instituição, a política construída pela Base, então, assim, hoje, eu acho que eu tomei a decisão certa de estar mais envolvido em movimentos sociais do que estar num partido, porque eu não sei o que eu poderia ter construído lá, mas eu agora eu estou construindo. Se a gente pegar o panorama da pandemia, teve entrega de cestas básicas, teve atuação com ocupações, teve pré-vestibulares sociais. Então, é essa coisa da política construída pela base! E a Educação está inserida nisso, porque no pré-vestibular eu uso coisas que eu aprendi no PIBID. E também, outra coisa que estou envolvido, na atuação política é num ambiente que não se fala de política normalmente, ou pelo menos, não se falava. Eu conheço um pessoal de torcida organizada, e é aquela galera que apoia tanto a esquerda quanto a direita, e a torcida organizada acaba sendo o que sobrou de povo na arquibancada.... Então, eu acho que foi isso.”

O Vídeo 3º Tempo 2020: O Tempo não Para, trouxe como os participantes da pesquisa estão atualmente, sete anos depois da atividade do PIBID HISTÓRIA que aconteceu em vários espaços públicos. Na Escola, no Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista. Esses Professores, escritores, pesquisadores, hoje tornam públicas as suas experiências, em cada espaço/território que estejam atuando. Como afirma Paulo Freire (1996) ser professor é tomar posição é se expor publicamente para intervir como professor. A paixão, o desejo a vontade é o que move para criar, inventar, intervir e lutar. Os ataques contra a Educação, a História, a Filosofia, a Sociologia são enormes. O movimento Escola sem Partido contra o pensamento crítico, diabolizando e criminalizando o professor, vem tomando espaço no Brasil. O ataque contra políticas de gênero, contra o feminismo e o esforço de tirar o feminismo das Universidades e de minar suas reivindicações políticas são enormes. E são enormes porque eles veem o progresso que fizemos, eles veem que nós somos poderosas, eles veem quantas mulheres inundaram as ruas para lutar contra a violência sexual. Eles veem o quanto nossos compromissos políticos, podem ser poderosos e contagiosos e é por isso que eles tentam nos

parar por meio da violência. E vamos lutar, lutar contra a opressão, lutar pela vida de todos os alunos, lutar pela vida dos jovens negros, lutar pela vida das mulheres, lutar pela vida dos LGBTQIA+ principalmente pela vida dos Travestis, lutar contra a fome, lutar contra a precariedade da educação. Lutar pelo conhecimento, mas não o conhecimento elitista, e eurocêntrico que domina o Currículo de História, mas dialogar com diversos saberes, práticas e culturas no plural.

Como produzir um mundo diferente, sem reproduzir o mundo de violência que eles nos impõem? Com que força nós lutamos e brigamos de uma tal forma que consigamos nos manter nas diferenças? Acho que a “Casa Comum” (Nóvoa, 2017), Comunidade Pedagógica (hooks, 2013), O Círculo de Cultura (FREIRE, 1999), o Complexo de Formação de Professores da UFRJ (GABRIEL, 2019), a Rede de Sociabilidade do PIBID HISTÓRIA UFRJ, podem ser possibilidades como potência da “Força da não Violência” (BUTLER, 2021), com interesse na luta contra a desigualdade, com apologia à diferença e o direito a enlutar, o direito a educação que liberta.

3.2. MULHER DO FIM DO MUNDO: 2º TEMPO 2018

MULHER DO FIM DO MUNDO - 2015

Meu choro não é nada além de carnaval
 É lágrima de samba na ponta dos pés
 A multidão avança como vendaval
 Me joga na avenida que não sei qual é
 (...) Na avenida deixei lá
 A pele preta e a minha voz
 Na avenida deixei lá
 A minha fala, minha opinião
 A minha casa, minha solidão
 Joguei do alto do terceiro andar
 Quebrei a cara e me livreí do resto dessa vida
 Na avenida dura até o fim
 Mulher do fim do mundo
 Eu sou e vou até o fim cantar
 Mulher do fim do mundo
 Eu sou, eu vou até o fim cantar
 Cantar
 Eu quero cantar até o fim
 Me deixem cantar até o fim
 Até o fim eu vou cantar
 Eu vou cantar até o fim
 Eu sou mulher do fim do mundo
 Eu vou, eu vou, eu vou cantar, me deixem cantar até o fim
 La, la
 , la, la, la, la, la
 La, la, la, ia, la, la, la, ia
 Até o fim eu vou cantar, eu quero cantar
 Eu quero é cantar, eu vou cantar até o fim (SOARES, 2015)

Texto vivo vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre **2º TEMPO 2018 – MULHER DO FIM DO MUNDO**  **...(Elza Soares 2015)** no canal do Youtube - Autbio Prof. Vivi e assista <https://youtu.be/GDA5uwHoA3I>

2º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 19/12/2020

Enquanto passavam o Vídeo de 2020, os participantes escreviam o que sentiam na sala de bate papo da plataforma do ZOOM, na primeira pessoa do singular:

BATE PAPO ZOOM:

Marcella Albaine: hahahaha Senhor do Tempo; Vitor é o Crono	Rômulo Machado: Tristeza, desesperança
Viviane Grace: Angústia, medo	Vítor Correia: perda de algo que se imaginava eterno
Marcella Albaine: Netinhos da Warley ali atrás, cresceram à beça...rsrs	Carmen Gabriel: efemeridade e não temeridade
Ana Maria Monteiro: revolta	Vítor Correia: algo consolidado
Viviane Grace: catarse	Fernanda Terra: vulnerabilidade
Fernanda Terra: Tristeza.	Carmen Gabriel: professar e cantar
Daniel: Tristeza profunda	Daniel: Para historiador, a gente que visitou, que viveu aquilo tudo a gente ainda tem uma relação diferente com esse Museu
Gabriela da Silveira: Tristeza imensa, chateação, um pouco de raiva - nunca fui ao museu nacional porque TODAS AS VEZES que tentei ou tive tempo pra ir, ele estava fechado por algum problema.	Marcella Albaine: "Um país que deixa a cultura se perder, nunca será uma nação" - Candeia
Fernanda Terra: Nostalgia.	Vítor Correia: "vulnerabilidade" é uma ótima definição
Luisa: Medo, Tristeza	Daniel: Corrigindo, para nós historiadores e que vivenciamos e fizemos muita atividade no Museu a relação é diferente
Ana Maria Monteiro: cantar é lutar, resistir até o fim	Vítor Correia: pois é, um dos nossos (únicos) espaços de domínio reconhecido.
Carmen Gabriel: a única certeza é o provisório, a temeridade da vida e das coisas	
Perpétua: Dor luto revolta resistência	
Marcella Albaine: Perplexidade	
Vítor Correia: vazio e perda	
Fernanda Terra: Choque.	

Com um trauma coletivo que foi o incêndio do Museu Nacional, ao postar as fotos da Oficina “Seguindo os Rastros do Tempo na Grécia Antiga” nós PIBID DE HISTÓRIA UFRJ 2011-2014 nos reencontramos no FACE BOOK. Estávamos juntos novamente, no trauma, na dor, da Morte do Museu Nacional. Naquele momento sentimos muito. A “Interposição” Pessoal que Nóvoa (2017), se refere que a profissão professora está envolvida na dimensão individual e coletiva, que é a ideia do professor com seus alunos. Ali estávamos todos novamente, não só na fotografia, não só num lugar virtual que era o Face Book, mas em toda uma construção que nos marcou, lá estávamos nós em 2018, interpostos, entre as partes, juntos e misturados,

professores, estudantes, licenciandos alunos (ANEXO 2). “Na fotografia estamos felizes”, é a foto da “*Interposição Profissional*”, foi nosso gatilho do reencontro, rememorando o processo de quando estávamos todos aprendendo a *sentir* como professoras.



Fotografia 2: PIBID no MUSEU Acervo Pessoal Professora Viviane Grace

Dentre as mais de 20 oficinas temáticas, participação em eventos, aulas, cine-debate porque a escolha da “Oficina: Seguindo os rastros do tempo na Grécia Antiga”? Decidi escolher essa experiência do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014), essa “experiência, a fissura do silêncio” (DURVAL, 2019 p.149-166) na formação inicial e continuada de professores, para não condenar a sepultar no passado essa prática de Ensino de História. Neste recorte temporal, a maior parte dessa experiência está condenada ao silêncio, ou correria o risco uma pesquisa superficial.

Na aula de 06 de setembro de 2018.2, a professora Libânia Xavier da Disciplina Educação Brasileira PPGE/UFRJ, citou a perplexidade de sua turma ao relatarem a audácia de Marielle Franco na luta pelos direitos humanos de jovens negros favelados. Como ousou falar sobre assunto? Marielle Franco, ativista política oriunda da favela da Maré, mulher negra LGBT, frequentou universidade, e sua escolha de luta pelos direitos humanos através de argumentos da sociologia e ciências sociais, através da pesquisa e estudos, valorizando a diversidade de saberes e dos movimentos sociais, no combate a milícia e conseqüentemente a políticos de alto escalão do Governo do Estado e Município do Rio de Janeiro. Mexeu no vespeiro, sim Marielle mexeu em um vespeiro, e foi assassinada brutalmente. Um crime

político, ocultado pelo Estado Brasileiro e com repercussão internacional. Mas ao matarem Marielle, ao mexer com Marielle, ataçaram o formigueiro, e milhares de corpos de mulheres negras foram para a rua, gritando por justiça e o eco de sua voz se multiplicou pelo Brasil e pelo mundo.

Dentre tantos assuntos impulsionados por essa temática... O incêndio no Museu continuava nos afetando e a mídia culpabilizando a gestão pública da UFRJ, nos dava mais argumentos para discutir a temática em questão daquele dia de aula: “O Ensino Superior como campo de disputa”.

Entrando em contato pela primeira vez com artigo do nosso Reitor da UFRJ, Roberto Leher (2011) vendo sua face abatida em todas as redes de TV, após o incêndio, e ao mesmo tempo enxergando a força do seu conhecimento no seu desempenho intelectual e acadêmico materializado nos argumentos do texto: “Educação superior minimalista: a educação que convém ao capital no capitalismo dependente”.

Assim, a partir da aula da Libânia Xavier, com o Brasil pegando fogo elegi a oficina a ser trabalhada na minha dissertação, pela memória do Museu Nacional, pela Lembrança dos atores do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2012), pela discussão do lugar da “História Antiga” no ensino de História, pela “Casa comum”, e a diversidade de espaços onde foram construídos a Oficina, em múltiplos ambientes.



Fotografia 3: Oficina Grécia Acervo Pessoal Viviane Grace 2013

Em 2018 a equipe do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014), com o incêndio do Museu Nacional nos reencontramos em vários territórios. Nas redes sociais, no Facebook, no WhatsApp, nas manifestações de rua, contra o corte de verbas para a Educação a Ciência e as Universidades, vieram junto com as boas lembranças do Museu Nacional e as lágrimas, e de todos os atores do PIBID de História UFRJ. Carmen Teresa Gabriel, Ana Maria Monteiro, Regina Bustamante, Viviane Grace, Perpetua Domingues, Luisa Tavares, Marcella Albaine, Vitor Correa, Larissa, Marlon Rocha, Gabriel, Daniel Sideris, derramam uma chuva de emoções e lágrimas. Nosso compromisso ético, como diz Nóvoa (2017), com a educação de todos os estudantes, estava plantado ali no Museu Nacional. A VIDA DE TODOS OS ESTUDANTES IMPORTA!! A MEMÓRIA DO MUSEU NACIONAL IMPORTA!! O MUSEU NACIONAL É DA UFRJ, É NOSSO, É DOS CARIOCAS, É DOS TRABALHADORES!!

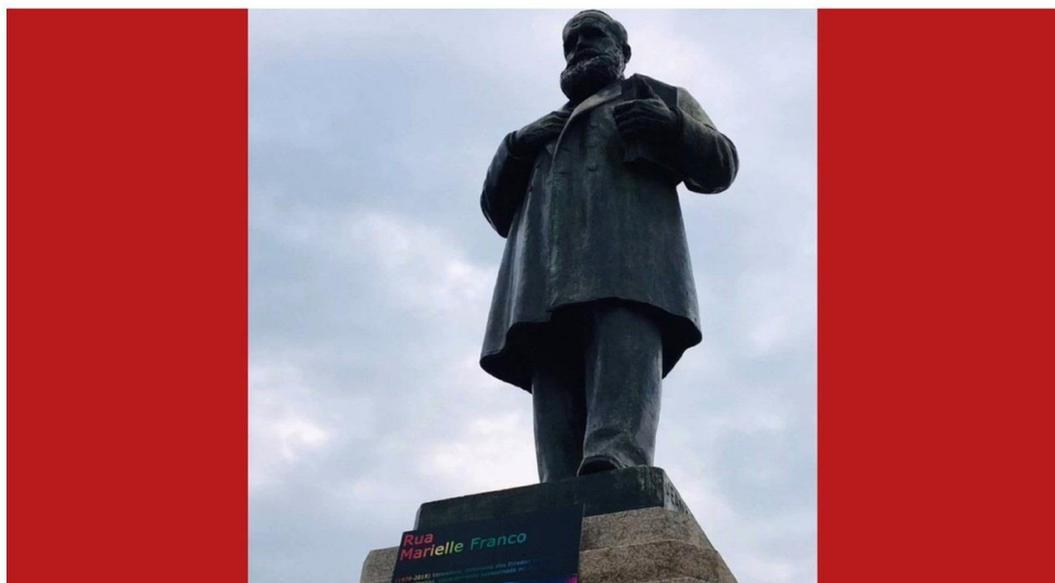
2º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 19/12/2020

Professora Ana Maria Monteiro: “(...) Aquele museu construído no século XIX sob o desejo do Dom Pedro II e Viviane dançando na frente ao monumento a D. Pedro II, certamente aquela imagem chocaria muitas pessoas e consideraria um desrespeito aquela imagem, mas eu acho que simboliza também esse movimento de luta, de resistência e de afirmação da vida.”

Professora Viviane Grace: “(...) eu coloquei a placa da Marielle lá, na estátua de um escravocrata. E ele foi o Imperador que inventou o currículo nacional, durante muito tempo no Brasil o ensino era baseado no Colégio Pedro II. Ao mesmo tempo ali a Placa da Marielle, no meio (sic) do escravocrata que em vez de derrubar o monumento podemos colocar uma plaquinha da Marielle.”

Vitor Correia: “E, para fechar, a questão da Viviane, da dança na frente do Dom Pedro II, também que eu queria se salientar, que é um pouco da visão da iconoclastia, que o PIBID teve isso, acho que muito dos nossos diálogos, dos nossos questionamentos, os lugares das memórias, algumas do museu. A gente tem que tentar sair muito do tradicional, para a gente partir para uma coisa mais diferente, vamos dizer a questão do ensino mais aberto, mais livre, mais focada no aluno do que no professor, de cima para baixo. Eu acho que isso é uma coisa muita da ressignificação dos lugares da cidade, da apropriação do aluno, da pessoa que visita o museu como ser integrante daquilo ali, de se sentir pertencente daqueles lugares, acho que isso tudo tem a ver com a prática do PIBID. Ali com a presença da Vivi dançando na frente do museu, em frente do Dom Pedro acho que teria essa questão também. De um caráter iconoclasta, que fez parte do PIBID também.”

Professora Perpétua Domingues: “Então 2018, foi muita tristeza! Muita dor! Muito luto! Mas ao mesmo tempo a questão da resistência, porque a gente está resistindo! E uma coisa que me impactou demais no vídeo da Viviane, no finalzinho, foi o Dom Pedro II, a estátua, o Museu que não existe mais, a destruição e a Marielle. Ai, eu fiquei pensando, que genial, né? Finaliza o vídeo assim, como é genial né? Quer dizer, a gente fala muito de necropolítica e tal. Mas, quando isso deixou de existir no Brasil? Essa nossa construção de nação, lá do século XIX, foi feita em cima de uma barbárie, da necropolítica. É assim, a Marielle ali, brutalmente assassinada e no Pedro II um museu que não existe mais, olha só! Olha toda a densidade temporal que a gente vê numa imagem. Eu achei perfeito aquilo ali. É isso, a gente está na resistência nos espaços acadêmicos, nas escolas. É isso que faz, para caminhar de alguma forma, né? Que alegria ver vocês aqui.”



Fotografia 4: Imperador/Placa da Marielle Acervo Pessoal Professora Viviane Grace

3.2.1. INTERPOSIÇÃO PROFISSIONAL Como Aprender a Sentir Como Professor?

Escolho ilustrar a trajetória caminhos e descaminhos, onde acompanho e faço parte do “lugar institucional” na qual essa pesquisa “Afetos, Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa Comum” para formação de Professoras?” está inserida. O NEC- Núcleo de Estudos de Currículo, na linha de pesquisa Currículo, Docência e Linguagem, ao LEPEH- Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História e ao GEHPROF - Grupo de Estudos em Ensino de História e Formação de Professores, coordenado

pela Dra. Ana Maria Monteiro. Estou inserida no GEHPROF desde 2014, logo após a conclusão da especialização em Ensino de História CESPEB/FE/UFRJ.

O GEHPROF é um espaço Universitário que possibilita trabalhar a “Interposição Profissional: Como aprender a *sentir* como Professor?” (NÓVOA, 2017). Opera com subjetividades como narrativa de si, afeto, analogias, metáforas, agregando a prática de sala aula nesses quatro eixos estruturantes: Ensino de História: “lugar de fronteira”; Currículo, didática, docência e formação de professores; Teoria da história e historiografia; relação com o saber: saberes docentes/saber escolar. “A profissão está envolvida na dimensão individual e coletiva, que é a ideia do professor com seus alunos (NÓVOA 2017)”. Essa posição no interior da profissão, entre práticas, saberes e sujeitos, onde o grupo é formado com professores, licenciandos, onde vamos a campo, nas aulas de Histórias, repensando juntos nossas próprias práticas, observando como surgem, novas práticas, novas escritas, novas formas, legitimando os saberes docentes. A constituição deste grupo de pesquisa foi sendo desenvolvida a partir dos estudos e pesquisas em Ensino de História, em diálogo com autores do campo do Currículo, realizados pela docente Ana Maria Monteiro e por seus orientandos licenciandos, graduandos, mestrandos e doutorandos. O foco tem sido a questão dos saberes dos professores na relação com os conhecimentos que ensinam: o que fazem, como e por que fazem em perspectiva epistemológica e orientada para a afirmação da profissionalização docente. A presença de licenciandos e graduandos tanto de História quanto de Pedagogia é uma forma de firmar posição na pesquisa em Educação e valorização da profissão Professor. Os mestrandos ou doutorandos do PPGE/UFRJ escolheram a pesquisa em Educação, ao mesmo tempo que é um programa que forma professores, pesquisadores diferentes de licenciandos ou graduandos que podem escolher outros campos de pesquisas além da Educação. O GEHPROF com seus estudos permite esta corresponsabilidade, esse diálogo horizontal com a Coordenadora Ana Maria Monteiro, onde ao mesmo tempo que pesquisamos, construímos uma formação profissional, entendendo como um processo que não finda.

Eu como professora da Educação Básica ocupo um lugar de formadora em conjunto com os professores universitários, uma capacidade real de participação, isto é, de decisão, bem como os licenciandos do PIBID HISTÓRIA UFRJ. Nóvoa reforça a importância de construir um ambiente formativo com a presença da universidade, das escolas e dos professores, criando vínculos e cruzamentos, entre posições, que é essa ideia de ideia de comunidade profissional docente.

Quando falamos de “Ensino de” na profissão professor é diferente de outro ofício como médico ou engenheiro, porque o paciente ou cliente do médico ou do engenheiro não precisam

ter o conhecimento específico de anatomia ou edificações. A professora de História vai operar com “pensamento histórico”, ou seja, uma forma de compreender processos, contextos, ações humanas no tempo, mudanças e permanências, semelhanças e diferenças, em suas dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais, tendo a expectativa que seus estudantes do Ensino Médio compreendam e atribuam sentido às ações humanas operando com tempo e narrativa. Nesse sentido, busco ultrapassar a fronteira no campo de Formação de Professores ao trazer para esse diálogo horizontal junto com a equipe PIBID HISTÓRIA UFRJ 2011-2014, ex-estudantes do Ensino Médio que passaram por atividades do PIBID, para pensarmos juntos sobre o afeto dentro da perspectiva das trajetórias vividas.

2º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 19/12/2020

Daniel Sideris: “Eu fiquei muito triste porque quando eu vi 2018 eu fiquei “caramba tudo isso acabou”, foi legal que foi feito, para as pessoas que participaram. Mas tem uma quebra de continuidade aí. Não vai mais ter isso. Essas pessoas não vão mais ter atividades como essas, pelo menos não nesse museu. Mas esse era o melhor museu para fazer isso, sabe? Não tem lugar melhor, não tem outro lugar semelhante. Pessoas que estão lá em outros países e outras cidades nunca vão saber, nunca vão ver o que tinha ali. É pro futuro, para prosperidade isso acabou! Então, eu vejo com muita tristeza porque a gente fez um negócio que nunca vai ter continuidade.”

Gabriela da Silveira: “No ano de 2018 que foi o vídeo que mostra mais o incêndio do Museu Nacional eu me senti profundamente triste, eu sou muito entusiasta de museu, eu gosto muito de estar dentro de um museu de visitar memórias de construir memórias ali dentro. E eu tentei várias vezes ir ao Museu Nacional, porque meu companheiro que é da UFRJ insistiu muito que a gente tinha que ir lá e a gente nunca conseguiu ir. Isso é uma tristeza muito grande para mim, porque como várias pessoas falaram ninguém espera que um patrimônio histórico de tamanha importância como o Museu Nacional vá pegar fogo. O descaso do governo por falta de investimento de política pública de preservação, então, isso foi um choque para mim. Foi um dia que eu nem dormi direito. Enfim, é uma coisa que você não acredita que aconteceu e eu fico bastante chateada porque eu nunca tive uma oportunidade de ver, e de construir os meus próprios afetos em relação àquelas memórias e imagino que como eu várias outras pessoas não puderam fazer isso. É uma perda inestimável. Daniel Eu fiquei muito triste porque quando eu vi 2018 eu fiquei “caramba tudo isso acabou”, foi legal que foi feito, para as pessoas que participaram. Mas tem uma quebra de continuidade aí. Não vai mais ter isso. Essas pessoas não vão mais ter atividades como essas, pelo menos não nesse museu.”

Professora Viviane Grace: “Agora eu vou chamar a Fernandinha! A Fernandinha e Luísa são duas pessoas que tiveram uma grande dor com o incêndio do Museu Nacional, onde fizeram pesquisas e a vida delas era direcionada para isso, a monografia delas, conta para a gente ...”

Fernanda Terra Moura: “Queria agradecer a Vivi! Por abrir esse espaço para gente falar um pouco sobre isso, porque é um sentimento pouco compartilhado. Eu escrevi ali no chat. Eu, às vezes, me sinto um pouco sozinha, aqui³¹ com a minha experiência de UFRJ de PIBID, eu não encontrei ainda muita gente para trocar. Até tenho minhas orientadoras da especialização que viraram amigas também, mas eu sinto muita falta de ter com quem compartilhar determinadas sentimentos. E eu queria muito agradecer a Vivi por abrir esse espaço, porque em 2018... Eu sofri para caramba, mesmo, de verdade, acho que Luísa deve entender isso (...), mas eu não só participei da oficina do PIBID no Museu Nacional, mas por mais ou menos uns dois anos o Museu Nacional foi a minha casa. A minha monografia que foi feita sobre Egito Antigo e o meu orientador era o curador da exposição de Egito Antigo lá do Museu Nacional. Eu assistia aulas com os alunos da Pós de Arqueologia, eu tinha reunião de orientação eu andava pelos bastidores. Como a Perpétua falou, de pesquisa também né. Não só do que estava disponível na exposição, então para mim foi muito sofrido. Eu fiquei vários dias muito consternada e pensando “Caramba, como assim? Como deixaram o negócio pegar fogo e se eu passar lá eu não vou ter mais aquilo?” Tem que ficar assim, na mente mesmo, na memória. E, assim, no dia que pegou fogo eu estava em casa, mexendo no facebook e eu fiquei sabendo pela Marta Mega, que é professora de História Antiga lá do IH, catei em algum lugar, achei na Globonews, fiquei acompanhando aquela angústia, com meu companheiro do lado, Ruan. Eu programava o mesmo que a Gabi falou, mas o companheiro dela, que eu sempre comentava com Ruan da gente dar uma volta lá no Museu Nacional, quando fosse possível, porque ele nunca tinha ido e nunca foi. Então para mim foi muito triste também, não pode compartilhar um pouco dessa minha animação toda vez que eu pisava lá no Museu Nacional. E como aquele também foi um espaço de formação para mim.”

Vitor Correia: “Voltar a lembrar disso dois anos depois, quando muita pouca coisa já foi feita. Acho que isso é uma das coisas que mais dói. Porque no meio de tudo isso, houve várias outras tragédias, por exemplo, na Notre Dame que rapidamente fizeram, arrecadação de fundos para reconstrução. O Museu Nacional houve supostamente uma doação de uma filantropa brasileira, que era mentira. O que importa é que medidas não foram tomadas nesses dois anos

³¹ Fernanda Terra Moura mora na cidade de Cabo Frio na Região dos Lagos no litoral do Estado do Rio de Janeiro. Essa solidão acadêmica, ao retornar para o litoral após formação em História demonstra a hegemonia do conhecimento centralizada na região metropolitana do sudeste do Brasil.

e o único dos candidatos à reeleição, que aconteceu um mês depois, o único que não se solidarizou com a situação, foi eleito. Isso diz muito da nossa sociedade. E quem ler as palavras que eu tinha posto logo dois dias depois. Foi assim... (respirada profunda tristeza) é... Mas também não falo só disso. Daniel seu pessimismo é compartilhado por outras pessoas também, você não está sozinho.”

Rômulo Machado: “Uma última coisa sobre a questão do pessimismo que o Daniel falou, inclusive Daniel, saudades caras. É normal, ninguém é de ferro, eu acho que a gente tem que ter em mente isso, a gente não pode levar a luta como se fosse uma versão nossa de “trabalhar enquanto eles dormem.” Você vai precisar ter momentos de descanso, mas descansa, retoma suas forças e depois retorna a sua luta porque é só assim, que a gente vai mudar isso aí.”

Professora Perpétua Domingues: “Aí, a gente vai para 2018, que é o que? Dor, tristeza, Luto. Necropolítica. Isso que a gente pensa, né? Quando aconteceu o incêndio do Museu Nacional eu tinha feito a pouco tempo, uma disciplina do doutorado lá, que foi importantíssima para minha pesquisa. Eu tive uma disciplina com o Antônio Carlos, na Antropologia, com toda aquela excelência científica, que foi muito importante para mim, para minha pesquisa, para minhas leituras. Meses depois aquilo acabou, não tem mais, pegou fogo, nossa a gente não tem estrutura. Isso era falado já meses antes. não dava para manter aquilo ali, olha como está nossas instalações elétricas. Ou seja, já era uma tragédia anunciada, já havia um descaso, que além de ser um espaço de excelência, que era na verdade, também era um espaço extremamente popular. Era o museu do povo, eu não tenho a mínima dúvida disso. Eu vi a tristeza de muitos alunos meus, crianças pequenas a tristeza deles. Eles fizeram muitas expressões com artes plásticas, com cartazes. Uma das crianças pequenas, falou “Eu quero matar quem fez aquilo com o Museu, eu quero matar!” Ela já sabia e tinha uma percepção que aconteceu uma coisa forte, que não aconteceu do nada, que houve alguma coisa que provocou aquilo. Mas enfim “eu quero matar quem fez aquilo, porque meu sonho era entrar ali, mas eu não tinha altura mínima”. “Meu sonho, agora que eu ia conseguir acabou.” Ou seja, ela não teve o direito de conhecer lá dentro, ou seja, ela se sentiu roubada, tiraram algo dela que era muito importante, que ela não teve a oportunidade de conhecer. Outra fala muito também impactante das crianças foi uma menina que ela chorou muito, fez um cartaz muito bonito dizendo que aquilo ali para ela, era um pedacinho do céu. Eu fiquei muito impressionada com isso. Ou seja, aquilo ali marcou, ela, a memória afetiva dela. Com certeza, ela deve ter passado uma tarde ali de muita alegria com a família. Além de ser tudo que a gente já sabe academicamente, o que representava o Museu Nacional, também, era o museu do povo, o museu que tiraram da população.”

Em setembro de 2018, estava me sentindo nas cinzas, derrotada, queimada, destruída, o Museu Nacional havia pegado fogo no dia 02 de setembro, e a discussão da aula de História da Educação no Brasil foi justamente sobre as disputas no campo da Universidade. Vivendo um momento em que o Neoliberalismo promove o sucateamento das Universidades Públicas, e o ataque ao Reitor da UFRJ... Eu assistindo essa parte da História. Estávamos vivendo um momento de extremo individualismo, esse individualismo levando a um consumismo excessivo, um exemplo ilustrado nas notícias dos jornais onde Sérgio Cabral, ex-governador do Rio de Janeiro que saqueou o Estado do Rio de Janeiro, ostentava riqueza e superficialidades demonstrando uma ambição de vivermos em um mundo doente, que chega a um grau de ausência de empatia.

Acredito que esse foi um ponto alto do 2º Ateliê Biográfico de Afetos, a possibilidade de falarmos do nosso luto, da tristeza, da depressão que nos causou o assassinato incendiário do Museu Nacional conforme Perpétua ressalta através da criança, que em atividade escolar, teve a oportunidade de demonstrar sua raiva ao afirmar “eu quero matar quem fez aquilo, porque meu sonho era entrar ali, mas eu não tinha altura mínima. Meu sonho, agora que eu ia conseguir acabou.”. Ao revisitar esse momento em 2020, dois anos após o incêndio podemos sair da solidão e dividirmos nosso trauma como disse a Fernanda Terra Moura “Queria agradecer a Vivi! Por abrir esse espaço para gente falar um pouco sobre isso, porque é um sentimento pouco compartilhado.” Possibilitou que o Vitor Correia confortasse a frustração do “Daniel seu pessimismo é compartilhado por outras pessoas também, você não está sozinho” e que Rômulo Machado, apesar da angústia também fortalecesse o amigo “Você vai precisar ter momentos de descanso, mas descansa, retoma suas forças e depois retorna a sua luta porque é só assim, que a gente vai mudar isso aí.”

Apesar de ter avançado muito nos direitos em relação às Universidades públicas, as elites fortalecem o individualismo e o lucro desenfreado que chegamos a um incômodo político dessa camada. Com o acesso de negros, mulheres negras, trans, pobres nas universidades as elites se utilizam de mecanismos de reforçarem no senso comum, através das mídias sociais, racismos, xenofobias, machismos, LGBTfobias, refletindo de forma imediata o combate aos estudos de gênero, de História e Cultura Afro-brasileira e africana e indígena. Tomando como exemplo o movimento “Escola sem Partido”, que definitivamente reforça o combate a uma “ideologia” de igualdade de direitos, em prol de uma falsa moral cristã, ou racista de diminuição da menor idade penal para encarceramento ou extermínio de jovens negros e pobres. É um momento de defender uma posição, de forma enfática, pois problematizar neste momento pode

relativizar posicionamentos fascistas que provocam ódio, e morte de corpos negros, trans, pobres, como Amarildo, Marias Eduardas, Marielles...

O Museu Nacional que foi apropriado pela ciência do Brasil e do mundo, com Luzia, com suas múmias, seus dinossauros e meteoros, apropriado pelo povo carioca, trabalhadores e trabalhadoras com suas famílias que aos domingos enchiam a Quinta da Boa Vista com seus pequeninos herdeiros do patrimônio material e imaterial que seus pais e avós lhe cederam com muito afeto e diversão. O Museu era nosso, do Imperador, da Imperatriz, dos pobres, dos ricos, dos brancos, dos pretos, das crianças dos idosos, dos pesquisadores, dos estudantes, dos doutores, dos faxineiros, dos jardineiros, dos professores, dos alunos, das mães, dos pais, das filhas, das avós... O Museu Nacional era de toda a Família. Mas o que fazer diante de tanta frustração?

Professora Ana Maria Monteiro: “Ver o incêndio, principalmente no segundo momento, reativa uma memória muito dolorosa, né? Um choque de algo inacreditável. Eu não esqueço aquele final de dia de domingo e aquela notícia tão absurda, tão inacreditável. E aquele Museu queimando sem parar e ninguém conseguia parar aquele incêndio e foi uma cena dantesca, que abateu a todos, que gerou um trauma para nós moradores do Rio, brasileiros e para o mundo inteiro. Então, rever essas cenas ... ficam nos queimando, parece que anunciava tantas coisas ruins que têm acontecido desde então. O absurdo do absurdo do inacreditável. E o que passa para mim nestes três vídeos é uma força que mostra nossa capacidade de lutar, e por isso me emocionei muito com a música “eu vou lutar até o fim “. Aquilo é muito forte, aquela mulher grita e ainda tem a criação artística da Viviane de escolher esse vídeo, essa música, essa performance. Aquela cena dos músicos na frente e a Elza Soares lá no alto parecendo uma divindade negra. Gritando e dizendo lutar. Na verdade, é cantar e eu estou falando o tempo todo lutar. É que para mim soou muito que o cantar é lutar, eu nem tinha me dado conta. Ela (Elza) quase que dando uma ordem para gente” eu estou com 90 anos, eu estou viva, eu canto” e é isso que a gente precisa fazer.”

Professora Carmen Teresa Gabriel: “Então, agora eu vou tentar emendar com as questões do Vitor. Eu acho que a gente está no meio de um retrocesso muito grande. Uns dos momentos em que surgem retrocessos horrorosos, usam ferramenta de conservadorismo, de um projeto real, que se fortalece através disso tudo. Enfim, uma articulação entre neoconservadorismo e neoliberalismo. Porém existe aí também, por causa disso, um espaço de resistência que nos faz muito fortes. E acho que esses vídeos apresentam, e na Performatividade da Viviane fica muito forte. No Segundo é ela, professor, falando em cantar, Viviane berrava “PROFESSAR EU VOU

ATÉ O FIM” e professor é uma palavra, a ver com professor, quer dizer, uma raiz de professor. Eu fiquei nessa articulação, não sei se foi inconsciente ou não entre a resistência do canto da Elza e a resistência dela como professora, eu achei que ficou bem bacana.”

Marcella Albaine: “(...) Eu tenho bastante felicidade em dizer que hoje sou também uma professora de História, e isso tem muito dedo, bastante, uma influência ali direta desse grupo Carmen Teresa Gabriel, Ana Maria Monteiro e Warley Costa, que foi minha professora de Didática, que é importante ser lembrada aqui. Eu acho que os vídeos eles me lembraram, essa potência, acho que eu partilho aqui a visão do Daniel da gente as vezes se sentir cansado, numa perspectiva mais feminista, mas também do que Luisa falou, e acho que vem de cada um. Aquela coisa a gente está na M. mas a gente vai sorrir e a gente vai fazer luz a gente vai encontrar alguma coisa ali mais forte que a gente que eu acho que transcende o aqui e o agora, a materialidade. Acho que o afeto é essa coisa que provoca a gente a insistir e a resistir. Como foi falado aqui quando a Ana Maria Monteiro trouxe a letra da música e o Cantar é o Lutar.”

Rômulo Machado: “Primeiro momento do vídeo eu pensei nas múltiplas perdas culturais que a gente perdeu nos últimos anos, e isso, foi meio que um padrão, no museu foi escancarado, mas não sei se vocês leram, mas a gente teve alguns anos antes, o incêndio na Cinemateca, o incêndio no Museu de Língua Portuguesa em São Paulo. Você teve também perdas culturais, que a gente não teve uma visualização tão nítida. Eu lembro de alguns desses lugares se transformarem em farmácias, igrejas. A gente tem essa perda também, teve incêndio na Faculdade de Educação que o Daniel falou aqui no chat, teve também a destruição do Maracanã. Então, a gente tem essas crises, e uma coisa que eu refleti, assim mais para o final do PIBID é o contraste com a questão das estátuas dos escravocratas, dos Bandeirantes, que funcionou esse ano para o pessoal que tem a resistência “não pode derrubar”, não pode derrubar? Temos esse projeto de cultura silencioso, você pode queimar o Museu, mas não pode derrubar a estátua do Borba Gato? Então isso leva a pensar sobre essa disputa de memória, a memória de quem interessa ser mantida?”

Professora Carmen Teresa Gabriel: “Sobre a questão do incêndio, é claro que eu compartilho com vocês toda essa tristeza, perplexidade. Lembro que eu fiquei completamente mexida (ANEXO 3), mas eu não sei se é meu temperamento, mas eu penso logo que é um pouco Fênix, e dessas cinzas, outras narrativa virão. Qual é a História Nacional, narrativas de Brasil, que brasilidade pode ser hoje construída no Museu Nacional, hoje que vai se reconstruir, a UFRJ embora sem muito apoio está avançando na retomada do museu. Então, vai se colocar essa questão de qual História, que outras vão nascer. Vão ser várias narrativas possíveis, que a gente faz uma crítica justamente, havia uma História nacional que era muito hegemônica naquele

Museu, que a gente tentava desconstruir, eu lembro que a atividade era um pouco para mostrar que havia algumas histórias ali que haviam sido silenciadas. Quais histórias estavam sendo contadas ali naquele Museu NACIONAL. Era um museu de uma certa Oligarquia, de uma certa nobreza, então assim, a ideia de nacional ali estava muito homogeneizada a partir de algo muito específico, era uma forma de contar, mas não a única maneira de contar. Há uma possibilidade que se abre, claro que de forma trágica, não precisava pegar fogo para que outras histórias pudessem aparecer. Eu acho que agora mais do que nunca, como toda crise, ela abre espaço, uma fissura em algo que estava muito consolidado, abre possibilidades para outras coisas que podem acontecer, outras narrativas. (...) Esse ateliê, você pode explorar muito a ideia que você quer mostrar da “Casa Comum” eu acho que você tem muitos elementos imagéticos, com as linguagens de possibilidades. O interessante, é que você mostra uma linguagem de oportunidades mais o ponto de vista dos conteúdos também.”

Apesar de estarmos focando na Interposição Profissional, é interessante a analogia que Ana Maria Monteiro faz, no segundo vídeo com a composição da orquestra no fundo “Aquela cena dos músicos na frente e a Elza Soares lá no alto parecendo uma divindade negra. Gritando e dizendo lutar. Na verdade, é cantar e eu estou falando o tempo todo lutar.” A “Composição Pedagógica” (NOVOA, 2017), um conjunto que forma um todo, com harmonia, cada um contribuindo com um instrumento e agindo como professor. E não desistir cantar, lutar, professar até o fim do mundo, porque somos mulheres do fim do mundo assim como Elza Soares. Marcella Albaine com orgulho de sua trajetória afirma “Eu tenho bastante felicidade em dizer que hoje sou também uma professora de História, e isso tem muito dedo, bastante, uma influência ali direta desse grupo Carmen Teresa Gabriel, Ana Maria Monteiro e Warley Costa”, demarcando a presença da Professora Warley de Prática de Ensino. A ex-aluna do Ensino Médio Gabriela da Silveira na Monografia de conclusão de Filosofia na UFF agradeceu seu professor de Prática de Ensino “Agradeço ao professor Richard Fonseca, por ter ampliado, de forma tão importante, minhas perspectivas no que diz respeito à filosofia. Foi isto que possibilitou que eu tomasse como minhas maiores prioridades a Educação e o Ensino de Filosofia.”

Coloco isso aqui porque com o surgimento do PIBID na Universidade houve uma grande crítica à Prática de Ensino por parte dos poucos estudantes privilegiados com a bolsa do PIBID, fazendo comparação e desqualificando a Prática de Ensino. O PIBID tinha um propósito diferente, o tempo/curricular era outro, ficamos dois anos praticamente com a mesma equipe, podíamos ficar meses planejando uma atividade como foi o caso da “Oficina Seguindo os

Rastros do Tempo na Grécia Antiga”, que adiamos algumas vezes, para que tivesse aquela qualidade, estudantes e professores tinham bolsa, tínhamos verba para executar atividades, comprar material, passagens aéreas, hospedagem.

Durval Muniz Albuquerque Junior (2018, 2019b), pensa sobre o conceito de Memória, Museu e Patrimônio, ao ver o ato de nomear algo de patrimônio como um exercício de poder: é um ato de poder que reflete em seu caráter muitas vezes violento. Ao nomear esse objeto de Patrimônio ele adquire imediatamente um novo sentido, ao mesmo tempo em que é um gesto político é um gesto de apropriação, de posse, que passa a ter um valor de capital. Carmen Teresa Gabriel traz a crítica de narrativas hegemônicas de História Nacional que tentávamos justamente desconstruir e inventar outras narrativas, outras brasilidades, de Histórias que haviam sido silenciadas. Quantos negros escravizados trabalharam para construir aquele palácio onde morava o Imperador e sua família? “Tem sangue retinto pisado atrás do herói emoldurado” (DOMÊNICO, 2019). Ressuscitando sua Fênix das cinzas, “(...) agora mais do que nunca, como toda crise, ela abre espaço, uma fissura em algo que estava muito consolidado, abre possibilidades para outras coisas que podem acontecer, outras narrativas.

Luisa Tavares (2019) é outra Fênix que ressuscita das cinzas, através de sua dissertação intitulada “Por Outras Histórias Possíveis: o Ensino de História e a interculturalidade nos espaços museais”, ao operar com a pedagogia decolonial sobre museu, reflete sobre novas formas de pensar, perspectivas “outras”, de modo a projetar alternativas interculturais impulsionadora da necessidade de emergir novos sentidos (do verbo sentir), explorar as narrativas circulantes do espaço e a possibilidade de construir outras. Essa perspectiva, diria eu, possibilita enxergar os espaços “museais” com uma vida própria, relacionada às “carioquices” da cidade pulsantes de “Eros” no Rio de Janeiro, que mesmo com suas adversidades e dificuldades advindo da desigualdade social, sua cultura efervescente, não perde o reboledo de múltiplos ritmos do samba, rap, swing, do hip-hop e o funk e assim a ressonância atinge os corpos de estudantes e professores nessa batucada que é o Conhecimento Histórico Escolar.

“O acervo museológico, seja ele digital, material ou visual, carregam simbologias, conceitos, memórias, lutas e narrativas. Frente a crítica a totalidade única, ao discurso homogeneizante e saberes monopolizastes, é preciso buscar a proliferação das totalidades, fazendo com que outras possam existir ao mesmo tempo, totalidades múltiplas e heterogêneas. Provocar a proliferação de totalidades é ativar a multiplicidade das partes envolvidas, colocando cada uma delas em participação. Expor vozes e projetos destoantes no mesmo terreno é botar a diferença em contato sem as assimetrias provocadas pela colonialidade.” (TAVARES, 2019 p. 106)

3.3 O GUARANI: 1º TEMPO 2013

Texto vivo vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre **1º TEMPO 2013 – O GUARANI... (Carlos Gomes 1870)** no canal do Youtube - Autobio Prof. Vivi e assista o vídeo https://youtu.be/1pJWE_OqiyM

2º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 19/12/2020

Enquanto passava o Vídeo de 2013, os participantes escreviam o que sentiam na primeira pessoa do singular:

BATE PAPO ZOOM:

Carmen Gabriel: saudades e orgulho
Rômulo Machado: saudade
Viviane Grace: saudades
Fernanda Terra: saudades
Daniel: Eu queria o meu tbm kkk
Fernanda Terra: realização
Gabriela da Silveira: nostalgia, felicidade
Carmen Gabriel: a potência do PIBID
Daniel: Saudades tbm
Viviane Grace: felicidade
Vítor Correia: saudades também e amadurecimento
Viviane Grace: amor, prazer
Marcella Albaine: Saudade, com certeza
Luisa: talento criatividade sucesso vontade
Perpétua: vida esperança
Fernanda Terra: Eu fico toda boba. 😊
Ana Maria Monteiro: saudades
Viviane Grace: ativa
Carmen Gabriel: Saudades das aulas presenciais
Luisa: esperança
Fernanda Terra: Trabalho.
Viviane Grace: felicidade, esperança
Carmen Gabriel: das tardes em criávamos juntos essas oficinas
Luisa: Saudade de um museu, né
Ana Maria Monteiro: esperança
Fernanda Terra: Saudades de um museu mesmo.
Daniel: Na vdd senti uma desesperança que tudo isso só sabe quem presenciou, e os registros que fizemos...

Ana Maria Monteiro: muita saudade do MN
Carmen Gabriel: quem sabe das cinzas, abre-se um espaço para outras narrativas
Vítor Correia: pois é, Dani muito do que a gente construiu foi interrompido, mas por esse trabalho existir, não se perdeu :) mas, claro, não substitui o que foi perdido
Luisa: Manter a chama acesa
Daniel: O alcance do que a gente fez é menor. O legal era que mais gente podia fazer o tempo todo o que fazíamos e nós podíamos fazer mais... porque acabou a continuidade :(
Vítor Correia: sempre podemos fazer mais. saber disso é que deve motivar a gente a fazer mais hoje
Vítor Correia: (e olha que hoje eu podia tá fazendo mais mesmo, hahahaha)
Daniel: Eu acho que atividades semelhantes ao PIBID deveriam fazer parte do currículo de licenciatura todos os alunos
Vítor Correia: com certeza
Ana Maria Monteiro: Concordo plenamente com Daniel.
Vítor Correia: a licenciatura é muito superficial e negligenciada
Ana Maria Monteiro: Ao longo desses anos conseguimos avançar embora nos dois últimos anos estejam ocorrendo muitos retrocessos.
Carmen Gabriel: Retrocessos nas políticas públicas, mas na UFRJ estamos em um movimento muito bacana e revolucionário O Complexo de Formação de Professores

“Mas não basta visitar uma exposição museológica para que ocorra um processo educativo: é preciso compreender as mensagens propostas pela exposição e construir novas significações a partir delas.” (ALMEIDA e VASCONCELLOS 2006, p. 105)

Como investigar PIBID DE HISTÓRIA UFRJ (2011-2014), refletindo sobre a formação de professores inicial e continuada, relacionada à proposta de “Casa Comum” e o desenho curricular para firmar posição da profissão professor associado ao Ensino de História?

Minha abordagem relacionada a Ensino de História está apoiada em contribuições de Ana Maria Monteiro e Carmen Teresa Gabriel que têm estudado a produção de conhecimento histórico escolar, a formação de professores, a relação com saber, narrativas históricas nas aulas de História, tomando como recorte nesse jogo de escala “*Oficina: Seguindo os Rastros do Tempo na Grécia Antiga*”. Nesse momento busco focar na predominância da “Composição Pedagógica” como aprender a agir como professor e Recomposição Investigativa como aprender a conhecer como professor.

Na nossa memória vinha a “Oficina: **Seguindo os rastros do tempo na Grécia Antiga**” realizada pelo PIBID HISTÓRIA UFRJ, no ano 2013. Essa oficina foi pensada, repensada, criada por toda a Equipe do PIBID, e contamos com o apoio da Professora Regina Bustamante do IH/UFRJ.

A oficina “Seguindo os rastros do tempo na Grécia antiga” foi desenvolvida, produzida e executada pelo Projeto de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da CAPES pelos alunos de História da UFRJ, pelas professoras Supervisoras das escolas envolvidas, Professora de História Antiga do IH/UFRJ e professora Coordenadora do PIBID da FE/UFRJ. A reflexão da oficina está em trabalhar com os alunos da Educação Básica a questão do tempo por meio da História Antiga, mais precisamente a Grécia trazendo assuntos que mostram rupturas e continuidades entre as sociedades antigas e a contemporânea. Para que fosse possível realizar o movimento de estranhamento e familiaridade com o passado, a oficina foi dividida em duas etapas fundamentais; uma na escola, onde o teatro antigo foi escolhido como elemento principal dessa “viagem ao passado”, e outra no Museu Nacional/UFRJ, onde a cultura material da Grécia Antiga serviu como ponto de partida para reflexões sobre sociedades do passado e do presente.

A oficina constitui-se de três momentos, sendo o primeiro deles em um dia e os outros dois momentos em outro dia. No primeiro momento, utilizamos trechos de peças do teatro antigo (tanto tragédia quanto comédia). Foi encenado um trecho de uma peça e, posteriormente, discutiu-se com a turma sobre o tema específico (variando entre política, gênero, cidadania e religião) da cena em questão. A cultura material em réplicas (vaso, tanagra, piksi e lamparina) foi utilizada nas encenações para que os alunos pudessem desmistificar o objeto antigo como

reliquia ou tesouro e, quando estivessem no Museu, conseguissem imaginar os mesmos em seus diferentes usos e funções.

O segundo momento foi pensado a partir da coleção Teresa Cristina do Museu Nacional. Dividimos os alunos em grupos – cada um com um bolsista responsável - os quais distribuimos atividades temáticas distintas através de um material didático específico contendo questões que serviram de roteiro para visita do Museu.

No terceiro momento, ao final, foi pedido os alunos para relacionarem, a partir de folhas didáticas, a forma com que o livro didático utilizado pela escola narra a história da Grécia Antiga com o que foi passado nos dois primeiros momentos da oficina.

Como forma de fazer uma ligação entre a primeira parte da oficina, realizada nos colégios, e a segunda parte a ser realizada no Museu Nacional/UFRJ, idealizamos a realização de um vídeo explicativo. Ao exibirmos esse vídeo, um de nossos objetivos principais era apresentar para os discentes das escolas, de forma sucinta, alguns pontos da história daquele museu e sua relação com a Grécia Antiga, através de sua coleção relativa a esse tema.

Optamos, dessa maneira, na construção do vídeo, por intercalar o uso de trechos escritos com imagens captadas da internet (todas relacionadas à história do museu em questão). A escolha das imagens foi feita de maneira que trechos dessa história fossem contados, não só como parte do passado, mas colocando o museu como instituição integrante da contemporaneidade dos alunos. Além dos trechos escritos e das imagens, utilizamos um trecho da ópera “*O Guarani*” (GOMES, 1870) como trilha sonora do vídeo, uma vez que essa obra musical de Antônio Carlos Gomes está inserida no mesmo contexto histórico de idealização e inauguração do Museu Nacional.

Outro objetivo importante conferido à utilização desse vídeo deu-se pela necessidade de historicizar o papel do Museu enquanto produtor de história e de memória, tendo na disposição de sua exposição elementos para tal. Nisso insere-se a seção dedicada às peças gregas, que integram a segunda parte da oficina. Justificamos, assim, a criação e execução do vídeo, seguindo os objetivos gerais da oficina, através de um esforço de análise de rupturas e continuidades entre presente e passado.

Esse Vídeo 1º TEMPO 2013 – O GUARANI, eu trouxe novamente a ação dos licenciandos de História na prática da oficina e a participação de estudantes que estão presentes na pesquisa para se verem atuando sete anos antes na “Oficina Seguindo os Rastros do Tempo na Grécia Antiga.” Uma parte da montagem eu aproveitei o Vídeo que eles confeccionaram na Oficina o que significa que foi a única música que não foi escolha minha, foi seleção da Equipe a Ópera o Guarani, baseada no romance de José de Alencar, O Guarani, produzida por Carlos

Gomes para inauguração do Museu. Em seguida aparece o CRONOS interpretado por Vitor Correia, posteriormente um trecho da comédia Lisístrata de Aristófanes³² onde discutíamos questão de gênero, interpretada por Luisa Tavares, Marlon Rocha, Viviane Grace.

1º MOMENTO NA ESCOLA – CIEP AYRTON SENNA – (2013)

CRONO (Vitor Correia)

Conhecemos hoje, localizado no continente Europeu, essa pequena região que hoje conhecemos como Grécia.

TEATRO GREGO LISÍSTRATA DE ARISTÓFANES

MAGISTRADO (Marlon Rocha) O que fareis?

LISÍSTRATA (Luisa Tavares) Que pergunta! Nós próprias vamos administrá-lo.

MAGISTRADO (Marlon Rocha) Vós, administrar o tesouro?

LISÍSTRATA O que há de estranho nisso? Não administramos o dinheiro do lar para vós?

MAGISTRADO (Marlon Rocha) Isso é diferente.

LISÍSTRATA (Luisa Tavares) Diferente por quê?

MAGISTRADO (Marlon Rocha) Precisamos desse dinheiro para fazer a guerra.

LISÍSTRATA (Luisa Tavares) Mas isso é a primeira coisa: não deveis fazer a guerra.

MAGISTRADO (Marlon Rocha) Mas como nos protegeremos?

LISÍSTRATA (Luisa Tavares) Nós os protegeremos.

MAGISTRADO (Marlon Rocha) Vós?

LISÍSTRATA (Luisa Tavares) Sim, nós.

MAGISTRADO (Marlon Rocha) Que os deuses não permitam isto!

LISÍSTRATA (Luisa Tavares) Vamos salvar-vos, quer queira, quer não

MAGISTRADO (Marlon Rocha) Oh! Que coisa horrível!

LISÍSTRATA (Luisa) Podes gostar ou não, mas nem por isso vamos deixar de fazer.

MAGISTRADO (Marlon Rocha) Bons deuses! Isso é ilegal!

LISÍSTRATA (Luisa Tavares) Vamos te salvar, homenzinho!

MAGISTRADO (Marlon Rocha) E se eu não quiser ser salvo?

LISÍSTRATA (Luisa Tavares) Mais um motivo para te salvar.

MAGISTRADO (Marlon Rocha) O que tendes vós com a guerra ou a paz?

LISÍSTRATA (Luisa Tavares) Vou explicar

MAGISTRADO (sacudindo o braço, de punho cerrado) Fala, ou vais te arrepender

LISÍSTRATA (Luisa Tavares) Trata de ouvir, e fica com a mão bem quietinha

MAGISTRADO (Luisa) Não posso. Estou com tanta raiva, que não posso me conter.

OUTRA MULHER (Viviane Grace) Então tu é que irás te arrepender.

MAGISTRADO (Para Lisístrata) Cala a boca, megera! Vamos! Fala!

LISÍSTRATA (Luisa Tavares) Muito bem. Antigamente, suportávamos a guerra, por muito tempo, com a nossa habitual resignação, fosse o que fosse que os homens fizessem. Não nos permitíeis abrir a boca, embora não concordássemos com nada do que fazíeis. Mas nós vos observávamos muito bem, e, embora presas dentro de casa, compreendíamos quanta coisa idiota praticáveis. Então, embora com uma dor no coração, sorríamos com toda a doçura e

³² Segundo Aristófanes, em sua obra, Lisístrata a peça é um relato cômico sobre as mulheres gregas, lideradas por Lisístrata, uma personagem feminina de caráter forte. Essas mulheres fartas da guerra entre Atenas e Esparta trancam-se num templo e decidem por votação deflagrar uma greve sexual para forçar uma negociação de paz, uma estratégia ousada para acabar com a Guerra do Peloponeso, mas que, no entanto, provoca uma batalha entre os sexos.

perguntávamos: “O que se passou hoje na Assembleia a respeito do tratado?”. “O que tens com isso?” era a resposta de meu marido. “Cala-te”, e eu me calava.

OUTRA MULHER (Viviane Grace) Eu é que não me calava! Eu, não!

MAGISTRADO (Marlon Rocha) Vais levar um soco se não ficares quietinha!

LISÍSTRATA (Luisa Tavares) E assim, eu ficava quietinha em casa. Depois, quando ouvíamos falar de um projeto ainda pior que o primeiro, dizíamos: “Meu marido, como pudeste aprovar uma proposta tão idiota?” Ele ficava furioso e ameaçava: “Se não ficares cuidando de seu tear, vais ficar com a cabeça doendo durante semanas. A guerra é assunto para homens”.

MAGISTRADO (Marlon Rocha) E ele tinha toda a razão, é claro!

LISÍSTRATA (Luisa Tavares): Que razão, que nada, quando as vossas propostas eram tão idiotas, e não nos era permitido fazer sugestões. “Não resta mais um homem no país” dizia um. “Não resta um só” concordava outro. E, portanto, todas nós, mulheres, resolvemos fazer um esforço comum para salvar a Grécia. Por quanto tempo deveríamos esperar? Se estivesses dispostos a ouvir as nossas excelentes sugestões e, por vossa vez, calar-vos enquanto nós falássemos, ainda vos poderíamos ter salvo.

3ª PARTE QUINTA DA BOA VISTA COLÉGIO PRADO JUNIOR (2013)

Jéssica Alves Aluna do C.E. Prado Junior: “E os escravos, também, não eram cidadãos, e explicamos também aqui, o que eram os escravos que eram sobreviventes das guerras e ao mesmo tempo eles estavam presos ao trabalho.”

Vitor Correia: “Não eram negros, eram brancos!”

Professora Perpétua: “Ahh! Exatamente, isso é importante colocar!”

3ª PARTE QUINTA DA BOA VISTA CIEP AYRTON SENNA (2013)

Alex Santos Aluno CIEP Ayrton Senna: “Falamos sobre a ordem social da Grécia Antiga, algumas semelhanças e diferenças. E assim, antigamente na Grécia antiga havia aquelas pessoas que eram consideradas cidadãos que eram somente os homens, e os que não eram, os escravos, mulheres, crianças e estrangeiros. Então, assim, hoje em dia, uma das semelhanças é o nosso trabalho, o próprio capitalismo que destaca a diferença entre os ricos e os pobres que podemos ligar um pouco com as pessoas da Grécia Antiga, que eram os cidadãos e os não cidadãos. Mas também tem a diferença de que todos nós, em certos aspectos, somos considerados iguais, porém alguns têm direitos a mais e outros não.”

Taina Ferreira Aluna do CIEP Ayrton Senna: “Então gente, a gente trabalhou o papel da mulher na sociedade que foi como esposas, donas de casa e que deveriam se manter sempre ocupadas com o tear e lã, porém na exposição do Museu Nacional havia um vaso só de mulheres, uma delas era autoridade e outras eram serviçais.”

2º ATELIÊ BIOGRAFICO DE AFETO DIA 19/12/2020

Professora Ana Maria Monteiro: “O primeiro sentimento grande é de saudades. A gente era feliz e não sabia. A gente fazia as coisas, tinha os projetos, ia desenvolvendo, reunia os alunos. A gente tinha uma ideia do que ia ser o PIBID, mas a gente vai vivendo e o momento da reflexão vai acontecendo ao mesmo tempo. E agora a gente está tendo a oportunidade de revisitar essa experiência, através das marcas que ficaram nas pessoas, nesse processo de reativação das memórias.”

Daniel Sideris: “Eu gostei muito de participar e tenho muitas saudades de todo mundo. Eu sou muito grato, o contato com Viviane me melhorou como pessoa, foi muito importante eu ter sido orientado como Educador por ela. Tenho muita vontade de estar nesse espaço de novo para valorizar mais, porque na época eu não parava para pensar na importância. Eu ficava na rotina do cotidiano.”

Professora Perpétua Domingues: “Nossa!! Fico tão honrada de ter sido convocada pelo Vítor, nossa mãe! (sorriso) Estou até feliz. Por Cronos!! Nossa mãe! Olha os vídeos a gente faz aquela viagem no tempo, vou falar um pouquinho dos sentimentos que eu tive e tal. primeiro dá uma saudade né? 2013 dá uma saudade de ver aquelas carinhas dos alunos ali. Nossa mexe mesmo com o coração da gente. Por exemplo, a Gabi já é uma mulher feita, a Jessica, uma companheira nossa já do PIBID, há muito tempo que a gente tem contato e ver que ela virou um mulherão, isso nos dá muito orgulho e saudade.”

Professora Carmen Teresa Gabriel: “Então, essa valorização do professor da educação básica, como produtor de conhecimento. Enfim, acho que isso está sendo feito de uma forma muito bacana. Eu tenho muito orgulho de participar disso, porque é para mim, o que nos resta, e não é pouco. Nós temos a sorte, eu, Ana, Perpétua e vocês todos que estão começando. Todos vocês, mesmo aqueles que não seguiram a carreira, nós temos a chance de ocupar espaços e podemos fazer a diferença. E eu acho que vocês aqui estão mostrando como a gente conseguiu não apenas Ana e Carmen, mas todos nós juntos. Porque se só tivesse Ana e Carmen ou até outros alunos, não aconteceria desta maneira, dessa experiência tão singular que foi.”

Ana Maria Monteiro quando fala “a gente era feliz e não sabia” se referindo a políticas públicas com a proposta do PIBID, tínhamos total liberdade, autonomia e verba para construirmos juntos nossos projetos na Escola, na Universidade ocupar a Cidade, experimentar, criar, errar, acertar, refazer. No ano final de 2020, estávamos vivendo um pesadelo com um governo de extrema direita, negacionista, com cortes de verba para Universidade, afetando diretamente a Educação. É forte o sentimento de saudade de um tempo que convivíamos quase que diariamente. Nesse Segundo Ateliê Biográfico de Afetos o melhor de tudo para uma

professora é a realização profissional, atualmente a maioria dos participantes são professores. Só em rever a oficina e ver a participação crítica de Alex Santos e Tainá Ferreira, olhar para isso detalhadamente, degustando, sentindo o sabor como a Perpétua falou “Nossa mexe mesmo com o coração da gente”. Eu nem consigo teorizar sobre isso, só sentir esse gostinho de Professoras formadora realizadas. Eu, Perpetua, Ana Maria e Carmen falando “eu acho que vocês aqui estão mostrando como a gente conseguiu”. Somos mulheres apaixonadas. Defendo teoricamente que as paixões também mobilizam processos criadores, focando atenção especial às dimensões históricas e culturais do ato criador.

3.3.1 COMPOSIÇÃO PEDAGÓGICA – Como Aprender a Agir Como Professora?

A “*Composição Pedagógica*” segundo Nóvoa é a pedagogia própria do professor, arranjos, subjetividade de cada professor. Uma maneira própria de ser professor. Uma pedagogia própria do professor. O conhecimento profissional docente.

Esta “arte de fazer”, para citar Michel De Certeau (1990), é central para a profissionalidade docente, mas não se trata de um saber-fazer. É a capacidade de integrar uma experiência refletida, que não pertence apenas ao indivíduo, mas ao coletivo profissional, e dar-lhe um sentido pedagógico (NOVOA 2017, pag. 1127). Experimentação e reapropriação são conceitos chaves para CERTEAU, mergulhar na Invenção do cotidiano é perceber que as “artes do fazer” sejam, talvez, o lugar por excelência da liberdade e da criatividade, dois elementos importantes para a sociedade contemporânea.

Uma professora atua sempre em um quadro de incerteza, de imprevisibilidade. Muitas vezes não sabemos tudo, não possuímos todos os dados, mas, ainda assim, temos de decidir e agir.

2º ATELIÊ BIOGRÁFICO DE AFETO DIA 19/12/2020

Vitor Correia: “(...) queria destacar, sobre o fazer do professor em sala de aula e como o contexto influencia nas aulas que você vai dar. Porque é impossível você fazer um roteiro e segui-lo literalmente, porque sempre vai ter algumas coisas influenciando a sua prática naquele momento. Por mais que a gente tente planejar tudo.... Muitas oficinas que a gente fazia, que nem sempre saíam ao pé da letra. Uma coisa que era muito divertida de fazer do PIBID era a “Oficina de Comunicação”, ela teve muito isso, teve que ser muita coisa improvisada. Por mais que a gente quisesse que tudo saísse muito bem, sempre saía melhor do que a gente esperava,

então parabéns para gente nisso. A do Museu Nacional também, acontecia muito isso. Improvisamos, tomamos a palavra, foi um aprendizado prático muito bom.”

Luisa Tavares: “E eu fiquei pensando, quem tiver isso em mente, o Daniel colocou um pouco do que eu queria saber, que a gente deu um outro olhar para o museu eu penso muito nos meus trabalhos muito disso de quem não é da área, de que museu é lugar de coisa velha, só que a gente deu vida e colocou o presente e o futuro dentro daquele Museu, a gente o atualizou. Então a gente deu a ele um outro significado para ele naquele momento. Aí, eu fico pensando se alguém mudou a forma de ver o museu e os patrimônios e de se ver as artes. Quando a gente traz artes para as salas de aulas, é possível a gente colocar teatro dentro da aula de história? Quando eu comecei a trabalhar no teatro com a Regina Bustamante, era muito difícil, pois também tinha uma professora de artes cênicas que vinha do CAP, até eu que fazia produção cultural tinha dias que queria matar a professora. E assim, não tinha só a parte teórica, tinha a parte prática, de como aquilo funcionaria no espaço da escola. E é difícil da gente sair do papel de historiador e entrar como professora de teatro e trazendo a parte da historiografia. Aí, você tenta colocar rapidamente em uma oficina do PIBID. Eu fico pensando, como isso mudou a nossa visão, não somente como professora, mas para vida. Será que alguém aqui passou a ver de forma diferente ou passou a ir ao teatro e ver de forma diferente? Lembro que antes da pandemia, eu fui assistir Antígona com Andréa Beltrão, Era uma outra Antígona e assim fiquei maravilhada com o que a atriz fez na peça dela. E ela criou uma linha do tempo dentro do Teatro Poeira lá em Botafogo. Acho que tinha Édipo Rei também, ela fazia duas personagens. Isso muda completamente a minha percepção, é isso que a artes proporciona para gente sensibilidade, deslocamento. Estou aqui divagando gente, maravilhoso.”

Fernanda Terra Moura: “Puxando esse gancho de como isso afeta a gente, desde o vídeo de 2013 a nossa participação nossa ida ao museu então eu consegui sentir um pouco do que eu sentia naqueles momentos, e bateu saudade, tem esse saudosismo ali, uma nostalgia, a gente esquece um pouquinho das dificuldades, dos enfrentamentos, mas que eram super enriquecedor também, porque sem eles a gente também não cresce. Eu aprendi a lidar um pouco melhor com os enfrentamentos, com as críticas e as diferenças sendo parte do PIBID. Então, foi outra forma que o PIBID me afetou. E essa experiência de levar os alunos para um espaço alternativo de educação sem ser só um passeio, que as crianças ficam largadas lá e vão rodando e não tem um objetivo. Então, pensar também em outros espaços, para a educação, mas sem perder a qualidade e excelência do que a gente pode oferecer. Então eu fico muito feliz e muito orgulhosa do que a gente foi capaz de fazer.”

Rômulo Machado: “Bom, aí tem a transição desse primeiro momento, do vídeo que é bem chocante do museu para o momento do PIBID e nele eu comecei a lembrar que ele teve uma formação política para mim, e assim, eu sempre tive um interesse político, desde uns 12 ou 13 anos, eu lembro da eleição do Lula. Eu lembro de quem minha família e meus colegas votaram porque eu sempre tive esse interesse, mas 2013 foi um ano bem movimentado, porque a gente estava no PIBID e a Fernanda e o Vitor estavam sempre comigo nas manifestações. Então foi um ano que eu estava num papel mais ativo na política, de participar mais e tal. De deixar de jogar meu futebol quinta à noite para ir para rua. E começava a ver também a educação como uma forma de política. O PIBID está justamente ligado a isso, também, foi um ano que começou a acontecer movimentos políticos em arquivancada, que eu sou bem envolvido, esse tipo de coisa. Assim, outra coisa também sobre o PIBID. A Fernanda falou sobre a entrada dela no PIBID e eu estava também lembrando da minha entrada. Eu entrei logo depois que terminei a prática de ensino, e ao terminar eu fiquei meio que em um vazio, porque eu aproveitei muito ela. Antes de entrar no Pedro II como estagiário, eu estava pensando até em sair da faculdade de repente e trabalhar com outras coisas. E aí, quando entrei no Pedro II eu pensei “É isso que eu quero fazer, eu vou tentar aproveitar o máximo”. E quando terminou, eu lembro do Vitor e da Fernanda falando comigo “Poxa a gente é bolsista na docência, vai abrir uma bolsa, uma vaga, você tem interesse?” e aí, eu falei que queria. E foi muito bom porque eu saí com a experiência do Pedro II e depois fui ter a experiência do PIBID, então, teve uma continuidade, assim, uma coisa que eu aprendi ali no Pedro II eu aproveitei, e me deu uma educação complementar também.”

Hoje Rômulo Machado é professor Concursado da prefeitura de Maricá região litorânea do Estado do Rio de Janeiro, e foi se constituindo como tal, firmando posição ética e política “é isso que eu quero fazer, eu vou tentar aproveitar o máximo”. Fernanda Terra Moura ressalta a importância das adversidades no convívio com a Equipe que foi uma experiência importante “Eu aprendi a lidar um pouco melhor com os enfrentamentos, com as críticas e as diferenças sendo parte do PIBID. Então, foi outra forma que o PIBID me afetou.” Luisa Tavares aproveitou a oportunidade desse reencontro para pensar sobre arte, museu, teatro, temas que fazem parte de seu objeto “Você tenta colocar rapidamente em uma oficina do PIBID. Eu fico pensando, como isso mudou a nossa visão, não somente como professora, mas para vida. Será que alguém aqui passou a ver de forma diferente ou passou a ir ao teatro e ver de forma diferente?”. Cada um encontrando sua própria forma de agir, sua composição pedagógica, seu jeito próprio de ser professor e para a “arte de fazer” tem que experimentar, ressignificar, um terceiro gênero de

conhecimento que não esgota no pensamento binário. Vitor Correia reforça que lidar com a imprevisibilidade é um aprendizado “A Oficina do Museu Nacional também, acontecia muito isso. improvisamos, tomamos a palavra, foi um aprendizado prático muito bom.”

Essas considerações, no entanto, não estavam prontas, pré-definidas, antes do processo das “narrativas de si”. Ao longo do Ateliê, as reflexões sobre as vivências no contexto do projeto PIBID puderam se constituir em momento de pensar na composição pedagógica de uma forma própria de ser professor, diferentemente do senso comum, não é inata uma vocação e sim, resultado das vivências e dos sentidos a elas atribuídos: construções sociais e culturais como afirma Ana Maria Monteiro.

Desse modo, Delory-Momberger parte da ideia de narrativa como uma operação de configuração, como um “operador da tessitura da intriga” (RICOUER, 2007) e a noção de história, por sua vez, como uma configuração narrativa. Ou seja, “nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossas vidas” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 97). Delory-Momberger desenvolve o conceito de “biografização” e o apresenta como uma ação permanente de “figuração de si” que é concomitante à ação do sujeito ao narrar sua história. Assim, segundo a autora, não há uma história prévia, com sentidos definidos, que possa ser contada. A história só é possível por meio da narrativa, que a cria e a atualiza no momento da ação de narrar. Essa “biografização” é designada como “uma hermenêutica prática, um quadro de estruturação e de significação da experiência por intermédio do qual o indivíduo se atribui uma figura no tempo, ou seja, uma história que ele reporta a um si mesmo” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 27).

3.3.2. RECOMPOSIÇÃO INVESTIGATIVA Como Aprender a Conhecer como Professora?

“Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, que toca pode e deve informar sobre ele (BLOCH, 2001, p. 79).”

A Oficina sobre Grécia Antiga foi sugerida pelas professoras supervisoras para fortalecer o conteúdo de Antiguidade que foi inserido neste ano no Currículo Mínimo no 1º ano do Ensino Médio no Estado do Rio de Janeiro. Apesar deste conteúdo já ser trabalhado em praticamente todo território nacional, foi acrescentado apenas no ano de 2012 no Estado do Rio de Janeiro devido à demanda de avaliações externas (ENEM, Vestibulares³³). A disciplina de

³³ ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio (A partir de 2009 começou a valer para acesso ao Ensino Superior). Vestibular- Exame de admissão para acesso ao Ensino Superior.

História até o ano de 2011 iniciava com a crise da Idade Média, sendo assim conteúdo de Antiguidade era novo tanto para os professores quanto para os licenciandos que tiveram a oportunidade de reiniciar o trabalho no início do ano letivo.

A primeira proposta seria de readaptar a Oficina “Com as Mãos na Massa”, que acontece no Museu Histórico Nacional, coordenada pela Professora de História Antiga da UFRJ Regina Bustamante. Essa oficina estava dividida em três etapas, primeira etapa na escola, segunda etapa visita ao museu e terceira etapa na escola novamente. Contamos com o apoio da Professora Regina que disponibilizou seu trabalho, nos acompanhou ao museu e nos fez refletir proporcionando um novo olhar sobre a História da Grécia e uma forma menos passiva em relação ao conhecimento. Houve necessidade do grupo de criar uma nova Oficina. Foi uma fase produtiva onde todos os atores se empenharam, pensaram, estudaram, reescreveram textos, elaboraram linha do tempo, criticaram e analisaram o livro didático. Essas ações permitiram a integração do trabalho entre as equipes PIBID do CIEP Ayrton Senna e C.E. Antônio Prado Junior.

2º ATELIÊ BIOGRÁFICO DE AFETO DIA 19/12/2020

Vitor Correia: “Boa tarde a todos. Eu estava pensando, ouvindo e queria comentar que eu não me lembrava da atividade, da reunião que a gente tinha feito da Opera O Guarani. Eu não tinha nenhuma memória disso, e ok. Eu não me lembro de ter feito parte disso, mas começou a tocar a música e eu comecei a lembrar vagamente disso. É engraçado como a memória é ativada por certas situações. E voltando para 2013, revendo tudo isso, o primeiro momento, só de você pensar em fazer uma retrospectiva de todo esse tempo, acho que fica uma sensação de amadurecimento. Tudo isso.”

Gabriela da Silveira: “No último tempo, mostra uma oficina da qual eu não participei, tristemente, eu olhei e até senti “poxa queria ter participado”. Mas despertou em mim várias memórias, e passeios escolares que eu fiz e de coisas extremamente importantes para mim que eu nunca esqueço. A olimpíada de história, que eu fiz com a Perpétua, eu tive que investigar uma Vila Operária que fazia parte da antiga fábrica Confiança em Vila Isabel, e foi uma coisa incrível porque eu conversei com as pessoas e elas trouxeram memórias, que a gente não tem acesso ao simplesmente olhar para antiga fábrica, que hoje é um supermercado e simplesmente de olhar aquelas casinhas, elas sabiam que era Vilas Operárias. Eu lembrei de passeios a Museus que eu fiz, como o Teatro Municipal. Todos com o Prado Júnior, com a escola. E o quanto isso é importante para gente revisitar os espaços da nossa própria cidade. Construir memórias, construir um pouco do que a gente acha que é importante. Entender como as pessoas

vivenciaram os espaços em que a gente se encontra hoje em outros momentos. Enfim, acho que é isso!”

Daniel Sideris: “Eu vejo o vídeo e em 2013 eu lembro das atividades, da gente desenvolvendo as atividades, da gente estudando, da gente visitando o museu com a professora Regina, da UFRJ. Eu lembro da gente visitando e antes eu tinha outras atividades. Lá na aula a gente fazia teatro, e eu achei muito legal porque a gente juntou o teatro com a nossa visita com o museu. Ler o Museu de outra forma! E eu achei muito legal porque a gente trabalhar com os alunos no Museu, sabe? Ter uma visão crítica sobre os acervos do museu e eu achei muito legal. A gente ter feito esse trabalho.”

Professora Perpétua Domingues: “Eu lembro muito bem, também, daqueles momentos que a gente passou no Museu, como que os alunos tomaram a cena, como eles foram protagonistas. O que o vídeo mostra foi o que aconteceu ali, os alunos protagonizaram, né? Claro, tinha os professores, os estagiários, mas eles tomaram a cena, isso me marcou muito. E outra coisa que me marcou muito também, foi a alegria dos alunos de estarem ali e alguns comentários no final, quando a gente já estava indo embora, da escola até o Museu. E a gente foi andando porque era perto ali o Prado Junior. Próximo ali da Tijuca. Enfim, nós fomos e voltamos caminhando com os alunos. E eu lembro do comentário de uma menina que ela falou assim: “Nossa, eu nunca imaginei que o Museu fosse uma coisa tão legal!”, está vendo? Já mudou a percepção dela e de outros sobre o que é o Museu, o que é a memória. Enfim 2013 me trouxe essas lembranças positivas, da força, das memórias, da escola. Como isso é poderoso né? muito poderoso! Às vezes, a gente negligencia o poder que a sala de aula tem.”

Essa oficina valorizou a participação ativa do aluno no processo ensino aprendizagem. Com a fala da Perpétua vemos impacto imediato de seus alunos “Nossa, eu nunca imaginei que o Museu fosse uma coisa tão legal!” incluindo a Gabriela da Silveira “despertou em mim várias memórias, e passeios escolares que eu fiz e de coisas extremamente importantes para mim que eu nunca esqueço. (...) Todos com o Prado Júnior, com a escola. E o quanto isso é importante para gente visitar os espaços da nossa própria cidade.”. Possibilitou a atuação dos licenciandos em todas as fases tais como: elaboração da oficina, planejamento, execução e avaliação da ação, permitindo que, através da vivência prática e aprofundamento teórico, adquira a experiência e crescimento profissional, possibilitando as professoras inovar e associar aos conteúdos trabalhados na sala de aula bem como a atualização profissional e participação nas discussões acadêmicas. Daniel Sideris “Ter uma visão crítica sobre os acervos do museu e eu achei muito legal.”

Consideramos os museus como “lugares da memória” na acepção desenvolvida por Nora (1993): os *“lugares da memória conseguem (...) parar o tempo (...) bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para (...) prender o máximo de sentido num mínimo de sinais”*.

A memória precisa ganhar formas para se manter viva. Não basta, no entanto, simplesmente dar formas. É preciso dar significado às formas constituídas. Para ser tratado como *“lugar da memória”*, esse lugar deve ser reconhecido como tal, seja por um indivíduo, por um grupo social ou por toda uma sociedade: *“é preciso ter vontade de memória”*.

Os “lugares da memória” são simbólicos. Pela representação que comportam, servem para criar um dispositivo de identidade. Nesse sentido, a memória símbolo é permeada por jogos de força política, de enquadramentos, apropriações e negociações.

É senso comum afirmar que os museus, especialmente os de História, são importantes instrumentos de “preservação da memória” de um povo. Porém, antes de ser o lugar de “preservação da memória”, os museus se configuram como territórios de “edificação da memória”, na medida em que se seleciona e se exclui o que uma dada época, sociedade ou grupo pontua como relevante e digno.

Mais do que um lugar de “preservação da memória”, portanto, o museu é o território por excelência da construção e da disputa de memórias. É a partir da perspectiva de compreender a historicidade das representações culturais que os “lugares da memória”, como os museus, precisam ser analisados.

Acredito que o GECCEH, coordenado pela Dra. Carmen Teresa Gabriel, é um espaço Universitário que tem forte influência nessa pesquisa contemplando o que Nóvoa (2017 p. 1122) apresenta como “Recomposição Investigativa: Como aprender a conhecer como professor?” Neste Grupo de pesquisa tem-se defendido a perspectiva de pensar o conhecimento escolar como objeto incontornável para a democratização da escola, por meio de melhor produção, distribuição e consumo deste bem simbólico. O que contribui para que a profissão docente e o conhecimento acadêmico possam se deslocar de uma matriz individual para uma matriz coletiva.

Os estudos de Carmen Teresa Gabriel relacionados à pesquisa *“Currículo como Espaço autobiográfico: conhecimento, sujeitos e demandas (2016).”*, encontra consonância com as minhas afiliações teóricas, levando em consideração a complexidade e a subjetividade desse processo que não é monolítico nem fixo ao contrário é relacional, fluido, híbrido e em constante movimento. A autora, em seus estudos mais recentes da pesquisa biográfica em conjunto com

aprofundamento de estudos curriculares na pauta pós-fundacional e suas contribuições no campo do conhecimento histórico escolar, (GABRIEL 2014, 2015a, 2015b, 2016) assume,

A potencialidade heurística de operar com o sentido de currículo como espaço biográfico tendo como foco os processos de subjetivação e de profissionalização docente. O termo profissionalização, tal como aqui utilizado, engloba igualmente a formação inicial e continuada docente, entendo-a como um processo de subjetivação contingencial que mobiliza simultaneamente posições de sujeito e subjetividades políticas em meio a uma cultura profissional cujo significado é objeto de disputas permanentes no cenário político contemporâneo. Aposta na potencialidade política-teórica de operar com o sujeito biográfico a partir de uma chave de leitura não essencialista, tampouco determinista e explorara como campo empírico da pesquisa, experiências institucionais de profissionalização que reconhecem a pluralidade de espaços, tempos e conhecimentos mobilizados no processo de inscrição na docência entendida como um campo de estruturação de uma ordem profissional. Metodologicamente opera com a produção e análise de narrativas biográficas de sujeitos posicionados diferentemente nas tramas narradas/biografadas que os permitem tornarem-se professores. (2016)

4. CIRANDA SEM FIM DA LIA DE ITAMARACÁ

Afetos Memórias e Narrativas PIBID de História UFRJ (2011-2014), uma “Casa Comum” para Formação de Professoras? A potência desse texto é o “afeto” e o “comum” com os referenciais que opero onde o corpo/território pretende ocupar um lugar do imprevisível, da alteridade baseada radicalmente na diferença, abrindo possibilidades ao invés de fechamentos, de formatos unificados, da normatização, do controle e da prescrição. A potência desse texto é a subjetividade em detrimento da objetividade, a sensação em detrimento da razão. Distancio dos paradigmas que marginalizam o afeto em detrimento da razão, bem como das concepções que avaliam a paixão como fenômeno psíquico trágico. Compartilho com a ótica de Espinosa (2009), os afetos são afecções do corpo que estão articulados com a mente. Tais afecções aumentam ou diminuem a potência de agir; estimulam ou refreiam a ação e dependem dos encontros vividos e por viver. Afeto, então, é uma ação.

Precisamos estar em uma relação com o outro de modo que o nosso corpo seja afetado pelos outros corpos, com afetos potentes. A potência do comum, exige ação coletiva tendo por base a criatividade mobilizadora dos encontros, da transformação social. Lia Cirandeira merendeira, patrimônio vivo do estado de Pernambuco, Dra. Honoris Causa da Universidade de Pernambuco teoriza e filosofa cantando “*Minha ciranda não é minha só, ela é de todos nós, A melodia principal quem, Guia é a primeira voz, pra se dançar ciranda, Juntamos mão com mão, Formando uma roda, Cantando uma canção*” (ITAMARACÁ, 2000). Trazendo a dimensão do “Afeto” e do “Comum” Lia convida para essa Ciranda a partir de processos de significação que são alteritários, vivenciais e historicamente demarcados assumindo um caráter emancipador e criador na trajetória subjetiva. O Afeto é a base da Ética e da Política enquanto experiência exige ação coletiva. O que trago nesse texto, relacionado a Formação de Professores é a ideia da sala de aula, do professor com seus alunos. Por isso o diálogo com todos os participantes da pesquisa.

Com a forte intenção de trazer o corpo/mente/espírito (beel hooks, 2013) para o texto, com um movimento de operar com outras linguagens além da escrita, a arte, a performance, a música, as plataformas digitais, me peguei em contradição em conversa pelo WhatsApp pedi para meu ex-aluno Alex Santos ver os vídeos do 2º Ateliê de Afetos e comentar, já que teve que se retirar antes. Percebi que eu ainda necessitava de narrativas escritas, de resposta pelo verbo. **Alex Santos:** “(...) estou um pouco na correria, mas sinceramente estou passando por um período muito complicado e muito delicado (...) Além da minha vida de trabalhos, meu emocional não está bem, então estou tentando fazer todo o possível para me ajudar e ajudar os

outros também. (...), mas eu não tenho como responder agora de imediato por mais que eu queira ajudar se eu não tiver bem nem confortável para isso.”

Viviane Grace: “Eu desejo que você melhore. Meu amor ... Adorei você compartilhar suas dores comigo. Se eu puder te ajudar, pode contar comigo. Pelo menos meu ombro está aqui Te amo. Você é um homem forte e vai superar Super Homem de Nietzsche é de superação e não de força física... É justamente por ser frágil. Te amo. Você é a pessoa mais importante da sua vida!!”

Alex Santos: “Muito obrigado pela compreensão! ❤️”

Professora Viviane Grace: “Isso é muito lindo... Caso você queira falar sobre essa dor, pode falar Na minha pesquisa eu falo das minhas dores, (...) A pesquisa mexeu muito comigo também ... Foi libertador eu falar sobre isso. E revolucionário, porque parece que o mundo mora no Instagram e todo mundo é feliz.... E coloco na pesquisa que essas dores não são individuais, são coletivas, são da opressão de uma sociedade patriarcal, racista, machista, branca, heteronormativa, lgbtfóbica. Você não está sozinho e foi muito importante você falar isso, porque me identifico com vc. Essa pesquisa está sendo muito forte para mim também... Me aposentaram compulsoriamente e o Estado roubou de mim a razão da minha vida que é dar aula. Essa dor, que eu no meu "egoísmo" penso que é só minha, é de outros professores que fizeram a mesma coisa, e estavam lá perícia do Estado tentando reverter a aposentadoria. A perícia médica do Estado é humilhante para qualquer Professor, alguns médicos parecem Mengele ou Nina Rodrigues.”

Alex Santos: “(...) até porque para eu voltar a esse passado é muito sensível, porque por mais que na escola acontecessem coisas boas comigo, eu tinha uma vida completamente diferente, eu tinha uma vida psicológica completamente diferente, então, isso de certa forma me afetava muito. E tanto é que nesse momento eu passei pela depressão, foi nesse momento que eu não me senti bem como pessoa e como humano, até por conta de expectativas, entre outras coisas. Então, voltar a esse passado para mim é chato e doloroso, não quer dizer que não houve alegrias, houve por que eu estava na escola e era um dos lugares que mais me faziam felizes naquele momento, mas eu também sei das dores que isso me provoca, então realmente pra mim é delicado, tá?”

Professora Viviane Grace: “Você já fala através da dança ... Não precisa falar com palavras porque você é ARTISTA ... Como você falou no nas suas redes: “A dádiva da liberdade é poder dançar em qualquer lugar! Eu não danço, eu sou a dança!” Você é a Dança sua expressão é muito maior que palavras... Você é Artista • Bailarino • Coreógrafo • Escritor • Professor... Sua

arte é muito perfeita ... eu não me canso de olhar ... mexe com minhas emoções e me coloca em um lugar de superação de esperança e de vitória "“é gostoso de se ver, é bonito de sentir”.

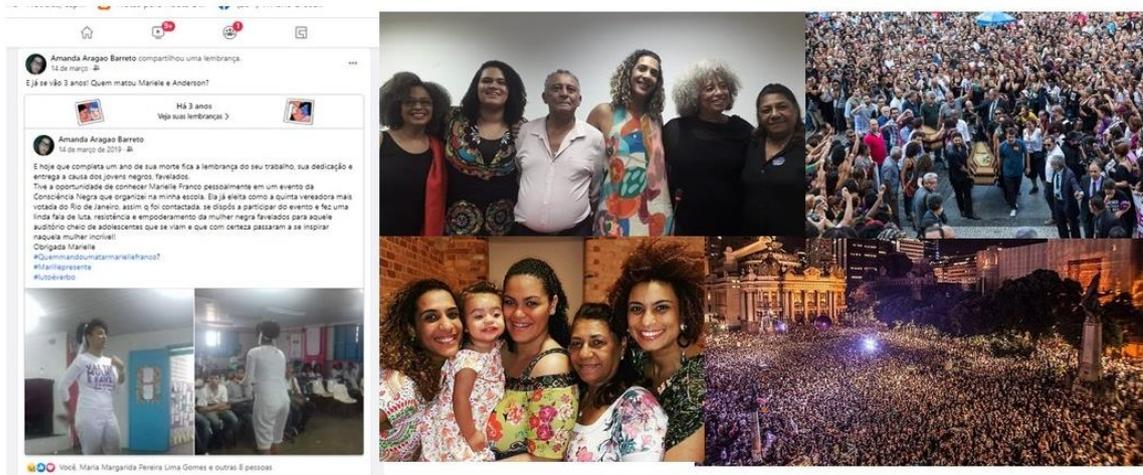
Alex Santos: “😊😊 (...) Obrigado! Força aí! Eu vejo que deu trabalho foi feito de coração até porque quando eu vi lá no início eu falei assim “isso realmente é lindo de ver.” É lindo de ver por que é arte e quando a gente trabalha com artes a gente sabe o quanto que toca em cada pessoa de uma forma diferente. E aquilo pode ser nostálgico, mas também trazer para outras pessoas “poxa, eu vivi algum momento parecido com isso e aquilo ali formou alguma opinião hoje” e é importante isso!”

Texto vivo vertical que se levanta da página escrita com ressonância, fala, vibra, grita, sorri e chora. Entre **ASA – ALEX SANTOS - - TÁ FÊTE (Stromae – 2013)** no canal do Youtube - Autbio Prof. Vivi e assista ao vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=k5_ihWiA-A0.

Corpo, mente e espírito, na “disposição pessoal” de ser professora de História, onde o autoconhecimento é um dispositivo importante. A biografização da experiência do afeto do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) nos faz firmar posição da profissão professor e respondemos a proposta de Nóvoa (2017) da “Casa Comum”, nas dimensões do contato regular com a ciência, com a literatura, com a arte; compreensão de que o professor age em um ambiente de incerteza e imprevisibilidade. A dimensão ética, com um compromisso concreto com a educação de todos os alunos, mais que isso com a vida de todos os alunos. Como Professora formadora do PIBID HISTÓRIA UFRJ no CIEP AYRTON SENNA na Rocinha, na cidade do Rio de Janeiro, tenho o dever de História e de Memória de corpos de estudantes que tombaram, pela violência do Estado. Nós somos responsáveis no combate à fome, à violência de gênero, ao racismo, lgbtfobia+, à luta pela moradia, saneamento, educação e saúde, que afetam diretamente nossos estudantes. A força que temos está no Afeto e no Comum, e não na violência que o Estado promove.

Trago para essa ciranda sem fim, Marielle Franco que no dia de seu assassinato, 14 de março de 2018, em tempo real, no Grupo de WhatsApp do CESPEB, minha amiga professora Amanda Aragão, postou a foto de Marielle Vereadora que prontamente aceitou o convite, de fazer uma palestra na Semana da Consciência Negra em uma Escola Municipal em Olaria. Seu Luto arrastou multidões no Brasil e no mundo. Queremos saber quem mandou matar Marielle e por quê?

MARIELLE PRESENTE!!



Captura de Tela 22: MARIELLE PRESENTE!!

Cadê o Amarildo? O corpo do pedreiro Amarildo desde o dia 14 de julho até hoje não foi encontrado. Foi torturado, e morto por policiais da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) na Rocinha e a maioria dos envolvidos não foram condenados, e os que foram respondem em liberdade por falta de provas. A resistência das Mulheres de sua família mobiliza a favela da Rocinha que resiste e não se cala.

Cadê o Amarildo? AMARILDO PRESENTE!!



Captura de Tela 23: AMARILDO PRESENTE!!

Francisca Gleiciane Oliveira da Silva, de 18 anos, encontrada morta na favela da Rocinha, na Zona Sul do Rio, na quarta-feira 5 de março de 2014, foi vítima de estupro. Gleice, como gostava de ser chamada, foi minha aluna do CIEP BRIZOLÃO 303 AYRTON SENNA. “De acordo com seu amigo Raimundo, Gleice concluiu o ensino médio em 2013 e tinha planos de cursar uma universidade.” Esse crime aconteceu próximo ao contêiner da UPP da Rocinha, o relato dos estudantes na época era de grande consternação em função que esse tipo de crime não acontecia quando o “NEM da Rocinha” ou outros traficantes controlavam a favela. Outro relato importante da comunidade escolar é que a Polícia prendeu um “laranja” para dar o caso por solucionado buscando conter as manifestações. Isso era uma prática comum.

GLEICE PRESENTE!!

The image shows a screenshot of a news article from G1 Rio de Janeiro and a Facebook post. The article, dated March 14, 2018, is titled "Moradores da Rocinha fecham autoestrada e cobram agilidade na investigação da morte de jovem na comunidade". It reports that residents of Rocinha closed a highway to demand faster investigation of the death of Gleice Oliveira. A Facebook post from the same group, dated March 14, 2018, features a photo of Gleice and the text: "SOMOS 200 MIL QUERENDO PAZ E JUSTIÇA Gleice Oliveira Eterna!". The article text includes: "Famíliares da vítima foram ouvidos na Divisão de Homicídios e policiais realizaram, na quarta-feira, diligências em busca de testemunhas e imagens de câmeras de segurança. O corpo foi encaminhado para o Instituto Médico-Legal (IML) para realização da necropsia que confirmou que ela foi vítima de estupro. No IML, dois amigos que não quiseram se identificar, por questões de segurança, disseram ao G1 que Gleice reclamava há semanas que vinha sendo seguida na comunidade por um homem desconhecido. O padrinho dela, Raimundo Evandro de Souza, 32 anos, afirmou que a família não sabia desta desconfinça. Raimundo se mostrava indignado e disse esperar justiça. Ele cogita a possibilidade do assassino de Gleice ser um maniaco que já tenha feito outras vítimas e possa vir a cometer mais crimes semelhantes. 'Tudo leva a crer que ele premeditou esse crime todo', contou. Ainda de acordo com Raimundo, Gleice concluiu o ensino médio em 2013 e tinha planos de cursar uma universidade."

Captura de Tela 24: GLEICE PRESENTE!!

Dia 25 de março de 2018, três dias após o tiroteio que matou um policial militar lotado na UPP local e um morador, oito pessoas foram assassinadas pela Polícia Militar na Rocinha. Segundo seu professor de Valsa, Matheus da Silva Duarte trabalhava há um ano com a Equipe e tinha acabado de fazer uma festa em São Gonçalo. Recebeu o cachê antes de ir para casa, resolveu passar no baile funk, onde na saída foi assassinado fazia parte de um projeto de Valsa na Rocinha e todo ano eles se apresentavam na Salada Cultural que promovíamos no CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA. Dentre as várias apresentações esse era um espetáculo que nos paralisava com tamanha beleza. Matheus Vive!!

MATHEUS PRESENTE!!

'Era um jovem cheio de sonhos, queria ser militar', diz amigo de um dos mortos na Rocinha

Esterno está marcado para esta segunda, no cemitério São João Batista, em Botafogo

Ilustração: André Albuquerque/Infocriativa - G1



Morto na Rocinha, Matheus da Silva Duarte trabalhava carregando em aniversários de 10 anos. Foto: Divulgação/RepórterJô

RIO - O jovem Matheus da Silva Duarte, de 19 anos, morto durante confronto entre policiais e traficantes na Rocinha, no sábado, tinha um sonho: ser militar. Tanto que assim que se vestia com roupa inspirada no uniforme usado pelos cadetes da Marinha, nas noites em que atuava como dançarino num projeto social, os colegas percebiam que ele sorria com orgulho. Três dias após o tiroteio que matou um policial militar lotado na UPP local e um morador, oito pessoas foram mortas na Rocinha.

Captura de Tela 25: MATHEUS PRESENTE !!

Marielle Presente! Amarildo Presente! Gleice Presente! Matheus Presente! Trago aqui novamente Judith Butler que considera o reconhecimento da morte como aquilo que marca o fim de uma vida admitindo o luto como aquilo que garante à vida vivida uma outra significação: a de que a vida que foi perdida pelas mãos do Estado é uma vida que não findou, pois o luto público garante o processo pelo qual está vida, ainda que biologicamente morta, continue viva na sociedade.

A pesquisa autobiográfica que iniciei em um processo de mergulho nas profundezas do meu ser, vasculhando a “caixa preta”, que estava no fundo do Oceano Pacífico que é o mais fundo de todos os oceanos, convidei essa rede de sociabilidade de afetos para entrarmos de mãos dadas nessa Ciranda de Roda que não tem fim, não tem começo. Defendo que as políticas públicas para formação de professores precisam ser pensadas como espaço-tempo de fronteira entre culturas, privilegiando o Afeto e o Comum dando centralidade na ideia da professora com seus alunos, onde na pedagogia do afeto a escuta sensível tem uma potência emancipadora para professoras e estudantes, na educação como prática de liberdade.

O PIBID envolve formar bem as professoras investindo nas escolas e nos trabalhos já realizados. E formar professoras é firmar posição inclusive em lutar por melhores condições de trabalho e salário compatíveis, valorizar a educação e as subjetividades, o jeito próprio de cada professora, agregando os mestres da cultura e legitimando o conhecimento da cultura local, as micronarrativas, nos corpos, nas mentes, nas almas, na paixão pela profissão professora. Nessa Ciranda sem fim... onde ... NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM!

Lia cirandeira merendeira
 Que no tempero já traz letra e melodia
 A madrugada dança feito uma criança
 E a lua pede ao sol pra não nascer o dia
 Ciranda cirandeira
 Oi ciranda no mar cirandeira
 Oi ciranda na terra
 Ciranda na ilha pro povo cantar

A representação gráfica do tempo... na Ciranda sem fim.... nessa Rede de Formação do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014) ... onde Ninguém Solta a Mão de Ninguém... 🌹 Alex Santos 🍷 Tainá Ferreira 🍷 Professora Viviane Grace. 🍷 Professora Ana Maria Monteiro Professora 🍷 Perpétua Domingues 🍷 Gabriela da Silveira. 🍷 Fernanda Terra Moura 🍷 Marlon Rocha 🍷 Daniel Sideris, 🍷 Luisa Tavares 🍷 Professora Carmen Teresa Gabriel, 🍷 Marcella Albaine 🍷 Vítor Correia, 🍷 Rômulo Machado, 🍷 Jorge Lima.

CIRANDA SEM FIM ...PIBID HISTÓRIA UFRJ...



Figura 3: Ciranda Sem fim ... PIBID História UFRJ

Com Afeto 🍷

Professora Viviane Grace

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. 5 ed. Prefacio de Margareth Rago; São Paulo: Cortez, 2011. 340 p.
- _____. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920-1940)**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- _____. A melancolia dos objetos: algumas reflexões em torno do tema do patrimônio histórico e cultural. *In*: BAUER, Letícia; BORGES, Viviane Trindade (Org.). **História oral e patrimônio cultural: potencialidades e transformações**. 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- _____. **História: a arte de inventar o passado (ensaios de teoria da história)**. 1ª Edição. Curitiba, SC: Editora Prisma, 2019a.
- _____. O ofício do profissional de História no tempo presente: entrevista com Durval Muniz de Albuquerque Júnior - **Memória e patrimônio cultural: espaços e práticas de difusão na contemporaneidade**. Revista confluências Culturais, v. 8, n. 3, 2019b.
- _____. De lagarta a borboleta: possíveis contribuições do pensamento de Michel Foucault para a pesquisa no campo do ensino de história. *In*: **O Tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história**. São Paulo: Intermeios, 2019c.
- _____. PALESTRA. “*CFP Em Tempos Inéditos: Mundos (Im) Possíveis: Reflexões Sobre O Nosso Presente*”. **Complexo de Formação de Professores – CFP, UFRJ**, Rio de Janeiro, 28 de maio 2020. Disponível YOUTUBE: <https://www.youtube.com/watch?v=vonQ0hRdbTs>. Acesso em: 28 mai. 2020.
- _____. (MAIS)CULINOS: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas pela presença de um pênis. **Outros Tempos**, vol. 17, n. 29, 2020, p. 260 - 281.
- ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS; Camilo e Mello. Por que visitar museus. *In*. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.) **O saber Histórico na sala de aula**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2006. P.104-116
- AMORIM, Mariana de Oliveira. **Linhas, enredos e territórios: cartografias docentes de professores iniciantes de História**. Rio de Janeiro, 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2019.
- ANTUNES, Arnaldo. **O que swingnifica isso?** Intérprete: Arnaldo Antunes. *In*: O Silêncio” São Paulo. BMG BRASIL LTDA, 1996 (disponível em 20/08/2020 em <https://www.youtube.com/watch?v=sL0Iwe5yWGw>)
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- AZEVEDO, Geraldo, GERALDO, Vandrê. **Canção de Despedida**. Censurada pelo AI 5. 1968. _____. Dia Branco. Álbum: Inclinações Musicais. Ariola - Universal Music Group, 1981.
- BARRETO, Amanda Aragão. **A Lei 10.639/2003: Estratégias Docentes de Promoção da Igualdade Racial Através do Ensino de História**. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Educação e Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ. 2016.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

BRITO, Sérgio. **Enquanto houver sol. Intérprete: Titãs.** *In: Titãs. Como estão vocês?* São Paulo: Sony BMG Music Entertainment, 2003. (Clip oficial disponível em 20/20/2020 <https://www.youtube.com/watch?v=oSMvrSdouLU>)

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade.** 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. **Corpos em aliança e política das ruas – notas para uma teoria performativa de assembleia.** Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2018.

_____. **Vida precária: os poderes do luto e da violência.** Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica. 189 pp. 2019

_____. **A força da não violência, um vínculo ético-político.** tradução: Heci Regina Candiani. BOITEMPO – São Paulo, 2021. p 168

CAZUZA. O Tempo Não Para: *In O Tempo Não Para, Rio de Janeiro, PHILIPIS RECORD, 1988.* (Disponível em 23/02/2021 <https://www.youtube.com/watch?v= Jcn10Iuu4>)

CERTEAU, Michael de. O Tempo das Histórias. *In: _____.* **A Invenção do Cotidiano / 1.** Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 140-154.

_____. **A Cultura no Plural.** Tradução de Enid Abreu Dobránszky. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. A operação historiográfica. *In: _____.* **Escrita da História.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013. p. 45-108.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. **Currículo, História e Tecnologia: que articulação na formação inicial de professores?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

_____. **Ensino de História, novas tecnologias e o mundo virtual: o conhecimento histórico escolar na contemporaneidade brasileira (2005-2012)** / Monografia de Conclusão do Curso de História IH/UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

_____. **Ensino de História e historiografia escolar digital.** Rio de Janeiro, 2019. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

DAVIS, Ângela e BUTLER Judith. Conversa sobre a desigualdade. Painel. Festival de Livros de Oakland de 2017, moderadora por NADDAFF, Ramona, Câmara do Conselho Municipal de Oakland, California., 2017. Disponível em SSEX BBOX <https://www.youtube.com/watch?v=5IYpk1Zj-SU> em 09/09/2019.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

_____. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. *In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena M. B.* **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica.** Natal: Ed. UFRN; Porto Alegre: PUCRS; Salvador: UNEB, 2012. p.71-94.

_____. Experiencia y Formación. Biografización, biograficidad y heterobiografía. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, vol. 19, n. 62, 2014, p. 695-710.

DOMÊNICO, Deivid et.al, **Histórias para ninar gente grande**. Composição: Deivid Domênico / Tomaz Miranda / Ronie Oliveira / Márcio Bola / Mamá / Danilo Firmino. Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: 2019.

DOMINGUES, Maria Perpétua Baptista. **Entre silêncios, pretéritos e demandas do presente: narrativas indígenas no livro didático de história**. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

_____. **Entre pretéritos e demandas do presente: narrativas indígenas na Web**. Rio de Janeiro, 2021. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021

ESPINOSA, Benedito. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FERREIRA, Marieta Moraes. **História do Tempo Presente e História Oral**. In: BONATO, Nilda Marinho da Costa; XAVIER, Libânia (Org..). *A História da Educação no Rio de Janeiro: identidades locais, memória e patrimônio*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, p.16-25.

FERREIRA, Tainá. **Contos Sombrios**. Impresso nos Estados Unidos da América. Edição do Kindle. 2020

FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão ... um caso de parricídio do século XIX**; tradução de Denize Lezan de Almeida. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

_____. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Isto não é um cachimbo (1973)**. 1ª Edição. Tradução Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

_____. Verité, pouvoir et soi. (entretien avec R. Martain, Université du Vermont, 25 de octobre 1982). Traduzido a partir de. **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994, vol. IV, pp.777-783, por Wanderson Flor do Nascimento.

_____. **A palavra e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tamus Muchail. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez. 1993.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** – (Coleção Leitura). São Paulo: Paz e Terra, 1996. –

_____. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, , Daniel Ricardo Sideris de. **Diabo, Juventude e Heavy Metal: Uma análise da apropriação do antagonista do cristianismo na temática do heavy metal no mundo anglófono.(1970-1985)**. Monografia (Bacharel em História). IH/UFRJ - Instituto de História Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

GABRIEL, Carmen Teresa. O “Outro” como Elemento Incontornável na Produção do Conhecimento Histórico. *In: MONTEIRO, Ana Maria; PEREIRA, Amílcar Araújo. Ensino de História e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013. p. 287-311.

_____. Discurso historiográfico e pesquisa biográfica: diálogos possíveis em contexto escolar do tempo presente. *In: SOUZA, Eliseu Clementino (Org.). (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação*. Salvador: EDUFBA, 2015a. p. 219-242.

_____. Docência, demanda e conhecimento escolar: articulações em tempos de crise. *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 2, p. 425-444, maio/ago. 2015b.

_____. Currículo de História como espaço autobiográfico. *In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHAO, Maria Helena Mena Barreto; FERREIRA, Maria Santos. (Org.). Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográficas*. 1ed. Curitiba: CRV, 2016, v. 1. p. 235-254.

_____. Objetivação e subjetivação nos currículos de licenciaturas: revisitando a categoria saber docente. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, 2018.

_____. Memória e Ensino de História: espaços educativos e ensino de História. **TV, Salto para o Futuro**. [s.l.], 4 nov. 2012 [texto digitado].

_____. **Complexo de Formação de Professores: Uma Experiência (Inter)Institucional em Curso**. Granada, Revista PROFESORADO, Revista de Curriculum y Formación del Profesorado, Vol.23, N°3 Julio-Septiembre, 2019.

GABRIEL, Carmen Teresa e MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Currículo, História e Narrativa. **30ª reunião da Anped; GT Currículo**, n. 12, 2007.

_____. Currículo de História e narrativa: desafios epistemológicos e apostas políticas. *In: MONTEIRO, Ana Maria; GABRIEL, Carmen Teresa; COSTA, Warley da; ARAÚJO, Cinthia Monteiro de (Org.). Pesquisa em Ensino de História: desafios epistemológicos e apostas políticas*. Rio de Janeiro: Mauad X / Faperj, 2014, p. 23-40.

GOMES, Antônio Carlos. **O GUARANI**, Opera Ballo em 4 atos. Estreia: Teatro Alla Scala, Milão, Itália, 1870.

GIL, Gilberto. **Pela Internet**. Intérprete: Gilberto Gil. *In: Quanta (Deluxe Edition)*, São Paulo, Warner Music Brasil, 1982.

GONÇALVES, Teresa N. R. Pesquisa (-) formação: composições a partir de experiências de leitura e escrita na Universidade. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 57, n. 53, p. 1-23, e-17687, jul./set. 2019.

GRACE COSTA, Viviane. **Operando com História, Memória, Ensino de História – CIEP BRIZOLÃO 303 – AYRTON SENNA** [Monografia]. Orientadora: Prof.^a Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante. Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2014,180p.

_____. A luta entre narrativas: desafios e perspectivas do Projeto Memória PIBID HISTÓRIA UFRJ. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia**. Brasília, DF, 2017.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia História**. Tradução de José Carlos Reis. Belo Horizonte: Departamento de História – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./dez. 2006.

_____. **Regime de Historicidade: presentismo e experiência do tempo**. Tradução de Andréa Souza de Menezes, Bruna Befart, Camila Rocha de Moraes, Maria Cristina de Alencar Silva, Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

hooks, bell **A construção de uma comunidade pedagógica**. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade/ tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo Editora WMF Martins Fontes, 2013. p 173 a 222

ITAMARACÁ, Lia de. **Eu sou Lia, Minha Ciranda, Preta Cirandeira**. Gravadora: Rob Digital, Itamaracá, PE, 2000.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LEHER, Roberto. Educação Superior Minimalista: a educação que convém ao capital no capitalismo dependente. *In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE DIREITO São Paulo. Cadernos de texto*. São Paulo, 2011 pp. 3-13.

LOPES, Alice Casimiro, MACEDO, Elizabeth. **Teorias do Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011. Apoio: FAPERJ.

MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 32 maio/ago. Rio de Janeiro, 2006 p. 285-372.

_____. Base Nacional Curricular Comum: a falsa oposição entre conhecimento para fazer algo e conhecimento em si. **Educação em revista**, 2016, vol.32, n.2, p.45-68.

_____. O currículo no portão da escola. *In: MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago. (Org.). Currículo, sexualidade e ação docente*. Rio de Janeiro: DP et Alli, 2017.

MACHADO, Rômulo dos Santos. **A unificação dos títulos brasileiros pós-1959 e o papel da imprensa na construção da memória**. Orientadora: Cinthia Araújo. Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de História, 2017. Monografia (Bacharelado em História).

MAURENTE, Vanessa Soares. Neoliberalismo, ética e produtividade acadêmica: subjetivação e resistência em programas de pós-graduação brasileiros. **Interface**, Botucatu, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, 2018.

MC Carol - Ft. Heavy Baile - **Marielle Franco**. Álbum: Marielle Franco (Desabafo) YouTube, 2018. (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iPoHMYfxD0Q> em 06/09/2021):

MILLER, Janet L. Teorização do currículo como antídoto contra/na cultura da testagem. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 03 p. 2043 - 2063 out./dez. 2014.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Formação Docente: território contestado. *In: MARANDINO, Martha Marandino; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra; AMORIM, Antônio Carlos R. de (Org..). Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em*

disputa. 1. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense (Ed UFF), 2005a. p. 153-170.

_____. Entre o estranho e o familiar: o uso de analogias no Ensino de História. **Cadernos Cedex**, v.25, n.67, p. 333-347, Campinas: Unicamp, 2005b.

_____. Ensino de História: entre História e memória. *In*: SILVA, Gilvan Ventura da; SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel (Org.). **História e Educação: territórios em convergência**. Vitória: Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2007a. p. 59-80.

_____. **Professores de História: Entre Saberes e Práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007b.

_____. Narrativa e narradores no ensino de história. *In*: GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) 2007c. p. 119-135.

_____. **Ensino de História lugar de fronteira. História: guerra e paz.** *In*: ARIAS NETO, José Miguel (Org.). XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH/ Mídia, 2007d.

_____. **Formação de professores: entre demandas e projetos.** *Revista História Hoje*, v. 2, nº 3, p. 19-42, 2013.

_____. **O Ensino de História e Museus: o diálogo com a experiência do outro.** Rio de Janeiro, 2014 [texto digitado].

_____. **Aulas de História: questões do/no tempo presente.** *Educar em Revista*, Curitiba, n.58, out/dez 2015, p. 165-182.

_____. Currículo e docência: uma trajetória de pesquisas em Ensino de História. Texto da Conferência apresentada como requisito para promoção a Professora Titular da Faculdade de Educação da UFRJ. *In*: GONÇALVES, Márcia de Almeida. (Org.) **Teorizar Aprender e Ensinar História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. (186-213)

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa e AMORIM, Mariana de Oliveira . Potencialidades das “narrativas de si” em narrativas da história escolar. **Revista História Hoje**. São Paulo, Brasil, v.4, n.8, p.15-31, jul-dez. 2015.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; AMORIM, Mariana Oliveira e GRACE COSTA, Viviane. Projeto memória PIBID História UFRJ: “narrativas de si”, Formação docente e Ensino de História. **UDESC, III Seminário Internacional História do Tempo Presente**, Florianópolis /SC, 2017.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa.; PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de história: saberes em lugar de fronteira. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.36, n.1, 2011.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; RALEJO, Adriana Soares. **Professores marcantes e a questão do sujeito: saberes e autoria no fazer curricular.** *In*: XI Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História - XI ENPEH, 2018, Rio de Janeiro. XI Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História - XI ENPEH/ ANAIS. Rio de Janeiro: faculdade de Educação -UFRJ, 2018. v. 1. p. 107-115.

MOURA, Fernanda Gabrielly Terra. **Processo de divinização e devoção pessoal no Egito Antigo: o caso da rainha Ahmose Nefertari.** Orientador: Prof. Dr. Antônio Brancaglioni Junior, UFRJ / IH. Monografia (Bacharelado em História). Rio de Janeiro, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratusca.** Trad. Saulo Krirger. São Paulo: Edipro. 2020.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara AunKhoury. **Projeto História**. São Paulo: Departamento de História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 10 dez. 1993.

NÓVOA, Antônio. **O Processo Histórico de Profissionalização do Professorado**. In: Profissão Professor. Lisboa: Coleção Ciências da Educação / Porto, 1992. p.15- 21.

_____. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista de Educación**, n. 350 Ministerio de Educación, política Social y Deporte., España, Septiembre-diciembre, 2009a.

_____. Educação 2021: Para uma história do futuro. **Revista Ibero-Americana de Educação/Revista Ibero-Americana de Educación**, n. 49, janeiro-abril, 2009b, pp.181-199.

_____. **Palestra: Formação de professores no século XXI e a perspectiva da educação integral**. São Paulo, 28 de julho de 2016. Instituto Ayrton Senna: Publicado em 02 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ILSaixhT6s>. Acesso em 7 ago. 2019.

_____. Firmar a posição como professor. Afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, 2017, v.47, n.166, pp.1106-1133.

OLIVEIRA, Leandro Roque. **AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte)** Artistas – Emicida, part. Majur e Pablllo Vittar. In: *Amarelo – Emicida*, São Paulo, Sony Music, Laboratório Fantasma, 2019. (Disponível em 20/08/2020 - <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>)

REIS, José Carlos. O entrecruzamento entre narrativa histórica e narrativa de ficção. In: **O Desafio Historiográfico**. Coleção FGV de bolso Série Histórica. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010, p. 63 a 89.

RICOEUR, Paul. **O perdão pode curar?** Tradução: José Rosa. Revista Viragem, nº 21, 1996. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/paul_ricoeur_o_perdao_pode_curar.pdf. Acesso em: 18 de dez. 2017.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Ana Angelita. Corpo-Território Como Argumento Curricular de Resistência. Outras epistemologias e metodologias nas investigações sobre currículo. **Revista Teias** v. 20 • n. 59 • out/dez 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidades: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª Ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica Editora, 2010. 156p.

SILVEIRA, Gabriela Natal de Oliveira Da. **Educação E Agir Moral Em Kant**. Orientador: Prof. Dr. Richard Fonseca. (Monografia licenciatura e bacharel em Filosofia). Departamento de Filosofia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense-UFF. Niterói, 2018.

SOARES Elza. **A Mulher do Fim do Mundo**. Gravadora: Circus/Natura Musical, Rio de Janeiro, 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de; OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. Pesquisa (auto)biográfica, cultura e cotidiano escolar: diálogos teórico-metodológicos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 2, p. 182-203, jun./out 2016.

TARDIF, Maurice. **Os saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2002.

_____. Lessard, C. & Lahaye, L. Esboço de uma problemática docente. **Teoria & Educação**. Brasil/Vol. 1, n. 4, 1997, p. 215-233.

TAVARES, Luisa da Fonseca. **O Ensino de História e a Educação do Sensível**: construindo o conhecimento histórico escolar. Orientadora: Regina Maria da Cunha Bustamante. Rio de Janeiro: UFRJ / CFCH / Instituto de História. 2015. Monografia (Bacharel em História).

_____. **Por Outras Histórias Possíveis: o ensino de História e a interculturalidade nos espaços museais**. Dissertação de Mestrado. Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019. 117p.

TITÃS. **COMIDA**. In *Álbum de Estúdio Jesus não Tem Dentes no País dos Banguelas*. WEA São Paulo 1987.

TRIBALISTA, MONTES, Marisa; ANTUNES, Arnaldo, BROWN, Carlinhos. **Lutar e Vencer**. Universal Music/Phonomotor Record, 2017.

VEIGA NETO, Alfredo da. **Foucault e a Educação**. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VELOSO, Caetano. **Língua**. Intérpretes: Caetano Veloso e Elza Soares, In: *Velô*, Rio de Janeiro, PHILIPIS RECORD, 1984 (Disponível em 20/08/2020 <https://www.youtube.com/watch?v=jw-VUYgVvhc>)

_____. **O Índio**. DOCES BÁRBAROS (disco). al. Rio de Janeiro: PolyGram, 1989.

VILA, Martinho da. **Roda Ciranda**. Criações e Recriações *Martinho da Vila* RCA Victor, 1985. LP.

YUKA, Marcelo. **Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)** – Intérprete: O Rappa In: *Rappa Lado A Lado B*, ao vivo - Rio de Janeiro - Instituto Coletivo Álbum, 1999. (Clip Eletronic Vídeo Single disponível em 20/08/2020 <https://www.youtube.com/watch?v=vF1Ad3hrdzY>)

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntária, da pesquisa intitulada “*Afetos, Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa Comum” para formação de Professoras?*”, conduzida por *Viviane Grace Costa*, que integra a pesquisa de Mestrado, desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da professora doutora Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro.

Este estudo tem por objetivo investigar Afetos, Memórias e Narrativas do PIBID de História da UFRJ (2011 a 2014), em seu processo de formação inicial e continuada de professores, e as contribuições para a “Casa Comum”, com destaque para as trajetórias de vida e para o conhecimento profissional docente. Objetivamos analisar a configuração desses repertórios a partir de um olhar que privilegie os atores que diretamente participaram da experiência do *PIBID HISTÓRIA UFRJ- 2011-2014*, seja como professoras formadoras universitárias pesquisadoras do campo do Ensino de História, como professoras de História da educação básica, como licenciandos e licenciandas de História da UFRJ ou como estudantes do Ensino Médio das escolas públicas estaduais.

Por ter integrado esse universo que contribuiu para a trajetória formativa e profissional de licenciandos de História, você foi selecionado para cooperar nessa pesquisa.

A sua participação na pesquisa vai possibilitar benefícios e dar visibilidade para reflexões que irão contribuir para que, no âmbito da Universidade em parceria com as escolas, possamos elaborar propostas e projetos de formação, em suas licenciaturas, que permitam construir um novo lugar institucional, no interior da profissão professor, como também para divulgação científica e diálogo com professores e alunos da educação básica nas escolas, nas redes sociais, nos espaços públicos.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em integrar os “Grupos de Discussão”, organizados utilizando ferramentas do “ateliê biográfico” através de encontros a serem realizados por plataforma online. A previsão é de três encontros com até três horas de duração. O registro via gravação em áudio, vídeo ou fotografia está previsto no plano de realização da pesquisa e só será publicado o que você autorizar. Depois de transcrito, retornará a você para que, caso sinta necessidade, a modifique – inclua elementos e/ou suprima outros. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Não há riscos físicos relacionados à execução da pesquisa. Caso haja algum desconforto emocional ao longo do processo da pesquisa nos “Grupos de discussões” você pode optar por: partilhar e obter acolhimento em particular com a pesquisadora; modificar e reescrever suas falas; não autorizar publicação de parte de narrativas escritas, imagens vídeos ou áudios; em último caso desistir da participação na pesquisa.

Como a pesquisa contempla um estudo da construção de saber no interior da profissão professor e de uma comunidade disciplinar (o campo do Ensino de História) a partir de uma análise que privilegia

os sujeitos, considerando suas trajetórias formativas, compreendemos que sua identificação pessoal é de grande relevância para a pesquisa autobiográfica e para o público leitor e ouvinte da dissertação. O material a ser exposto posteriormente será baseado no texto final da dissertação, visto que durante o processo de pesquisa o material bruto dos “grupos de discussão” passará por nossos filtros e sua leitura e concordância.

Você tem o direito de ser mantido(a) atualizado(a) sobre os resultados parciais e finais desta pesquisa. Os resultados desta pesquisa, após sua conclusão, e aprovação da dissertação, poderão ser divulgados em meio científico, como periódicos e eventos, referentes ao tema, como através de palestras e oficinas em ambientes públicos como escolas, redes sociais e lives multiplicando a metodologia proposta.

Não há despesas pessoais para você por conta da pesquisa assim como também não há compensação financeira relacionada à sua participação que é voluntária.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, da pesquisadora responsável pela pesquisa.

Seguem os telefones e o endereço institucional da pesquisadora responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos da pesquisadora responsável: Viviane Grace Costa. E-mail: vi grace@terra.com.br
Telefone de contato pessoal: (21) 9881889922 ou contatos do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ: ppge@fe.ufrj.br ; (21) 2295-4047.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UFRJ: Avenida Pasteur, 250, Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, sala 30, Praia Vermelha. Rio de Janeiro – RJ, e-mail: cep.cfch@gmail.com - Telefone: (021) 39385167. www.ecao.ufrj.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

_____, _____, _____, de 2020.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

ANEXO 2

03/09/2018

Vitor Alberto Correia está com Marcella Albaine e outras 8 pessoas.

3 de setembro de 2018 · 🌐

Hoje quando acordamos a Thais me falou que "o Museu Nacional pegou fogo". Eu demorei pra atinar para o que eu tava ouvindo... E até agora, mesmo com as trocentas imagens que tenho visto ao longo do dia, a ficha ainda nao caiu.

Muitos sentimentos e pensamentos se misturam agora: a vontade de apontar culpados, de reclamar de A, B ou C pelo descaso, a raiva e decepcao ao descobrir que, há quase dois meses foram aprovados 21 milhoes para serem usados em reformas de manutencao do museu... Dinheiro que, infelizmente, foi mais lento que o fogo.

Foram muitas idas ao prédio ao longo da minha vida. Sempre morei em Vila Isabel, bairro próximo a Quinta da Boa Vista, onde ficava o Museu.

Fui quando criança e me maravilhei com os dinossauros e múmias; fui no ensino médio por conta própria pra rever o que me fascinou quando mais novo e sai de lá com a idéia de fazer História mais sedimentada ainda; fui várias vezes quando já estava na faculdade. Na primeira vez, consegui ir no acervo técnico (lembra Anna?) como parte de uma pesquisa que fiz sobre cerâmicas da coleção Tereza Cristina de peças do Período Clássico; fui várias vezes à biblioteca pegar livros do PPGAS que me ajudaram na monografia; fui algumas vezes enquanto estagiário PIBID* preparar uma oficina temática e uma visita guiada que fizemos com o alunos do Colégio Estadual Prado Júnior que fica na vizinhança do Museu.

O Museu, que esse ano completava duzentos anos, parecia que viveria para sempre, um pedaco imortal da história - e historiografia - brasileira que resistiria ao tempo e veria sucessivas gerações de visitantes andarem pelos corredores com crianças sempre a se maravilharem com as múmias, os dinossauros e o meteorito que decorava e embelezava a entrada. O meteorito resistiu, bem como as paredes e a estrutura de pedra. Os mais de vinte milhões de itens do acervo (quinto maior do mundo e o maior museu de história natural e antropologia da América Latina), infelizmente se perderam pra sempre.

Para nós, historiadores, a perda de um museu é sempre motivo de descrença, revolta, perplexidade e dor. Pessoalmente, considero ela muito dolorosa. Essa noite morreu um pedacinho de mim no meio daquelas chamas e um pedaco inestimável da ciência mundial. Infelizmente, Darcy Ribeiro estava certo: A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto.

E esse projeto tá indo muito bem, para a nossa infinita tristeza.

--

* - esse ano o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) foi interrompido pelo Governo Federal. Mais uma de tantas perdas inestimáveis na esteira de cortes que a ciência brasileira vem sofrendo.

ANEXO 2

03/09/2018

Luísa Tavares está 🥰 se sentindo de coração partido com Marcella Albaine e outras 11 pessoas em Museu Nacional.

3 de setembro de 2018 · Rio de Janeiro · 🌐

Por que você gosta tanto de museus? Pelas múltiplas experiências temporais que eles podem nos proporcionar. Precisamos falar de políticas públicas de museus!

46
6 comentários 1 compartilhamento

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Claudia Oliveira
Tristeza né?! 😞
Curtir - Responder · 2 a

Dayse Fonseca
Coração partido
Curtir - Responder · 2 a

Sandra Fonseca
É muito triste. 😞
Curtir - Responder · 2 a

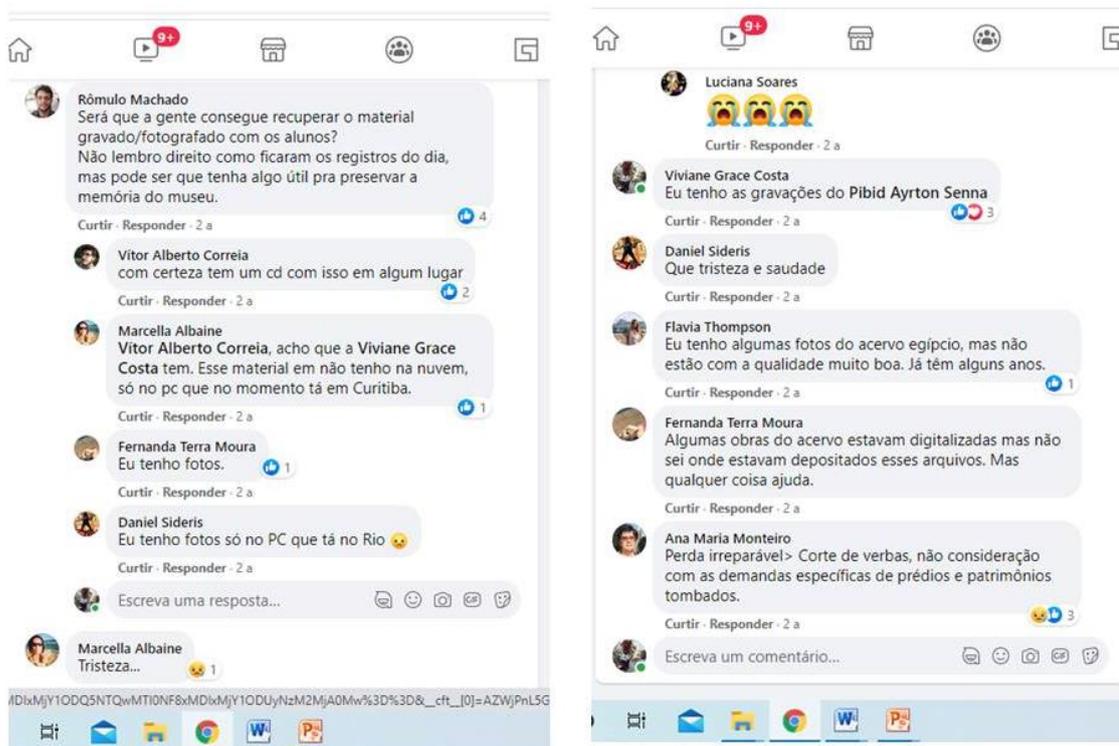
Ane Alves
Que lindo Lu emocionante
Curtir - Responder · 2 a

Viviane Grace Costa
🙄
Curtir - Responder · 2 a

Viviane Grace Costa
"Precisamos de Políticas para os Museus" é isso Lu... Qual o lugar da Cultura nas Políticas Públicas? Qual o lugar da História nas Políticas Públicas? Qual o lugar das Pesquisas nas Políticas Públicas?
Curtir - Responder · 2 a

ANEXO 2

03/09/2018



ANEXO 3

